

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

ANDRE LUIZ FERREIRA FARIAS

**Ocupações secundaristas e engajamento: os caminhos da atuação
política juvenil**

São Paulo

2023

ANDRE LUIZ FERREIRA FARIAS

**Ocupações secundaristas e engajamento: os caminhos da atuação
política juvenil**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 28 de setembro de 2023. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração: Cultura, Saúde e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Serroni Perosa

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Farias, Andre Luiz Ferreira
Ocupações secundaristas e engajamento: os
caminhos da atuação política juvenil / Andre Luiz
Ferreira Farias; orientadora, Graziela Serroni
Perosa. -- São Paulo, 2023.
207 p: il.

Dissertacao (Mestrado em Filosofia) - Programa
de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de
Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São
Paulo, 2023.
Versão corrigida

1. Engajamento. 2. Movimento estudantil. 3.
Movimentos sociais. 4. Ocupações secundaristas. 5.
Socialização política. I. Perosa, Graziela Serroni,
orient. II. Título.

Nome: FARIAS, Andre Luiz Ferreira.

Título: Ocupações secundaristas e engajamento: os caminhos da atuação política juvenil.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais

Área de Concentração: Cultura, Saúde e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Serroni Perosa

Aprovado em: 28/09/2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Kimi Aparecida Tomizaki

Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Hivy Damasio Araújo Mello

Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Rosangela Carrilo Moreno

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Para Laudicea e Jeesse.

À memória de minha avó Severina.

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos,

Aos meus pais, Jeesse Ferreira Farias e Laudicea Cossas Farias, que sempre me apoiaram nesta trajetória e que são responsáveis diretos pela minha consciência política;

À Prof^a. Graziela Serroni Perosa, por toda a paciência e generosidade. Pelas valiosas contribuições teóricas e metodológicas e por nunca ter deixado de acreditar em meu trabalho;

Aos professores das bancas de qualificação e defesa, Prof^a Kimi Aparecida Tomizaki, Prof^o Alessandro Soares da Silva, Prof^a Hivy Damasio Araújo Mello, Prof^a Rosangela Carrilo Moreno e Prof^a Ana Paula de Oliveira Corti, que se dispuseram, tão generosamente, a auxiliar na reflexão de questões fundamentais sobre a relação dos jovens com a política;

Aos professores da EACH (USP Leste) e da FE-USP, pelas aulas valiosíssimas, que me trouxeram entusiasmo para retomar a vida acadêmica: Prof^o Jefferson Agostini Mello, Prof^a Cynthia Harumy Watanabe Correa, Prof^o José Carlos Garcia Durand, Prof^a Madalena Pedroso Aulicino, Prof^o Rogério Monteiro de Siqueira, Prof^a Marília Pontes Sposito e Prof^a Karina Soledad Maldonado Molina;

Às minhas grandes amigas e companheiras de luta, Prof^a Mônica Gimenes de Pasquale Bardichi e Prof^a Ione Berenice Helvécio, que nunca permitiram que eu desistisse do trabalho acadêmico. À Prof^a Ione também pela cuidadosa revisão do texto final.

À minha irmã Gisele Aparecida Cossas Farias, por ajudar de longe com as traduções para este trabalho e pelas longas conversas sobre filosofia;

Ao meu irmão Jeesse Ferreira Farias Jr. e suas crianças, Rico, Guta, Sofis, Nina, Mumu e Sassá, que trazem tanta alegria para a nossa casa;

À Maria Tatiana de Amorim, pelo apoio, compreensão e pelas nossas conversas sobre educação;

A todos os meus professores que me guiaram até aqui;

A todos os meus alunos;

E a todos os estudantes que lutam para transformar o Brasil em um país mais justo e com uma educação mais igualitária.

*“Sejam realistas, exijam o impossível”
André Breton.*

Frase dos muros de Paris no período da insurreição estudantil, em maio de 1968.

RESUMO

FARIAS, Andre Luiz Ferreira. **Ocupações secundaristas e engajamento: os caminhos da atuação política juvenil.** 2023. 207f. Dissertação (Mestrado) Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa busca contribuir para a compreensão das formas de participação da juventude nas ocupações secundaristas, iniciadas em 2015 no Estado de São Paulo - no movimento que ficou conhecido como “Não Fechem as Escolas” - e que se estenderam por diversos Estados brasileiros no ano seguinte. Para isso, tem como objetivo principal entender indicadores que possam explicar o tipo de engajamento desses jovens; observa o engajamento político como processo, buscando compreender como estes estudantes estão hoje. Busca verificar a hipótese de que haveria um desengajamento político dos estudantes secundaristas após o término daquele movimento de ocupação das escolas. Em relação à metodologia, foram utilizadas, como instrumento de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas que tiveram como foco a captura dos processos que levaram às ocupações, em detrimento do fato em si. Esta pesquisa coloca o fenômeno das ocupações secundaristas em uma perspectiva processual e, neste sentido, faz uso de uma concepção teórica do engajamento como processo em constante transformação. Com a finalidade de sistematizar os dados coletados para a análise, foi realizado um esforço de construção de quadros das propriedades pertinentes dos estudantes, objetivando a elucidação da posição destes no espaço social, no sentido empregado por Pierre Bourdieu, o que poderá auxiliar em uma melhor compreensão das disposições dos atores sociais envolvidos no fenômeno das ocupações, numa perspectiva relacional.

Palavras-chave: Engajamento. Movimento estudantil. Movimentos sociais. Ocupações secundaristas. Socialização política.

ABSTRACT

FARIAS, Andre Luiz Ferreira. **High school occupations and political engagement: the pathways for young people's action.** 2023. 207p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This research seeks to contribute to the understanding of the forms of participation of the youth in the high-school occupations, which began in 2015 in the State of São Paulo - in the movement that became known as "Don't Close the Schools" ("Não Fechem as Escolas") - and that extended through several Brazilian States in the year that followed. For that end, it has the main goal of understanding indicators that may explain the type of political involvement of these youths; it observes the political engagement as a process, seeking to understand how these students are today. It seeks to verify the hypothesis that there might be a political disengagement of high school students after the end of that movement of occupation of schools. With regards to the methodology, as instruments for collecting data, semi-structured interviews were used with a focus on capturing the processes that resulted in the occupations, to the detriment of the fact itself. This research puts the phenomenon of high school occupations in a process-oriented perspective and, in this sense, uses a theoretical conception of engagement as a process undergoing constant transformation. With the aim of systematizing the data collected for the analysis, an effort for building frameworks of the pertinent properties of the students was made, aiming at elucidating their position in the social space, in the sense employed by Pierre Bourdieu, which may aid in a better understanding of the dispositions of the social actors involved in the phenomenon of the occupations, in a relational perspective.

Keywords: Engagement. Student movement. Social movements. High school occupations. Political socialization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa de manual para ocupação de escolas baseado nas experiências de estudantes do Chile.....	20
Figura 2 - Foto de contracapa do manual para ocupações de escolas.....	105
Figura 3 - Ilustração do “Manual de como travar uma avenida”....	109
Figura 4 - Manchete da Folha de São Paulo, de 22 de maio 1968.....	139
Figura 5 - Matéria da Folha de São Paulo noticiando ocupação do Fernão Dias Paes, em 22 de maio de 1968.....	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quantidade de periódicos encontrados no site da CAPES (distribuídos por temas)	26
Tabela 2. Entrevistas realizadas em dois momentos distintos	38
Tabela 3. Dados Gerais dos Entrevistados	51
Tabela 4. Associação e participação em agremiações políticas e movimentos sociais	53
Tabela 5. Envolvimento com as ocupações secundaristas	54
Tabela 6. Trajetória escolar e acadêmica dos jovens e suas aspirações	126
Tabela 7. Escolaridade e ocupação das mães dos entrevistados	128
Tabela 8. Escolaridade e ocupação dos pais dos entrevistados	129

LISTA DE SIGLAS

APEOESP	Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
CCJ	Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso
CCN	Centro de Culturas Negras “Mãe Sylvia de Oxalá”
CCSP	Centro Cultural São Paulo
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CUT	Central Única dos Trabalhadores
ETEC	Escola Técnica Estadual
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
GAS	Grupo Autônomo Secundarista
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MBL	Movimento Brasil Livre
MPL	Movimento Passe Livre
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PEI	Programa de Ensino Integral
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PT	Partido dos Trabalhadores
RENFA	Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UJS	União da Juventude Socialista
UMES	União Municipal dos Estudantes Secundaristas
UNE	União Nacional dos Estudantes
UPES	União Paranaense dos Estudantes Secundaristas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1 Levantamento Bibliográfico.....	25
2.2 Habitus e Socialização como Conceitos Centrais.....	29
2.3 Engajamento, Militância e Ativismo.....	34
2.4 Trajetórias e Aspirações.....	35
3 METODOLOGIA EMPREGADA NA PESQUISA	36
3.1 Entrevistas Semidirigidas.....	36
3.2 A Coleta de Dados.....	37
3.3 As Entrevistas como Ponto de Partida.....	40
3.4 Roteiro para as Entrevistas Semidirigidas.....	41
3.5 Análise do Quadro de Caracteres Pertinentes.....	44
3.6 Os Herdeiros e o Desenvolvimento dos Quadros de Caracteres Pertinentes.....	47
4 AS ENTREVISTAS	49
4.1 Dados Gerais.....	50
4.2 Da Seleção das Entrevistas: Uma Síntese das Formas de Participação Política dos Entrevistados.....	55
4.2.1 Henrique e o Ativismo Radical.....	57
4.2.2 Bianca e as Transformações ao Longo das Gerações.....	61
4.2.3 Karina e a Política das Ruas.....	67
4.2.4 Tatiana e a Vocação Para a Política.....	96
4.3 Considerações Sobre o Andamento da Pesquisa.....	119
4.3.1 Dificuldades que Permearam a Pesquisa.....	119
4.3.2 “CEP” dos Estudantes da Amostra.....	121
5 ANÁLISE DO MATERIAL DAS ENTREVISTAS	122
5.1 Da Valiosa Experiência ao Relativo Desengajamento pelo Mundo do Trabalho.....	122
5.2 A Importância da Família nos Processos de Socialização.....	125
CONCLUSÃO	141
REFERÊNCIAS	151
APÊNDICES	156
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista.....	156
APÊNDICE B - Transcrição de duas entrevistas.....	159
APÊNDICE C - Tabela 9. Níveis de escolaridade e ocupação dos avós dos entrevistados.....	207

1 INTRODUÇÃO

No palco das lutas por uma educação de qualidade, o ano de 2015 foi marcado por uma greve da Rede Pública Estadual de Ensino de São Paulo, iniciada em 13 de março daquele ano e que durou 89 dias. Os grevistas reivindicavam, sem êxito, um reajuste de 75,33%, o que equipararia o salário dos professores ao dos demais profissionais com ensino superior no Estado, de acordo com o Sindicato dos Professores e conforme divulgado pela imprensa no período¹. Como professor de sociologia, lecionando na Rede Pública, acompanhei ativamente essas mobilizações, que, à época, aconteciam semanalmente, por meio de assembleias, que reuniam professores de todo Estado. Se a adesão da categoria à greve não era unânime, o que se notava em muitas das assembleias, nas caminhadas de manifestantes que tinham como destino a Sede da Secretaria de Educação na Praça da República, era uma participação mais ou menos constante de estudantes do ensino básico que apoiavam a causa dos professores, e que muitas vezes eram levados por estes. O que não se podia prever, era que estudantes secundaristas protagonizariam, naquele mesmo ano, a sua própria luta, numa perspectiva exclusivamente estudantil.

No último bimestre do ano letivo de 2015, grupos aparentemente organizados de estudantes secundaristas, de escolas públicas localizadas nas mais variadas regiões da cidade de São Paulo, deliberaram por ocupar, de uma forma nunca vista na história dos movimentos sociais no Brasil, os espaços das escolas públicas estaduais, por um prazo indeterminado, para protestar contra uma proposta de reorganização da Rede Pública Estadual por parte do governo². Em setembro daquele ano, o Governo do Estado de São Paulo divulgava à população, por meio dos grandes veículos de mídia, o projeto de reorganização da Rede Estadual, que previa unidades escolares para cada ciclo da educação (ensino fundamental I, ensino fundamental II e

¹ <https://m.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1641338-apos-89-dias-professores-decidem-suspender-a-greve-mais-longa-em-sp.shtml> (acessado em 15 fev. 2018)

² Vídeo do Governo do Estado de São Paulo divulgando reorganização. <https://youtu.be/7slbSaay1XY> (acessado em 15 fev. 2018)

ensino médio). Configurado pelo decreto 62,172/2015³, que autorizava as transferências dos integrantes dos Quadros do magistério, também previa o fechamento de 94 escolas, que seriam disponibilizadas para outras funções na área de educação. Tal atitude dividiu opiniões da sociedade, e, no interior da comunidade escolar, havia aqueles que, de maneira negativa, interpretavam a ocupação do espaço escolar, como sendo uma invasão por parte dos estudantes, enquanto outros, mais conscientes do significado da Escola na vida desses jovens, chamaram a iniciativa de *ocupação*⁴, bem aos moldes de outros protestos realizados à época. Como o referido projeto não é objeto deste estudo, não serão realizadas análises aprofundadas a respeito dos diferentes pontos de vista ou da reorganização escolar, em si. Ademais, facilitam uma aproximação maior ao tema, inúmeros materiais, como entrevistas⁵, documentários, artigos e dissertações, produzidos no decorrer dos anos de 2015 e 2016, período que abrange os movimentos de ocupação, e posteriormente, conforme apontado no referencial teórico deste texto.

Como professor de sociologia, atuando na Rede Pública desde 2009, no final do ano de 2015 pude presenciar de perto toda essa movimentação, ocorrida em mais de duzentas escolas, que acabou por modificar momentaneamente o cotidiano das demais unidades da rede pública, distanciadas desse processo. Sendo assim, pude perceber que esse episódio oferecia uma oportunidade para a construção de uma reflexão acerca dos processos que podem ou não levar a um engajamento mais duradouro. E, a partir dos relatos e daquilo que já foi escrito sobre o tema, uma oportunidade de análise de uma situação específica de aprendizagem que ocorre fora do processo de educação convencional, por meio da participação efetiva em movimentos sociais.

Essa pesquisa se realizou em duas etapas. Na primeira, buscava-se analisar comparativamente as experiências dos estudantes de duas escolas

³ <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2015/decreto-61672-30.11.2015.html> (acesso em 15 fev. 2018)

⁴ Vídeo sobre ocupação das escolas, sob ponto de vista de professores e estudantes nas manifestações. <https://youtu.be/j42hfZiOfSU> (Acessado em 15 fev. 2018)

⁵ Entrevista CENPEC <https://youtu.be/18Y0prwlrA> (acessado em 15 fev. 2018)

localizadas na Zona Sul da cidade de São Paulo, no Distrito de Campo Grande (Subprefeitura de Santo Amaro), a Escola Estadual Isaltino de Mello e a Escola Estadual Joaquim Adolfo de Araújo.

Na escola Isaltino, onde trabalhava no período das ocupações, os estudantes se dispuseram prontamente a participar, havia a facilidade de escolha do local para a realização das conversas, e, principalmente, uma maior proximidade e empatia entre colaboradores e pesquisador, uma vez que conhecia os alunos há algum tempo. E, mesmo aqueles alunos entrevistados em um momento posterior, na condição de egressos, foram facilmente localizados, pois mantinham vínculo com a comunidade escolar.

Na escola Joaquim Adolfo, por outro lado, o que inviabilizou a coleta de dados, foi a impossibilidade de estabelecer contato com os alunos egressos do Ensino Médio que haviam vivenciado as ocupações em 2015. Conversando com profissionais da escola (diretora, coordenadora e inspetor de alunos), obtive a informação de que apenas oito alunos matriculados haviam participado das ocupações. Estabelecer contato com esses alunos dependia da mediação desses profissionais, que, talvez em virtude de serem contrários à ocupação, não mostraram interesse em colaborar, o que dificultou o andamento da pesquisa no viés pretendido. Posteriormente, percebeu-se que a participação massiva de jovens de outras escolas, ou mesmo de universidades, era mais frequente do que se supunha a princípio. E esse dado, que se comprova na segunda etapa da pesquisa, explica, pelo menos parcialmente, a dificuldade inicial em encontrar estudantes que tivessem participado, efetivamente, das ocupações na Escola Joaquim Adolfo.

Devido a coleta insuficiente de dados, que inviabilizou a realização dos objetivos estabelecidos inicialmente, quais sejam, compreender as formas de participação política de estudantes a partir de dois casos distintos - estudantes que ocuparam e estudantes que não ocuparam suas escolas, houve a necessidade de redefinir as estratégias de pesquisa, o que se deu por dificuldades que se apresentaram no momento da coleta dos dados, sobretudo no que diz respeito ao acesso a aqueles estudantes, conforme dito anteriormente. As entrevistas também foram realizadas em dois momentos distintos. Primeiramente, ao longo do segundo semestre de 2018 e início de 2019, em que foram realizadas oito delas. Depois, ao retomar a pesquisa,

outras cinco ao longo de 2022, de maneira esparsa, à medida que os contatos com os estudantes foram estabelecidos e as conversas agendadas. O contexto das entrevistas será descrito no capítulo sobre o material selecionado para análise.

A primeira etapa da pesquisa buscava estabelecer uma comparação entre as escolas, que, ao final, mostrou-se impossível de realizar, devido a ausência de parte significativa dos dados da escola Joaquim Adolfo. Dados esses que corresponderiam às experiências dos alunos ocupantes. Uma das hipóteses levantadas à época era a de que o modo como a direção conduzia a escola fosse relevante para que a ocupação ocorresse ou não. Mas, a ausência dos depoimentos dos alunos daquela escola, sobretudo aqueles relativos às suas impressões no que diz respeito aos gestores, inviabilizou a verificação de tal hipótese.

O segundo momento da pesquisa corresponde ao reingresso no programa de pós-graduação em Estudos Culturais, em 2021, devido às lacunas que impossibilitaram a conclusão dos objetivos principais no momento inicial. Os dados obtidos foram, então, reinterpretados, agora à luz de uma compreensão do fenômeno das ocupações como algo difuso, para além da apreensão das características da participação política em cada escola. Estes dados iniciais juntam-se a outros coletados no decorrer do ano de 2022. É importante ressaltar que os dois momentos da pesquisa contribuíram, em certa medida, para revelar dois grupos distintos, a saber, o grupo dos estudantes que ocuparam efetivamente as escolas e o grupo dos estudantes que não ocuparam.

Para entender o que tornou possível a emergência das manifestações estudantis, é necessário voltar um pouco no tempo e olhar o que estava acontecendo em outros contextos muito próximos.

Em 2013 uma onda de protestos tomou as ruas de todo o Brasil; o Movimento Passe Livre (MPL) foi o protagonista destas manifestações, caracterizadas por um conjunto muito amplo e fragmentado de demandas. O Movimento convocou o povo às ruas para protestar, mas não perdeu de vista aquela reivindicação que o vinculava às demandas estudantis: a mobilidade urbana. O MPL foi criado em 2005, em Porto Alegre, mas sua origem remonta aos protestos de estudantes secundaristas em Salvador, episódio que ficou

conhecido como a Revolta do Buzu (2003), e em Florianópolis, com a Revolta da Catraca (2004), que se opunham ao aumento da passagem. Em 2013, quando atingiram seu objetivo de derrubar o aumento da tarifa, deixaram os protestos. Sobre a relação entre o MPL e os estudantes secundaristas, Maria da Glória Gohn (2017, p. 34) aponta que

Embora em seu conjunto, as manifestações de junho (de 2013) tenham tido maioria de composição das camadas médias (pesquisas Ibope, Datafolha etc.), o MPL não deve ser visto como um movimento de camadas médias porque tem um diferencial: Um trabalho de base em regiões periféricas. Em 2011, por exemplo, quando ele se reorganizou e atuou na elaboração de lei de iniciativa popular para implantar tarifa zero em São Paulo, levou sua pauta para discussão em escolas públicas da periferia .

Não se pode concluir, a partir disto, que haja uma relação direta entre o MPL e as ocupações estudantis que se espalharam pela rede pública de ensino alguns anos depois. Mas sim, uma convergência entre esses movimentos, que é anterior às Jornadas de Junho de 2013 e às Ocupações Secundaristas de 2015. Ademais, como movimentos políticos que emergem em um mesmo contexto-histórico, possuem características muito semelhantes, destacadas por Maria da Glória Gohn, como o princípio da horizontalidade, o autonomismo - que tem como princípio a autonomia como chave de organização e ação política, além de articular elementos do anarquismo e do marxismo (Falchetti *apud* Gohn, 2017, p. 99) - e o fato de serem movimentos apartidários.

É importante ressaltar que os secundaristas estavam em confronto com um outro movimento que também reunia jovens em sua composição, e que teve sua origem nos protestos que se seguiram ao ano de 2013. O MBL (Movimento Brasil Livre) participou de atos contra as ocupações das escolas em 2016, sob o argumento de que os estudantes eram doutrinados e manipulados pela UNE (União Nacional dos Estudantes) e pela UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas).

Ainda sobre a filiação das ocupações secundaristas de 2015 e 2016, pode-se dizer que estas se inserem, em nível internacional, em um contexto de emergência de novas formas de atuação dos movimento sociais e são

tributárias do movimento global dos “ocupas”, que consiste em formações de acampamentos, principalmente por estudantes, em áreas públicas de grandes cidades, que teve seu início a partir de 2011 e tem como uma de suas principais bandeiras a crítica à desigualdade econômica (Peschanski, 2012). São exemplos dessas novas formas de atuação dos movimentos sociais: i) o movimento estudantil chileno, que a partir de 2006, com a Revolução dos Pinguins (e depois, reiteradamente em 2008, 2011, 2012, 2015, 2018), lutou contra o sistema educacional implantado no final da ditadura militar naquele país; ii) a luta pela democracia no Oriente, através de uma onda de protestos que ficou conhecida como Primavera Árabe (2011), e; iii) o movimento *Occupy Wall Street*, também conhecida como a revolta dos 99% , em alusão a concentração de riqueza de uma minoria extrema (2011).

A tática de promover ocupações como forma de protesto ganhou força no Brasil a partir da iniciativa de estudantes em São Paulo, onde o movimento de ocupações das escolas se iniciou. Os estudantes eram contra o plano de reorganização das escolas estaduais. Em outubro de 2015, conforme Silva, o então Secretário da Educação, Herman Voorwald, anunciou que o projeto abrangia:

162 municípios, 1.464 escolas, das 5.147 unidades existentes passariam pelo processo [da reforma], somadas a 1.443 unidades que já mantinham segmento único, 2.197 passariam a atender alunos exclusivamente de um ciclo de ensino. Delas 832 destinadas aos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), 566 para os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e 799 para o Ensino Médio. Com isso, seria necessário a transferência de 311.000 estudantes. Estimava-se que 74 mil professores sofreriam algum tipo de mudança (Silva, 2016, p. 115, *apud* Gohn, 2017, p. 94).

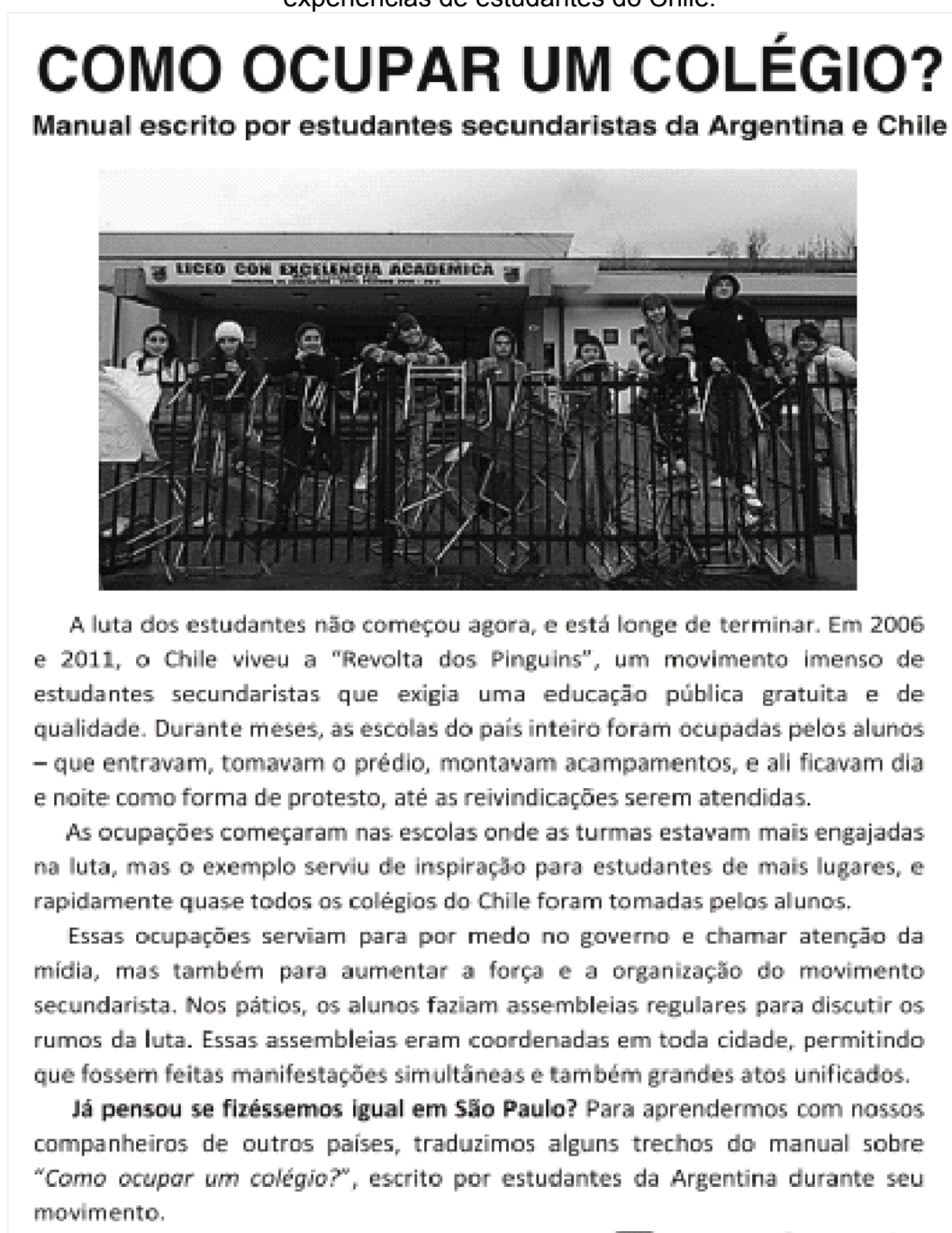
Esta decisão foi tomada pelo Governo Estadual sem que houvesse ampla discussão com a comunidade escolar. Os estudantes acreditavam que seriam duramente impactados pela medida, que alteraria seu cotidiano e ainda previa o fechamento de 94 escolas. Assim, os estudantes ocuparam as escolas por quase dois meses, nos quais sofreram muita violência, mas também tiveram amplo apoio da sociedade civil. Em 04 de dezembro de 2015, por meio de Decreto n. 61.692, revogou-se o Decreto n. 61.672, de 30 de

novembro do mesmo ano. A reorganização foi suspensa e o secretário estadual da educação, substituído. Estava, desta forma, iniciado um ciclo de protestos de estudantes secundaristas e universitários que se estenderia por todo o ano seguinte.

Em 2016, as ocupações de escolas foram motivadas por duas reivindicações principais: eram contra a Reforma do Ensino Médio (Medida Provisória n. 746/2016) e contra a PEC 241 (depois que chegou ao Senado, passou a ser PEC 55), que limitava os gastos do Governo Federal por 20 anos. Além disso, os estudantes eram contra o projeto Escola sem Partido, que preconizava uma suposta neutralidade ideológica por parte dos professores. A PEC do teto de gastos foi aprovada ainda em dezembro daquele ano, e a reforma do Ensino Médio foi concluída e aprovada em fevereiro de 2017. Já a inclusão do programa Escola sem partido na LDB (Lei de diretrizes e bases da educação nacional) foi considerada inconstitucional pelo Ministério Público Federal. Além dos estudantes, também lutaram contra a implantação desse projeto o grupo Professores contra o Escola sem Partido.

É nesse contexto que emergem as ocupações dos estudantes no Brasil. Começam com demandas muito específicas, como a oposição à reorganização da rede pública de ensino, e, em um momento posterior, ligam-se a questões mais amplas, como a do teto de gastos, que se caracterizou como uma imposição do governo e que afetou não apenas a educação, mas amplos setores da sociedade. E é nesse sentido que a luta dos estudantes guarda uma identidade com a mobilização contra o neoliberalismo no Chile, com a luta por democracia e participação nos países árabes, e com os “ocupas” ao redor do globo, unidos contra a desigualdade econômica. As ocupações expressam o conteúdo (as demandas) e as formas de atuação que os movimentos sociais adquiriram em nosso tempo.

Figura 1 - Capa de manual para ocupação de escolas baseado nas experiências de estudantes do Chile.



Fonte: Coletivo O Mal-Educado (2015)

Inicialmente, este trabalho pretendia elucidar a questão da ação política relacionada ao movimento de ocupação. Buscava-se responder quais teriam sido as motivações para a eclosão de um movimento secundarista que tinha nas ocupações das escolas a sua forma de atuação, para que se

pudesse prever quais seriam as condições propícias para o desenvolvimento desse tipo de engajamento e em quais contextos específicos este poderia se desenvolver. Mas para levar a efeito tal investigação, seria necessário verificar o fenômeno no exato momento em que estava acontecendo, entrevistando os agentes envolvidos ou mesmo realizando, se possível, um trabalho de campo nas escolas ocupadas.

Tendo se iniciado um ano após as últimas ocupações, tornou-se inviável a esta pesquisa a problematização de questões relacionadas à ação política naquele momento, o que exigiu um deslocamento dos objetivos e uma mudança do objeto de pesquisa, representado agora pelas trajetórias desses estudantes em um momento posterior às ocupações. Buscou-se agora compreender como se davam os processos de engajamento, ou mesmo de desengajamento após as ocupações ou de um engajamento que pudesse ser tomado como ponto de partida para essas manifestações secundaristas. A partir daí, tornou-se mais viável empreender uma investigação da socialização política vivenciada por esses jovens, sobretudo daquela que se transmite no interior das famílias.

Com base em um dado concreto, o arrefecimento dos movimentos de ocupação das escolas nos anos seguintes, buscou-se construir uma hipótese que desse conta do aparente desengajamento político observado entre estudantes secundaristas. Devido o seu caráter efêmero e localizado em um curto espaço de tempo, seria possível supor que a experiência das ocupações secundaristas não produziu jovens politizados que dessem continuidade às lutas por uma educação de qualidade, como os estudantes fizeram de uma maneira tão intensa durante aquele período, conhecido como primavera secundarista. Os esforços centraram-se, ao longo da investigação, em buscar elementos que confirmassem ou não os processos de desengajamento entre os jovens.

Para isto, este trabalho analisa as ocupações das escolas de modo processual, por meio das vivências e experiências externas e internas ao contexto escolar, as implicações disto para a possibilidade de engajamento político durante os processos de ocupação e na trajetória posterior desses estudantes, bem como a tomada de consciência, por parte desses jovens, do papel da escola em sua formação.

A partir de entrevistas, realizadas ao longo da pesquisa com os atores sociais diretamente envolvidos (alunos das escolas públicas), buscou-se também construir uma análise do fenômeno recente e mundial das ocupações, transposto para o contexto escolar como forma de protesto por parte dos jovens, secundaristas ou não, e suas estratégias de apropriação do espaço escolar, no contexto das ocupações realizadas durante o ano de 2015 em São Paulo e que se estenderam no ano seguinte em muitos Estados brasileiros, bem como de outras formas de ocupações dos espaços públicos por parte desses agentes, como os protestos de rua realizados no período.

Para compreender as possibilidades do engajamento entre os estudantes, é necessário olhar também para fora da escola, extrapolando os muros desta e buscando, nos movimentos e ações coletivas no campo da educação não formal, conforme aponta Maria da Glória Gohn (2017), os possíveis pontos de contato entre esse caso específico de mobilização estudantil e os movimentos sociais de longa duração. Nesse sentido, concebemos aqui a política que se realiza para além do campo institucional, através dos movimentos sociais, como ação transformadora da sociedade, e os movimentos sociais como espaços de aprendizado político, como aconteceu na experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na década de 1970, e como acontece hoje no Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). Em que medida os movimentos dos estudantes, a partir de 2015, assumem uma perspectiva análoga, e se estes são tributários àqueles, são questões que permeiam a busca pelos fatores que determinam a possibilidade de engajamento.

Embora seja difícil captar a extensão destes processos de engajamento, as mobilizações dos estudantes através do fenômeno das ocupações representaram um novo capítulo na história do movimento estudantil no Brasil, sobretudo no que diz respeito ao perfil dos participantes: mais jovens, advindos da periferia, e capazes de realizar protestos inesperados que configuram novas formas de ação política. Também deixou frutos, como o grupo “Secundaristas em Luta”, em São Paulo e outros Estados, que acompanham ainda hoje, muito de perto, as políticas educacionais e se manifestam em relação a estas, como ocorreu na pandemia do Covid-19, denunciando os problemas de infraestrutura das

escolas quando do retorno às aulas no segundo semestre de 2021, ou explicitando os problemas relacionados à implantação do PEI (Programa de Ensino Integral) nas escolas. Acompanhar a trajetória desse movimento pode ajudar a compreender os rumos da participação política entre os jovens, que se modifica e ressurgem de tempos em tempos, além de possibilitar o acesso aos anseios e aspirações dos jovens, auxiliando na construção de uma escola mais responsiva e adequada às novas gerações.

Ao buscar compreender as formas de participação da juventude no movimento de ocupação das escolas em 2015, pretendia-se elucidar também, o legado desta iniciativa para os egressos do ensino médio que contribuíram efetivamente para as ocupações, e para os jovens que passaram para o ensino médio em um momento posterior. Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa foram os estudantes que participaram dos processos de ocupação, mas também aqueles que ficaram às margens, muitas vezes, prestando apoio com a divulgação e com os debates nas escolas. Embora um dos objetivos iniciais fosse compreender o significado dessa forma de atuação política para os jovens que ocupam hoje os bancos escolares, constatou-se, no decorrer da pesquisa, não ser possível apreender tal significado, uma vez que a maioria dos estudantes não tiveram nenhum contato com aquela manifestação dos secundaristas de 2015, e nem com as narrativas relacionadas a ela. Parece estar em curso um processo de apagamento da memória relativa ao movimento secundarista daquele momento, e muitos dos estudantes que vivenciaram a experiência das ocupações, estão preocupados em preservar essa memória.

Na tentativa de acessar as experiências políticas dos estudantes, partindo, no decorrer das entrevistas, de seus relatos sobre as trajetórias políticas das gerações anteriores - gerações estas compostas por indivíduos interessados ou não nos fenômenos políticos -, e da influência exercida por essas trajetórias, sobretudo para aqueles que participaram direta ou indiretamente das ocupações, esse trabalho tem como objeto de pesquisa as disposições dos estudantes, determinadas pelo *habitus*, que fundamenta os distintos estilos de vida (Bourdieu, 2011), mas também as escolhas políticas. Nesse sentido, a ênfase incide sobre os processos de socialização política no

interior das famílias, como uma parte específica desse *habitus* e dessa herança cultural.

A pesquisa problematizou as formas de engajamento desses jovens nos períodos anterior e posterior às ocupações das escolas da rede pública e, conseqüentemente, buscou compreender como esses estudantes estão hoje.

O objetivo geral desta pesquisa foi a investigação dos possíveis processos de engajamento dos estudantes secundaristas, no âmbito das Escolas da Rede Pública do Estado de São Paulo, e suas implicações para o atual engajamento político por parte dos estudantes, bem como para outros processos de longo prazo, como a escolha da carreira, o que, muitas vezes, também constitui uma escolha política. Seu escopo são as possibilidades de socialização política e engajamento de jovens de origens bastante diversificadas que frequentam o espaço escolar.

São objetivos específicos as análises de fatores, determinantes ou não, desta socialização política, a saber: i) a influência das redes sociais, sobretudo no que diz respeito ao engajamento político por parte de alguns estudantes, que se tornou notória no período das ocupações das escolas; ii) o surgimento de uma atitude crítica por parte dos próprios estudantes, que incide sobre o ambiente opressor da escola, vista por muitos deles como espaço de confinamento e de excessiva vigilância, e que não oferece alternativas para práticas mais fluidas no processo ensino-aprendizagem; iii) a verificação e compreensão de uma possível mudança de atitude em relação à escola, ao menos de uma geração para outra.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme levantamento bibliográfico, realizado para esta pesquisa e apresentado a seguir, a maioria dos trabalhos que abordam a socialização política estão concentrados na análise das ocupações de 2016. Os estudantes que concordaram em participar da pesquisa haviam, de alguma maneira, vivenciado as ocupações de 2015, o que redirecionou o escopo da pesquisa para essas primeiras ocupações. Optou-se também pela construção de um quadro das propriedades sociais desses jovens que pudesse situá-los no espaço social e assim ajudar a traçar um perfil (ou perfis) dos estudantes. A partir daí, os jovens foram reunidos em dois grupos, conforme se verá adiante.

Além de buscar as propriedades sociais dos estudantes, o estudo centrou-se posteriormente na seleção e análise de quatro entrevistas, aos moldes do trabalho de Bourdieu (2012), que foram fundamentais para capturar os processos de socialização política, sobretudo no interior das famílias.

2.1 Levantamento Bibliográfico

Em consulta à base de dados Capes Periódicos, escolhida para este levantamento por apresentar uma maior quantidade de artigos relacionados ao tema das ocupações, e utilizando “ocupações secundaristas” como termo chave, foram encontrados 126 artigos no total, utilizando um recorte de tempo que vai de 2015 a 2021. Destes, 13 apareciam repetidos ou em outros idiomas e foram retirados do levantamento final. Outros 30 não guardavam nenhuma relação com o tema. Ao final, restaram 84 artigos, distribuídos em categorias pertinentes a este estudo, conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Quantidade de periódicos encontrados no site da CAPES (distribuídos por temas)

TEMAS MAIS RECORRENTES	Ocupações de 2015 (SP)	Ocupações de 2016 (Brasil)	TOTAL
Análise de conjuntura política	1	3	4
Artigos que citam brevemente as ocupações	0	9	9
Diálogo entre arte e ocupações	0	5	5
Diferentes discursos (Dos estudantes, do governo, da mídia)	7	8	15
Dimensão espacial da reorganização	2	1	3
Discussão da metodologia de pesquisa	0	1	1
Educação como tema mais central	1	5	6
Influência do ensino de Sociologia	0	1	1
O papel das redes sociais para o movimento	1	2	3
O papel determinante das meninas	2	3	5
Participação e autonomia (Organização)	1	7	8
Reação do Estado e a questão do público e do privado	1	4	5
Socialização política	1	10	11
OUTROS	2	6	8
TOTAL	19	65	84

O levantamento aqui descrito, embora não dê conta da produção em sua totalidade, representa uma parte significativa da produção a respeito do tema das ocupações. Fez-se a opção por separar aqueles textos referentes às primeiras ocupações em São Paulo, em 2015, daqueles que se debruçaram sobre os desdobramentos das ocupações em todo o país em 2016. A mobilização dos estudantes em 2015, de forma pioneira, se opunha à reorganização da rede pública de São Paulo em ciclos e ao fechamento de uma centena de escolas. No ano seguinte, os estudantes em todo o Brasil uniram esforços, se utilizando do mesmo expediente, para protestar contra a

MP 746 e a Emenda Constitucional 241/16 – PEC 241. A primeira propunha mudanças na estrutura do Ensino Médio, enquanto a segunda, propunha congelar os investimentos sociais, sobretudo em educação e saúde, por 20 anos. Nesse segundo momento das ocupações, os estudantes também se posicionaram contra o projeto escola sem partido.

A partir desse levantamento, foram agrupados em categorias de temas mais recorrentes, como aqueles que tratam dos processos de socialização política e engajamento dos estudantes, que são os mais significativos para esta pesquisa, e aqueles que tratam da elaboração e dos efeitos das diferentes formas de contar como se deu o advento das ocupações e os embates entre estas e o poder público. Discursos que emanam da mídia, tradicional e alternativa, dos representantes do poder, mas também dos próprios estudantes, foram todos agrupados em uma mesma categoria. Quanto às demais categorias, julgou-se importante separar também num mesmo grupo, aqueles artigos que tratavam da importância das estudantes na construção dos movimentos de ocupação e aqueles que lidaram com a demonstração de uma maior autonomia e organização por parte dos estudantes em geral. Alguns artigos também trataram da questão da espacialidade das ocupações, enquanto outros traçavam um panorama da conjuntura política e sua relação com o movimento dos estudantes, ou ainda tinham como tema central diferentes aspectos da educação. Nestes, as ocupações aparecem de forma secundária na discussão de outros temas mais centrais: escola sem partido (Katz; Mutz, 2017), violência simbólica nas escolas (Alvim; Mação; Roseiro, 2020), as reorganizações da rede pública em São Paulo em 1995 e 2015 (Goulart; Pinto; Camargo, 2017), para ficar em algumas das discussões centrais. Há também uma quantidade significativa de artigos que citam o tema brevemente, apenas a título de exemplificação, como aqueles que discutem o crescimento da truculência por parte do Estado, citando, por exemplo, o caso de uma medida judicial que autorizava a polícia a praticar aquilo que muitos analistas consideraram como sendo técnicas de tortura contra os estudantes, em uma escola no Distrito Federal (Matos; Souza, 2017). Dois temas apareceram apenas uma vez, mas foram agrupados em categorias próprias devido a importância para essa pesquisa: uma discussão mais específica da metodologia, na qual a autora descreve

como se deu o trabalho de campo junto às ocupações (Pacheco; Sallas, 2020), e a influência do ensino de sociologia no ensino médio (Junqueira, 2017); sendo essa influência uma das hipóteses iniciais deste trabalho, mas que, a partir das entrevistas realizadas, acabou não aparecendo nas falas dos estudantes como um importante meio pelo qual se dá a socialização política. Outros temas que aparecem com bastante frequência são os da importância das redes sociais para a deflagração do movimento e como espaços virtuais de inteligência política coletiva (Costa; Santos, 2017); a relação antagônica dos estudantes com o Estado, como no caso conturbado do processo de reintegração de posse de escolas no Paraná (Marcoccia, 2019) e o diálogo do movimento com as artes de modo mais geral, e com a linguagem do teatro mais especificamente. Alguns estudantes se mantiveram engajados politicamente por meio do teatro, como o grupo Coletiva Ocupação, que trata do tema no espetáculo *Quando Quebra Queima* (Cruz, 2020). Essa forma de engajamento através do teatro foi inclusive citada por uma das entrevistadas para esta pesquisa, que conhecia pessoalmente membros desse grupo.

Dos temas elencados, os que tratam da socialização política, do engajamento, da participação e da autonomia dos estudantes, são os mais pertinentes para esta pesquisa, por estarem mais atrelados ao objetivo geral de promover uma discussão sobre as ocupações de um ponto de vista processual de engajamento e desengajamento. A esse respeito, Luís Antônio Groppo, pesquisador que coordenou uma pesquisa nacional sobre as ocupações, chama a atenção para a especificidade das ocupações como um novo espaço de socialização política:

Nos espaços ocupados, os estudantes tendem a realizar outros processos de formação política. Trata-se de uma formação política que rompe com a concepção tradicional, marcada pelo conceito de socialização política. Na concepção tradicional de socialização política, os sujeitos são trazidos à vida política, “socializados” para a esfera da vida pública, por meio de instituições comandadas por adultos, em especial a família e a escola. Tal socialização caracteriza-se pelo aprendizado dos valores vigentes e supostamente necessários para o bom funcionamento das instituições políticas formais dadas, como Estado, partidos, sindicatos, sistema eleitoral etc. (Groppo et al., 2017, p. 147)

Junta-se ainda a esse levantamento uma pesquisa realizada pelo CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), intitulada *Participação e engajamento de jovens e suas repercussões em sua vida escolar: o caso das ocupações de escolas em São Paulo (2015)*, no qual buscou-se, a partir de uma análise mais aprofundada das trajetórias dos estudantes, considerando-se, sobretudo, casos exemplares, coletados por meio de entrevistas semidirigidas, que proporcionaram uma amostra significativa no interior do espaço social, “identificar os processos e condições sociais relacionados à participação e ao engajamento juvenil na escola e em movimentos sociais e políticos” (CENPEC, São Paulo, 2018, p. 6). A presente pesquisa tem objetivos semelhantes, na medida em que busca elucidar as condições sociais que tornaram possível o engajamento político e a eclosão do movimento das ocupações naquele momento específico. Analisa também o peso das famílias na formação política e na consciência do papel da escola na vida desses jovens, e conseqüentemente, em uma maior ou menor disposição desses em atuarem como protagonistas nos rumos da comunidade escolar. Nesse sentido, um maior acesso a escolaridade de nível superior na geração dos pais dos estudantes, poderia trazer ganhos relativos à aquisição de capital cultural, novas aspirações e uma maior consciência da importância da qualidade da educação, mesmo que uma maior escolaridade não esteja relacionada sempre a uma trajetória de ascensão social, e, ao contrário, um declínio seja verificado. Seria uma prova dos esforços das gerações anteriores em proporcionar educação de qualidade para seus filhos, a geração que levou a cabo os processos de ocupação.

2.2 *Habitus* e Socialização como Conceitos Centrais

Esse trabalho apoia-se na premissa de que as jornadas das ocupações das escolas públicas entre os anos de 2015 e 2016, acenam para a possibilidade de engajamento e politização dos estudantes secundaristas da cidade de São Paulo, e que isto pode ter seus reflexos para a geração de estudantes que veio em seguida.

Se tomarmos de empréstimo uma conceitualização utilizada por Tomizaki, Carvalho-Silva e Silva (2016) para o estudo sobre disposições dos militantes do MTST, poderemos verificar a simultaneidade de dois processos distintos, a saber, o de *socialização política* e o de *politização*, uma vez que, para muitos desses jovens, essa foi a primeira experiência de mobilização política. Pode-se transpor as categorias propostas neste estudo para as ocupações das escolas, pois trata-se aqui indiretamente, de investigar origens sociais, trajetórias familiares, e níveis de instrução de alunos e dos pais desses (no plano micro) e de verificar a conjuntura política e econômica determinante para projetos específicos, como o de reestruturação das escolas (no plano macrossocial e político).

Nesse sentido, o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu será de grande importância na análise desse aspecto da formação, uma vez que busca dar conta dos valores e das visões de mundo das classes sociais em que esses jovens também se inserem. No pensamento bourdieusiano, como mostra Loïc Wacquant, o *habitus*

[...] (i) resume não uma aptidão natural, mas social, que é, por esta mesma razão, variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, através das distribuições de poder; (ii) é transferível para vários domínios de prática, o que explica a coerência que se verifica, por exemplo, entre vários domínios de consumo – música, desporto, alimentação, mobília, e também nas escolhas políticas e matrimoniais, no interior e entre indivíduos da mesma classe e que fundamenta os distintos estilos de vida [...] (in, Catani, 2017, p. 214).

As escolhas políticas são, nesta perspectiva, o ponto principal a ser investigado para uma melhor compreensão das ocupações das escolas, mas estão atreladas a outras concepções de mundo, a outros valores, que só podem existir conjuntamente, e que explicam as práticas específicas de uma determinada classe. Nesse sentido, pode-se chegar ao objeto olhando para o que está fora dele. Por exemplo, compreender como os jovens utilizam seu tempo livre pode lançar luz sobre a questão da utilização desses momentos para a reflexão ou atividade política, ou para a utilização desse tempo com atividades de outra natureza.

Considerando ainda o *habitus*, é notória a desigualdade de oportunidades entre alunos de origens diversas nas universidades. As chances de um jovem de classe mais abastada de obter sucesso profissional são maiores que as de um jovem de origem humilde (Bourdieu; Passeron, 2013). Isto acontece devido à capacidade que o primeiro tem de resolver problemas e de se relacionar, uma vez que, desde o início de sua vida escolar, frequentou escolas de alto nível, onde tais habilidades são incentivadas e desenvolvidas de forma mais assertiva. Mas também, e principalmente, devido a inserção do primeiro em uma rede de contatos e de influência na qual se dá o acesso às oportunidades profissionais.

As desigualdades se apresentam aqui até mesmo na visibilidade das escolas durante o período das ocupações. A escola que iniciou as ocupações, no município de Diadema⁶, uma região de grande vulnerabilidade social, não despertou tanto interesse dos meios de comunicação e da sociedade em geral. Foi só após o início das ocupações em escolas localizadas em bairros nobres que o movimento dos estudantes ganhou destaque na imprensa.

Embora existam jovens em situação de vulnerabilidade, aparentemente mais distanciados das questões políticas, outros processos de politização ocorrem paralelamente àquilo que é ensinado nas escolas. Como nos mostra Debora Mazza e Maria Helena Santos, no artigo “Notas sobre o movimento de ocupação das escolas de São Paulo”,

A ação dos alunos produziu uma comoção social, pois, pela primeira vez no século, o movimento “Não fechem minha escola” se distanciava da imagem construída pelos meios de comunicação de massa, que apresentam a escola pública como uma instituição sucateada, violenta, frequentada por alunos desinteressados e desmotivados, oriundos de famílias problemáticas (2016, p. 01).

O conceito de socialização política, neste trabalho, aparece como o resultado da interação entre indivíduos e sociedade, como em Percheron (1987) e Müxel (2018), que defendem que parte significativa desta

⁶ A Escola Estadual Diadema foi a primeira escola ocupada por estudantes secundaristas, em 09 de novembro de 2015. Um dia depois, seria a vez da Escola Estadual Fernão Dias Paes. Para alguns estudantes, essa diferença no início das ocupações das duas escolas, foi de apenas uma hora.

socialização ocorre em família e na escola, de modo que os indivíduos demonstram, já na infância, alguns sinais de internalização dos valores e opiniões políticas dos pais. Nesse sentido, buscou-se compreender em quais casos essa influência familiar era mais ou menos efetiva.

Muitos estudos demonstraram que os primeiros parâmetros políticos são definidos muito cedo, desde a primeira infância, muitas vezes sem o conhecimento dos pais ou dos adultos que os rodeiam. A política, através dos meios de comunicação social e especialmente da televisão, é uma presença diária na vida das famílias e as crianças estão expostas a ela desde muito cedo. Mesmo que os comentários políticos não lhes sejam dirigidos, estão imbuídos de uma sensibilidade familiar, através das reações dos pais, das emoções que adivinham, das posições a que vão gradualmente chegando (Müxel, 2018, p. 31, tradução própria)⁷.

Pensando na questão da socialização política sob outro prisma, pode-se facilmente verificar que a tecnologia assume um lugar privilegiado nas práticas cotidianas dos estudantes. É no mundo virtual onde ocorre hoje boa parte das negociações, das trocas simbólicas e das significativas etapas do aprendizado, que antes estavam restritas aos espaços da família e da escola. A familiaridade com a tecnologia e com o mundo virtual, demonstrada pelos mais jovens, e o fato das redes sociais se configurarem hoje como espaços de socialização e de sociabilidade por excelência, tornam o mundo das redes sociais virtuais um possível espaço de desenvolvimento do engajamento político juvenil. A tecnologia dos celulares e computadores vem sendo utilizada em ambiente escolar pelos jovens há um bom tempo. Ela concorre com os professores pela atenção dos alunos e se apresenta ora como grande vilã no processo ensino-aprendizagem, ora como o caminho

⁷ Nombre d'études ont montré que les premiers repères politiques sont fixés de façon très précoce, depuis la petite enfance, souvent à l'insu des parents ou des adultes qui les entourent. La politique, au travers des media et surtout de la télévision, s'invite quotidiennement dans la vie des familles et les enfants y sont exposés dès leur plus jeune âge. Même si les commentaires politiques ne s'adressent pas à eux, ils s'imprègnent d'une sensibilité familiale, au travers des réactions de leurs parents, des émotions qu'ils devinent, des prises de position qu'ils arrivent peu à peu à décoder.

para o desenvolvimento de uma educação de qualidade. Mas, independentemente das motivações para o uso da tecnologia (se se apresenta como simples forma de entretenimento, ou como ferramenta de estudos, até mesmo recomendada pelos professores), ela é responsável pelo aparecimento de novas visões de mundo, ou novos pontos de vista, muitas vezes inacessíveis aos adultos, principalmente aqueles que não viveram, desde o início de suas vidas, essa revolução tecnológica. Isto explica, em parte, a enorme distância que existe entre professores e alunos.

Podemos seguir as pistas deixadas por Manuel Castells com o objetivo de compreender qual a contribuição da tecnologia para um possível engajamento político. A reflexão que Castells propõe a respeito das novas formas de enfrentamento diante do Estado, servem aqui para compreender como as redes de comunicação foram utilizadas pelos ocupantes das escolas, na realização daquilo que ele chama de fenômeno associativo. As ocupações são aqui o reflexo de uma nova onda de manifestações que vêm crescendo a nível global: os movimentos do tipo *occupy*, que consistem em mobilização popular através de redes sociais e posterior ocupação dos espaços públicos por períodos indeterminados (Castells, 2013). Há também semelhanças quanto à questão das formas de organização dos estudantes durante todo o período do protesto; uma organização de base comunitária, idealizada pelos próprios ocupantes e que trouxe uma nova concepção do significado de responsabilidade para esses jovens. Nesse sentido, um episódio interessante durante as ocupações foi o evento “Virada Ocupação”⁸, que aconteceu em diversos pontos da cidade e contou com a participação de muitos artistas. O evento foi organizado pelos próprios estudantes, que utilizaram tecnologias de transmissão de imagens na rede, que serviram para divulgação do movimento e como proteção contra a violência, praticada contra os estudantes em algumas das escolas ocupadas e nos protestos de rua.

⁸ Analogia à Virada Cultural, evento que ocorre anualmente no município de São Paulo, desde 2005, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, com o apoio de diversos parceiros artísticos e institucionais, cujo objetivo é promover 24 horas de eventos culturais, como peças de teatro, exposições de arte, espetáculos musicais, entre outros.

2.3 Engajamento, Militância e Ativismo

Conforme foi mencionado na introdução, o objetivo inicial deste trabalho, era o de compreender quais fatores levaram as ocupações das escolas, de elucidar as motivações que levaram os jovens a ocuparem algumas escolas e outras não. Mas, a partir das entrevistas coletadas, percebeu-se que o engajamento e a militância ocorrem de diversas maneiras, e cada um desses estudantes desenvolvem disposições para a militância de um modo muito particular, tendo em comum os espaços próprios de socialização representados pela família e pela escola. Além disso, devido à distância no tempo, e, principalmente, os rumos tomados por esses estudantes, optou-se por redirecionar o foco da pesquisa, e assumir - como faz Brenner (2018), em trabalho sobre as disposições políticas de jovens universitários - uma perspectiva processual do engajamento e da militância, que, conforme verificado, se transformam ao longo das trajetórias desses indivíduos. A autora defende uma visão da sociologia da militância que vê o engajamento como processo que

[...] alia fatores de “predisposições à militância, da passagem à ação, das formas diferenciadas e variáveis ao longo do tempo adquiridas pelo engajamento, da multiplicidade dos engajamentos ao longo do ciclo de vida e da retração ou ampliação dos engajamentos” (Fillieule, 2001, p. 201 *apud* Brenner, 2018, p. 240)

Como o engajamento, numa perspectiva processual, ocupa um lugar prioritário neste trabalho, faz-se necessário também empreender um esforço de conceituação do termo, com base na literatura mais atual sobre o que é engajamento, mas também a transformação deste para os próprios estudantes. Em outras palavras, o que entendem por engajamento. Nesse sentido, em artigo recente, Sposito, Tarábola e Ginzel (2021) observam que a palavra militante aparece no discurso de quase todos os jovens ocupantes entrevistados, mas acaba por assumir um significado diverso, e, em geral tomando dois sentidos, quais sejam, o dos militantes com filiação à alguma organização, como partidos políticos, e o dos “militantes independentes”. Assim como verificam também a ocorrência da palavra ativismo em entrevista

com uma jovem. Além da contribuição dos autores supracitados, que fazem esta discussão atualmente, parece ser importante tentar capturar o sentido que os próprios estudantes dão para esse novo militantismo, do qual os secundaristas das ocupações parecem fazer parte. Nas entrevistas realizadas para este trabalho, os estudantes não fizeram diferenciação entre ativismo e militância e a utilização do segundo termo pelos jovens, ocorreu com maior frequência.

2.4 Trajetórias e Aspirações

A reconstrução das trajetórias para as pesquisas em educação tem a sua importância no fato de que as origens sociais são múltiplas. A análise destas trajetórias de vida poderia deixar de ser importante se o acesso à educação fosse igual para todos. Compreender a história das trajetórias é importante para saber como se pensa hoje e saber como se chegou à determinada posição no espaço social. As trajetórias levam a compreender a tomada de posição política, os valores, os gostos, as opiniões de determinado grupo ou classe social, e como isso muda de uma geração para outra. Para Bourdieu (2015), a transmissão entre as gerações não se dá de forma harmônica ou desprovida de contradições. Em geral, os pais endossam as propostas das escolas como a principal alternativa de êxito para seus filhos e, nesse processo, entre as expectativas dos pais e os veredictos das escolas, os estudantes acabam muitas vezes passando por traumas, por não conseguirem corresponder àquilo que as escolas e seus pais esperam. Os estudantes interpretam essas expectativas de diferentes formas. Mas fato é que, um maior acesso à educação é determinante no futuro desses jovens, principalmente fazendo parte de uma sociedade tão desigual quanto a brasileira. Havia uma oposição ao modelo escolar oferecido, ou seja, estavam contra a instituição escolar, mas também havia um apoio aos estudantes por parte dos pais, que, mesmo acreditando e desejando a mobilidade social para os filhos através da educação, conseguiam perceber a importância desse movimento como alternativa para sanar os problemas da educação que conheciam de longa data, uma vez que muitos deles também passaram pelas situações de precariedade escolar em seu tempo de estudantes.

3 METODOLOGIA EMPREGADA NA PESQUISA

A opção pela utilização da técnica da entrevista semidirigida se deu devido a possibilidade de ampliar o acesso às experiências dos estudantes, supondo-se que, ao narrarem de uma forma mais livre aquilo que foi solicitado, acabariam por contribuir com outros dados, que, embora inicialmente não tivessem sido buscados - tomando como base o roteiro prévio de entrevista - poderiam surgir e enriquecer o material produzido, ajudando a verificar a hipótese inicial. Essa estratégia possibilitou, diferentemente do uso de questionários com questões fechadas, que geralmente são empregados nesse tipo de pesquisa, um aprofundamento maior, relativo às particularidades de cada tipo de participação ou ação política dos estudantes ao longo de suas trajetórias.

3.1 Entrevistas Semidirigidas

A partir dos relatos buscou-se reconstruir a trajetória desses estudantes, em um recorte de tempo que abrange as ocupações, mas também momentos anteriores e posteriores de suas vivências, sobretudo, em relação ao engajamento político.

Inicialmente, buscava-se empreender uma análise de textos produzidos durante o período de 2015 e 2016. Textos que tivessem sido produzidos tanto pelos atores diretamente envolvidos (os alunos ocupantes), quanto pelos setores que olhavam para o movimento a partir de sua exterioridade (mídias oficiais e alternativas). A análise desses textos, além do levantamento bibliográfico a respeito do tema, teria por objetivo mapear o diálogo e as possíveis divergências nas interpretações sobre as ocupações. Como essas produções eram bastante extensas, e a análise desses discursos tornaria a pesquisa muito densa e fugiria do propósito de entender os processos de socialização política, o foco deixou de ser a análise desses discursos. Tal estratégia foi então descartada e o olhar voltado para as narrativas dos estudantes. Mas o que se constatou, mesmo sem uma análise mais aprofundada do discurso da mídia, foi que a visão sobre o movimento de ocupação das escolas era bastante romantizada, de modo geral, e pelos

veículos de comunicação, em particular, como se verá mais adiante, na análise das entrevistas e nas falas de pelo menos duas estudantes.

A realização de entrevistas, visando à compreensão dos diferentes pontos de vista dos alunos, e a reconstrução de suas trajetórias, contribuíram para uma compreensão mais efetiva do *engajamento* dos atores sociais envolvidos, e dos fatores que possibilitaram tal fenômeno naquele momento. Buscou-se, então, compreender os processos que levaram ou não ao engajamento político; se esses estudantes se tornaram, ou não, militantes; e se essa tomada de consciência política veio posteriormente ou se nunca ocorreu. A partir da obtenção dos dados, da seleção e observação de fenômenos relacionados às ocupações e das propostas de análise, por meio do referencial teórico, foi possível lançar luz sobre o momento da ação política, que, nesse caso, se mostrou bem mais difícil de capturar, devido à distância no tempo.

3.2 A Coleta de Dados

O estudo reúne em seu corpus empírico informações e dados extraídos de entrevistas com dois grupos de estudantes, assim divididos de acordo com seu grau de envolvimento com os processos de ocupação. Há um primeiro grupo de oito estudantes que, com exceção de uma jovem, não participaram efetivamente desses processos, e um segundo grupo, com cinco estudantes do ensino médio à época, dos quais quatro deles tiveram um grau de envolvimento maior, conforme a Tabela 2; considerando como grau maior de envolvimento as participações desses estudantes na ocupação do espaço escolar propriamente dito, nos protestos de rua e nas assembleias estudantis.

Tabela 2. Entrevistas realizadas em dois momentos distintos

	Nome do estudante	Data da entrevista	Tempo de entrevista	Status de participação
1ª. Etapa	Henrique	30/06/2018	01h22min	Não ocupou
	Bianca	07/11/2018	59min	Não ocupou
	Gisele	07/11/2018	01h12min	Não ocupou
	Emerson	09/11/2018	01h10min	Não ocupou
	Luiz	09//11/2018	01h28min	Não ocupou
	Ana	22/11/2018	01h01min	Ocupou
	Paulo	07/12/2018	37min	Não ocupou
	Fernanda	26/03/2019	01h17min	Não ocupou
2ª. Etapa	Letícia	27/01/2022	01h08min	Ocupou
	Rafael	05/03/2022	46min	Não ocupou
	Karina	18/08/2022	02h14min	Ocupou
	Tatiana	10/09/2022	01h32min	Ocupou
	José	13/10/2022	01h56min	Ocupou

O primeiro conjunto de entrevistas era composto predominantemente por estudantes que não participaram das ocupações. O que não significa que não apresentavam características próprias do engajamento, tais como, participação efetiva em grêmio estudantil (Bianca e Gisele); interesse em discussões que perpassam as pautas identitárias (Bianca, Emerson, Fernanda); ou participação regular em protestos de caráter antifascista (Henrique). Desses oito entrevistados na primeira fase, apenas dois se apresentaram pouco afeitos às questões políticas ou relativas ao engajamento (Luís e Paulo). Todos os entrevistados da primeira fase, tinham

sido meus alunos (Henrique, Luís, Ana e Fernanda), ou ainda eram no momento das entrevistas (Bianca, Gisele, Emerson e Paulo).

Se levarmos em consideração as aspirações desses jovens quando cursavam o ensino médio, o acesso ao capital cultural, a renda, a formação de seus pais, e até mesmo de seus avós (no caso de Tatiana e José, cujo os avós foram os únicos a apresentar formação superior), podemos separá-los em outros dois grupos distintos dos grupos da tabela acima, configurando assim, tipos ideais, em uma acepção próxima àquela estabelecida por Max Weber (2004). Os tipos ideais, em síntese, correspondem a

Um modelo abstrato, que, quando usado como padrão de comparação, permite-nos observar aspectos do mundo real de uma forma mais clara e sistemática [e] fornece-nos pontos de comparação a partir dos quais podemos fazer nossas observações (Johnson, 1997, p. 240).

Partindo deste modelo, temos:

- Grupo 1: Henrique, Bianca, Gisele, Luís, Emerson, Paulo, Fernanda e Karina.
Características: i) Renda familiar mais baixa; ii) Pais, em geral, sem uma formação escolar mais extensa; iii) Os jovens têm como aspirações fazer um curso de nível técnico, paralelamente ao ensino médio (Depois, alguns foram para a faculdade, mas a intenção inicial era garantir a inserção no mercado de trabalho, durante ou após a conclusão do ensino médio); e iv) Menor acesso ao capital cultural.

- Grupo 2: Ana, Rafael, Letícia, Tatiana, José.
i) Renda familiar mais elevada. ii) Pais, em geral, com formação escolar mais extensa; nível universitário. iii) Os jovens têm como aspirações cursar o nível superior; e iv) Maior acesso ao capital cultural.

O investimento das famílias na educação dos filhos, no Grupo 1, é voltado para o ingresso imediato no mercado de trabalho, por isso buscam os

cursos profissionalizantes, que as famílias custeiam durante o ensino médio. Não se trata aqui de cursos técnicos oferecidos pela rede pública (ETECs), que são muitas vezes desconhecidos por esses jovens, ou descartados por ser de difícil ingresso, ou ainda por ter uma rotina integral de estudos que os impede de trabalhar (Exceto no caso de Luís, que cursou o primeiro ano do ensino médio mas mudou para uma ETEC, refazendo o primeiro ano nesta instituição). Já no Grupo 2, os jovens recebem uma preparação para a vida acadêmica desde muito cedo, seja por meio de cursos diversos, como cursos de idiomas, seja pelo treinamento para o vestibular, mesmo que ao final, não trilhem necessariamente esse caminho. Além de estarem em contato com um maior volume de capital cultural, como o acesso à livros, espetáculos teatrais, entre outros.

Os dados demográficos apresentados nas tabelas subsequentes, e a análise dos relatos de alguns dos entrevistados, têm como finalidade construir um quadro da participação política no referido período, visando, a partir da trajetória de cada um deles - sobretudo sua trajetória política - captar as relações entre o contexto histórico e os tipos de socialização política e engajamento dos estudantes.

3.3 As Entrevistas como Ponto de Partida

Como nos mostra Jean Pierre Faguer, (in, Bourdieu, 2012) é possível focar nas relações entre os indivíduos, e ao mesmo tempo, chegar à dados demográficos mais amplos, assim como faz na entrevista com Hélène D., entrevista está acompanhada de um texto introdutório intitulado *Esposa e Colaboradora*. O autor constata que não era muito comum encontrar mulheres frequentando o curso de montagem para o cinema e que o meio artístico e intelectual era restrito aos homens na década de 1960. Em sua análise ainda foi possível verificar que os pais de Hélène tinham aspirações para a filha semelhantes às que eram comuns às pessoas nascidas na década de 1930. Hélène e o marido eram colegas de turma. Havia recebido a mesma formação e diploma, e no entanto, suas carreiras haviam tomado rumos muito diferentes. Assim, um caso particular, acessado por meio de entrevista, permitiu a Faguer inferir sobre aspectos específicos da condição da mulher no

interior do campo intelectual e artístico (ou, mais especificamente da produção cinematográfica), num determinado contexto anterior ao advento do movimento feminista.

O método aplicado por Faguer serviu de modelo para a análise das entrevistas. Por meio da reconstrução das trajetórias dos estudantes foi possível compreender aspectos ligados à educação, e principalmente, localizar, de forma mais precisa, a posição desses jovens no espaço social e no campo da educação. Faguer mostra o quanto o recurso da entrevista pode revelar uma realidade social que vai muito além de uma simples apreensão de um caso particular, embora as singularidades das trajetórias individuais sejam também fundamentais para a pesquisa.

3.4 Roteiro para as Entrevistas Semidirigidas

As entrevistas foram realizadas com estudantes ocupantes e não ocupantes. Buscou-se aqui, além da reconstrução das histórias individuais, sobretudo no que diz respeito aos aprendizados sobre o fenômeno político, anteriores e posteriores às ocupações - em um sentido de tomada de consciência e engajamento com uma causa, nesse caso em particular, a luta pelo ensino público de qualidade, não necessariamente atrelada a filiação partidária -, e também a influência da trajetória familiar nesse processo. Nesse sentido, as entrevistas buscaram alcançar três gerações, a saber, os estudantes, e, por meio de seus relatos, seus pais e avós, no intuito de captar aspectos ligados a ascendência ou declínio sociais no decorrer das três gerações, bem como outros aspectos que revelassem fragilidade social (como desemprego, divórcio, morte de entes queridos) ou mobilidade (social, econômica, geográfica, profissional). Tomando como base pesquisa internacional dirigida por Monique de Saint Martin (2010), intitulada *Experiências Educativas e a Construção de Fronteiras Sociais*, almeja-se, na medida do possível, reconstruir aqui as trajetórias escolares de uma geração à outra, bem como a situação socioeconômica atual da família dos entrevistados (escolaridade e posição no mercado de trabalho), aspectos que podem ou não ter servido de ponto de partida para a escolha pelo engajamento por parte dos estudantes.

As entrevistas semidirigidas seguem, a princípio, um modelo de desenvolvimento apresentado a seguir. Algumas perguntas são feitas no início da entrevista, de maneira aberta e sucinta, para que o entrevistado fique à vontade para respondê-las como julgar melhor. O roteiro para a entrevista segue então uma ordem, que é passível de mudanças, dependendo dos rumos da entrevista e das escolhas do entrevistado:

- 01) Apresentar-se como pesquisador; explicar aos entrevistados a finalidade da pesquisa e garantir seu anonimato.
- 02) Solicitar que os entrevistados falem a respeito de seus pais e avós: se conhecem suas histórias de vida (sobretudo aspectos como profissão, origem e mobilidade (econômica, geográfica ou profissional); se saberiam descrever uma situação vivida pela família que julgam pertinente contar (obs: tais situações, quando narradas pelos entrevistados, foram registradas, mesmo quando apareceram espontaneamente no decorrer das entrevistas). Outro aspecto relevante é o da experiência educacional vivida pela família e seus reflexos na trajetória escolar dos entrevistados.
- 03) Solicitar aos entrevistados que relatem experiências concretas a respeito de seu cotidiano na escola e, sobretudo, no período das ocupações.
- 04) Levando em consideração a escola e a comunidade escolar como um todo, perguntar quais são, na opinião dos entrevistados, os indivíduos ou grupos mais próximos, e quais são aqueles que estão em oposição.
- 05) Perguntar sobre a relação dos estudantes com a política: as tomadas de posição, as escolhas políticas ou ausência de participação. Se têm algum envolvimento de qualquer tipo com a esfera política (partidos, militância estudantil, ativismo virtual ou outros)
- 06) Perguntar sobre as opiniões dos estudantes a respeito da escola pública. O que pensam da infraestrutura das escolas, da dinâmica das aulas, dos professores, o que sabem a respeito das atuais políticas educacionais e, por fim, se conhecem as opiniões de seus pais a respeito dessas questões (Caso o entrevistado tenha o hábito de conversar com os pais)

- 07) Perguntar sobre os hábitos culturais, os gostos, as crenças religiosas e as formas de sociabilidade dos entrevistados em casa, no seu bairro e na sua escola. E buscar compreender como estes se relacionam com seus valores mais diretamente ligados ao campo da política.
- 08) Sobre a educação política, perguntar aos entrevistados se a escola ou a família tiveram influência em suas preferências políticas e como isso ocorreu: pelas opiniões dos familiares ou pelas suas participações efetivas em grupos, como partidos ou associações, ou pelo histórico de envolvimento da família com a esfera política. Ou ainda, se alguns professores, ao longo das trajetórias escolares dos entrevistados, os influenciaram de maneira positiva ou negativa para seu engajamento, e, se essa influência se daria nas aulas de filosofia ou sociologia, cujas dinâmicas em sala de aula estão voltadas para os debates de temas que são, na maior parte das vezes, eminentemente políticos.
- 09) Buscar compreender se há algum envolvimento por parte dos estudantes entrevistados em grupos dentro da escola, tais como Grêmios Estudantis, Associação de Pais e Mestres ou Conselho Escolar. O principal objetivo das perguntas desse item, é compreender o que exatamente o aluno pensa a respeito dessas formas de participação.
- 10) Perguntar aos entrevistados o que eles consideram uma boa ou má educação, e pedir para que eles justifiquem suas respostas, na medida do possível.
- 11) Perguntar aos entrevistados sobre seus locais de lazer, sobre a sua frequência de visita a esses lugares (e, indiretamente, tentar compreender se as práticas nesses locais citados pelos entrevistados, incitam a livre expressão ou a reflexão política, ou se são mais para entretenimento; ou ainda, se serviriam para as duas coisas).
- 12) Perguntar aos entrevistados sobre suas atuais aspirações, sobre o que desejam para o futuro (individualmente ou em relação ao coletivo, sem fazer explícita ou diretamente essa distinção. Deixar que os entrevistados se manifestem livremente).

As entrevistas selecionadas foram transcritas e comentadas mais adiante, e as observações acerca das incursões a campo também ilustram as condições de suas realizações.

3.5 Análise do Quadro de Caracteres Pertinentes

Com base no material obtido e com a finalidade de produzir uma análise relacional, foram construídas tabelas nas quais, na primeira coluna de cada uma, consta o nome do entrevistado e nas colunas seguintes, todas as características consideradas pertinentes sobre eles, seguindo o modelo proposto por Bourdieu no artigo “Introdução a uma sociologia reflexiva”, publicado no livro *O Poder Simbólico* (1998). Em seu conjunto, essas tabelas formam o quadro geral dos caracteres pertinentes da amostra.

A ideia de espaço social é importante para essa discussão, pois esses jovens possuem diferenças no acesso à capitais econômicos, e, sobretudo, no acesso à capitais culturais, caracterizando uma situação de desigualdade entre frações de classe, embora essa diferenciação não possa ser percebida com facilidade.

Desta maneira, o método de elaboração inicial de um quadro dos caracteres pertinentes, formulado por Pierre Bourdieu como uma alternativa de sistematização de dados disponíveis sobre determinado objeto, pôde auxiliar numa compreensão mais ampla da posição destes estudantes no espaço social. O autor lembra que é preciso pensar de modo relacional, e que esse esforço pode gerar frutos num momento posterior, embora seja um caminho aparentemente mais difícil:

[...] é mais fácil pensar em termos de realidades que podem, por assim dizer, ser vistas claramente, grupos, indivíduos, que pensar em termos de relações. É mais fácil, por exemplo, pensar a diferenciação social como forma de grupos definidos como populações, através da noção de classe, ou mesmo de antagonismos entre esses grupos, que pensá-la como forma de um espaço de relações. (1998, p. 28)

Captar as distribuições das propriedades entre os indivíduos ou instituições é fundamental para a pesquisa, e ao mesmo tempo é o que,

segundo Bourdieu, dificulta a análise relacional, pois a informação está associada a indivíduos. Nesse sentido, primordialmente a partir das entrevistas realizadas com os estudantes, busca-se adotar como método esse instrumento de construção (ou de elucidação) do objeto, representado pelo quadro dos caracteres pertinentes de um conjunto de agentes ou de instituições, que tem por finalidade, além de provocar novas questões, objetivar o objeto de pesquisa, escapando de pré-noções e do senso comum acadêmico.

Um modelo de aplicação bem sucedida da análise de correspondências de Pierre Bourdieu pode ser encontrado no trabalho de Andrea Souto Garcia (2022), sobre mulheres imigrantes colombianas e brasileiras na Espanha e em Portugal (*Colombianas en España, brasileiras en Portugal: un análisis interseccional de las identidades migrantes en el contexto pós-colonial*), e serve de inspiração para o presente trabalho na busca por elucidação da posição dos agentes - neste caso, estudantes das escolas públicas vivenciando processos de socialização política - no campo da educação e, de uma forma mais ampla, no espaço social. A posição no campo produz efeitos nos indivíduos (Bourdieu, 1998), e a consciência desta posição é uma espécie de emancipação. Nesse sentido podemos entender o fenômeno das ocupações como uma passagem à ação política, mas também como uma espécie de tomada de consciência, por parte dos estudantes secundaristas, das desigualdades existentes no campo da educação e da violência simbólica perpetrada no interior deste campo para perpetuar essas desigualdades.

A partir da construção de um quadro dos caracteres pertinentes elaborou-se duas categorias ou grupos relativos aos tipos encontrados, ganhando assim uma visão mais geral dos estudantes das escolas ocupadas na cidade de São Paulo em 2015. A partir das entrevistas, muitas informações foram desprendidas, e colaboraram para uma possível compreensão a respeito do fenômeno das ocupações, bem como da maneira que se desdobram os processos de socialização política e engajamento.

O ponto de partida para a construção deste quadro seria, em grande medida, as informações colhidas nas entrevistas, sobretudo no que diz respeito às trajetórias dos estudantes, que poderiam apontar para uma

insatisfação por parte destes, e possivelmente de seus pais, em relação aos processos de ensino-aprendizagem.

Em relação às ocupações, à princípio, foram formulados três grupos principais de variáveis referentes à: I) aspectos relativos ao movimento estudantil; II) participação de agentes externos e; III) dados socioeconômicos. Estas questões para as colunas serviram como uma sondagem inicial para detectar o que pode ser mais relevante, o que aparece mais nas entrevistas, e, num momento posterior de análise desses dados, servir principalmente para observar e analisar aquilo que se apresentou como mais recorrente.

GRUPO I: aspectos relativos ao movimento estudantil:

- a) Havia grêmio estudantil na escola.
- b) Houve participação do grêmio estudantil nos processos de ocupação.
- c) Os membros das ocupações faziam parte de algum movimento estudantil.
- d) Houve a participação de movimentos estudantis como UBES ou UNE.
- e) Houve alguma represália por parte dos órgãos de segurança pública nos dias de ocupação.

GRUPO II: participação de agentes externos:

- a) Houve participação ou algum envolvimento da comunidade.
- b) Em que sentido se deu esse envolvimento, a comunidade se posicionou a favor ou contra.
- c) Houve participação dos pais ou responsáveis dos estudantes.
- d) Houve participação do movimento sindical.
- e) Houve envolvimento dos professores.
- f) Houve apoio da direção/coordenação da escola.

GRUPO III: dados socioeconômicos:

- a) As escolas estão localizadas em bairros: i) Periféricos; ii) De classe média; iii) Nobres.
- b) Qual é a renda de sua família (para o entrevistado).
- c) Qual é a cor de pele predominante dos estudantes que participaram da ocupação (Com base em classificação oficial do IBGE).

Estes dados colaboraram para elucidar questões como a origem social dos estudantes, seus posicionamentos no espaço social, as disposições para as ocupações. Além de possibilitar a apreensão do objeto de um ângulo imprevisto (Bourdieu, 1998), oposto à romantização que se deu à época por parte da sociedade civil, que apoiou o movimento sem ressalvas e sem compreender, necessariamente, a proposta de reorganização por parte do Governo do Estado de São Paulo - embora não se conhecesse, na prática, os efeitos que a reestruturação poderia produzir naquele momento, e considerando que a reestruturação também carecesse de melhor divulgação à época: O que se divulgava na mídia era a separação dos ciclos escolares e o fechamento de 94 escolas.

3.6 Os Herdeiros e o Desenvolvimento dos Quadros de Caracteres Pertinentes

A utilização desses quadros foi uma iniciativa de Bourdieu e Passeron em sua análise das trajetórias dos estudantes no ensino superior na França do início da década de 1960. Em *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura* (2013), os autores trabalham com um conjunto de variáveis, tais como, origem social, gênero e religião, com o objetivo de apreender, por meio do uso dos quadros de caracteres, quais são as chances objetivas de ingresso nas universidades de jovens das mais diferentes origens. Nesse trabalho, Bourdieu e Passeron demonstraram o quanto a origem social pesa mais do que qualquer outro fator no que diz respeito ao acesso ao ensino superior, e como as desigualdades se perpetuam após o ingresso na universidade. Os autores mostram como se dá a reprodução da desigualdade no ambiente acadêmico, que até então, bem como acontece no campo da educação em geral, era considerado um espaço de promoção da igualdade. Espera-se que a escola seja o lugar onde as desigualdades são minimizadas, uma vez que os estudantes das mais diferentes origens, teriam, supostamente, o mesmo acesso às oportunidades oferecidas pela instituição. Bourdieu e Passeron derrubaram esse pressuposto. Através de análises estatísticas rigorosas e com o auxílio de diversos grupos de estudo e pesquisa, identificaram o que

estava encoberto pelas aparências: Que há muito mais distinções entre os estudantes do que as aptidões mais diretamente observáveis.

Usuários do ensino, os estudantes também são seu produto, e não há categoria social na qual as condutas e as aptidões apresentadas levem com tanta intensidade a marca das aquisições passadas. [...] é ao longo da escolarização [...] que mais se exerce a influência da origem social. (Bourdieu; Passeron. p. 29)

Dependendo de muitos fatores, mas sobretudo da classe social, as chances escolares objetivas são percebidas pelos estudantes como “impossíveis”, “possíveis” ou “normais”. Tal percepção do acesso à educação pode ser, em certo sentido, transposta para a realidade da educação brasileira no contexto da presente análise. O acesso a determinadas carreiras é considerado impossível para muitos estudantes de classes mais baixas. De modo contraditório, a percepção das desigualdades educacionais acontece apenas após o acesso à uma educação que possibilite minimamente uma reflexão mais crítica.

4 AS ENTREVISTAS

No processo de escolha e elaboração das entrevistas buscou-se adotar um olhar para a juventude que considera a sua pluralidade, de acordo com o contexto e com a realidade social em que vive cada um dos jovens entrevistados e como cada um se movimenta em seu cotidiano (Bourdieu, 1983).

Como um grupo que é construído socialmente, por meio de uma luta com os mais velhos, a juventude assume identidades muito próprias, a depender do contexto histórico em que está imersa. Para esses jovens secundaristas em particular, essa luta toma corpo por meio da oposição que fazem às políticas educacionais do governo, mas também por meio da oposição a uma forma tradicional de fazer política, expressa pelos movimentos estudantis mais consolidados, e principalmente, pelos partidos políticos.

Há diferentes formas de vivenciar a juventude. Bourdieu chama a atenção para a enorme diferença que há entre os jovens que trabalham desde muito cedo para aqueles que não trabalham. E isso tem implicações nas condições de vida, no mercado de trabalho e na organização do cotidiano. Do mesmo modo, podemos compreender o maior ou menor envolvimento com o fenômeno político, como um fator determinante na construção de formas muito singulares de juventude. A pesquisa buscou, por meio de entrevistas com dois grupos, de estudantes ocupantes e estudantes não ocupantes das escolas, delinear as formas de se vivenciar a juventude, com base em aspectos políticos, como o engajamento e a militância.

No intuito de construir uma espécie de biografia coletiva (Montagner, 2009) de estudantes com diversos perfis políticos, o objetivo das entrevistas foi o de estabelecer uma síntese, ou um retrato, das possibilidades de participação política que caracterizavam a juventude no momento das ocupações secundaristas.

As perguntas elaboradas visaram garantir que as entrevistas fossem conduzidas de uma modo que fizesse sentido aos entrevistados, levando em consideração a problemática das ocupações secundaristas. Nesse sentido, foi empreendido um esforço de colocar-se, em pensamento, no lugar que o

pesquisado se situa no espaço social (Bourdieu, 2012). O saber adquirido durante as primeiras entrevistas foi determinante para a construção dessa postura muito específica de entrevistador, e para o bom andamento das entrevistas finais, sobretudo no que diz respeito a sua relevância para o entrevistado. No processo de pesquisa e a cada entrevista realizada, as entrevistas foram se tornando mais relevantes para os entrevistados. Isto ocorreu pois, devido a experiência adquirida anteriormente - e progressivamente -, as questões foram se tornando cada vez mais significativas para os entrevistados. Um bom exemplo disso, é a questão da preservação da memória, que só apareceu nas entrevistas finais. As entrevistas selecionadas para uma análise mais aprofundada têm também o propósito de ilustrar esse desenvolvimento progressivo.

4.1 Dados Gerais

Foram realizadas treze entrevistas com alunos que estavam na escola pública de nível médio e no 9º ano à época das ocupações de 2015. Inicialmente, buscou-se estabelecer um quadro das identidades dos estudantes, cobrindo aspectos como idade, raça/cor, sexo e religião, com a finalidade de verificar possíveis implicações destas variáveis para os movimentos de ocupação. No decorrer dos relatos, os entrevistados fizeram poucas referências às questões identitárias, e a quantidade de entrevistas também não permitiu verificar o peso desses fatores. Nesse sentido, tal quadro assume a função de apresentar os dados que compõem o perfil dos jovens de modo geral, sem a pretensão de analisá-los (Tabela 3).

Tabela 3. Dados gerais dos entrevistados

NOME	NASCIDO EM (ANO)	VIVE EM (DISTRITO)	RAÇA/COR	SEXO	RELIGIÃO / ENVOLVIMENTO
Henrique	1999	Pedreira	Branco(a)	Masculino	Católico / Não praticante
Bianca	2001	Cidade Ademar	Preto(a)	Feminino	Evangélico(a) / Praticante
Gisele	2001	Pedreira	Pardo(a)	Feminino	Evangélico(a) / Praticante
Emerson	2001	Cidade Ademar	Preto(a)	Masculino	Não tem
Luiz	1999	Campo Grande	Amarelo(a)	Masculino	Católico/ Não praticante
Ana	1999	Campo Grande	Preto(a)	Feminino	Evangélico(a) / Não praticante
Paulo	2000	Campo Grande	Preto(a)	Masculino	Evangélico(a) / Praticante
Fernanda	1999	Campo Grande	Preto(a)	Feminino	Evangélico(a) / Não praticante
Letícia	2000	Lapa	Pardo(a)	Feminino	Não tem
Rafael	1998	Santo Amaro	Branco(a)	Masculino	Não tem
Karina	1999	Jabaquara	Branco(a)	Feminino	Não tem
Tatiana	1998	Pinheiros	Branco(a)	Feminino	Não tem
José	2000	Pinheiros	Branco(a)	Masculino	Não tem

Os entrevistados, em sua maioria, não tiveram suas escolas ocupadas, embora tivessem participado de forma indireta, repassando informações aos colegas pelas redes sociais, subscrevendo abaixo-assinados, ou mesmo se

contrapondo pelas redes sociais ou publicamente. Houve o caso de uma estudante cujo envolvimento com o movimento é bastante peculiar: estudava em escola privada e seria promovida para o 1º ano do ensino médio em 2016; em 2015 participou das ocupações da Escola Estadual Antônio Alves Cruz, onde não estudava e, no ano seguinte, ingressou na mesma, fazendo todo o ensino médio ali.

A opção por realizar entrevistas também com alunos que não participaram efetivamente das ocupações justifica-se pelo fato de que, inicialmente, pretendia-se realizar um estudo comparativo entre duas escolas localizadas na região do Campo Grande, bairro pertencente ao subdistrito de Santo Amaro, na zona sul de São Paulo, o objetivo era elucidar quais condições propiciaram a realização do movimento em apenas uma delas, uma vez que as condições socioeconômicas pareciam ser as mesmas para os jovens de ambas as escolas. Mas essa abordagem comparativa mostrou-se, com o tempo, inviável, uma vez que a escola ocupada quase não teve ocupantes entre seus alunos. Apenas oito alunos haviam participado, e não foi possível encontrá-los para concluir as entrevistas como havia planejado (com oito ocupantes e outros oito que não ocuparam) para fazer análise comparativa. Assim, fez-se necessário ampliar o escopo das entrevistas e considerar os estudantes das demais escolas ocupadas, e também considerar os dois momentos das ocupações, em 2015 e 2016, sem abandonar o objetivo inicial de lançar luz sobre as condições que propiciaram o advento da Primavera Secundarista, como ficaram conhecidos posteriormente esses movimentos.

A Tabela 4, abaixo, traz um apanhado das possibilidades de participação política entre os jovens, conforme relatado nas entrevistas. Quanto às demais formas de participação elencadas na pesquisa, para além da participação nas ocupações, quase nenhum estudante declarou serem nulas em todos os quesitos. Apenas dois estudantes dizem não ter qualquer relação com a política. Os demais citaram algum tipo de engajamento, como participação em protestos (dois estudantes), participação nas ocupações (cinco estudantes), participação nas manifestações de 2013 (um estudante). Um estudante declarou informar-se sobre a conjuntura política no noticiário, assim como, somente um estudante declarou participação em grupos de

discussão sobre política, e outro assumiu crença em ideologia política. Conforme tabela abaixo, cinco estudantes citaram envolvimento com grêmio estudantil, e duas estudantes associação a movimentos estudantis. Apenas a filiação a partidos políticos não foi citada.

Tabela 4. Associação e participação em agremiações políticas e movimentos sociais

NOME DO JOVEM	IDADE EM QUE SE INTERESSOU PELA POLÍTICA	PARTICIPAÇÃO EM GRÊMIO ESTUDANTIL	PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS ESTUDANTIS (UMES; UBES; UNE)	FILIAÇÃO A PARTIDO POLÍTICO
HENRIQUE	Após os 15 anos.	Não	Não	Não
BIANCA	Antes dos 15a.	Sim	Sim	Não
GISELE	Após os 15 anos.	Sim	Sim	Não
EMERSON	Antes dos 15a.	Não	Não	Não
LUÍS	Não se interessa	Não	Não	Não
ANA	Antes dos 15a.	Não	Não	Não
PAULO	Não se interessa.	Sim	Não	Não
FERNANDA	Antes dos 15a.	Não	Não	Não
LETÍCIA	Antes dos 15a.	Sim	Não	Não
RAFAEL	Antes dos 15a.	Não	Não	Não
KARINA	Antes dos 15a.	Sim	Não	Não
TATIANA	Antes dos 15a.	Não	Não	Não
JOSÉ	Antes dos 15a.	Não	Não	Não

Quanto ao papel desempenhado pelos jovens nas ocupações (Tabela 5), quatro dos treze entrevistados tiveram participação direta, uma teve participação indireta, e o restante (oito estudantes) não ocuparam. Mas todos

eles se posicionaram a favor do movimento dos secundaristas. Perguntados sobre qual seria a importância das ocupações, algumas das razões destacadas por eles foram: 1) É necessário para a formação política, mas não resolve o problema; 2) Para a politização das pessoas; 3) Para esclarecer os jovens sobre o que estava acontecendo; 4) Para os estudantes colaborarem na luta pela educação; 5) Para fomentar a união entre os estudantes; 6) Para unir alunos e professores; 7) Para melhorar a escola, e 8) Para barrar o processo de reorganização.

Tabela 5. Envolvimento com as ocupações secundaristas

NOME	ESCOLA QUE OCUPOU / TIPO DE OCUPAÇÃO	POR QUE OCUPAR OU NÃO OCUPAR?	PAPEL NAS OCUPAÇÕES DE 2015
Henrique	Não ocupou	Acha que ocupar foi bom para a politização de muita gente, além da devida apropriação do ambiente escolar pelos estudantes.	Não participou
Bianca	Não ocupou	Importante que os alunos se integrem na luta pela educação. Importante o jovem correr atrás do que acredita.	Pela Internet Levar informações para outras pessoas
Gisele	Não ocupou	Acha importante acordar para o que estava acontecendo, mas na época não tinha clareza sobre isso.	Não participou
Emerson	Não ocupou	Importante ocupar porque foi a ocasião que professores e alunos se entenderam e se uniram por uma boa causa.	Não participou
Luís	Não ocupou	Importante para unir alunos e professores em uma causa maior que afeta um contexto geral	Assinou alguns abaixo-assinados e discutiu bastante o assunto
Ana	Maria Petronila/ Intermitente	Importante porque une os alunos numa mesma causa. Embora muitos alunos não percebam a importância do movimento	Participou das reuniões na sede da Apeoesp sobre as ocupações.

Tabela 5. Envolvimento com as ocupações secundaristas

NOME	ESCOLA QUE OCUPOU / TIPO DE OCUPAÇÃO	POR QUE OCUPAR OU NÃO OCUPAR?	PAPEL NAS OCUPAÇÕES DE 2015
Paulo	Não ocupou	Importante ocupar porque a reorganização iria prejudicar os alunos do ensino noturno. Negativo porque muitos alunos foram punidos injustamente.	Participou indiretamente repassando informações para os colegas
Fernanda	Não ocupou	Para melhorar a escola pela união	Participou indiretamente repassando informações para os colegas e participando das discussões
Letícia	Alvez Cruz / Permanente	Barrar a reorganização, minha escola vai ser fechada	Articulador(a) das ocupações na sua escola
Rafael	Não ocupou	Acha que ocupar não resolve o problema, mas ainda assim, acha necessária para a formação política dos estudantes.	Se contrapôs publicamente e/ou via redes sociais contra a ocupação na ocasião. Mas hoje se declara a favor do movimento.
Karina	Comenius / Permanente	Barrar a reorganização, minha escola vai ser fechada.	Articulador(a) das ocupações na sua escola
Tatiana	Fernão Dias/ Permanente	Barrar a reorganização, minha escola vai ser fechada	Articulador(a) das ocupações na sua escola
José	Fernão Dias/ Permanente	Barrar a reorganização, minha escola vai ser fechada	Articulador(a) das ocupações na sua escola

4.2 Da Seleção das Entrevistas: Uma Síntese das Formas de Participação Política dos Entrevistados

Das treze entrevistas realizadas nos dois momentos da pesquisa – oito entrevistas em 2018 e cinco em 2022, quatro foram selecionadas para uma análise mais aprofundada, com a finalidade de apreender as formas de participação política dos dois grupos supracitados, bem como, a permanência ou não do engajamento político após as ocupações.

A seleção dos relatos para uma análise mais aprofundada se deu devido a um maior engajamento político desses estudantes à época das ocupações. De diversas maneiras, eles desempenhavam papéis mais ativos no que se refere à militância estudantil do que a maioria dos demais entrevistados. As vivências políticas narradas por esses estudantes também serviram como critério e dão conta de uma gama de formas de participação política, que vão da participação em grêmios estudantis e, por meio desses, em entidades estudantis como UBES (União Brasileira dos Estudantes secundaristas), até a participação ativa em protestos de rua, como os promovidos pelo MPL (Movimento Passe Livre), ou por grupos anarquistas, passando pelos movimentos autonomistas de ocupações das escolas. O termo entidades estudantis é utilizado aqui em referência aos movimentos sociais organizados e consolidados de estudantes, para diferenciá-los dos movimentos autonomistas, como o dos secundas.

A primeira destas entrevistas buscou capturar uma forma de participação política mais incisiva, que se dava por meio de confrontos mais diretos com a ordem constituída, por meio de protestos de rua que, por vezes, chegavam às vias de fato e eram encabeçados por representantes do movimento anarquista. esse depoimento foi dado por Henrique, que, apesar de não ter participado de nenhuma ocupação em 2015, flertou com esses movimentos de rua algum tempo depois. Também possuíam uma certa experiência com protestos de rua, as estudantes Karina e Tatiana. Antes mesmo das ocupações já estavam se mobilizando como integrantes do Movimento Passe Livre, conheciam os princípios que regem os movimentos de caráter autonomista e compreendiam a relevância dos movimentos secundaristas como instrumentos de transformação da realidade escolar. Em outro sentido, a militância de Bianca se materializava no âmbito institucional dos grêmios estudantis e das associações estudantis, como UBES e UMES. Assim como os demais estudantes que compuseram esse quadro, sua militância era anterior aos processos de ocupação. A elaboração destas entrevistas visou, assim, captar a multiplicidade de formas de participação política e engajamento, bem como, na medida do possível, compreender para onde caminha essa militância, no período que corresponde ao início da fase adulta. Isso foi possível em ao menos dois casos, os de Karina e Tatiana.

Como a pesquisa foi realizada em duas etapas, os fatos posteriores ao ano de 2018 relativos aos casos de Henrique e Bianca, não foram captados pela pesquisa devido a perda de contato com os entrevistados.

4.2.1 Henrique e o Ativismo Radical

Henrique tem 19 anos. De uma família de migrantes vindos da Paraíba, começou recentemente a trabalhar na empresa familiar. Seu pai e tios administram um restaurante há mais de duas décadas; restaurante este que é frequentado por enfermeiros, médicos, atendentes de guichê e seguranças de um hospital na Zona Sul de São Paulo. Todos estes trabalhadores almoçam ali, pois qualquer outro restaurante fica localizado a mais de um quilômetro do hospital. À noite, o lugar também vira ponto de encontro entre colegas na saída do trabalho. A entrevista com Henrique é realizada no intervalo entre um turno e outro, em sua hora de folga, em uma tarde de junho de 2018. Henrique geralmente trabalha anotando os pedidos dos clientes nas mesas.

A mãe, separada do pai, exerceu por muito tempo a função de trabalhadora doméstica. Hoje ela trabalha como frentista em um posto de gasolina. Henrique mora com a mãe e com uma irmã mais velha. Sem que elas e o pai se dessem conta, ele começou a se interessar por política por influência de um amigo, por volta dos treze anos. Antes de se envolver com mais afinco em protestos, acompanhava tudo pelas redes sociais, e acabou se aproximando de integrantes de um coletivo antifascista. Nos dias que antecederam a entrevista, durante um protesto, Henrique teve a perna atingida por uma bala de borracha, em conflito da polícia com manifestantes. Ele mostra o hematoma de forma discreta, para que o pai, que estava próximo, não percebesse. Em seguida, ele destaca a importância que um amigo teve na formação de sua identidade política.

[...] Alguns amigos meus que tinham já um pensamento político, desde quando eu só pensava em brincar, eles já tinham, é, por exemplo, tem o Ramón, que de 2013, quando a gente tava na sétima ou oitava série ele já era um cara politizado, e eu nem sabia o que que era isso [...] E aí ele já era um cara politizado, tava tendo aqueles protestos e ele tava todo maluco na sala de aula, ele conversava sobre isso, muito. E anos depois, quando eu cheguei no ensino médio, eu

comecei a ter uma visão de mundo diferente, talvez por causa dele também. Acho que foi uma pessoa bem interessante na minha vida foi ele que apareceu assim. A gente nunca foi muito amigo, a gente é bem diferente, ele sempre foi muito roqueiro, eu sempre fui mais na minha. Ele saía bastante, bebia, eu sou mais careta nesse quesito.

Henrique atribui o despertar para uma forma de política praticada pelos movimentos de rua a um colega de escola do ensino fundamental, um amigo que o levou à manifestações encabeçadas por black blocs (grupo que tem como prática o que muitas vezes é considerado uma tática anarquista de protestos de rua). Este amigo, Ramón, também lhe emprestou um livro intitulado *Black Blocs*, único livro já lido pelo entrevistado, e que, para ele, mudou sua vida. Henrique cita também, que ocorreu por volta dessa época, a influência de um professor de história do ensino fundamental, mas não faz nenhuma menção a professores de Filosofia ou Sociologia do Ensino Médio. Ao contrário, como atesta sua fala acima, já chegou ao Ensino Médio com uma visão de mundo diferente.

Ele [Vicente, professor de história] na época do funk ostentação, acabou colocando isso numa aula, que eu nunca vou esquecer, do proletário e do burguês. Não sei se era burguês. Acho que era do proletário e burguês. Ele acabou associando isso numa aula, e acabou fazendo um negócio que a gente gostava, acabou fazendo a gente prestar mais atenção, a cativar o aluno, e eu acho que ele era um, sem sombra de dúvidas, o melhor professor que eu já tive até hoje, ele dava uma aula incrível, sobre história né, que eu acho que é a matéria mais, que a galera dorme e tudo, a matéria mais chatinha, mas ele dava uma aula incrível, muito boa mesmo, de Portugal, da colonização, coisas que não tem como esquecer mesmo.

Quando perguntado sobre a escolaridade dos pais e avós, Henrique reconhece a trajetória difícil de seus familiares e a oportunidade que o pai teve no comércio. Ele compreende que o estudo muda os destinos das pessoas, mais do que “golpes de sorte”, embora considere o que aconteceu com seu pai, um exemplo de sorte:

Essa informação eu não tenho cem por cento de certeza, mas eu acho que eles nem chegaram a ir [à Escola], porque o meu pai tem até a quinta série, e a minha mãe até a sétima [ambos do Ensino Fundamental], e ela fez o ensino fundamental e o médio por...como é o nome? Supletivo! [...] O meu pai ele desde que acho que pode, acho que desde maior ele começou a trabalhar em bar também, como empregado

mesmo, e quando ele veio pra São Paulo, ele continuou trabalhando como empregado até que surgiu uma oportunidade aqui com os irmãos dele, dele acabar entrando com uma renda para ajudar numa reforma, e acabou pegando uma porcentagem né, acabou virando meio que sócios. E ele está aqui hoje a mais de vinte anos, eu acho. A minha mãe trabalhou lá também no Nordeste, de tudo, de empregada doméstica, na roça.

Henrique compara aqui, mais especificamente, as trajetórias de sua mãe e de seu pai. O pai não foi muito adiante nos estudos, e só conseguiu ter estabilidade na vida devido a uma oportunidade, possibilitada pelos próprios parentes, como acontecia com muitos imigrantes, sobretudo com aqueles vindos das Regiões Norte e Nordeste. Ao contrário de seu pai, como ele mesmo conta, ele valoriza os estudos e tem posições políticas diferentes, até mesmo diametralmente opostas. Seu pai se interessa muito pouco pelo assunto política. Para Henrique, o pai reproduz tudo o que vê nos noticiários da TV, reproduz a visão de mundo das elites nas conversas cotidianas que tem com os frequentadores de seu restaurante. Henrique, em certa medida, parece compreender o significado do conceito de ideologia ao fazer uma crítica a sua própria família.

Sua fonte de informação é a mídia alternativa na internet. E é pela rede também que ele mantém contato com outros integrantes da tática black bloc, e que organizam os protestos. Henrique até já se feriu em um desses protestos (conforme citado acima) Ele conta que os pais não ficaram sabendo; que os pais não sabem nem ao menos que ele participa dessas manifestações.

Ao relacionar a política com a escola, Henrique demonstra ter um conhecimento crítico das posições políticas de outros jovens inseridos em seu cotidiano escolar, sobretudo daqueles mais à direita, e de outros jovens que se posicionam do lado oposto do espectro político, sobretudo no que diz respeito às pautas identitárias abordadas na escola (questões raciais e de gênero). Sobre como se dá a sua participação na política, se de maneira efetiva, em partidos movimentos sociais ou outras organizações políticas, ele diz:

Oficialmente não, mas eu participo de movimentos estudantis, faço parte de um coletivo antifascista, que é o do meu amigo [Ramón, citado acima] [...] não se pode dizer que é um

coletivo, porque é uma página só, mas é a maior página do Brasil sobre o antifascismo, é uma página muito interessante, não é nada de mais, são só os eventos, são postagens sobre [...] mas tem outros, por exemplo, que são mais hardcore, que saem armados na rua, atrás de neonazistas e tal, [são] mais organizados. Mas em questão de coisa política mesmo [envolvimento], nada, nada mesmo. [...] São totalmente movimentos apartidários [os movimentos antifascistas]

Sobre como ocorre efetivamente essa participação política, se tudo se dá pela internet, ou se, em algum momento, essas reuniões adquirem um formato mais tradicional, como encontros para protestar, ele diz que a internet tem um papel importante na articulação, mas não substitui os protestos de rua. Lembrando também que a internet teve um papel importante na sua politização, mas que o ponto de partida foi a influência exercida pelo amigo.

Na internet, grande parte, e, na real, a organização e a propaganda é na internet, mas o resto é nas ruas mesmo, colocar em prática e tal, em manifestações, reuniões, coisas do tipo [...] A politização pra mim foi toda pela internet, mas esse toque para cair na realidade, eu meio que comecei a pesquisar um pouquinho, curtir algumas páginas. Essa foi a minha pesquisa (risos). Toda minha base política é pela internet, mas o toque para eu me tornar um cara mais politizado, foi pelo meu amigo

Em seguida, Henrique comenta o discurso que os meios de comunicação tradicionais têm a respeito das ocupações. Embora ele não tenha se envolvido com esses eventos na época, tem um olhar bastante crítico a respeito.

É todo um acórdão, né, que acabaram fazendo, falando que ocorria depredações lá dentro, esse tipo de coisa que é só você entrar lá [nas escolas ocupadas] e ver que não é assim, pelo contrário, eles [os estudantes] estão cuidando, estavam recebendo doações de alimentos e tudo.

E sobre como a informação sobre as ocupações chegou até ele:

Pela Internet. Porque pela mídia você só via ataques. Que é o que não é benefício para eles. Quando você estuda, não só o que tem que ser estudado, matemática e português, quando você estuda algo que vai te oferecer alguma coisa, as grandes empresas tremem um pouco, o governo, tudo.

As posições de Henrique a respeito do governo, das “grandes empresas”, e a respeito da escola, parecem estar alinhadas à postura autonomista e apartidária assumida pelos estudantes das ocupações e pelo

MPL. esse depoimento sugere uma aproximação de suas práticas políticas com as práticas desses movimentos, no que diz respeito a opiniões e convicções políticas, mas também a formas de agir que parecem configurar uma identidade política muito específica que emergiu a partir dos “ocupas”, no início da década de 2010, bem de acordo com as características atribuídas aos novíssimos movimentos sociais, discutidos por Maria da Glória Gohn (2017). Apesar de não ter participado do movimento de ocupação das escolas, Henrique se declara favorável aos manifestantes, e tem uma percepção negativa dos rumos que a Escola vem tomando. Como ele diz no final da entrevista, “a escola não é um ambiente hostil, mas eles fazem parecer que é. E isso é ruim”

4.2.2 Bianca e as Transformações ao Longo das Gerações

Bianca é uma adolescente de família humilde, mas que está, de acordo com ela, em uma relativa ascensão em relação à formação escolar (a partir de uma comparação estabelecida por ela mesma entre as três últimas gerações de sua família). Ela tem apenas 18 anos de idade, e, no momento da entrevista, contava com mais de seis anos de participação em grêmio estudantil, principalmente em seus quadros administrativos. Este envolvimento com a política desde muito cedo permitiu-lhe, em certo sentido, inverter os processos de transmissão de identidade política, típicos da socialização. Já na adolescência ela passa a levar suas opiniões políticas para dentro de casa e influenciar nas ideias e opiniões da mãe, que a vê como uma pessoa esclarecida no que diz respeito à política.

Muito bem articulada em suas falas, para Bianca, as gerações passadas que não tiveram acesso à educação, acabaram incentivando os filhos no caminho dos estudos. Há um tio que conseguiu concluir o ensino superior e outros que possuem nível técnico. Ela vê o acesso à educação por parte dos membros da família extensa como um avanço substancial que se deu por meio de muito esforço, embora sua mãe e seu pai não tivessem a mesma oportunidade. São hoje, respectivamente, trabalhadora doméstica e pedreiro.

A entrevista ocorreu na escola em que Bianca estava cursando o último ano do ensino médio. É importante ressaltar que, como os demais colegas de Bianca, que contribuíram com a primeira etapa da pesquisa - e que correspondem aos estudantes do grupo 01 - a realização desta entrevista foi bastante facilitada, devido a identificação entre pesquisador e entrevistado, pois havia uma relação anterior a esta entre professor e aluno.

Bianca começa a entrevista falando dos pais:

Minha mãe é registrada atualmente como doméstica, ela já foi registrada como secretária, mas atualmente ela é registrada como doméstica. E meu pai trabalhava como pedreiro, até a última vez que eu tive contato com ele, faz uns sete anos [...]. Meu pai foi até a 6ª série e minha mãe até a 7ª série, porque foi na época que eles se conheceram aqui em São Paulo [...]. Os meus pais são daqui de São Paulo. Só meu avô que veio da Bahia, minha avó também é daqui de São Paulo. Minha avó é de Parelheiros. Acho que por conta disso que ela também teve muita dificuldade na questão do ensino, porque ela falou que na época lá não tinha nada, tinha só um mercadinho próximo da casa dela, a escola era uma escola só para o bairro, então talvez isso tenha dificultado muito.

Ela tem consciência de suas origens e compreende a falta de oportunidades dos avós, e de parte da geração dos pais, mas parece identificar em sua família, um esforço dos mais antigos para incutir na cabeça dos mais jovens, novas aspirações que só podem ser garantidas através dos estudos:

Meu avô fez até a terceira série e minha avó fez no máximo até a quinta. Ela teve que parar de estudar porque ela tinha muitos irmãos, os pais dela trabalhavam muito e como ela era a mais velha, a mais responsável, ela teve que parar de estudar para cuidar deles. Aí com 16 anos ela se casou com meu avô. Então era um período em que ela deveria estar na escola, estudando e tal, fazendo um curso, mas ela já estava casada. Antigamente era assim né, a vida começava muito cedo. Tinha essa pressão da sociedade. E meu avô parou de estudar lá na Bahia. Então quando ele veio para São Paulo, foi para trabalhar, porque ele não era uma pessoa que tinha condição de estudar. Então ele veio para trabalhar, para dar uma vida melhor tanto para os irmãos dele, quanto para os pais, para a família dele. Aí eles não estudaram, não terminaram a escola [...]. Quando meus pais se separaram, a gente [ela e uma irmã de 12 anos] foi morar na mesma casa que eles [os avós]. A gente mora até hoje, só que só no mesmo quintal [hoje, as duas moram com a mãe, numa casa separada da dos avós, mas no mesmo quintal]. É legal porque eles não tiveram condições de estudar, mas fizeram

de tudo o que puderam para que meus tios tivessem. Eu tenho um tio formado e outros tios que fizeram tipo cursos como Senai...cursos técnicos. Todo mundo (a geração da mãe) teve condições para melhorar. Todo mundo teve acesso à educação superior, por mais que eles não tivessem. Então a família é uma família preocupada. Tanto que os meus tios, criaram os filhos muito bem. O filho da minha tia passou na ETEC com 16 anos. Quando ele era pequeno, ganhou uma bolsa em uma escola particular. Então, assim, o fato de meus avós terem optado por dar uma condição boa para os filhos, em termos de uma educação melhor, foi legal porque eles puderam fazer o mesmo para os filhos dos filhos dos filhos.

Bianca disse ainda que foi ela que levou o assunto sobre política para dentro de casa, e que hoje é a mãe que aprende com ela. Isso aconteceu devido ao envolvimento dela com o grêmio estudantil, após a experiência inspiradora das ocupações, quando ela ainda estava no 9º ano do Ensino Fundamental. Ela tem também uma tia bastante politizada que é síndica de um prédio da CDHU, e elas conversam bastante sobre política e história. Podemos verificar aqui que, se a socialização política não se deu tanto em âmbito familiar, a politização da jovem ocorreu sobretudo na escola, através de sua atuação no grêmio estudantil, motivada pelas ocupações das escolas. No entanto, por respeitar as determinações de sua mãe, contrária àquilo que os secundaristas estavam fazendo naquele momento, Bianca acabou não participando efetivamente das ocupações.

Naquela época tinha 15 anos, e minha mãe tinha uma visão, assim como a maior parte da população, ela tinha uma visão marginalizada das ocupações. Então ela falava que era errado, ela falava para mim “não, isso não está certo, você não vai”. Então eu não tinha nem como passar por cima da palavra dela e ir. Eu não participei de nenhuma forma, a não ser pela internet mesmo, compartilhando, me alimentando daquele conteúdo. Eu não cheguei nem perto das ocupações nessa época. Inclusive meus amigos também não. Daquela época nenhum dos meus amigos de 15 anos participou, só os amigos mais velhos, que tinham 17, 18 anos, que estudavam nas ETECs.

E que compartilhava o conteúdo que era produzido pelos ocupantes na Internet. Bianca era a favor dos secundaristas naquela ocasião:

Eu era a favor das ocupações, aí eu usava as redes sociais para ficar mais próxima deles. Eu os seguia nos perfis deles, os sindicatos, os grupos, e eu queria saber mais, me interessar mais, saber o que era. Então eu compartilhava, tanto para me informar e também para levar essa informação

para outras pessoas, porque muita gente tinha uma visão muito retorcida das ocupações. Então, minha intenção em participar é que as pessoas tivessem acesso a realidade, o que de fato eram as ocupações. A única forma que encontrei de ficar próxima a elas [ocupações] era através da internet.

Bianca acha importante que os alunos se integrem aquilo que ela chama de “nossa luta”, o que mostra um envolvimento com a política que, embora não ocorra através de partidos ou organizações políticas, está bem alinhado com o tipo de política levada a cabo, notadamente, por jovens dessa faixa etária específica. Ela acha que muitos jovens tiveram a disposição para correr atrás de seus direitos aflorada depois das ocupações. E sobre um envolvimento mais efetivo com a política, ela diz:

Dentro da escola, eu participo do grêmio estudantil. Eu sempre participei, justamente por isso, é o nosso primeiro contato com política real. No 9º ano eu também participei, mas eu não estava à frente do projeto, aliás, eu participo do grêmio desde a 5ª série, eu sempre me interessei. Mesmo estudando em escolas que não estimulavam isso, eu trazia de casa a vontade de “eu vou fazer o melhor”, “eu quero que seja um ambiente melhor para mim e para todas as pessoas”. Então eu sempre participei do grêmio estudantil com a esperança de melhorar realmente o ambiente escolar.

Bianca traça um paralelo da política institucional com a atuação do grêmio na escola. Ela acredita que a percepção que ela tem da política mudou muito a partir de sua extensa participação no grêmio estudantil. Consegue perceber o quanto é difícil administrar e fazer política, tem uma boa noção das dificuldades que se enfrenta nessa esfera:

Eu acho que, atualmente, os jovens estão se interessando mais, eles estão se integrando mais na política [...] há uns sete anos atrás, eu não via meus colegas se interessando por política, hoje em dia eles conversam, aliás, há três anos atrás, meus amigos não conversavam sobre política, era só vídeo games, filmes, novelas. Hoje em dia a política está presente no dialeto dos jovens. Então, você está num barzinho, e é impossível você estar com seus amigos e não discutir sobre política. Até os filmes mesmo, os filmes jovens, estão com essa temática mais política, né, de bater de frente com a sociedade, com a nossa realidade. Isso é legal. E aí os jovens que se alimentam desses conteúdos, acabam se tornando formadores de opinião.

Ela também diz ter identificação com o movimento negro e com o movimento feminista. Para ela, são causas que não tem como ignorar. “É

sobre mim”, diz a certa altura da entrevista. Nesse sentido, e guardadas as devidas proporções, ela parece manter um vínculo com a política a partir de dois eixos principais, que poderíamos chamar de política institucional e política dos movimentos sociais. Ao mesmo tempo que ela participa eventualmente de congressos estudantis ou reuniões relacionadas ao seu papel no grêmio estudantil, também acompanha toda a discussão relacionada aos movimentos sociais ou às pautas identitárias. Essa maneira de encarar o fenômeno político também esteve muito presente entre os jovens das ocupações. Além de levantarem questões relacionadas aos problemas de infraestrutura nas escolas, muitas atividades realizadas por eles buscavam promover debates sobre os direitos das minorias e os múltiplos aspectos da formação das identidades dos jovens.

Conversando com esses dois estudantes recém-formados no Ensino Médio, pode-se inferir, embora de maneira ainda embrionária, que a influência dos professores de Filosofia e Sociologia do Ensino Médio, seria bastante superestimada no que diz respeito à possibilidade de haver alguma influência direta desses professores nos eventos específicos das ocupações. Os processos de politização, tanto no caso de Henrique, como no caso de Bianca, ocorreram ainda no Ensino Fundamental, devido a influência de amigos, ou através de professores do Ensino Fundamental que marcaram suas vidas. Para sustentar a ideia (que existia bem no início desta pesquisa) de que as disciplinas de Filosofia e Sociologia poderiam estar influenciando de um modo mais determinante o comportamento político dos jovens, seria necessário compreender como essas matérias estão sendo ensinadas nas escolas. E mesmo com um currículo comum, é mais provável que haja uma pluralidade de opiniões e prioridades que os professores dão aos conteúdos transmitidos nas aulas, devido às suas trajetórias acadêmicas. É mais provável que as disciplinas de Ciências Humanas em seu conjunto, por estarem há mais tempo presente no currículo da escola de nível básico, cujos conteúdos são ensinados desde o Ensino Fundamental, possam exercer uma maior influência na socialização política dos jovens, como constatamos na entrevista acima, com Henrique, que cita um professor de História do Ensino Fundamental, como uma grande influência para seu processo de politização.

Há apenas um trabalho, dentre os pesquisados, que ressalta a importância da Sociologia para os estudantes ocupantes, importância esta que estaria expressa nas cartas de desocupação das escolas, elaboradas pelos estudantes, nas quais eles ressaltam a importância da disciplina em sua formação:

[...] acredita-se que o fato de existir a Sociologia no Ensino Médio, ao lado das disciplinas da área de Humanas como História e Filosofia, possibilitou uma outra compreensão do movimento como é refletido nas cartas de desocupação. A Sociologia tem um papel fundamental na formação do estudante, mas não tem sido fácil o seu processo de efetivação e permanência na escola e o futuro será pleno de lutas para a sua manutenção (Junqueira, 2017, p. 161).

Não se pretende aqui negar a importância dessas disciplinas para a formação política dos jovens, mas acredita-se que a socialização política que desencadeou a adesão dos jovens ao movimento, tenha acontecido, na maioria dos casos, em um momento anterior. Também pode-se considerar a socialização política, assim como os demais processos de socialização, como um processo contínuo, que ocorre durante toda a vida do indivíduo. Nesse sentido, tudo contribuiria para isto, inclusive as próprias ocupações seriam fonte de aprendizado político.

A Internet se mostrou bastante importante, no caso de Henrique, no sentido de uma politização em âmbito externo (que ocorre longe da família e da escola), mas parece ter pouca influência em relação a Bianca. Embora os dois jovens houvessem comentado que usam a internet quase o tempo todo, quando questionados sobre a utilização do tempo livre, Henrique disse que a internet serve para articular as próximas ações políticas, para obter informação e compartilhar conteúdos eminentemente políticos. Enquanto para Bianca, a atuação política se dá de forma mais efetiva através da sua participação no grêmio estudantil e em congressos estudantis.

Além de seu envolvimento com um tipo de política mais institucionalizada, através do grêmio estudantil, a estudante também mostra interesse nas questões identitárias. Bianca se classifica como uma “mulher, preta e favelada”, e, ao fazê-lo, tem plena consciência de seu lugar de fala e de sua identidade, e ainda evoca a sua ascendência e demonstra consciência de sua classe social.

O acesso à educação permitiu que novas aspirações fossem cultivadas no interior desse grupo, do grupo dos estudantes de baixa renda das escolas públicas. E isto ocorreu paralelamente a um processo de politização mais expressivo, desencadeado, muitas vezes, no ambiente virtual. É possível inferir também que a busca por uma vida melhor para filhos e netos através da educação formal, vem acompanhada de uma nova percepção em relação à escola pública. Os pais têm consciência de que a escola está repleta de problemas, ainda assim, acreditam que ela seja fundamental para que seus filhos tenham um futuro melhor. Os secundaristas sabiam que a escola tinha pouco a oferecer, na prática, em termos de garantia de mobilidade social. Conheciam de antemão muitos dos problemas de infraestrutura das escolas, e, com as ocupações, puderam demonstrar as carências que vivenciavam em seu cotidiano. Estes fatores combinados, contribuíram para desencadear toda uma onda de manifestações nas escolas em 2015.

A seguir, serão examinados mais detidamente, por meio da análise de outras duas entrevistas, aspectos relativos à socialização política, que ocorre no âmbito familiar e que pode ter contribuído para uma participação mais efetiva daqueles estudantes que estiveram à frente das ocupações secundaristas.

4.2.3 Karina e a Política das Ruas

A entrevista concedida por Karina, 23 anos, que atualmente é estudante de graduação em Ciências Sociais, foi realizada na tarde de 18 de agosto de 2022, após dois meses de tentativas visando a sua realização. O local escolhido por ela foi o Centro de Culturas Negras do Jabaquara “Mãe Sylvia de Oxalá” - CCN Jabaquara, localizado a algumas quadras da escola Estadual João Amos Comenius, que foi ocupada pela entrevistada e por seus colegas em 2015. Muitas tentativas de realização desta entrevista acabaram frustradas devido a incompatibilidade de horários de Karina, que, na ocasião, trabalhava como fotógrafa freelancer - as propostas de trabalho para ela chegavam a qualquer momento, levando-a a cancelar a entrevista. Essa dificuldade na coleta de dados ocorreu, em certa medida, pela falta de tempo livre de alguns entrevistados. A mudança de ênfase na vida desses jovens,

agora com um pouco mais de vinte anos, os leva ainda, como veremos mais adiante, a deixar a militância um pouco de lado para se dedicar ao trabalho (como nos casos de Henrique e Letícia), ou à vida acadêmica (nos casos de Karina e de Tatiana, dos relatos subsequentes). Por outro lado, houve uma certa dose de sorte na viabilização desta entrevista, uma vez que nos conhecemos quando Karina estava realizando uma pesquisa para a faculdade na escola em que trabalho. Assim, tivemos a oportunidade de conversar sobre o assunto e ela concordou em conceder a entrevista, o que, de outra forma, talvez não tivesse sido possível.

O fato de estarmos momentaneamente no mesmo ambiente de trabalho, no caso, a escola pública, possibilitou, para além da entrevista, observar o trato de Karina com as questões estudantis e a sua maneira de se relacionar com os demais estudantes, propondo a esses, discussões sobre o acesso à universidade e a importância desta como instituição transformadora – o que se deu por meio de uma roda de conversa, na ocasião da realização da Feira de Profissões, promovida na escola. A sua passagem pela escola possibilitou observar o quanto ela acredita no potencial da juventude e dos diversos movimentos secundaristas, que emergem de forma mais ou menos contundente, de tempos em tempos, mas que estão sempre presentes, de maneira difusa, promovendo lutas singulares, a depender das necessidades e carências de cada escola, em seus contextos específicos, como ela bem retratou posteriormente, na ocasião da entrevista.

Na análise da entrevista que se segue, buscou-se levantar aspectos relativos à formação e influências familiares de Karina, no que diz respeito à socialização política. Começando com perguntas sobre os seus avós, todos de origem nordestina (os avós maternos naturais do Estado do Sergipe, e os paternos, do Estado da Paraíba), Karina buscou remontar sua filiação política, destacando inicialmente a relativa consciência que a avó paterna fazia de sua ancestralidade indígena - apesar de não possuir nenhuma escolarização formal, e mesmo desconhecendo questões relativas ao seu grupo étnico. O que Karina parece querer enfatizar é a ideia de pertencimento e de consciência da ancestralidade indígena que a avó possuía, como uma atitude política, que acabou por influenciar a neta:

Ela não teve nenhuma escolaridade. Não sabia ler, não sabia escrever. Acho que mal sabia o nome. [...] A minha proximidade com ela não foi tanta. Ela morava na Paraíba. [...] veio para cá quando eu tinha 14 anos. A gente nunca teve muito contato. Mas a minha proximidade com ela é sobre a ancestralidade indígena. Ela é uma mulher indígena, que não sabe explicar qual povo, qual etnia. Nunca teve envolvimento político. Tinha suas opiniões políticas, mas nunca teve um envolvimento organizacional com a política.

Quanto à trajetória escolar dos avós, sobre a avó por parte de mãe, ressaltou que esta batalhou muito para estudar, chegando até a quinta série do que hoje é conhecido como Ensino Fundamental. Os avós maternos ficaram responsáveis pela criação de Karina por aproximadamente três anos

Nasci em Sergipe, sou sergipana. Fiquei lá por três anos. [...] O meu avô nunca teve nenhum envolvimento, mas tem uma posição política muito firme [...] A minha avó não tem um posicionamento [tão] firme [quanto] o meu avô. E a minha relação com eles não é tão próxima hoje, mas é mais próxima do que eu tinha com a minha avó paterna, por conta da criação que eu tive com eles no início da minha vida. Eu já visito eles com alguma frequência.

Ainda sobre os avós que a criaram, Karina destaca que o avô se interessava muito por política, apesar de não ter nenhum vínculo partidário ou de militar em movimentos sociais. Ainda que fosse um trabalhador rural bastante versátil e ligado ao manejo da terra, nunca participou de movimentos ligados à questão agrária, como o MST. Ela define o posicionamento político do avô como mais próximo do *lulismo*⁹ do que de qualquer partido político. Karina só teve uma única oportunidade de conversar com ele sobre política aos 15 anos.

Ele faz de tudo um pouco. Tem umas cabeças de gado. Do nada planta alguma coisa. Do nada tem cavalo, vende cavalo. Ele é um trambiqueiro do Nordeste. O que dá pra fazer, ele faz. O que tá na estação, ele planta. Ele é agricultor. Ele é tudo, vendedor de cavalo, criador de galinha. Ele é tudo nesse sentido da terra, de cultivo de terra[...] O que nos tempos atuais chamam de empreendedor. Então, estava na estação, ele plantava abóbora. Estava em [outra] estação, ele plantava tomate. Tem muita castanha de caju que eu plantava também. É isso. Se virava, assim. Por conta própria, sempre.

⁹ Termo criado pelo cientista político André Singer para designar o fenômeno político relacionado ao mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, entre 2003 e 2010.

Sobre essa breve experiência em abordar assuntos relacionados à política com o avô, Karina lembra da dificuldade que teve em estabelecer tal diálogo, devido ao fato de serem pessoas com diferentes vivências, distanciadas por três gerações. Para ela, as pessoas da geração dos avós, não falam muito. Apesar disso, Karina buscou demonstrar interesse em compreender o que pensam seus avós, suas convicções, seus valores, e mais especificamente, os seus posicionamentos políticos

Não, nunca tive a oportunidade. Porque eu era muito pequena, quando tinha contato [mais] próximo. A última vez que eu o vi, acho que eu tinha 15 anos, a gente conversou muito rapidamente sobre *lulismo*, assim, no geral. Nem sobre petismo. Eu digo que meu avô é muito mais lulista do que petista, assim. [...]Tinha 15. Tava começando já a entender as coisas. E aí a gente conversou muito pouco, assim, sobre as coisas e tudo mais. Hoje não, hoje eu não converso tanto com ele, assim, sobre política, assim. Porque ele não é uma pessoa que articula muito as conversas, assim. Ele vai soltando, então. Acho que tem um pouco da geração dos nossos avós, eles não mantêm uma conversa muito longa, né? Ele vai jogando e você tenta catar as coisas, assim. Mas eu não converso muito com ele, assim, cotidianamente, pra conseguir ter esses papos como nós.

Passando para as perguntas sobre seus pais, Karina manifestou, logo de saída, o interesse em começar falando do pai. Ao longo da entrevista, ela mostrou de que maneira o pai exerceu uma grande influência sobre a maneira como se deu o seu processo de socialização. Sobre a origem dos pais:

O meu pai é um homem paraibano, indígena, tem 50 anos, tem ensino fundamental 01 incompleto, tipo até a segunda ou terceira série, ele é comerciante. A minha mãe é uma mulher nordestina, sergipana, tem 50 anos também, é auxiliar de enfermagem, tem o ensino fundamental completo.

Sobre o interesse dos pais por assuntos políticos e como isso é abordado dentro de casa, e em contrapartida à influência do pai em diversos aspectos que tangem a socialização em geral, ela e os irmãos acabaram fazendo o caminho inverso ao influenciar politicamente seus pais. De acordo com Karina.

Se eu converso [sobre] política com eles? Meus pais não são associados a nenhuma organização política, mas [há] uma opção pela esquerda [...] isso foi se afluando com o meu envolvimento político. Com o meu envolvimento político [e]

dos meus irmãos, que foi tudo meio junto.[...] [Isso] fez com que a gente conversasse mais, e fosse afinando melhor os posicionamentos políticos deles e os nossos também. Então, eles não sabem muito bem o que é ser de esquerda, mas seus posicionamentos políticos, da vida cotidiana, são bem à esquerda. Isso é muito bom, isso sempre me ajudou muito dentro das ocupações, [não só] dentro das ocupações, porque a ocupação foi [em] outro momento, mas dentro dessa minha vida ativa, de militância e tudo mais.

Os pais de Karina, desta forma, não têm nem nunca tiveram nenhum envolvimento com partidos políticos ou movimentos sociais. A política foi introduzida no ambiente familiar, em larga medida, pelos filhos, sobretudo por Karina. A partir dos posicionamentos dos filhos, (são, ao todo, três irmãos) os pais passaram a manifestar um posicionamento mais à esquerda no espectro ideológico, de acordo com Karina, que destaca a atuação do pai no bairro em que vivem, em atividades de caráter comunitário. Atividades estas que também ajudariam a compor o quadro de possibilidades de reflexão e ação políticas.

Meu pai é uma pessoa muito conhecida no bairro que a gente mora, na quebrada. Ele não tem nenhum envolvimento direto, mas está sempre ajudando com algumas coisas e tudo mais. Minha mãe não tem nenhum envolvimento também, mas tem posicionamentos bem à esquerda, (risos) muito mais à esquerda do que essa esquerda institucional (risos).

Ao que parece, ao menos em alguns casos específicos como o da ocupação da escola João Amos Comenius, o movimento acabou por promover, de modo indireto, uma integração maior entre a escola e a comunidade do entorno. E, mais do que isso, levou a problematização de questões políticas para o interior de famílias como a de Karina. Sendo assim, seria razoável supor que isso possa ter acontecido em outras situações, em escolas ocupadas em outros bairros. Para isso, seria necessário empreender um esforço mais focado na observação deste fenômeno - de uma integração entre ocupações secundaristas e comunidade escolar, caracterizando-o como hipótese de pesquisa, o que não se mostrou com muita clareza até a realização desta entrevista específica. Como tal fenômeno se evidencia somente na entrevista com Karina, a análise mais atenta de uma integração entre escola e comunidade a partir das ocupações parece ser algo que

poderia gerar outro trabalho de pesquisa. Karina sintetiza muito bem essas trocas mútuas que ocorreram entre escola, família e comunidade no período:

Eu sou uma pessoa muito envolvida politicamente, estou dentro de movimentos e de coletivos, então [...] eu me tornei uma referência na política, no saber político dentro da minha casa. Tudo que acontece, meus pais perguntam a minha opinião, às vezes não sei, às vezes sei, então a gente está sempre conversando sobre as coisas que estão acontecendo, não só externo, mas na quebrada também, sempre que acontece alguma coisa com a polícia, ou algumas associações, algumas atividades [culturais ou sociais no bairro], a gente está conversando. E isso veio por causa da militância na escola, e é isso, a universidade também me deu essa legitimidade assim, eu sinto que nas ciências sociais a gente estuda, a política e a sociedade dos meus pais, eu ganhei uma legitimidade com eles. Mas a gente está sempre conversando, nem sempre concordando, mas sempre conversando.

Os pais de Karina têm hoje uma renda na faixa de cinco a sete salários mínimos, proporcionada pelos trabalhos do pai, que é comerciante, e da mãe, auxiliar de enfermagem. Apesar de possuírem certa estabilidade financeira, não tiveram uma trajetória escolar muito estendida, ficando, muitas vezes, a cargo da filha, preencher as lacunas no aprendizado, principalmente do pai. Um aprendizado que ocorria para além do hábito de se estabelecer discussões sobre diversos assuntos no interior da família, e que o complementava.

Depois de adulta. Minha mãe se formou na oitava [série], quando eu tinha sete anos. E o meu pai, eu e ele, tivemos um processo de aprendizagem, de leitura e de escrita juntos. Ele sabia, ele tinha noção, mas... Mas eu aprendi, aí minha lição de casa, a gente fazia junto. Caligrafia, a gente fazia junto, ditado, a gente fazia junto. Então foi bem legal isso. Na verdade, eu aprendia para ensinar ele, depois, em casa. Querendo ou não, eu sempre fui colocada como essa pessoa que sabe, que conhece as coisas. Mas isso foi bem legal, eu aprendia na escola para ensinar meu pai, em casa.

Essas conversas em família sobre política giravam em torno de dois eixos principais. São abordados assuntos relativos à política institucional, mas também à política do dia a dia, do cotidiano das comunidades. E aqui, Karina mostra o quanto se vê fortemente ligada por laços de parentesco e comprometida com essa realidade das favelas:

[...] a gente conversa sobre tudo o que acontece, [sobre] polêmica. Sobre a vacina, sobre o Covid, e o que está mais atual. Agora a eleição está aí, está bem próxima. Falta menos de um mês [referindo-se às eleições de 2022]. Então a gente conversa sobre política, sobre os posicionamentos. Quando estava [acontecendo] o julgamento da Lava a Jato, meu pai e eu assistimos algumas coisas, conversávamos. E conversamos muito sobre o cotidiano. A gente não mora na favela, mas na rua de cima. Mas a gente tem muito contato ainda na favela. Nossos familiares estão lá, nossos amigos ainda moram lá. Então acontece muita coisa e a gente está sempre conversando sobre isso. Sobre o posicionamento da polícia, sobre o contexto das favelas.

Em determinado momento da entrevista, Karina atribui o seu posicionamento político precoce e mais à esquerda ao fato de ter assumido a sua sexualidade muito cedo. A condição de oprimida devido a sua sexualidade, unida a sua inclinação para a política, ao menos nesse caso, parecem ter levado a uma necessidade de tomada de posição.

Eu sempre tive posicionamentos, nem sempre certos. Não, adolescente assim, a gente erra. Mas sempre à esquerda. Sempre tive posicionamento à esquerda. Então eu sempre fui uma pessoa com muitos posicionamentos que colocava dentro de casa. Eu sou uma mulher lésbica, então me assumi muito cedo também. O que me forçou a ter mais posicionamentos.

E, ao ser questionada sobre a relação que mantém com a religião, Karina destaca a importância de ter vivenciado, quando criança, algumas práticas comuns ao meio religioso, que faziam parte daquilo que a mãe compreendia ser uma boa educação, embora nunca tivesse forçado a menina a nada. Karina destaca o cultivo da disciplina que a igreja preconiza como um fator determinante de sua formação, até mesmo de sua formação política, uma vez que os jovens aprendem, a partir das atividades oferecidas na Igreja, a estudar de uma forma mais focada e também a argumentar.

Eu fui uma criança criada em igreja evangélica. Como uma boa criança da favela, ah... (longa pausa). [...] Não tenho muito rancor. Não passei muitas coisas. Nunca me envolvi muito internamente. Participar de grupos. Sempre soube que não era muito o meu lugar. Minha mãe nunca me forçou a nada. Minha mãe é uma pessoa muito firmeza. Muito tranquila.[...] Participei um pouco de Testemunha de Jeová por um tempo. [...] Me ensinaram muitas coisas. Sobre disciplina. Sobre como estudar. Sobre como anotar as coisas. Eu tirei proveito [disso]. Me formou também politicamente. [...]

Aprendi a questionar as coisas. E por mais que falem várias coisas deles, eles te ensinam muitas coisas. A como argumentar (risos), a estudar. Tudo deles é na base da Bíblia. Eles acreditam nesse livro. Então eles ensinam a argumentar. A ter base na argumentação. Eu fui para a faculdade e já aguentava quatro horas de aula, tranquilamente. O que eles fazem é isso, [ensinam] anotar, fixar. Aprendi tudo com eles. Não aprendi nada na escola. [...] Aí eu saí quando me assumi [...], e nunca mais frequentei nada [...]; não tenho [religião] Não sou uma pessoa muito adepta a religiões.

Embora os pais de Karina nunca tivessem participado de movimentos sociais, ela ressalta a importância de um aprendizado que prima pela valorização do coletivo em detrimento do individual. Isso também apareceu em outros momentos da conversa, na maneira como ela fala da família mais extensa ou ampliada, composta por pessoas que migraram da Região Nordeste para a Região Sudeste e que, ao chegarem à comunidade de destino, da qual ela também fez parte por algum tempo, na infância, passaram a receber, ao que tudo indica, apoio dos demais familiares com maior tempo de migração, até conseguirem melhores condições de vida. Essa importância que o coletivo exerceu em sua família pode ter influenciado a sua maneira de conceber as ocupações.

Meu pai sempre me ensinou a ter humildade. E a sempre ser muito fiel. Tanto aos amigos, quanto à família. Acho que isso tem um pouco a ver com a minha militância também, assim. Tem um pouco a ver com os secundas. Uma das coisas dos secundas é, todo mundo era muito fiel assim, ali, ao coletivo. A gente apanhava junto.[...] Minha mãe sempre me ensinou a ser muito verdadeira, muito honesta (risos). Acho que isso também me faz ser a militante que eu sou. Não consigo trair o que eu acho. Sou muito firme nas coisas que eu acho. Isso é muito do coletivo. Minha casa é muito do coletivo.

E quanto aos processos migratórios no interior de sua família, a ênfase nos valores coletivos, se repete.

A família é bem puro suco do Brasil, tem de tudo [...]. Já aconteceu várias coisas em casa. Política, não política [...] minha família é migratória (sic). São migrantes. Vêm para a favela, acontece muitas coisas. Saem da favela, [acontece] muitas coisas.

Além de transmitirem aos filhos valores relacionados ao bem-estar do coletivo, ficaram para Karina outras duas lições de seus pais: a importância

dos estudos como uma possibilidade de mobilidade social e o aprendizado de estratégias que beneficiem a convivência.

A escolaridade é tudo, tudo, tudo. Meu pai não teve, né? A minha mãe teve quando veio pra cá [...] E pros meus pais, a escola é tudo. Pro meu pai escola é a... Ah, é a fonte de uma vida melhor, né? Acho que... É uma perspectiva muito marcante pra geração deles. E pra uma geração que é migrante do Nordeste pro Sudeste.

E, em relação a convivência:

Meu pai me ensinou muito sobre a quebrada. Como você se comportar. Como você fala com as pessoas; [...] meu pai me ensinou muito a sair pro mundo. Desde sempre. Desde sempre me ensinou como entrar e sair dos lugares. Minha mãe me ensinou muito a...minha mãe é muito persistente também. Tenho muita admiração por meus pais.

Esses valores transmitidos pela família, a importância do coletivo, da boa convivência e dos estudos, levaram Karina a assumir posicionamentos políticos na escola desde muito cedo, e acabaram por determinar um envolvimento mais profundo com os movimentos de ocupação. Embora seus pais apoiassem a causa dos estudantes, e antes ainda, a dos professores na greve de 2015, temiam que houvesse represálias. Karina conta como se deram as ocupações em um primeiro momento.

[...] meus pais nem sabiam das ocupações. Eu ia meio escondida. Era uma treta. Mas dentro da escola, eu sempre me posicionei. Porque o que acontece aqui, em 2015, na minha escola? A gente paralisa a escola por três dias em defesa dos professores grevistas. Então isso já tava borbulhando lá em casa. E aí foi isso. Eu e mais algumas pessoas articulamos um abaixo-assinado. Aí eu imprimi, tirei xerox. Bom, rolou. Foi mó legal.

O que Karina chama de “início de militância” pode ser descrito a partir de quatro momentos de ação política que contribuíram efetivamente para o seu processo de socialização política: i) apoio à greve dos professores em 2015; ii) participação nas ocupações secundaristas iii) participação no Movimento Passe Livre; e vi) participação em protestos contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

[...] já fiquei em presepada demais. Mas o meu início de militância foi escondido dos meus pais. [Eles] tinham muito

medo da repressão policial [...]. Em 2016 tinham atos contra o impeachment. Eu fui, ia escondida. Era doidona [...] O Passe Livre (MPL), o Passe Livre foi o que possibilitou muita militância.

Ao refletir sobre os fatores que colaboraram para a eclosão do movimento de ocupação, Karina aponta, dentre outras coisas, a facilidade que os estudantes tinham em transitar pela cidade naquela época, o que viabilizava o acesso aos protestos e o contato com outros estudantes.

O Passe Livre foi o que possibilitou muita militância. [Hoje é] muito restrito. A coisa que possibilitou muito as ocupações acontecer e toda essa articulação entre escolas era o passe livre estudantil [...]; uma coisa eu lembro, o passe livre estudantil permitia que a gente transitasse por São Paulo, que a gente fosse às manifestações, que a gente fosse ajudar uma escola, que a gente fosse pra qualquer coisa. A gente tinha oito ônibus e dois metrô, então permitia que a gente fizesse. Nossa, quantas vezes a gente tava numa assembleia, aconteceu, acho que em 2016, tava numa assembleia, aí a UPES e a UBES ia ocupar o gabinete do governo federal. E aí a gente foi, porque a gente tinha passe livre estudantil [...]; o passe livre estudantil permitiu muita articulação entre as escolas, assim, você conhecer as lutas, você ir até lá. Permitiu muito, né? Porque você anda pela cidade. Isso era uma das coisas que a gente falava muito

O MPL, grupo que se organiza em torno das demandas relativas à mobilidade urbana, sobretudo na defesa da viabilização da tarifa zero no transporte coletivo, teria sido responsável indireto - uma vez que o acesso irrestrito à cidade possibilita mais mobilização política por parte dos jovens - pelas ocupações secundaristas e pelos demais movimentos que surgiram no período em questão. Fundado em 2005, O MPL ganhou projeção nacional na década seguinte, com as jornadas de Junho de 2013. Karina usa o exemplo do MPL para destacar que, no campo político das lutas da juventude, existem diversos atores sociais, e que estes estão construindo suas próprias narrativas, além da diferença de âmbitos e amplitude dessas lutas.

Tem que valorizar a luta de 2013. Ela possibilitou muitas outras lutas [...] Porque é disputa, né. Tudo é disputa de rua. Essa narrativa que você está tendo, minha da ocupação, é muito minha. Daqui a pouco é outra disputa. [...] mas tudo é narrativa. Eu acho que 2013 tem seus frutos e tem suas disputas, né? Ninguém fala que o MBL [Movimento Brasil Livre] roubou toda a estética do MPL, até o nome, que desvirtuou. Tanto que o impeachment vem depois em 2014,

não vem em 2013 [...]. Mas aí eu sempre falo, enfim, 2013 foi uma luta nacional, não foi São Paulo, né? [...] Como secundas, assim, se a gente tá falando de 2015, a gente vai falar só de São Paulo, mas vai falar de 2016, vai falar nacional, aí é... Cada lugar é um lugar, né? Cada lugar é uma lei.

Karina chegou a integrar o MPL em um momento posterior às ocupações. Indagada sobre o envolvimento do grupo, e de outras pessoas de fora da escola, com os movimentos secundaristas de 2015, afirma que:

Muitos integrantes do MPL estavam em alguns bairros que moravam, assim. Mas o meu não teve, não. Eu fui conhecer o MPL em 2017, de fato, assim. Mas o MPL tava. Hoje, conhecendo as pessoas, estavam, ajudaram, articularam [...] A ocupação secundarista foi de muita gente, Não foi só de secundas não, foi de muita gente.

Karina destaca a importância do movimento secundarista para além das ocupações, e enfatiza uma característica importante desse movimento, na opinião dela, que seria a sua multiplicidade. Após as ocupações, os estudantes continuaram se mobilizando para resolver questões relativas aos contextos escolares mais específicos.

[...] em 2016 a gente [...] paralisou a escola por uma semana, com protesto, com tudo, e eles [a gestão da escola] ficaram com muito medo de ocupar, inclusive [...], eles tinham muito medo de a gente ocupar. Mas nós fizemos uma luta muito bonita, em 2016, contra a gestão [...]; já depois das ocupações. E aí teve uma manifestação, a gente foi na Secretaria [de Educação], a gente foi no Ministério Público, a gente era chato. E aí [a direção] saiu com alguns processos.

Até este ponto da entrevista, questões relativas às ocupações, que surgiram mais adiante, ainda não haviam sido abordadas diretamente. Este bloco da entrevista ainda era voltado mais para a sua filiação e formação escolar, para a possibilidade de influência de sua família e da escola em sua formação política. A respeito de suas percepções sobre a escola, por exemplo, Karina lembra do sentimento de liberdade que tinha em uma das escolas em que cursou o Fundamental I, e de como essa escola oferecia um maior acesso a atividades culturais, como aulas de teatro.

Fiz teatro na escola, praticamente, eu fazia tudo, [era] tudo público. Ah, acho que no [Colégio] Dandolo [Frediani] a coisa mais legal é que não tinha portão, você tinha trânsito livre

pela escola. Lembro que isso era marcante pra mim, tanto que foi uma surpresa pra mim quando fui pro Comenius.

Sobre experiências positivas e negativas na escola, Karina destaca uma aula que teve ainda no ensino Fundamental II, que a fez enxergar as coisas de outra maneira, e da primeira manifestação que participou. Nessa ocasião, os alunos foram levados por um professor. Para ela, o que a escola proporciona de positivo são os encontros entre as pessoas.

Com alguns professores, com os meus amigos, a gente aprende muito conversando, um com o outro [...] o marcante, eu acho que são os encontros com as pessoas, assim, os aprendizados, principalmente fora da sala, assim, por isso que eu digo que a escola é um mundo, assim, os corredores, o pátio.

E quanto aos pontos negativos, a perseguição que ela sofreu após a participação no movimento de ocupação foi o que ficou mais marcado.

[Pontos] negativos, tem um monte, nossa, já fui perseguida na escola, já mostraram minha foto em reunião de professores, professores que nem me conheciam, que nem me davam aula, que só me conheciam e não gostavam de mim, já fui ameaçada [de] ser processada, já fizeram boletim lá na diretoria de ensino contra mim, já falaram que iam processar meus pais, já falaram que eu não ia ser ninguém na vida, já falaram que eu nunca consegui nada. Mas também [...] uma professora [explicou sobre a] universidade pública [...] no meu primeiro ano. Desde então comecei a pesquisar, nas ocupações eu tornei concreto, não só vou na universidade pública, ou não vou pagar. Mas, tipo, o marcante, eu acho que é os encontros com as pessoas, assim, os aprendizados, principalmente fora da sala, assim, por isso que eu digo que a escola é um mundo, assim, os corredores, o pátio.

As ocupações secundaristas garantiram a formação de um grêmio estudantil na escola em que Karina ocupou. Ela conta sobre o seu envolvimento intenso com o Grêmio em 2016, apesar das suas discordâncias com as entidades estudantis, surgida da sua experiência prática com as ocupações. Esse envolvimento de Karina com o grêmio gerou ainda mais perseguição por parte da gestão da escola.

Teve grêmio estudantil em 2016, porque foi uma conquista de 2015. [...] Chamava Partido do Progresso Estudantil [nome da chapa vencedora]. Ah, que engraçado. Eu já estou dando risada [ao lembrar da experiência]. Eu estava inteiraça no Grêmio. Nossa, inteiraça. Daí começa a maior perseguição.

Kariana acredita em uma prática política que não dependa exclusivamente do conhecimento teórico sobre política ou movimentos sociais. Para ela, a teoria não pode servir como base para a construção de um movimento, mas sim, a experiência proporcionada pela vivência na comunidade e pelos valores relativos ao coletivo aprendidos em família..

Eu digo que sou anarquista com muitos questionamentos. Eu não sou nada. Não sou anarquista. Não sou trotskista. Eu não leio [teoria política]. Tudo que eu sei de organização política eu aprendi com os meus pais e com os meus amigos. Hoje, o que eu acho certo como organização [política] é porque eu aprendi na rua. Ou aprendi em casa. Não tenho grandes embasamentos teóricos. Eu acho que essas pessoas de hoje, meus pais e as pessoas que eu encontrei na rua, encontrei nessas lutas, também produzem conhecimento. Eu não sou de levantar nenhum teórico que na maioria é homem. Nenhum. Nenhum [com ênfase]. O que eu tenho de aprendizado é rua. Rua e beco.

Nesse sentido, Karina fala sobre um tipo de política que se faz nas ruas, com as pessoas, a partir de uma demanda coletiva. E muitos dos estudantes não almejavam nada além de uma educação minimamente adequada.

É aqui, na rua, conversando que você vai fazendo política. E em 2015 era isso que a gente tinha. Depois a gente vai começando a tentar. A estudar, a ouvir uns nomes estranhos que a gente não ouvia na escola. Dá hora e tal. Você vai começando a aprender outros bagulhos. Mas, primeiro, você tem que ter vontade. Depois você vai aprendendo com o coletivo. Mas em 2015 era isso que a gente tinha. Tanto que tem um monte de gente que nunca se envolveu com nenhuma outra questão política. Só queria que a escola não fechasse. Era isso. Queria que na escola tivesse uma comida melhor, tivesse cortina, tivesse ventilador. Aí as coisas vão mudando. Mas a gente só queria uma primeira coisa [barrar a reorganização]. Tanto que por isso que começam, primeiro, a ocupar as escolas que iam fechar. E depois começam a ocupar as escolas que iam fechar no outro ano. Porque começaram a ver a potência da luta. Ao meu ver. E que, nessa luta, além de não fechar a escola, podia reivindicar outras coisas. Toda escola tem problema. Toda escola tem coisas para falar. Você vai percebendo a força que você tem.

A participação no movimento de ocupação fez Karina perceber que toda escola possui suas demandas específicas, relacionadas à infraestrutura precarizada ou à tomada de decisões abusivas e inadequadas por parte dos

gestores, por exemplo. Os secundaristas, em determinadas escolas, fazem frente a esses problemas, à medida que se apresentam em suas escolas. Isto levaria a uma multiplicidade de movimentos secundaristas, que muitas vezes não são percebidos por aqueles que estão fora do ambiente escolar. Esses movimentos secundaristas também são anteriores às ocupações, e não necessariamente possuem algum vínculo com entidades estudantis como a UNE ou a UBES.

Cada escola é um mundo [...] [A questão racial] está forte em todos os lugares. Acho que está em todas as escolas. A galera não está aceitando o que acontecia antes. Por isso que eu falo que o movimento secundarista não acabou. Tem [muito] secundarista em São Paulo. Deve estar acontecendo uma luta em alguma escola. O Fernão estava tendo protestos nesses dias por causa de questões de gênero. Sempre cada escola tem o seu movimento secundarista [...] Ele não é homogêneo. [...] E isso é a melhor coisa do movimento secundarista.

Soma-se a isto, questão do tempo livre, que, para Karina é fundamental para deixar o campo aberto para o afloramento do engajamento; a própria disposição dos adolescentes para iniciativas ligadas à luta por direitos; e a possibilidade do encontro com seus pares, facilitada pelas rotinas escolares que possibilitam uma convivência diária. Karina concedeu essa entrevista no momento em que realizava seu trabalho de campo na escola Isaltino de Mello, em que trabalho, ocasião em que nos conhecemos. É importante ressaltar que, por volta desta época (agosto de 2022), estava acontecendo uma mobilização de alunos que reivindicavam mais voz ativa diante dos problemas que se apresentavam naquele momento (problemas esses relativos à denúncias de racismo e de assédio no ambiente escolar). Os alunos se organizaram então em um protesto que paralisou a escola por um dia, e levaram suas reivindicações à direção, que os ouviu e tomou as providências cabíveis. Essa manifestação estava exatamente de acordo com as condições descritas por Karina para a eclosão de um movimento secundarista autônomo na escola.

O movimento secundarista é jovem, adolescente. Tem muita potência.[...] Quando o adolescente está junto, se encontrando todos os dias, é a maior potência. A maior arma que a gente tem na escola, enquanto adolescente, enquanto

estudante, é se encontrar todos os dias. É por isso que é mais difícil militar hoje. Eu tenho quantas jornadas de trabalho, quantas coisas para fazer. E eu não encontro meus amigos, meus parceiros que lutam todos os dias. Na escola, a gente lutava todos os dias. Todos os dias a gente ficava com a ideia de fazer alguma coisa. Em 2016 aconteceu a coisa do [João Amos] Comenius [Denúncias de alunos contra a direção]. Todo dia a gente fazia alguma coisa. A gente se encontrava todos os dias.

Karina conta como se deu a ocupação a partir de seu ponto de vista. Segundo ela, a movimentação dos estudantes começou bem antes do final de 2015, já com a adesão de muitos estudantes à greve dos professores, que se iniciou em março. O movimento dos estudantes começou com protestos de rua e evoluiu para as ocupações das escolas, passando pelos trancamentos de grandes avenidas e pela desocupação gradual das escolas após a suspensão da reorganização. Esta última parte ocorreu paulatinamente, com algumas escolas permanecendo por mais algumas semanas ocupadas, por terem estendido as reivindicações para problemas relativos à infraestrutura das escolas, por exemplo. Problemas que só identificaram a partir da ocupação das escolas.

Eu lembro que eu vi a famosa entrevista do secretário de educação [Herman Voorwald] na TV. Aquela que viralizou [...] Estava com uma professora e ela falou que achava que era verdade [...] Rolou uma manifestação, acho que algumas semanas depois [...] Mas não me envolvi porque era em um só bairro. [Depois] uma escola passou para outra [...] [E] teve uma manifestação grande antes da primeira ocupação [...] Eu encontrei alguém que conhecia alguém que estava ocupando, e me colocaram no grupo Estudante de Luta [Grupo virtual de organização da ocupação], que é muito famoso. E lá eu colocava demanda: “Sabóia está precisando de X coisas”. Foi assim que eu comecei [...] Depois da ocupação começou a ter manifestações muito grandes de manhã. Muito grandes na Paulista. Começou a ter trancamento de vias grandes. [...] Aí teve o Mal-educado, e comecei a seguir essa página, que é uma página [sobre o] que estava acontecendo. [A escola] já estava ocupada. Foi uma demanda que a escola mandava. É isso. Para pessoas que não eram da escola elas só entravam depois de ocupada. Difícilmente você ia ser comunicado se não era da escola. Tinha até a escola que não aceitava gente de fora, por problemas que já teve e tudo mais. Foi muita disputa. 2015 eu lembro muito bem de uma manifestação que teve na greve dos professores. Foi uma greve de três meses se não me engano. E aí os secundas já estavam lá. Os secundas pediam fala. Eu estava com eles. Mas porque meus professores estão lá. Tem uns alunos ali. Tem uns que

estavam lá que são meus amigos hoje. Desde o início de 2015 o secundário já estava borbulhando. Agora já estava pegando fogo. Por isso que eu falo, a luta não foi [em] novembro. Desde março já estava acontecendo coisa. [...] Mas foi legal. [As ocupações de] 2015 já estavam acontecendo há muito tempo. Tem uma polêmica: Era para o Fernão ser o primeiro a ocupar. Só que ele atrasa uma hora. Era para a [Escola Estadual] Diadema e o Fernão [ocuparem] juntos. Uma galera chamou o pessoal do Fernão, mostrou o vídeo do Chile e conversou: “Vamos ocupar?”. Pronto.

Para Karina, a sociedade brasileira, das classes baixas às médias altas, de modo geral, não era contra as ocupações, isso porque essa é uma bandeira que se levanta muito facilmente. Há uma espécie de consenso sobre a importância de uma educação de qualidade. Por outro lado, havia algo que dividia as opiniões: as táticas e estratégias de luta dos estudantes.

A galera não quer que fechem as escolas. Parece um absurdo você ser contra isso [contra as ocupações]. É isso. Parece ser um absurdo ser contra a gente. A gente queria que a escola continuasse aberta. Porque a escola é um bagulho que unifica a esquerda e a direita. Unifica as pessoas. É bom o jovem que está indo. A direita não quer muito que os jovens vão. Mas existe uma unificação. É bom o jovem que está indo. Aí o jovem que está indo quer que a escola continue. Quase ninguém conseguia ser muito contra. Então sempre que rolava uma argumentação contra era contra o que a gente fazia. Que era contra as táticas que a gente usava. Mas pouco, tinha pouco.

Além disso, havia uma expectativa enorme em relação aos estudantes que não correspondia aos propósitos desses adolescentes. Estes, a princípio, participaram do movimento porque almejavam atingir um objetivo realizável a curto prazo. O que de fato ocorreu. As ocupações foram suspensas em 04 de dezembro daquele ano. Mas as opiniões externas que se formaram em relação aos secundaristas, naquele contexto, eram bastante idealistas, em certa medida. Era como se aquelas garotas e garotos tivessem a obrigação de, a partir daquele momento, lutar para resolver o problema da educação pública, e não fossem, na maioria dos casos, pessoas reivindicando direitos mínimos, para um bom funcionamento de sua comunidade escolar. Essa manifestação específica não pressupunha que deveriam se manter engajados dali por diante. Embora houvesse acontecido com muitos

estudantes, muitos outros passaram por um processo de desengajamento com o término das ocupações.

2015 é a última luta. E eu acho que teve muita esperança em cima da gente. Como se teve muita esperança em 2013. É isso, né? Nossa, teve muita treta com o professor, com a gente. Teve uma mesa que eu participei como representante secundarista, e uma professora me perguntou alguma coisa do que a gente fez e o que a gente deveria ter feito [...] foi no debate público, era em uma escola, sei lá de onde ela [a professora] era. E eu respondi que a gente tinha 16, 15, 13 anos. Acho que rolava muita esperança no que a gente podia ser. Muita expectativa e a gente estava sendo só aquilo que a gente se propôs ser. É desleal com o nosso processo de aprendizagem. É desleal com o processo das ocupações. Tinha gente que ficava na ocupação porque lá tinha comida, por exemplo. E você quer que esse jovem faça um projeto político no Brasil. E existe muito isso no rolê institucional. Uma noção partidária que é a gente que tem que ter uma proposta para tudo, para todos os problemas do Brasil. E cobravam isso da gente. Éramos adolescentes que sabiam conversar sobre a escola. Alguns sabiam conversar sobre outras coisas. Mas o que identificava todo mundo ali era a escola [...] Em 2015 éramos os salvadores que conseguiam trazer todo mundo pra rua. É isso. A gente precisa tirar essa lógica porque isso é muito pesado para a gente.

E havia também muitas brigas e dissenso entre os estudantes nas ocupações, outro aspecto que foge a concepção idealizada de quem assistia de fora o que estava acontecendo nas escolas. Além disso, para Karina, os protestos de rua mostraram desavenças entre este movimento secundarista de ocupação e entidades estudantis como UNE, UBES e UJS (Esta última, União da Juventude Socialista, segmento jovem do PCdoB). A autonomia, a horizontalidade e a coletividade eram os únicos aspectos em que todos concordavam. Desta forma, não havia espaço para obtenção de capital político por parte de nenhum grupo externo.

Nada foi unânime em 2015. Nada foi unânime. Nem no dia *que* a gente ia desocupar. Nada foi unânime. Só foi unânime a autonomia e a horizontalidade. [...] Eles [os estudantes] não tinham envolvimento de nenhum tipo político [partidos, entidades estudantis ou movimentos sociais] Eles achavam errado “fechar a escola que eu sempre estudei, e vou estudar, vou terminar aqui”. Pronto.

Sobre o que o movimento de ocupações obteve, além de barrar a reorganização naquele momento, Karina fala sobre as potencialidades

despertadas. Em certo sentido, a escola tradicional, fortemente conteudista e com um currículo que necessitava de reformulação naquele momento, mostrava-se aos estudantes como uma instituição bastante engessada, se comparada às ações de caráter cultural e reflexivo, promovidas pelos secundaristas durante aqueles dias de mobilização. Além disso, ela também ressalta todo o simbolismo em “derrotar” um poder maior, que as ocupações proporcionaram aos estudantes.

[...] cada escola conseguiu as suas coisas. A gente conseguiu derrotar publicamente o [Geraldo] Alckmin [governador do Estado de São Paulo, à época]. A gente conseguiu mostrar a potência de uma luta secundarista. Tanto que [os gestores das escolas] têm medo dos secundas até hoje. Nas escolas, tem muito medo. A gente conseguiu projetar várias pessoas para várias coisas. Eu fui para a Universidade Pública, por exemplo. Possibilidades, a gente teve possibilidades na ocupação. Acho que essa foi uma questão muito grande. Possibilidades, que é o que a ocupação permitia. Você podia ser artista. Você podia ser lutador. Você podia ser qualquer coisa na ocupação. Teve menino que virou candidato a deputado estadual. Teve gente que continuou na luta do dia-a-dia. Teve gente que virou famosa no Instagram. Teve gente que virou cantor. É isso, teve tudo. Teve gente que continuou nessa militância autônoma. Muita gente que eu conheço foi pra universidade pública. Isso é muito graças a nós mesmos e aos professores que apoiavam a gente. Teve de tudo. Aconteceu de tudo. Teve gente que depois da ocupação seguiu a vida normal. Trabalhando, estudando. Depois que se formou, trabalhando, tendo família [...] Mas não é nada taxativo. É essa a questão desse movimento. Esse movimento é muito legal porque as pessoas podem seguir a vida depois. Elas vão se tornar grandes pessoas. Tipo, ah, você pode ser só uma coisa. Pode ser o que você quiser... Alguns se engajam politicamente, institucionalmente, outros não. Alguns se engajam em movimentos sociais autônomos. Alguns são pessoas que ficaram na luta. Outros só tiveram vidas normais. Normais [no sentido] que a gente pensa do que está dito como normal, que é trabalhar, ter uma família.

Barrar a reorganização em 2015 deixou um legado aos secundaristas que vieram depois e ao movimento estudantil como um todo. Mas esse legado e essa memória são objetos de disputa, sobretudo de uma disputa entre as entidades estudantis, que conseguiram, em certa medida, encabeçar os movimentos de ocupação em 2016, e os movimentos secundaristas de caráter autonomista de 2015. Essa memória está relativamente bem documentada na produção audiovisual da época, muitas vezes, realizada

pelos próprios manifestantes, como é o caso do curta-metragem *A Escola é Nossa!* (2020) Para além das disputas levadas a cabo durante os processos de ocupação, essas disputas, para Karina, permanecem agora no âmbito da memória.

Porque a reorganização, ganhando ou não, eles iam fazer de qualquer jeito. A gente atrasou. A gente mostrou que a gente tem potência. Porque é o Estado. O Estado tem a máquina. Eles deram outro nome [para a reorganização] Eles fizeram mais devagar. Eles foram fechando salas em vez de fechar escolas. Eles têm a máquina. E a gente tem a vida [...] As ocupações secundaristas deixam [um legado], mas é uma luta que a gente vai ter que disputar [...] A legitimidade de quem lutou. Tem muitas instituições estudantis querendo falar que foi eles [...] Memória também é disputa. Tem os filmes. Tem secundas que viraram professores. Quem virou professor vai falar disso nas aulas. Eu já dei oficina em escola sobre ocupação. Então, deixa, deixa rastro, deixa memória. Mas ela vai ser disputada.

É muito comum os estudantes que participaram do movimento relatarem algum tipo de violência policial durante as jornadas de ocupação. Karina conta que, enquanto a violência partia dos agentes de segurança pública - pois, além de sofrerem violência física, dentro e fora das escolas, muitos eram fichados em delegacias - havia também perseguição dentro das escolas, pelos gestores e também pelas Diretorias de Ensino. Embora houvesse também diretores que apoiavam os alunos.

Teve casos da polícia ficar rodando a noite toda dentro da escola. Teve casos da polícia invadir a escola. Porque a polícia não invade. A gente [não] ocupa, mas a polícia não invade. Polícia invadir a escola, ameaçar as pessoas. Teve casos da polícia perseguir estudantes que saiam da escola e ameaçar. Máquina do Estado, fantoche do Estado. Tinha de tudo. Mas sempre repressiva. Nunca boazinha, nunca legal [...] A polícia não tem isso, não. [...] E sempre tem ali a diferença de raça. Sempre vai ter [...] Os jovens pretos sempre apanham mais [nas manifestações] Toda manifestação a gente apanhava. Acho que teve uma que não teve repressão, que foi a primeira [...] O Fernão ficou fechado. As pessoas estavam em cárcere privado. Porque a polícia não deixava ninguém sair. Então, é isso. A reação no princípio foi a mesma de sempre. Sempre contra o povo. Não tem outra posição.

Quanto ao perfil dos estudantes, a descrição corresponde a de Tatiana. A maioria dos estudantes era de classe mais baixa. Tanto no Comenius

(Jabaquara), como no Fernão Dias (Pinheiros), embora sejam escolas localizadas em regiões mais centrais, há sempre Favelas no entorno, de onde muitos desses alunos são provenientes. Karina chama a atenção também para a questão identitária, relativa à cor de pele, gênero e sexualidade. O que confere um caráter mais homogêneo às ocupações de 2015.

Muita gente LGBT. Os corpos que não cabiam na escola, o corpo da ocupação [...] Tinha de tudo. Mas é isso, são os corpos que ocupam as escolas hoje. São as pessoas pobres, negras. A maioria da escola pública é pobre e negra [...] Quem ocupou a escola é quem estava na escola antes. Tinha seus apoiadores, mas a maioria é quem estava na escola antes. Os alunos. Então não muda muito as coisas.

Karina enfatiza a importância de se discutir política na escola. Na sua percepção, a política está até em disciplinas nas quais parece não estar. Logo, para ela a escola seria o ambiente por excelência para se debater a política cotidiana.

Acho que é a função da escola, né? [...] Mas acho que até a matemática é política. A escola é uma disputa política, né? Qual a escola que se tem atualmente? Acho que [a política] é muito importante. É muito importante estar nos debates sobre a história do Brasil real. Eu lembro que foi um professor que [dava aula] sobre a ditadura que despertou muita coisa ali. Mas ele é formador, né? Formador de muita coisa. É importante que os alunos saibam do seu cotidiano de uma forma política, né? Acho que a escola tem muito desse potencial de ensinar e de plantar uma sementinha.

Karina também cita uma certa visão romantizada por parte de quem presenciava o que acontecia no movimento a partir de sua exterioridade. Na sua concepção, os objetivos eram mais factíveis. Não havia, ou não deveria haver heroísmo. Os adolescentes tinham necessidades de ordem material. A escola aparece aqui menos como um lugar de transmissão de uma sabedoria elevada, de valorização de um conhecimento pelo conhecimento, e mais como uma instituição que traz ganhos mais práticos, materiais, de garantia de, através do estudo, proporcionar uma vida mais confortável e de garantia de colocação no mercado de trabalho. Em suma, de possibilidade de mobilidade social, de garantia de uma vida melhor para a família.

[...] tem o Mano, que eu gosto de dar o exemplo dele, que ele era muito engajado em política, e hoje ele é massagista

esportivo. Às vezes cola em uma manifestação, às vezes não. Mas é isso. A vida segue. É isso. Acho que as pessoas estavam esperando da gente, o Che Guevara, não sei mais quem. Não, mano. É só Karina, o Gui é o Gui, o Joca é o Joca. A gente tem que comer, a gente tem que ter casa, e a gente vai fazendo o que dá. A luta é cotidiana, né? Acho que muito do que os secundaristas fizeram é uma luta cotidiana. Acho que tinha um pouco disso [...] Você não vai ouvir de mim “nossa, saiu um Che Guevara”, “o fruto”. Saíram vários! A galera foi achando o que era melhor, e tal. Tem gente que não está na rua, mas acho que deve ter uma posição política muito forte dentro da casa deles. É isso. O movimento secundarista não é homogêneo. Ele não tem um horizonte. A gente não tem uma reta de chegada. Tinha uma, que a gente chegou, que era única. Que era única e que era homogênea, é que as escolas não iam fechar. Não fecharam.

O movimento secundarista, para Karina, também tem um aspecto bastante afetivo, que corrobora com o que Tatiana diz sobre a importância do encontro de pessoas para a consolidação da luta coletiva.

Cada escola, cada grupo, cada grupinho de amigos também. Porque vai ficando um grupinho de amigo. Porque a luta também é afetiva. A luta é muito afetiva. E o movimento secundarista é bem afetivo. A gente virou muito amigo. Pessoas passam o dia inteiro juntos. A gente vai virar amigo. A gente cozinha junto. Você limpa o banheiro junto. Você passa perrengue junto. Muitas vezes você apanha junto. Muitas vezes você consegue se safar junto. Então é afetivo. Mas não é homogêneo.

Esses movimentos secundaristas de 2015 tinham uma pauta externa única. Nesse sentido pareciam muito com o MPL, que, em 2013, tinha como único objetivo barrar o aumento da passagem. Do mesmo modo, o objetivo das ocupações era evitar o fechamento de escolas. Tanto em um caso como no outro, assim que atingiram seu objetivo, foram deixando as ruas e deixando as escolas, respectivamente. Outra reivindicação do movimento secundarista era o aproveitamento mais eficaz de recursos. Mas isto só aparece com mais força a partir da efetivação das ocupações propriamente ditas. É só a partir daí que passam a querer opinar sobre a administração, pois os estudantes entram em contato com toda a sorte ingerências da organização escolar

A gente tinha uma pauta externa única. Depois tinha as internas [...] A gente tinha a pauta externa: não queremos que fechem as escolas. É a única que unia todo mundo [...] E a

gente quer um ensino bom. Também tinha isso. A precariedade do ensino foi uma coisa unânime. Precariedade em todos os lugares. Em cada escola tinha uma. Teve escola que achou os livros que o diretor falou que não tinha. Teve escola que achou instrumento musical. Teve escola que achou cafeteira na sala do diretor.

Karina participou também em 2016 das ocupações das ETECs. Ela fazia o curso de técnico em administração. Aqui, ela faz uma comparação entre as duas experiências. Para ela, descobrir a participação por meio das assembleias e das comissões foi o mais marcante em 2015. E em 2016, Karina considera o “racha” entre os alunos o fato mais notável. O surgimento de alunos que se contrapunham ao movimento se justifica por uma maior heterogeneidade relativa ao perfil dos alunos das ETECs, Muitos deles não tinham as mesmas carências dos alunos do movimento de 2015. Essas carências conferiam a estes um discurso mais unísono. Os estudantes contrários às ocupações em 2016, não se identificavam enquanto membros de uma mesma classe. Em 2015, isso se deu com mais facilidade. Além disso, houve discordância entre as “instituições” [entidades estudantis], e o movimento autonomista. Como na avaliação de Karina, de 2015 para 2016, aumentam as disputas entre narrativas sobre as ocupações.

Em 2015, acho que o mais marcante pra mim das ocupações foram as assembleias. Foi a primeira vez que eu fiz uma reunião que as pessoas tinham que marcar e falar.[...] Eu nunca tinha participado disso. Assembleia é um negócio muito marcante pra mim. As pautas, aquela organização. Nunca tinha participado. E é uma coisa muito frequente. Às vezes tinha assembleia quase todos os dias [...] Na ETEC é muito marcante como os alunos foram contra. Aconteceu muito isso. E na ETEC rola uma divisão que não aconteceu em 2015 entre os autônomos e as instituições [UNE, UBES]. Aconteceu [ocupações] no Centro Paula Souza e aconteceu na Câmara dos Deputados, a ALESP. Aconteceu no mesmo momento. As organizações institucionais só vão ocupar a ALESP porque eles não puderam entrar no Centro do Paula Souza. Por racha. Racha política.[...] O racha [entre autonomistas e entidades] já existia desde 2015. Mas nessa ocupação ele é muito concreto. “Vocês não vão entrar aqui. A gente não aceita vocês” [...] Eu aprendi a falar minhas ideias. Eu aprendi a ouvir. Eu aprendi a sistematizar as coisas. A encaminhar. Encaminhar é uma coisa que eu não sabia o que era. “Vamos encaminhar”. “Quais são os nossos encaminhamentos?”. Você aprende. Nossa, eu lembro que era um negócio que eu ficava admirada. Que é um tipo de organização que a gente não aprende [na escola]. Que é

sentar todo mundo junto e falar. E organizar o que a gente quer falar. E as comissões? Comissão de limpeza, segurança [...] E isso também me chamava muito a atenção [...] Todo mundo saber [fazer] ninguém dependia de ninguém. Isso também era uma coisa que me chamava a atenção.

E mais especificamente sobre as diferenças de classe dos estudantes de 2015 e 2016, de escolas de ensino médio e escolas de ensino técnico, respectivamente, Karina mostra o quanto estas se apresentam como duas realidades escolares diferentes. E isto teria alterado a própria percepção dos estudantes sobre o que as ocupações representavam.

Em 2016 é muito mais crítico. Os alunos são contra. A ETEC é uma escola pública diferente, né? Tem muita classe média ali. E tem essa questão dos alunos de curso técnico serem pessoas mais velhas. Serem pessoas que só querem aquele tipo [de estudo] para trabalhar. Nossa, rolou muita treta nas ETECs [...] O pessoal era mais pobre em 2015, era uma coisa mais homogênea de público, né? [em 2015, era mais homogêneo em relação] a idade, a classe, o tipo de pessoa [...] Aquela prova que eu fiz era para gente da oitava série fazer. Eu fiz no segundo ano do Ensino Médio [sobre a dificuldade de ingresso na ETEC]

Outro aspecto da perseguição que os estudantes sofriam, segundo Karina, eram os processos administrativos. Os alunos eram processados pelas direções das escolas, pelas Diretorias de Ensino e eram fichados nas delegacias. Os processos ocorriam por uma série de motivos, como desacato e depredação de patrimônio público – por quebrarem os cadeados. Karina chegou ao final das ocupações sem muitos problemas dessa natureza porque, de acordo com ela, levar adiante esses processos dava muito trabalho para os gestores.

Teve muitas tentativas, que não se concretizaram, porque a direção não quis, porque eles estavam errados. Teve muitas, assim, tentativas de processos. Tem isso, né? Quando você vai processar um aluno, você tem que ir pra diretoria de ensino. Depois da diretoria de ensino, você tem que ir pra delegacia normal, né? E aí, começaram esse processo, mas não concretizaram. Assim, arma branca iam me dar [processar] por causa de bomba que teve na escola, queriam colocar [a culpa] em mim. Agressão a direção também não ia comprovar [...] Eles não quiseram, assim, mais problemas. Porque, por exemplo, quando ameaçou isso, uma inspetora de corredor falou que ia testemunhar a meu favor. Outros funcionários falaram que [também] iam. Então, essas coisas foram baixando a bola, assim. Eles ligaram pros meus pais,

os meus pais se colocaram ao meu lado. Então, era muito trabalho pra eles. E eles iam sair [da escola], né? Eles saíram um ano e meio depois que eu terminei. E acabou tudo isso, assim. Mas eu tenho meu nome bem sujinho na escola (risos)

A relação de Karina com a escola também mudou após essa experiência de participação política proporcionada pelas ocupações secundaristas. Os estudantes puderam exercer um protagonismo sem precedentes no interior do ambiente escolar. Protagonismo esse que muito se discute mas que raramente se efetiva, sobretudo na rede pública. Nesse sentido, para além de um exercício de política na prática, as ocupações evidenciaram a necessidade de se repensar as relações no espaço escolar e a própria relação com o conhecimento. Karina passou a ter mais autonomia em relação ao conhecimento, o que faz pensar se não seria o papel da escola levar o aluno a essa descoberta.

Tive muita autonomia no meu estudo depois da ocupação. Estudar sozinha. Aprender a pesquisar. A trazer os temas pra escola. A saber que alguns temas não davam na escola de forma proposital. Então, mudou muito [a relação com a escola], assim [...] Até referencial também é diferente, né? Então, comecei a ter alguns referenciais que eu não tinha antes. Então, mudou muito, assim. Mudou 100% [...] A forma que eu lidava com os estudos era muito “a escola me dá, eu aprendo e pronto, acabou”. Depois das ocupações, eu comecei a saber pesquisar alguma coisa, me questionar e não esperar da escola que. Isso, a ocupação ensinou que o que eu poderia saber estava pra muito além da escola.

Se as ocupações, para muitos alunos, produziram essa transformação na sua maneira de se relacionar com o conhecimento, também modificaram a própria instituição em muitos sentidos, pois agora havia uma percepção mais nítida do poder de transformação que os secundaristas possuíam. Isto se apresentava, para muitos profissionais da educação, como um ganho substancial para instituição escolar, pois viam uma oportunidade para que houvesse uma reconstrução da relação entre professores e alunos em outras bases. Por outro lado, havia outros profissionais que encaravam as ocupações como uma situação de instabilidade, por as associarem à indisciplina e à quebra da hierarquia, que esperavam de uma relação como essa.

Toda escola mudou. Nenhuma escola ficou igual, não. [Mudou] Pra melhor, eu acho. Não sei se foi melhor no sentido, tipo, essa coisa linear, sabe? Mas mudou? Mudou! No sentido, não sei nem se... Eu não vou qualificar. Mas mudou no sentido que, tipo, todo mundo sabia que os alunos podiam fazer coisas. É, isso mudou. Todo mundo tava, tipo, meio... Alguns receosos, alguns felizes por isso. Alguns acabaram reprimindo mais os alunos por saber que os alunos tinham poder. E que eles sabiam que eles tinham poder.

Além de mudar a sua relação com o conhecimento, as expectativas em relação ao futuro mudaram bastante para Karina, que passou a promover oficinas, não só em sua escola como em outras. As oficinas tinham o objetivo de apresentar aos jovens de escola pública os mecanismos de acesso às universidades. Tal experiência de militância não só permitiu que ela canalizasse esse aprendizado para uma atividade transformadora, como também aumentou a sua autoestima e a fez ter uma consciência mais nítida do papel da militância e do estudo como meios de transformação dessa realidade dos alunos de escola pública. Em geral, os jovens, além de não conhecerem os atuais programas de ingresso às universidades, como FIES, PROUNI e SISU, muitas vezes não têm conhecimento nem sequer de que existem universidades públicas. Muitos deles acreditam que o único meio de cursarem o ensino superior seria por meio das universidades privadas, e, por isso, muitos desistem dos estudos. Karina compreende bem essa realidade excludente, e seu esforço para levar esse conhecimento aos jovens é considerado por ela uma espécie de militância.

Depois das ocupações, eu pirei, né, com essa coisa da universidade pública. Fiz meus amigos pirarem. Tanto que eu dei oficinas sobre programas como o SISU na minha escola [...] Eu virei uma referência, como uma pessoa que sabia sobre essas coisas. Então, muita gente vinha me perguntar. Mudou muito a minha perspectiva de vida [...] Me achei uma pessoa mais inteligente, também. Isso muda muito a autoestima [...], comecei a militar mais, e muita coisa muda, né? [...] Você se torna uma pessoa militante e nunca mais dorme em paz (risos) [...] Falo muito sobre a Universidade Pública. Acho que, da onde eu venho, nenhuma conquista é individual. Eu ter passado na Universidade Pública, foi eu que conquistei isso, foi minha família que conquistou isso, foi meus amigos que conquistaram isso, foram meus professores

que conquistaram isso, foram os pais dos meus amigos que conquistaram isso. Então, eu virei essa referência, né? Eu fui a única pessoa que passou na universidade pública na minha escola inteira [...] Contando nos dedos, só cinco [estudantes da escola estudaram em universidades públicas até hoje] [...] Então, tudo isso é um pouco essa referência, assim, de pessoa que sabe sobre a universidade. Então, eu já dei oficinas na minha antiga escola, e em outras escolas, como no Isaltino. Acho que essa é uma das minhas militâncias. As pessoas das escolas públicas precisam estar na universidade pública. Precisam estar nesse tipo de ensino, porque é diferente. A gente não pode negar que é diferente.

A escola reproduz a desigualdade à medida que limita as escolhas dos estudantes, negando-lhes o acesso a esses mecanismos. Esse desconhecimento dos jovens em relação à universidade pública e de suas possibilidades de ingresso, pode ser compreendido como uma dentre as diversas expressões do déficit cultural pelo qual os jovens da rede pública passam ao longo de suas trajetórias escolares. A Escola consagra a desigualdade ao ignorá-la (Bourdieu; Passeron, 2013)

Acho que o movimento secundarista me ensinou muito isso, né? Quais eram as nossas possibilidades. Alguns achavam que eram poucas, mas eram muito grandes. E a gente foi quebrando essas barreiras e aumentando as nossas possibilidades, né? [...] Então, é isso. Eu luto muito pelo [...] acesso à escolha. Acho que é isso, acesso à escolha. Porque ele [o estudante] pode escolher fazer uma universidade particular com bolsa, porque ele acha que aquela vai ser melhor pra ele. Mas que ele tenha escolha, e não tenha um destino final, fechado, único [...] Acho que é isso. As ocupações ensinam muito isso também, né?

Para além dos ganhos em militância, por outro lado, é importante ressaltar também a forte carga emocional a qual esses jovens foram expostos durante a construção desses protestos. Embora soubessem que haveria represálias, essas ultrapassaram aquilo que os estudantes previam. Além de sofrerem violência física nos protestos de rua, serem perseguidos e processados por muitos diretores, os estudantes adoeceram após as ocupações:

Muitos ficaram doentes. Acho que quase todo mundo ficou. Foi muita violência [com ênfase] Muitos ficaram doentes. Muitos, muitos. Psiquicamente. Muita violência, né? Em várias

esferas. Física, verbal. Pânico [síndrome do pânico]. Muitos tiveram pânico.

Sobre quais poderiam ser os próximos passos do movimento secundarista, compreendido da maneira como Karina o concebe - um movimento difuso e heterogêneo, que se apresenta de diversas formas, a depender do contexto escolar - ela é enfática ao ressaltar o modo como os estudantes se manifestam de forma orgânica, a partir de demandas específicas e concretas. Ao citar a escola Isaltino de Mello, ela antecipa um protesto realizado pelos alunos, uma semana depois da realização desta entrevista, ao avaliar que existiria um movimento secundarista na escola. Na ocasião, os estudantes combinaram entre si, pelas redes sociais, um protesto no pátio da escola contra casos de assédio e racismo que vinham acontecendo no ambiente escolar. Para Karina, além da espontaneidade nas ações e da possibilidade de que essas manifestações ocorram a qualquer momento, o movimento secundarista tem um caráter de luta objetiva por demandas ligadas a cada contexto específico. A preocupação com uma transformação estrutural mais profunda no campo da educação não é central. Embora tal transformação seja desejada pelos estudantes, eles preferem começar por questões que afetem o seu cotidiano escolar de maneira mais imediata, para, a partir daí, chegarem a temas mais amplos.

Futuro? (risos) Acho que tá aí, meu, acho que não tem nada assim. Sempre discuti muito isso, sempre bati muito nessa tecla. [O futuro] tá aí, tá acontecendo O Isaltino tem um movimento secundarista (risos) Não tem isso, não tem futuro. Não é que nem em “qual é o futuro?” Os secundas que vão dizer. Eles que estão criando agora, informando. Acho que sobre os secundas, você não pode falar de futuro, acho que só dá pra falar de presente. Qual é o presente? A galerinha tá pegando fogo com a volta às aulas. Eles perceberam que a escola não é natural, tem que se adaptar, desadaptar [...] [As ocupações] podem acontecer sempre. Em menor escala, em maior? talvez em maior! [...] Acho que no futuro, isso vai acontecer. Fiquem preparados. Apoiemos! [...] E não tem isso de vanguarda. Eles vão fazer o que for possível e o que for cabível para aquele momento. “Ah, a gente se espelhou em 2015”. Lindo! Mas 2015 não é vanguarda de nada.

Antes da entrevista, na ocasião de seu trabalho na escola Isaltino de Mello, Karina havia mencionado a disputa que existe em torno da memória relacionada ao movimento das ocupações. Isto é importante para

compreender como a instituição escolar de modo geral - alunos, professores e gestores - olha em retrospecto para o movimento secundarista daquele momento. Karina acredita que há um esforço, por parte daqueles que, na ocasião, foram contrários à atuação dos secundas, para que a história das ocupações não seja problematizada, discutida ou mesmo lembrada pelos estudantes, a fim de se evitar novos protestos. Ainda assim, existem estudantes que vivenciaram aquele momento, ou mesmo professores que se encarregaram, assim como ela, de preservar essa memória e construir a própria narrativa a partir de suas vivências.

É disputa. Quem assume o que a gente fez assume o outro lado [o lado dos manifestantes]. Então, se você assume o outro lado, você toma posições. A gente tem que mostrar que as ocupações aconteceram. Os alunos de hoje não sabem [...] Isso depende muito da direção da escola ser legal e a gente ter espaço pra falar, sabe? Ou de um professor ser muito gente boa e achar importante que os alunos saibam. O cultivo da memória depende das pessoas, né? O quanto as pessoas estão aptas a falar também, a escutar, a propagar essas ideias. Porque hoje, você fala de ocupação numa escola, a galera já fica tipo “hã? Como que é?” Já fica agitada. Porque sempre vai ter uma reclamação da escola [por parte dos alunos].

Tal como a história recente do país, no que se refere ao período da redemocratização em meados dos anos 1980, existiria aqui, analogamente, uma disputa em torno da memória e da verdade por parte dos atores sociais envolvidos; uma disputa entre, de um lado, o Estado, representado pela Secretaria de Educação e também por agentes públicos responsáveis pela segurança, e, de outro, os diversos movimentos secundaristas e o movimento estudantil como um todo. De acordo com Karina, também foram elaborados mecanismos para coibir as manifestações dos estudantes nas escolas, facilitando legalmente, os processos de desocupação por parte dos órgãos de segurança pública.

Hoje não pode ocupar a escola, né? É [lei] federal. Hoje a polícia consegue desocupar sem ter a assinatura do juiz. [Os estudantes] tentaram ocupar em 2016, e até em 2017. [Essas ocupações] duraram quatro horas, porque a polícia chegou lá com um aparato para desocupar sem precisar da assinatura do juiz. Em 2015 a gente ganhava tempo com isso, né? Demorava até um juiz expedir o mandado de desocupação. [Hoje] A polícia pode ir no espaço público e desocupar.

Apesar das investidas do governo à época, no sentido de reprimir as manifestações dos estudantes, muitos deles, como Karina, seguiram mobilizados politicamente em outras frentes, como ela demonstrou ao longo da entrevista. E, embora muitos deles tivessem cessado a militância, no que diz respeito às práticas, logo após o fim das ocupações, outros, como Karina, tornaram-se até mesmo transmissores desta maneira de fazer política, contribuindo assim para a formação de futuras identidades políticas.

É uma potência você ensinar o aluno como se ocupa uma escola. Ele pode fazer daqui a pouco, como pode fazer outra coisa que não seja ocupação. Como não se pode ocupar escolas hoje, então talvez eles tenham outras coisas. É isso. Adolescente tem muita potência.

Não é possível falar hoje em dia das ocupações das escolas pelos estudantes sem considerar a tensão entre, de um lado, os esforços para a preservação da memória e, de outro, a intenção de promover um apagamento daquela onda de protestos que ficou conhecida como *Primavera Secundarista*. As narrativas sobre o movimento são construídas pelos grupos em disputa, a saber, aqueles que buscam a preservação da memória, representados pelos estudantes do movimento autonomista, que permaneceram engajados mesmo após a vitória que obtiveram contra o processo de reorganização dos ciclos escolares e o fechamento de escolas, mas também as entidades estudantis - ou, movimentos sociais estudantis consolidados - sobretudo no papel significativo desempenhado pela UBES no ano posterior (em 2016), com as ocupações das ETECs e do Centro Paula Souza.

Se, entre os estudantes e seus representantes, há uma disputa de narrativas entre diferentes grupos de secundaristas - tanto aqueles identificados com o movimento autonomista, quanto aqueles ligados às entidades estudantis - por parte Estado e do governo, naquele momento após as ocupações, e de acordo com os relatos apresentados aqui, o que se tem é uma tentativa de apagamento desta história que se materializa na proibição mais severa à futuras ocupações de escolas, na perseguição a muitos estudantes, após os processos de desocupação, e na ausência de qualquer tipo de problematização em relação ao movimento secundarista, como

possibilidade legítima de exercício do protagonismo juvenil, ideia essa tão defendida pela instituição escolar, mas ignorada por completo quando esse protagonismo assumiu a forma de uma experiência concreta vivenciada pelos estudantes.

4.2.4 Tatiana e a Vocação Para a Política

Tatiana, estudante de Pós-graduação em Antropologia Social, tem apenas 24 anos e já possui um currículo bastante extenso de participações em movimentos sociais, que vão desde as primeiras reuniões com o grupo de secundaristas que ajudou a fundar - e que foi determinante para o início do movimento dos estudantes em 2015 - até sua atuação no RENFA - Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas. A identificação com movimentos sociais parece, ao contrário do que acontece com quase todos os colaboradores deste estudo, remontar às gerações de seus pais e avós, sempre muito engajados politicamente. Dentre as possibilidades de seleção das entrevistas para a análise, essa justifica-se por representar um contraponto ao que foi observado nas breves análises das demais trajetórias familiares: os pais e avós de Tatiana, embora não tivessem envolvimento com a política institucional ou partidária ao longo de suas vidas, passaram, em certa medida, pelos movimentos sociais. E mais do que isso: apresentam todos eles uma formação acadêmica mais sólida, notadamente na área das humanidades.

À princípio, a ideia era analisar também o relato de José, irmão de Tatiana, somando-o aos relatos utilizados para compor esse quadro das formas de participação política, uma vez que, assim como a irmã, ele participou ativamente das jornadas de ocupação. Mas, por conta das experiências em comum, sobretudo no que diz respeito à criação, ou a uma história de vida em comum, avaliou-se que seria melhor escolher outros participantes que proporcionassem uma diversidade maior de trajetórias políticas para a composição desses quadros. Por fim, devido à distância (Tatiana mora e estuda no Estado do Rio de Janeiro), a entrevista foi realizada de maneira remota. Foi necessário recorrer a esse meio pois, assim como aconteceu com Karina, a entrevista precisou ser remarcada diversas

vezes. A ideia inicial era entrevistá-la em um final de semana em que estivesse em visita à casa de sua mãe, o que acabou não acontecendo no momento em que realizou-se a coleta de material para este estudo. Ainda assim, a entrevista aconteceu sem maiores contratempos, e a contribuição de Tatiana foi praticamente idêntica à dos demais participantes, no sentido de ter respondido a todas as questões predefinidas da entrevista semidirigida. A conversa aconteceu no dia 10 de setembro de 2022, um sábado pela manhã.

Começamos a entrevista pelas perguntas sobre os avós de Tatiana, Ela então inicia por falar dos avós maternos, e o que logo chamou a atenção foram suas formações acadêmicas, e, principalmente, um envolvimento direto do avô com o movimento estudantil. Além disso, a maioria dos estudantes entrevistados, conhecia, principalmente o local de origem de seus avós. E quando eram questionados sobre suas ocupações, respondiam se tratarem de homens e mulheres que viviam como trabalhadores rurais. Nesse sentido, Tatiana e José apresentaram uma exceção ao conjunto de entrevistas deste estudo.

Eles são de Belo Horizonte, os dois. E o meu avô é economista e a minha avó é biblioteconomista (Bibliotecária). [São] aposentados. E eles têm um grande envolvimento com a política. Meu avô foi vice-presidente da UNE, foi militante na época da ditadura, foi preso. Então, ele é bem comunista (risos). Bem, diria que a política é uma proposta de vida dele, assim.

Os avós paternos também tinham grau superior de escolaridade e, assim como os avós maternos, essa formação também se concentrava na área das humanidades. Além de uma preocupação com o andamento da política institucional, expresso no envolvimento com campanhas políticas, chama a atenção também o fato de a avó paterna de Tatiana ter se dedicado ao magistério, como professora normalista inicialmente - profissão que, na época, não exigia ensino superior – tendo se formado em pedagogia, depois.

Por parte de pai [...] O meu avô é formado advogado, mas ele se formou já bem mais velho. E assim, exerceu poucos anos de profissão. E a minha avó é professora. Também é formada em pedagogia. Bem mais velha, mas sempre deu aula, né? Porque fez escola normal. Normalista, né? [...] E também são bem ligados à política. São militantes, petistas. Fizeram muita campanha para o Lula, para os candidatos do PT. Mas aí eles já não são, assim, nunca foram de nenhuma organização,

nunca foram filiados e tal. Meu outro avô [materno] já realmente foi organizado, né? Participava de organizações políticas. Meu outro avô também teve um [envolvimento] maior com política. Ele é jornalista também, né? Então ele teve um jornal, um movimento [...] Mas, sim, [política] é algo que a gente discute muito, né? É muito presente na vida familiar, assim [...]. Meu avô, por parte de pai, é nascido em Santana do Cariri, Ceará. E a minha avó em Fortaleza, Ceará.

Tatiana optou por seguir a profissão da mãe. Seus pais são formados em Ciências Sociais, e sua mãe é Doutora em Antropologia.

Meu pai e a minha mãe são formados em Ciências Sociais.[...] A minha mãe é antropóloga, trabalha com certificação ambiental.[...] E ele, meu pai, trabalha com cinema, ele é colorista [...] Minha mãe também voltou pra academia depois [...] Há pouco tempo ela terminou o mestrado e doutorado.

Apesar de nunca terem sido filiados a partidos ou organizações políticas, seus pais estiveram muito envolvidos com movimentos sociais, e essas experiências contribuíram para uma abordagem em família de muitas questões políticas. Tatiana e seus dois irmãos mais novos cresceram em um ambiente no qual a política aparecia cotidianamente, nem sempre como o assunto principal, mas como uma das possibilidades de uma educação bastante aberta ao diálogo.

Eles nunca participaram exatamente organizados nesse sentido, mas eles sempre participaram de movimentos, né? Minha mãe trabalhou na CUT. Enfim, é isso. Associação de moradores, eles vão e tal, mas não são filiados. [...] Nunca realmente participaram dessa forma, mas sempre participaram de movimentos.[...] Acho que [política] é um dos assuntos [...] eu tenho uma relação bem próxima com eles. A gente conversa bastante sobre tudo na vida.

Ao contrário de Karina que, apesar de não se identificar mais com nenhuma denominação, vê na religião uma relevância significativa na formação, Tatiana evidencia bem o posicionamento de sua família e o seu próprio em relação à religião.

É, não sigo. Não sigo. Meu avô, por parte de pai, é um pouco católico. A minha avó é já meio mística (risos), já...sabe [...] Nenhum deles [seus familiares] frequentou, nenhuma religião não [...] A única coisa que tem a ver com isso é que a minha tia se casou na igreja. Minha tia, por parte de pai, casou na igreja.

Além de não haver obrigações com qualquer religião impostas pela família, os pais de Tatiana proporcionaram, e ainda proporcionam uma educação bastante aberta, na qual qualquer assunto é passível de discussão, e os filhos têm liberdade de escolha. A única obrigação colocada para ela e seus dois irmãos era a dos estudos.

Sim, mas assim, ninguém nunca falou que eu tinha que fazer nada [...] Sempre foram conversas mesmo [...] Sempre deram bastante liberdade para a gente também discutir e tudo mais [...] Meu pai é uma pessoa que tem... Os dois [o pai e a mãe], na verdade [...] Ele tem uma característica muito forte que é de discutir mesmo, né? Não tem questões que, ah, isso não pode falar, isso não se fala com criança, isso não se fala com... Não, a gente sempre discutiu as coisas, é claro. Sempre, né? Numa posição de cada um no seu lugar. Esse é meu pai, essa é minha mãe, né? [...] Pessoas que, enfim, eu obedeço e tal. Mas sempre discutimos as coisas. Com os avós também... É sempre... Sempre teve esse espaço da discussão, do diálogo, né? Sobre tudo [...] Meu pai sempre falou sobre tudo. Se fosse para falar sobre drogas, ele ia falar. Sobre sexualidade, ele ia falar. Sobre tudo. Sobre política, vai falar.

De acordo com Tatiana, estudar e, mais especificamente, ir para a faculdade, eram as únicas obrigações exigidas pelos pais. E, uma vez que todos os assuntos eram discutidos e problematizados em família, a escolha pelos pais de um tipo de educação que correspondesse à ênfase ao diálogo pode ser percebida pela preferência dada ao método construtivista da educação, que prima por uma participação mais efetiva dos educandos. Tatiana e o irmão, que hoje estão na faculdade, passaram por escolas com esse perfil. A irmã mais nova, de 15 anos de idade, também segue os passos dos irmãos. O caso de Tatiana ilustra como as famílias de maior renda (mais de dez salários mínimos, nesse caso) e de maior trajetória escolar ao longo das gerações dos pais e avós, acabam por fazer um investimento maior e/ou mais elaborado na educação dos filhos, para além da simples, embora genuína, percepção da escola como meio de promoção da mobilidade social.

No ensino fundamental, eu estudei em escola pública. E no ensino médio, eu estava estudando em escola particular [...] meus pais sempre tiveram uma expectativa de estudo, né? [...] Tipo, da gente estudar. Isso sempre foi algo que... A gente iria ter que fazer [...] No ensino fundamental, eu estudei numa escola. Se chama Amorim Lima [...] é uma escola pública que tem um projeto político-pedagógico diferente. Ele é inspirado

no modelo da escola da Ponte, em Portugal [...] Então, ele [o modelo] tem poucas aulas expositivas. Os alunos são organizados em grupos e tal. É uma escola que chamam de construtivista, né? [...] Eu estudei nessa escola. E no ensino médio também fui para uma escola. Ganhei bolsa. A partir do Amorim, ganhei uma bolsa numa escola particular [...] Que também tinha esse lado construtivista.[...] Então, é isso. Meus pais sempre estiveram preocupados com a nossa formação, [formação] política também, eu diria assim, né? Nós enquanto cidadãos e tal [...] Então, a questão da continuidade dos estudos, né? Então é isso, tipo... Sempre foi cobrado que você fosse pelo menos para a faculdade, né? (risos)

Embora pertença à uma família de classe média, os colegas de escola de Tatiana pertenciam a uma classe mais abastada e com renda mais elevada. Ela e seus irmãos conseguiram ingressar na escola por meio de bolsa de estudos. Essa diferença de classe social acabou por provocar uma relativa falta de identificação de Tatiana com os demais alunos.. Ela então estudava nessa escola, mas mantinha os vínculos de amizade com os estudantes que haviam sido seus colegas na escola pública, e que foram, no ensino médio, para as escolas que iniciaram as ocupações, como o Fernão Dias Paes.

É... Essa escola... Ela... Não foi uma escola que eu consegui criar muitas relações, assim [...] Era uma escola muito diferente da minha realidade. As pessoas eram pessoas que estavam numa situação... Outra, entendeu? [...] Escola de pessoas bem ricas [...] Então, eu não fiz muitas amizades, assim, né, profundas e tal [...] Mas eu conheci algumas pessoas, até hoje também tenho algum tipo de relação

Tatiana cita uma experiência no Ensino Médio que mostra o quanto a proposta curricular da escola contemplava a aquisição de capital cultural de forma mais efetiva. A experiência de imersão em campo foi importante devido a conexão com a trajetória familiar e também para a formação posterior no campo da antropologia. No caso de Tatiana, há um alinhamento entre trajetória familiar e educação escolar que teria levado aos seus engajamentos posteriores, como a participação efetiva nas ocupações secundaristas e até mesmo na identificação de seu trabalho posterior como parte desse engajamento, como veremos mais adiante.

Tem uma experiência do ensino médio que essa escola propõe que é o estudo do meio [...] são viagens que eles fazem para alguns lugares, e, uma das viagens no terceiro

ano foi ir pro Sertão do Ceará. Justamente [...] Da onde essa parte da minha família é, né, de Santana do Cariri. E aí a gente foi pra lá. Eu era bolsista, eles também me deram a viagem, né? Fazia parte da bolsa. E aí foi uma experiência muito boa. A gente aprendeu muitas coisas sobre o sertão, né? Saímos de São Paulo pra ir pro sertão do Ceará [...] Eu acredito que quando você vai nos lugares também, as coisas fazem muito mais sentido, né?

Os trabalhos e projetos acadêmicos que Tatiana desenvolve atualmente estão relacionados à causas sociais. A escolha pela carreira em Ciências Sociais parece ter ocorrido um pouco por influência dos pais. Ela fala com bastante entusiasmo das atividades que desenvolve. A escolha da carreira em famílias onde o ingresso na universidade é algo quase como um caminho natural ou tido como uma certeza, corrobora para a ideia de herança transmitida pelas gerações passadas, que vão além da abertura de caminhos pelo poder econômico, passando mais por uma tradição familiar em determinada área do conhecimento. No caso de Tatiana, é evidente a influência da tradição familiar em Ciências Humanas.

Eu tô fazendo pós-graduação em antropologia social na Universidade Federal [...] trabalhando num projeto junto com a universidade. É um projeto de pesquisa aplicada. E tá sendo bem interessante [...] A gente vai fazendo a pesquisa, mas vai montando também atividades com nossos interlocutores e tal. [...] A minha pesquisa é sobre o sistema socioeducativo [...] Eu fiz trabalho de campo junto ao órgão responsável pela execução dessas medidas socioeducativas em meio aberto. É a liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade. Aí eu acompanhei essa execução da medida [...] é um órgão que é composto por assistentes sociais e psicólogos [...] Aí eu acompanhei o atendimento que elas faziam com esses adolescentes que estavam no cumprimento de medida.

E essa herança ainda traz a vantagem de possibilitar uma facilidade maior de acesso às oportunidades durante a graduação e para além desta. Oportunidades como trabalhos na área de estudo, iniciações científicas, ingresso na pós-graduação imediatamente após a graduação, entre outras coisas. Em geral, o acesso a uma rede de contatos de profissionais da área, que tornam as experiências acadêmicas bastante desiguais. Como nos mostra Bourdieu e Passeron (2013), o simples acesso aos cursos superiores não garante igualdade de oportunidades no decorrer da trajetória acadêmica. As oportunidades de Tatiana se deram devido a classe social e a tradição

familiar. Como demonstrou em vários momentos, Tatiana tem plena consciência de seus privilégios de classe.

E tô trabalhando como prestadora de serviço numa empresa de crédito de carbono [...] Então, também tem sido bem interessante, porque a gente constrói projetos sociais com comunidades lá no Pará, né? [...] E, assim, se não fosse por esse trabalho, acho que eu não iria conhecer essas pessoas, essa realidade. Tá sendo bem interessante. Tô conseguindo realmente exercer, assim, aquilo que eu pensei sobre ser antropóloga, né? [...] Conhecer vários modos de vida diferentes.

A ligação de Tatiana com os movimentos sociais vem de um momento anterior às ocupações secundaristas. Se, por um lado, durante o ensino médio, ela não foi atuante no Grêmio Estudantil por não se identificar com os colegas de escola, ajudou a fundar o próprio grupo de discussões sobre os problemas concernentes à realidade escolar. Esse grupo representou uma espécie de gênese do movimento de ocupação secundarista, uma vez que estava diretamente envolvido na articulação das ações dos estudantes da segunda escola ocupada, o Fernão Dias Paes.

Um pouco antes, no terceiro ano [...] um pouco antes das ocupações [...] Criamos um grupo que chamava GAS, Grupo Autônomo Secundarista, que eram alguns estudantes de escolas particulares e públicas [...] A gente se conhecia, e a gente inventou de fazer esse coletivo, esse grupo [...] E aí a gente começou a fazer umas reuniões. A gente fazia lá no CCJ, sabe? No Centro Cultural da Juventude, no Centro Cultural Vergueiro [CCSP] Tipo, chamava vários estudantes de escolas [...] Das escolas que a gente conhecia [...] Tipo, particular ou pública, pra conversar sobre os problemas da escola, o que a gente achava e tal.

Para além das jornadas de ocupação, esse grupo debatia outros assuntos, como a diferença entre ensino público e privado, uma vez que seus membros eram oriundos de realidades distintas no campo da educação, além de discutir a importância do encontro para abordar questões políticas, o que viabilizaria a aglutinação dos estudantes em torno do movimento que eclodiu em novembro daquele ano de 2015.

E aí tinha essa conversa também [sobre] as diferenças entre a escola particular e a pública, sabe? [...] Tinha vários colégios [públicos], porque a gente se organizava. A gente conhecia muita gente. E cada pessoa conhecia pessoas muito diferentes. A gente já viu como é São Paulo também, às

vezes. Como é uma pessoa da Zona Sul, não sei o quê [...] Mas os colégios que são mais perto de onde eu moro, morava na casa da minha mãe, era o próprio Fernão [Dias Paes], né? Que foi o colégio que eu ocupei [...] Aí minhas amigas estudavam no Ciridião [Prof. Manuel Ciridião Buarque], na Vila Madalena.[...] Acho que mais esses dois, assim, que eu consigo citar agora

Embora estivesse inserida nesse universo, proporcionado pela família e pela escola, que fornecia diversas possibilidades de problematização de quaisquer assuntos, sobretudo no âmbito da política, Tatiana também vivenciava experiências típicas dos adolescentes. Questionada sobre quem era a Tatiana antes das ocupações, ela diz:

Eu era uma estudante do ensino médio, né? Enfim, estava terminando já. É isso, muito motivada politicamente, né? [...] Assim, [a política] sempre foi algo centrado em mim, mas estava fazendo outras coisas, estava estudando. Eu organizava festas na época. Organizava eventos [...] também com minhas amiguinhas, éramos adolescentes, indo pra rolê (risos) [...] Me preocupando com a escola e com meus namoradinhos e saídas (risos).

Pelo fato de Tatiana ser uma jovem politizada muito antes das ocupações, a sua participação no movimento poderia não ter sido uma experiência significativa. Mas ela discorda. Tatiana vê uma mudança radical nas concepções políticas que tinha antes e depois daquele momento. Para ela, foi uma experiência de organização política que foi além do interesse anterior por política e de tudo que havia aprendido antes – essa experiência, ela define como anarquista – para além da família, era uma experiência só dela.

Não é por isso que também não houve uma mudança radical (risos) [...] Eu já pensei muito numa experiência de organização política mesmo [...] Era muito anarquista também [...] Era uma experiência minha, né? Por mais que tivesse a família que me apoiava bastante (,,,) foi uma experiência muito forte de organização. Algo que eu costumo pensar, assim, eu sempre falo, é que... O que eu não senti mais nenhuma vez depois das ocupações [...] Uma sensação de... Poder coletivo mesmo, né? De você estar organizado no coletivo. E aí ter essa organização bem horizontal, né? [...] Enfim, construir tudo coletivamente, né? A partir das assembleias e tudo mais [...] Você estar organizado junto com aquelas pessoas e alcançar aquilo que vocês querem, né? Aquilo que a gente queria na época. Tipo, ah, então a gente tem um objetivo, então a gente se organiza pra alcançar esse

objetivo. Todo mundo junto, né? Isso é algo que eu nunca mais senti, essa coisa, esse poder, né? E a gente fazia tudo junto. Tipo, ah, então agora nós vamos fazer os trancamentos de rua. Então vai todo mundo. Aí uma pessoa foi presa. Então nós vamos todos juntos pra frente da delegacia, né? Tinha uma coisa muito forte de um coletivo muito unido, que também dava uma sensação muito de poder coletivo.

Além das possibilidades abertas pela união entre as pessoas, Tatiana, assim como Karina, considera que o fato de ter sido um movimento social composto quase exclusivamente por adolescentes – à exceção de algumas participações pontuais de pessoas de fora da escola – conferiu uma força maior à luta dos estudantes. Para ela, o voluntarismo e a facilidade para tomada de iniciativa, são próprios das pessoas dessa faixa etária.

A gente pode fazer essas coisas, né? Aquilo que a gente quiser fazer, a gente pode fazer. Porque nós estamos juntos. E acho que isso também tem a ver um pouco com a idade, né? Com certeza a gente vai fazer. Ser mais doido, né? Assim (risos), ter mais aquela coisa, daquela fúria adolescente (risos). Mas eu acho que é isso. Esse sentimento muda muito a sua percepção de tudo, né? Assim, de que isso é possível de existir, né?

E, assim como Karina, Tatiana vê na organização de assembleias, mas também na formação de comissões, alguns dos pontos marcantes da experiência das ocupações. Pontos que ela leva como modelo para a sua participação posterior em outros movimentos.

E também da própria organização mesmo política, né? Assim, de você entender, tipo, como que é uma assembleia, né? Como você pode organizar as coisas a partir de comissões, né? Assim, uma formação política mesmo [...] foi um movimento que me formou politicamente. Até hoje, eu já passei por outros movimentos, mas... Isso é o que me... É um pouco o que me orienta, assim, sabe? Eu sempre acabo retomando exemplos da ocupação para os movimentos que eu tô vendo... Que eu tô vivenciando, sabe?

Além das assembleias e das comissões, é importante destacar o papel que certas ações de enfrentamento, certas formas de atuação política, ainda mais práticas, desempenharam para o movimento de ocupação. Estratégias de luta que vão além do campo das ideias, do campo da ideologia, pois envolvem, em seu conjunto, uma maneira mais direta de busca por transformação da realidade social. É importante lembrar que as ocupações secundaristas de 2015 rejeitavam (na maioria das escolas) a participação de

partidos políticos, sindicatos ou entidades estudantis já consolidadas. Tatiana lembrou como havia um caráter objetivo na organização dos estudantes, que tinha por finalidade, buscar a realização de uma demanda muito concreta.

Figura 2 - Foto de contracapa do manual para ocupações de escolas

contra a "reorganização" da rede estadual!



SE FECHAR, VAMOS OCUPAR!

Fonte: Coletivo O Mal-Educado (2015)

Para Tatiana, os manuais elaborados pelo grupo de estudantes secundaristas O Mal-educado, teriam ajudado também nesse tipo de organização política mais efetiva. “Os manuais do Mal-educado, né? [...] O Mal-educado foi um movimento que foi muito importante pra gente também”, diz ela. Esse conhecimento disseminado pelos manuais, sobre como atuar mais efetivamente no movimento secundarista, contribuiu decisivamente para a organização do movimento.

[...] A gente era muito organizado na ocupação. Muito mesmo, assim. Foi uma organização política que eu... Acaba que eu nunca mais vi, assim, sabe? Organização política de realmente sentar numa assembleia e fazer. Pensar táticas do território, sabe? A gente pegar os mapas e ficar fazendo. Pensando quais são os trancamentos. Olha, onde que tá cada [batalhão]. O que que tem em cada rua que tá perto da gente

[...] Onde que tá isso, onde que tá aquilo. E aí pensar estratégias a partir do território. Ou pensar outras estratégias, tipo... De luta mesmo, né? Como que você identifica uma bomba... Se a polícia tacar a bomba, qual bomba que é. X ou Y. Ou se você... Essa você pode pegar, essa você não pode pegar. Qual que você chuta, qual que você não chuta. Assim, estratégias de você realmente pegar isso, que eu não vejo, entendeu? [referindo-se aos grupos em que atuou posteriormente] Não passei também muito depois [por essas situações]. Porque as coisas são mais abstratas, às vezes, sabe? [...] A gente tinha essa organização. E era uma organização muito concreta mesmo.

Tatiana conta sobre como se deu esse processo de ocupação, do seu ponto de vista, e como seu grupo de amigos foi influenciado também pelos estudantes secundaristas chilenos, do movimento que ficou conhecido como Revolta dos Pinguins.

A gente se organizava nessas reuniões. Aí a gente começou a fazer atos. Porque aí veio a reorganização. Aí a gente fez esses atos [de rua]. Né? Com várias escolas. E aí, a partir desses atos que começou a ficar essa incitação da ocupação. Porque a gente tinha assistido esse documentário dos secundaristas chilenos, né? Da revolta dos pinguins. E aí a gente começou a ficar falando esse negócio de ocupação, ocupação, vamos ocupar e blá, blá, blá. E aí a gente realmente começou a se reunir para pensar essa ocupação como seria [...] Eu era de uma escola particular. E a gente estava se reunindo com vários alunos do Fernão. Porque também a gente ficava muito ali, esse negócio de ficar... Essa incitação da ocupação, a gente ficava muito ali no Largo da Batata, perto do Fernão [Dias Paes] né? Então muitos alunos começaram a ficar com essa ideia. E aí a gente fazia as reuniões. E nessas reuniões a gente pensava, tipo, e aí, como vai ser? As coisas que a gente precisaria. Seria que horas que a gente iria chegar. A gente fez uma pesquisa antes, porque a gente precisava saber que horas que a escola abria. Que teria alguém na escola, mas que horas que as outras pessoas chegavam. Ali, naquela região de Pinheiros, tem um batalhão muito perto, né? Então a gente precisava saber também se a polícia passava e tal. [...] E daí algumas pessoas que ficaram responsáveis por ir alguns dias antes e ficar percebendo essa movimentação. E também o que a gente precisava fazer. Seria trocar o cadeado, né? Seria colocar a nossa corrente, o nosso cadeado, ali, da maneira que a gente estava ocupando. E formar uma assembleia depois. Basicamente isso. Aí a gente combinou um dia para fazer isso. E fizemos isso [...] Nós nos encontramos, acho que... Cinco horas da manhã, no Largo da Batata, alguma coisa assim. Aí a gente subiu ali a Teodoro (Sampaio). E... Entramos na escola.

Apesar de estudar em uma escola particular, a participação de Tatiana no movimento foi efetiva, tendo organizado as ocupações de diversas outras escolas, passado tempo integral nas ocupações e participado dos protestos de rua. O que, mais uma vez demonstra o caráter difuso das ocupações. Os estudantes transitavam pelas escolas ocupadas e prestavam auxílio mútuo.

Tinha [estudantes que não], mas eu dormia [na escola] A gente ia, inclusive, eu ia para a escola, né? Para a minha escola. Eu dormia no Fernão. Acordava quatro horas da manhã. Para fazer café da manhã para as pessoas da ocupação do Fernão. Porque eu participava bastante das comissões da alimentação e da limpeza. A gente deixava o café da manhã preparado. Eu tomava café da manhã, ia para a minha escola (risos) [...] Aí eu ficava de manhã na escola e voltava para a ocupação [...] Na primeira semana a polícia ficou num cerco, né? Em volta do Fernão. No dia que a gente ocupou eles fizeram esse cerco em volta do Fernão. Isso de eu ir e voltar da escola já era mais quando a polícia já tinha saído e a gente já estava na ocupação mesmo.

A respeito da maneira como os estudantes se organizaram, Tatiana descreve uma forma de organização horizontal que pressupõe a participação de todos os estudantes em todas as atividades, por meio de um sistema de rodízio na execução das tarefas.

A gente se organizava por comissões. Acho que tinha a comissão de limpeza, alimentação, segurança... Que eram os milicos (risos), a gente ficava brincando com a segurança. E o que mais? Ah, de cultura, né? De atividades. Eu acho que era isso. A gente fazia assembleia todos os dias [com ênfase] no final da noite. Acontecia atividade o dia todo. Antes jantava. E aí, por volta de umas oito, nove horas, a gente fazia assembleia. Todos os dias. Nas assembleias, a gente discutia como foi o dia.

Sobre os assuntos que eram discutidos nas assembleias, Tatiana descreve as estratégias que se deram ao longo dos dois meses de ocupação. Estratégias de organização do espaço e divisão de tarefas, mas, sobretudo, do que precisava ser feito para se atingir o objetivo principal dos estudantes de barrar o processo de reorganização das escolas. Em determinado momento, foi necessário lançar mão do expediente de trancamento das avenidas principais próximas às escolas, tática aprendida a partir dos manuais do O Mal-educado. E a comunicação entre as mais de 200 escolas ocupadas, foi fundamental para o sucesso do movimento.

Como as comissões tinham se organizado? Muitas reclamações. Né? (risos). O pessoal não está respeitando a limpeza e tudo mais, (risos). Cada um falando. E também pensando quais seriam os próximos passos políticos, né? Quais seriam as estratégias políticas a partir daqueles dias? Chegou um momento que a gente falou, bom, só ficar ocupado, não está [dando certo] A gente não está conseguindo o que a gente quer. Então, a gente precisa pensar em outras formas de luta. Então, vamos fazer os trancamentos e tal. O que a gente discutia muito nas assembleias também era essa divisão que a gente... Quando foi crescendo as ocupações, a gente tinha muita comunicação com as escolas. Então, ficava um vai e vem de alunos.

A composição das ocupações de 2015, no que diz respeito à classe social, era bastante homogênea, com alunos predominantemente das classes mais baixas, mesmo nos bairros nobres. Isso é importante para traçarmos uma distinção entre essas ocupações e as ocupações que ocorreram em 2016, de caráter muito mais difuso e heterogêneo. Os alunos que vivenciaram a experiência de 2015 estavam bastante conectados entre si, e, conseqüentemente, havia essa mesma conexão entre escolas, o que levava a uma grande circulação de alunos. Assim, nem sempre os ocupantes de uma escola estudavam necessariamente na mesma.

Eu dormia em diversas escolas. Participei mesmo da ocupação de várias escolas. A minha ocupação base era o Fernão, mas eu ia para diversas escolas [...] Tanto porque a gente ia para a ocupação mesmo, né? Para fazer a ocupação com eles. [...] Então, tipo, a ocupação do Emygdio de Barros, a ocupação do Ciridião.[Prof. Manuel Ciridião Buarque], eu fui, né, no dia que eles iam ocupar a escola. [...] a gente ajudava eles. Eu juntava um grupo de alunos e falava: Ah, a gente também quer ocupar a nossa escola. Aí ia lá no Fernão e a gente conversava. A gente falava assim, tem que fazer assim, assim, assim. E aí iam pessoas. E iam também, depois que a escola estava ocupada, ficava esse vai e vem de alunos, entendeu? A gente tinha essa comunicação muito forte com as escolas.

As assembleias foram importantes para a tomada de decisão dos estudantes. A estratégia dos trancamentos de avenidas, por exemplo, foi tomada em assembleia, e aconteceu em diversos pontos da cidade, de forma coordenada.

Figura 3 - Ilustração do “Manual de como travar uma avenida”



Fonte: Coletivo O Mal-educado (2015)

E as assembleias realizadas nas escolas demonstraram o quanto, apesar das realidades sociais e demandas muito específicas, o movimento secundarista se apresentava bastante coeso, a partir de uma comunicação bastante eficaz.

Esse negócio das 200 escolas, era uma comunicação muito boa. Tanto que a questão dos trancamentos, a gente organizou em toda [a cidade de] São Paulo. A gente organizou por zona, né? Cada um na sua zona vai pensar na avenida principal e vai fazer o trancamento. Vai juntar as escolas e vai fazer o trancamento. E, algo também que eu acho que é muito forte dessa organização que depois...[se perdeu]. Participei de movimentos na universidade, inclusive participei da ocupação da universidade em 2016. Mas algo que eu acho que era muito forte também [nas ocupações secundaristas] que eu sinto muita diferença [para o movimento universitário] era a forma como a gente organizava a assembleia, né?

Tatiana, assim, possui uma experiência posterior de participação política em outros contextos estudantis, e, desta forma, pôde relatar o quanto é diversa a participação dos estudantes em cada um destes espaços de discussão do movimento estudantil. A partir do exemplo das assembleias, constata-se que essas foram importantes mecanismos de participação e de tomada de decisão para as ocupações estudantis, sobretudo as que ocorreram em 2015. Os estudantes buscavam consenso a respeito de suas

demandas, em assembleias que tinham um tempo de duração de, às vezes, sete, oito horas. Isso acontecia porque todos possuíam tempo de fala, ao contrário do que acontece no ambiente universitário, por exemplo, onde os discursos são, às vezes, monopolizados por poucos grupos ou indivíduos.

Para cada aluno, cada estudante. Realmente a assembleia, era para todas as pessoas falarem aquilo que elas estavam acreditando, o que elas acreditam, sabe? O que elas queriam, né? De fato, assim, todo mundo tinha um momento. Era uma assembleia horizontal. Todo mundo vai ter espaço de fala pra falar o que quiser, né? E isso não é algo que eu sinto em outros movimentos. Eu sinto que as pessoas já vêm [com uma proposta], por exemplo, no movimento universitário [...] Então a gente vai discutir, vai colocar as nossas ideias e vai construir algo junto. Certo? Mas pra isso eu preciso te ouvir também, porque a gente tem que construir algo junto. Na universidade eu já sinto que é assim: eu já tenho uma proposta construída e você também. Então a gente só vai discutir pra qual proposta vai ganhar. A gente não tá construindo algo juntos. Tipo, eu já venho com a minha proposta construída, entendeu? [Isso] não é assembleia. E aí também o pessoal acho que confunde muito o que é assembleia nesses outros espaços porque aí vai falar assim, ah, assembleia. Aí vai, botar uma mesa, bota já 10 pessoas pra falar, não abre pras outras pessoas direito, não tem espaço. “Ah, não, porque já tem muitas falas”, entendeu?

Ainda sobre o ineditismo das formas de atuação das ocupações de 2015, outro aspecto que chama a atenção é a inexistência de qualquer tipo de filiação a entidades estudantis ou partidos políticos. Questionada a respeito do movimento secundarista mais clássico, que se construiu em torno de bandeiras históricas como a luta contra a Ditadura Militar das décadas de 1960 e 1970, e o Fora Collor, protagonizado pelo movimento dos Caras-pintadas - ambos com forte apoio da UBES, da UNE e de outras entidades estudantis, Tatiana é enfática ao expressar a ausência de quaisquer vínculos entre esses movimentos e as ocupações: “O movimento secundarista que eu vivi é esse. Eu não tenho muito estudo sobre os outros. Eles foram expulsos nos atos [das ocupações de 2015], né?”. Isso pode ser interpretado como a manifestação de uma insatisfação com a maneira como as coisas são conduzidas, por parte dessas entidades, que, na opinião de muitos jovens das ocupações de 2015, não garantiam uma participação política mais ampla, direta e efetiva dos estudantes. No ano seguinte, tendo

as ocupações assumido um caráter nacional, as entidades estudantis tiveram um protagonismo maior.

Além da pauta comum entre as escolas, apareciam outras questões nas aulas que os estudantes promoviam, e, eventualmente, nas assembleias. A questão de gênero aparecia quando o assunto era a divisão de tarefas, por exemplo. Mas essas não eram as questões centrais, e não tiravam o foco dos estudantes de seu objetivo principal.

Principalmente questão de gênero. Acho que a questão racial menos. Não sei se era porque eu também não me tocava muito. Mas eu acho que não aparecia muito, não. Pelo que eu me lembro. [...] A gente discutia muito, sim, e tal. E tinha muito isso. As mulheres eram muito nessa coisa bem feminista mesmo. Porque a gente discutia as coisas que a gente passava. [...] Mas eu acho que sim. Gênero talvez fosse um dos temas também. E tipo questões de assédio e tal.

As ocupações tiveram, assim, um objetivo muito bem definido, que era o de impedir a reorganização e o fechamento de escolas. Mas podemos identificar um ponto de inflexão que ocorre durante o processo, pois os estudantes passaram a se interessar, de uma forma ainda mais contundente, por promover um debate com a sociedade sobre educação. Nesse sentido - e estando ainda mais próximos do problema, pois estavam vivenciando na prática o que é gerir uma escola - começaram a propor uma discussão sobre o modelo de ensino. Eles perceberam que poderiam ser uma voz fundamental na construção de um modelo educacional mais eficaz.

Assim, depois que a gente [ocupou], o motivo da ocupação foi esse, né: a reorganização; o mote da ocupação. Mas quando a gente estava ocupado, aí começaram a surgir várias coisas e tal. Porque aí você pensa, né, os estudantes tomaram o poder da escola [...] Aí surgiram várias discussões, né? Sobre o modelo de ensino mesmo, né? Tipo, porque a gente não parou de ter aula, por exemplo. A gente organizava aulas na escola. E eram aulas que eram muito mais produtivas, mas também agradáveis pra todo mundo, né? Os estudantes gostavam muito. Então a gente fazia as aulas lá fora. Enfim, organizava as aulas também sobre os temas que a gente queria (risos). E aí a gente começou a ter muitas dessas discussões também sobre o modelo de ensino. Se até as aulas também a gente discutia, era pra discutir também isso.

Mas, ao término das ocupações, não houve essa discussão sobre o modelo de ensino que Tatiana e seus amigos almejavam. Em geral, os

estudantes relatam situações de perseguição por parte das escolas, das diretorias de ensino e, em alguns casos, até problemas com a lei. Os estudantes conseguiram adiar por um tempo o processo de reorganização, que, logo em seguida, seria retomado com fechamentos de salas de aula. E uma proposta de um novo modelo de ensino (Novo Ensino Médio) apareceu dois anos depois, em nível nacional e sem que se fizesse um debate mais amplo com os estudantes.

E aí tinha essa discussão sobre como seria se o Fernão voltasse. Se os estudantes que ficavam, né, que ainda ficariam, conseguiriam construir um projeto de ensino junto com a direção, né? Junto com as outras escolas e tal. Ah, então você me pergunta se isso conseguiu ser feito, né? Não, não conseguiu ser feito não. De jeito nenhum! Não, não teve diálogo nenhum [com a direção] Teve foi uma repressão dos alunos, né? Foi muito forte.

As ocupações secundaristas de 2015 duraram aproximadamente dois meses. Um pouco mais ou um pouco menos a depender da escola, pois muitos estudantes optaram por continuar, e aproveitaram para denunciar problemas que identificaram na gestão das escolas, como o mal uso dos recursos destinados. Mas, de acordo com Tatiana, a experiência também deixou frutos para os seus participantes. Para muitos, foi uma experiência de formação política, mas também a oportunidade de compreender que existe uma potência transformadora no jovem, enquanto parte de um coletivo organizado. Além de deixar um legado para futuras gerações de secundaristas.

É uma formação política, né? É uma experiência de formação política [...] Então, isso formou politicamente todas essas pessoas que participaram. [As ocupações] também [trouxeram] esse poder coletivo. Esse sentimento de poder coletivo. Na prática. Que é algo que é muito difícil de se construir [...] Muito difícil de se construir uma coisa assim [com ênfase], realmente sentir isso, cara. Sabe? De tomada do poder? E demonstra não só pra gente que passou, né? Mas deixa isso marcado também. Né? De luta, assim. De que as coisas podem acontecer, né? Que a gente não é um bando de gado que abaixa a cabeça. Que a gente pode sim se organizar. É que os estudantes têm os seus pensamentos políticos, têm a sua autonomia, né? A sua potência de construção, de um mundo que a gente acredita. Né?

Em geral, muitos estudantes, como Tatiana, que participaram das ocupações de 2015, também estiveram presentes em outros processos de ocupação das escolas públicas em 2016 e de universidades também. As entrevistas coletadas para este estudo mostraram dois caminhos mais recorrentes para os estudantes ocupantes: ou eles seguem engajados, buscando até mesmo formações profissionais que os aproximam da militância (Tatiana e Karina), ou partem para o mercado de trabalho, passando por um eventual processo de desengajamento (Ana e Letícia), embora mantenham uma consciência crítica advinda da experiência de política na prática.

É... Enfim, realmente se você for pensar... O FERNÃO foi a segunda escola que foi ocupada, né? [...] E aí, depois disso, foram mais de 200 escolas ocupadas em São Paulo. Mas foram mais de não sei quantas...[...] Centenas de escolas no Brasil inteiro. Que eu ocupei até a escola aqui no Rio de Janeiro também. Porque depois que eu... Estava no terceiro, né? Aí eu fui...[...] Pra faculdade. Eu passei na Federal Fluminense em Niterói. Aí eu vim pra Niterói. E as escolas estavam sendo ocupadas aqui no Rio de Janeiro...[...] Em 2016, que foi quando eu vim pra cá, né? [...] Então eu ajudei também a ocupação aqui. Participei da ocupação aqui. E depois aí foi a coisa das universidades ocupadas. Então foi uma avalanche, né?

As ocupações tiveram apoio massivo da sociedade em geral, mas também havia muitas expectativas em relação ao movimento, e em determinado momento, as pessoas que estavam de fora assistindo, acreditavam que os estudantes estavam querendo muito mais do que aquilo que eles realmente se propuseram a realizar. Nesse sentido, o movimento de ocupações guarda uma identidade com os protestos do MPL em 2013, que se dissiparam a partir do momento em que seus participantes atingiram o objetivo de impedir o aumento da passagem. Não quer dizer que esses movimentos sejam contextuais ou espontâneos, pois também lutam por transformações mais duradouras, como um novo modelo de ensino ou o passe livre no transporte público, mas que, às vezes, os objetivos são mais factíveis.

Eu também acho que às vezes as pessoas romantizam muito as ocupações, né? Tipo, elas... Transformam muito a ocupação, os estudantes secundaristas, em meio que heróizinhos, né? [...] Essa coisa bem clássica da sociabilidade brasileira, né? Histórico do social brasileiro, de criar os seus

heroizinhos, né? [...] Eu acho que isso é muito feito com a gente, né, com os estudantes. É ruim porque você limita as pessoas. Você caracteriza elas de uma forma e você limita elas enquanto seres humanos mesmo porque a gente estava ali errando também, né? [...] A gente não estava só “nossa, que lindo a ocupação, maravilhosa. Olha como eles se organizam”. Tinha um monte de coisa errada também, entendeu? [...] É isso, pessoas convivendo juntas, né? Se agredindo também, né? Tipo, se xingando, e não sei o que, e com raiva. É aquilo, pessoas convivendo, no mundo, não é uma bolha. A gente não foi uma bolhazinha fora da sociedade. Então, aconteciam coisas [negativas], só que a diferença é que a gente discutia tudo.

Em relação aos processos de engajamento ou desengajamento, Tatiana falou um pouco de sua atual militância, e de como o trabalho e a academia a impedem de fazer mais, embora ela nunca perca o ativismo de vista. Nesse sentido, ela fornece pistas sobre o que aconteceu com muitos estudantes após as ocupações. Alguns participaram só das ocupações secundaristas e pararam por aí. Muitos estudantes somente não queriam que suas escolas fossem fechadas.

Hoje eu tô um pouco menos, mas eu participo de um movimento que se chama RENFA, Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas Mas tô um pouco [afastada] Não tô participando tanto, assim, mas eu sou organizada a partir desse movimento. [...] E meu próprio trabalho também. [compreendido por ela como engajamento político] Assim, cada um da sua forma. Geralmente, essas pessoas que participaram das ocupações não se organizam em partido. Elas fazem outro tipo de ativismo. [...] Muitas são artistas, né? E outras, enfim, vão pra atos e tal, mas, tipo, não são organizadas em partido, a nenhuma organização.

Para Tatiana, o perfil dos estudantes das ocupações era de classe mais baixa, ao menos nas ocupações de 2015. Isso porque o movimento ocorre em escolas públicas da rede estadual, e mesmo quando essas escolas estão em bairros mais nobres, esses estudantes são oriundos das comunidades do entorno, o que acaba por tornar o movimento mais homogêneo. Ela reconhece que faz parte de uma classe média mais abastada, mas entende a condição de assalariados de seus pais. Isso a aproxima de seus colegas da escola pública, além de muitas outras vivências em comum.

Eu sempre estudei em escola pública, só fui pra escola particular quando eu fui pra ensino médio. [...] Nas escolas

públicas, eu sempre fui, tipo, a patricinha, né? (risos). Porque minha família é uma família de classe média. Diria até classe média alta, né? [...] Enfim, é isso, com formação acadêmica, todo mundo com faculdade, pelo menos. Então, existe uma diferença, né, muito nítida, muito clara, entre pessoas que estão na classe baixa mesmo [...] Só que, ao mesmo tempo, é isso, né? Todo mundo é filho de trabalhador, né? É isso, meus pais também são assalariados (risos). [...] E a gente, né? E também, tipo, o bairro que eu moro, que a minha mãe mora, é um bairro de classe média, né? [...] Que é o bairro que a gente mora, mas no entorno também. Muitos bairros de classe baixa, né? Muitas favelas e tal. [...] E a gente sempre estudou com essas pessoas. Então, sempre também estive nesse meio, né? [...] Os amigos sempre foram dessas classes também.

Questionada sobre se existe algo a respeito da situação política do país que ela gostaria de dizer, Tatiana enfatiza o retrocesso pelo qual o Brasil passou nos últimos anos, o que destoa das lutas dos estudantes poucos anos antes. Para Tatiana, essa situação seria até mesmo distópica, dada a incompatibilidade entre uma concepção mais retrógrada de política e uma visão progressista dos estudantes.

É uma situação muito difícil essa que a gente tá, né? É meio distópico. A gente tá falando de ocupação, de movimento autonomista, de grupos autônomos, né? Toda essa construção independente, bem anarquista, e tal. E agora a gente tá nessa situação, com esse fascista no poder, tendo que retornar a uma política antiga, né? Temos que apoiar o Lula, temos que apoiar o PT. Que não é um partido, nem uma pessoa que também a gente não tenha críticas, né? Temos muitas críticas, mas é isso. Vamos embora. Vamos ter esperança de que ele ganhe. E, enfim, é isso também, né? Mas sou, como eu te falei, né? Minha família também é muito petista e tal. Então eu também sei, até por essa formação também, eu sei diferenciar um do outro. Sei reconhecer também o projeto do Lula.

Por fim, pela sua formação, Tatiana acha fundamental a discussão sobre política na escola. E isso, para ela, estaria acima de uma educação de qualidade, que poderia salvar as pessoas de uma vida imersa em desigualdade e sem possibilidade de mobilidade social. Isso porquê uma educação política coloca, já no início do processo, a possibilidade das pessoas tomarem as rédeas da situação, a possibilidade de escolherem os melhores caminhos, as melhores trajetórias, até mesmo educacionais.

Sim, acho que é algo que é inevitável, na verdade, né? Eu tenho trabalhado também bastante em escola, e as crianças querem falar, né? As pessoas querem falar. Elas estão discutindo. A diferença é a forma que você vai conduzir isso. A gente tem um modelo de ensino muito autoritário, né? Repreensivo, de controle. E acaba não aproveitando a potencialidade das crianças e dos adolescentes. Vem de criação, de vontade. É necessário discutir política. É isso, tem a ver com a nossa formação enquanto pessoas [...] Na verdade, eu acho que é uma das coisas mais importantes, assim, porque a gente fala muito sobre educação, né? Tem essa coisa da educação enquanto aquilo que vai salvar. Uma educação salvacionista. “A educação é o que vai salvar o povo”, né? [...] Só que, assim, que educação é essa, né? A gente tem que pensar que educação que a gente quer. [...] Porque, assim, é isso, eu estudei numa escola particular, ensino médio, de pessoas ricas. E essa era uma escola legal ainda, mas tem muitas escolas particulares que, enfim, com pessoas ricas também, e aí, qual é a formação que essas pessoas têm, entendeu? Elas não têm uma formação política, elas não vão ser formadas porque qual é a educação que a gente quer? A gente quer uma educação em que as pessoas busquem, tenham ideais que elas busquem a diminuição da desigualdade [...] Que elas entendam que as pessoas têm que ter dignidade. Que todo mundo tem que viver com dignidade, todo mundo tem que poder existir à sua maneira. Isso é uma educação que a gente tem que trabalhar. Não é uma educação de qualidade, é uma educação que discute politicamente, que tem essa discussão política, porque senão não faz sentido nenhum. [...] Então, na verdade, a política tem que ser o cerne da educação (risos). E uma política de igualdade social.

Assim como Tatiana, a maioria dos jovens entrevistados mostrou-se favorável à promoção de discussões sobre política no ambiente escolar. Mais especificamente, para as estudantes das duas últimas entrevistas analisadas nesta pesquisa, a política deve até mesmo nortear os rumos das discussões no ambiente escolar, e, idealmente, determinar as ações da instituição de dentro para fora, ou seja, a partir dos estudantes ou da comunidade escolar, e não o contrário.

O perfil da maioria dos estudantes que ocuparam as escolas era de jovens de classe baixa, estudantes da escola pública. A maioria desses jovens, com o término das ocupações, continuaram sendo perseguidos por muitos gestores. Karina soube se livrar dessa perseguição, que, para ela, gerava muito trabalho para as escolas. Tatiana, e também seu irmão, José, não tiveram esse problema, uma vez que não eram alunos da rede pública.

A disputa entre narrativas sobre as ocupações ainda persiste. Para Karina o movimento secundarista possui uma grande capacidade de se reinventar e não se resume ao movimento estudantil consolidado. Mesmo após ter ido para a faculdade, ela nunca perdeu contato com os secundaristas, e hoje desenvolve um trabalho sobre os adolescentes e o funk. Tatiana, por sua vez, faz o acompanhamento de execução de medidas socioeducativas com adolescentes vulneráveis. Tanto Karina quanto Tatiana compreendem seu trabalho no campo acadêmico, como uma extensão de sua militância política. Karina atualmente está cursando Ciências Sociais e pretende se especializar na área da antropologia social, trabalhando com juventude, e Tatiana faz pós-graduação na mesma área.

Em relação a aproximação entre pesquisador e entrevistado, essa questão da trajetória acadêmica e do objeto de pesquisa - nós três fizemos a mesma graduação e também pesquisamos assuntos relacionados à juventude - nos aproximou de forma imediata, e pudemos, assim, construir uma relação bastante satisfatória entre pesquisador e “pesquisado”. As entrevistas com elas acabaram sendo as mais longas e repletas de nuances, sobre o movimento de ocupação e sobre os processos de socialização política abordados mais adiante. E essa identificação inicial permitiu que a reflexão a respeito do objeto de estudo ocorresse de uma maneira mais fluida já no momento da entrevista.

Karina e Tatiana também citam o peso que a energia comum à juventude teve na maneira como as ocupações se propagaram rapidamente, e na persistência dos estudantes em se manterem “ocupados” – numa expressão que se popularizou entre eles. Para elas, ao se envolverem com o movimento secundarista, os adolescentes acabam canalizando a energia que já possuem em grande medida em prol de uma causa. E a mistura desses elementos, política e juventude, acaba culminando numa reação que ultrapassa as expectativas em termos de militância política. Esse seria, para elas, um dos fatores que levaram o movimento ao êxito naquele momento.

Elas ainda concordam sobre a importância que as assembleias, as comissões e o coletivo tiveram em sua formação como militantes. A política era um assunto comum entre os membros de suas famílias. De modos diferentes, as duas estavam imersas em contextos nos quais as pessoas

reconheciam a importância da política em suas vidas. A ênfase que Karina dá ao coletivo, se deve ao fato de ter, por exemplo, acompanhado uma torcida organizada de futebol desde a infância. Seu pai sempre a levou aos jogos do Corinthians. Ela lembra que o lema da Gaviões da Fiel (torcida organizada do time), "Lealdade, Humildade e Procedimento", está sempre presente em sua casa. Karina recebeu o aprendizado de um fazer político de sua vivência na comunidade.

Já Tatiana, passou a infância acompanhando de perto a militância e as discussões políticas de seus pais e avós. Quando foi para as ocupações, entretanto, aquela experiência traz algo inédito, que marca a sua trajetória posterior e que se configura como um exemplo de passagem da teoria à prática política.

Cabe ainda ressaltar que havia uma diferença entre Karina e Tatiana quanto a classe social. As duas estão localizadas em pontos diferentes do espaço social, mantendo relações diferentes com a escola e acessando de modo diverso as oportunidades que aparecem em cada contexto. Desta forma, podemos concluir que as disposições para o engajamento político, não são as mesmas, mas que convergiram em determinado momento de suas trajetórias. Para fins de análise, podemos classificar o caso de Tatiana como exemplar e incomum, e o de Karina como a representação da média dos estudantes que participaram do movimento de ocupação: estudantes da rede pública, de classe social com renda mais baixa e moradores da periferia.

Essas entrevistas com os quatro jovens - escolhidos para a composição de um quadro de possibilidades de participação política - estão separadas por quatro anos. Bianca e Henrique foram entrevistados em 2018, e Karina e Tatiana, em 2022. Este hiato se explica por uma interrupção no andamento da pesquisa, por não ser possível cumprir seus objetivos iniciais, descritos acima. No início da pesquisa, a dificuldade era a de encontrar estudantes que houvessem ocupado escolas, para fazer um contraponto com aqueles que não ocuparam. Assim, as primeiras entrevistas foram realizadas com estudantes que não ocuparam, mas que ofereciam importantes pontos de vista em relação à política, que se evidenciam pelas suas próprias trajetórias. Nesse sentido, as entrevistas com Bianca e Henrique foram menos extensas, pois não contavam com relatos sobre as ocupações.

4.3 Considerações Sobre o Andamento da Pesquisa

A seleção das quatro entrevistas para uma análise mais detalhada se deu a partir das experiências políticas narradas pelos estudantes. Priorizou-se experiências diversificadas, como participação em protestos de rua, em grêmio estudantil, em movimentos sociais como o movimento antifascista, o movimento feminista e o MPL, e a participação nas ocupações secundaristas. Buscou-se também incorporar à análise das ocupações secundaristas, o ponto de vista daqueles estudantes que não se envolveram diretamente com o movimento de ocupação, mas que apoiaram e deram suporte, de alguma maneira, repassando informações pelas redes sociais ou debatendo com seus pares. Os estudantes que participaram de maneira efetiva dos processos de ocupação, demonstraram conhecer de forma mais precisa as trajetórias de seus avós, de modo geral. Embora não saibam responder quais seriam as idades destes, por exemplo. Além disso, quando perguntados sobre o envolvimento dos pais e avós com qualquer coisa relacionada à política, como movimentos sociais, partidos ou sindicatos, também se mostravam mais conscientes dessas trajetórias. Mais adiante, na seção 5, foi empreendido um esforço de interpretação das possibilidades de socialização política no interior das famílias dos estudantes que ocuparam e dos que não ocuparam as escolas.

4.3.1 Dificuldades que Permearam a Pesquisa

As entrevistas com os estudantes que participaram efetivamente das ocupações estudantis, foram realizadas em um segundo momento da pesquisa. Isto porque, inicialmente, houve problemas para acessá-los, devido ao recorte e a intenção de realizar uma pesquisa comparativa entre duas escolas. Para realizar tal comparação, entrar em contato com os estudantes da escola ocupada mostrou-se uma tarefa extremamente difícil. Apenas oito secundaristas participantes das ocupações estavam matriculados na escola à época. Os demais ocupantes, diferentemente do que se supunha até aquele momento, eram de outras escolas, como foi constatado depois, por meio de conversas com pessoas que vivenciaram aquele momento - professores,

inspetores de alunos e estudantes ligados aos movimentos de caráter mais autonomista, como o MPL. O fato dos estudantes transitarem pelas escolas ocupadas foi confirmado posteriormente pelos entrevistados.

Quanto aos movimentos de caráter autônomo, durante uma incursão à campo, em um encontro que tratava dos rumos das ocupações, realizado na cidade de Santo André e que reuniu jovens ligados aos movimentos autonomistas - reunião esta sugerida por uma das estudantes entrevistadas - notava-se facilmente, a partir do perfil e da fala dos participantes, o quanto a participação de estudantes na condição de universitários à época das ocupações, foi bastante recorrente: dos 12 participantes da reunião, apenas quatro estavam cursando o ensino médio no momento das ocupações, tal como ocorreu na escola escolhida no início da pesquisa. O contato com esses jovens que participaram da reunião, à semelhança daqueles da escola, também mostrou-se bastante difícil. Nenhum deles concordou em fornecer qualquer tipo de contato. Também nunca entraram em contato pelos meios que lhes foram oferecidos (telefone e rede social). Essa impossibilidade se tornou ainda maior, pois essas reuniões não foram mais realizadas. A dificuldade em localizar e convencer os informantes a colaborar com a pesquisa se explica, primeiramente, por uma possível insistência por parte dos pesquisadores em acessar esses jovens, desde que as ocupações das escolas vieram à tona. Em um determinado momento, eles simplesmente cansaram, como relatou uma das entrevistadas. Segundo Karina, muitos estudantes pegaram “bode” (gíria para enfasiar-se ou enraivecêr-se com algo ou alguém) de ter que dar entrevista toda hora. Outra explicação para essa aversão estaria na perseguição e violência que esses jovens sofreram durante as jornadas de ocupação. E essa perseguição acompanhou alguns deles muito tempo após o fim das ocupações. Como relatou Karina, muitos foram perseguidos pela direção das escolas, sofreram processos administrativos nas Diretorias de Ensino e até mesmo foram fichados em delegacias, em alguns casos. Nesse sentido, em certo momento da pesquisa, tornou-se muito claro que haveria muita resistência por parte desses jovens e que eles não concordariam tão facilmente em participar da pesquisa. Houve também entrevistas combinadas previamente que não foram adiante,

simplesmente porque o potencial entrevistado adiava o encontro por inúmeras vezes e, gradativamente, ia deixando de manter contato.

4.3.2 “CEP” dos Estudantes da Amostra

No que se refere às regiões da cidade em que moravam esses estudantes à época das ocupações, percebe-se um padrão. Quatro dos cinco ocupantes residiam em bairros de classe média nos distritos de Jabaquara (Karina) e Pinheiros (Tatiana e José). No momento da entrevista, Letícia morava na Lapa, mas quando ocupou a escola Antônio Alves Cruz, residia com a mãe e o padrasto em Pinheiros. Mantendo assim, o mesmo padrão. Já os estudantes que não ocuparam eram todos das regiões de Campo Grande, Cidade Ademar e Pedreira. Eles residiam em bairros mais periféricos dentro desses distritos, Ana foi a única estudante desta região a participar das ocupações, e ainda assim, a ocupação não foi realizada em sua escola, mas na região de Santo Amaro (Escola Estadual Maria Petronila). Rafael também residia no Distrito de Santo Amaro. Estudava na ETEC Takashi Morita, que se localiza ao lado do Maria Petronila. As duas escolas tinham posicionamentos contrários em 2015. Rafael então, naquele momento, seguia a opinião contrária às ocupações da maioria de seus amigos da ETEC. Ana se engajou no movimento das ocupações de imediato, participando de reuniões com outros estudantes na sede do sindicato dos professores na região sul de São Paulo. Seus colegas de escola, no entanto, não a acompanharam. Então ela integrou indiretamente as ocupações de outras escolas.

5 ANÁLISE DO MATERIAL DAS ENTREVISTAS

Na sequência, a análise centrou-se em uma possível interpretação das formas de socialização política dos estudantes, no momento e após as ocupações secundaristas, levando em consideração, inicialmente, os fatores que podem contribuir para um eventual desengajamento, como o ingresso no mercado de trabalho, relatado por alguns estudantes. Em seguida, buscou-se verificar as disposições para a manutenção do engajamento e da militância durante a fase adulta, fase esta que corresponde ao período posterior às ocupações secundaristas. A importância da família nesses processos mostrou-se fundamental, e recebeu uma maior ênfase por parte da análise, seguindo os passos indicados pelo referencial teórico.

5.1 Da Valiosa Experiência ao Relativo Desengajamento pelo Mundo do Trabalho

Letícia, uma jovem de 22 anos, participou das ocupações quase que por acaso. Dos 14 para os 15 anos, estava visitando uma escola pública, o “Alves Cruz”¹⁰, como é conhecido, e se encantou com os projetos realizados ali. Em seguida, vieram as ocupações e ela integrou o movimento sem ser de fato aluna da escola em um primeiro momento. Podemos considerar sua trajetória como sendo um bom exemplo da influência da família e da escola em seu processo de socialização política, mesmo que, ao menos em relação aos avós, ela não identifique nenhum tipo de participação política em suas trajetórias pregressas. Em relação a um deles, ela até mesmo observa uma mudança:

São todos muito desligados da política. Meu vô, hoje em dia, mais velho, acho que começou a mudar um pouco a mentalidade dele, começou a rever as atitudes dele passadas, porque viveu num momento ainda muito machista assim da sociedade, uma sociedade muito patriarcal, mas hoje em dia eu sinto que ele revê um pouco esses conceitos que ele tinha antes. E dá para ver que ele está tentando

¹⁰ Escola Estadual Professor Antônio Alves Cruz

acompanhar um pouco a sociedade e se tornar uma pessoa melhor.

Considerando a escolaridade dos pais como um fator importante na socialização política, deve-se levar em consideração também a formação tardia como um componente fundamental nesse processo. No caso da mãe de Letícia, chama atenção o fato de ter formação na área da educação, o que pode ter influenciado na percepção da estudante sobre os problemas relativos à educação. Em relação a escolaridade da mãe:

Minha mãe é professora, não uma professora específica, ela é uma professora de ensino básico [...] Minha mãe se formou recentemente, faz uns anos já, porque a escola começou a cobrar isso de ter uma formação mesmo. Que eles não precisavam antes, não era necessário, e aí com a mudança aí de tudo ela precisou fazer a faculdade, se formar, ela fez. E meu pai não fez faculdade [...] Ela devia ter já uns 30, 32 talvez (quando se formou na universidade)

Crescendo em um ambiente onde se valorizava questões relativas à cultura, bem como uma atitude mais reflexiva em relação à política - embora ressalte que essas questões não estavam exatamente relacionadas à política institucional propriamente dita - Letícia lembra o quanto foi importante a influência da mãe e do padrasto, que lhe proporcionaram uma espécie de iniciação às questões políticas e sociais:

É, eu sinto que tanto minha mãe, quanto o meu padrasto né, que foi a pessoa que me criou, sempre procuraram trazer um pouco, não exatamente da política assim, mas são assuntos que depois que você entende um pouco mais você percebe que englobam a política também né, são assuntos sempre sobre classe social, sobre machismo, sobre essas coisas, nada muito aprofundado, a gente nunca teve muito aprofundamento nesses assuntos, mas a gente foi criado de uma forma já, de certa maneira política, sem ser política de verdade, sabe.

Eles também a levavam a protestos desde muito cedo. Pergunto a ela se seriam protestos no ano de 2013, deduzindo pela sua idade, ao que ela responde:

[...] eu acho que quando eu tinha treze anos, foi a primeira vez que eu fui numa manifestação, foi a contra a tarifa, sabe quando? A de 2013, isso. E eu olhava assim de fora e tinha vontade de ir. Minha mãe sempre teve muito medo, porque pode se tornar um evento muito violento. Mas eu lembro que meu padrasto deu até uma brigada com ela, falou "não, ela

tem que ir, tem que ir”, e tal, “tem que ver”. E aí, a primeira manifestação que eu fui, foi o meu padrasto que me levou.

De modo geral, toda essa geração de estudantes foi marcada, de uma maneira ou de outra, pelas Jornadas de Junho de 2013. Muitos dos estudantes que participaram mais efetivamente das ocupações, estiveram presentes nesses protestos. Para Letícia, a partir do que ela vivenciou e observou nas ocupações, muitos também tiveram um primeiro contato com a política naquele momento: “acho que também têm muitas pessoas que tiveram o primeiro contato com a política e com as manifestações, na época das ocupações”. Nesse sentido, pergunto a ela se - uma vez que, é nítido que alguns tiveram o primeiro contato com a política naquela ocasião, ou pelo menos, passaram a sentir as consequências práticas do fenômeno político de forma mais clara - ela percebe também um movimento inverso, de estudantes que passaram por um processo de desengajamento após as ocupações. E ela responde de maneira muito enfática:

Sim(!). acho que inclusive, grande parte, porque, querendo ou não...inclusive eu hoje em dia, assim, procuro estar sempre informada sobre o que está acontecendo, mas, desde que eu saí da escola, comecei a trabalhar e tudo, acaba ficando um pouco de lado mesmo. Eu acho que tem pessoas que continuaram ainda indo atrás, e tem pessoas que simplesmente tiveram que viver a própria vida, ganhar o próprio dinheiro, e aí vai acabando o espaço para isso, se você não corre atrás.

Isso contribui para a análise e posterior compreensão dos processos de desengajamento de jovens conscientes ou não de sua militância. O mundo do trabalho, ao mesmo tempo que pode representar o palco no qual as lutas políticas se desenrolam, também pode levar ao afastamento da militância, por demandar muito tempo e dedicação para a satisfação de necessidades materiais e por estar, muitas vezes, em contraposição à militância política. É no campo do trabalho que a luta entre as classes se desenvolve, onde o trabalhador se posiciona politicamente, onde é definida a sua posição no espaço social, mas o trabalho também impõe um alto custo para aqueles que ousam lutar pelos seus direitos.

5.2 A Importância da Família nos Processos de Socialização

A socialização política, de acordo com a perspectiva teórica adotada neste trabalho (Percheron, 1987; Müxel, 2018), tem na família o seu principal lugar de transmissão. A partir das entrevistas realizadas foi possível verificar que essa socialização pode ocorrer no interior das famílias de diferentes maneiras, o que levou à comparação de seus efeitos na formação das identidades políticas dos jovens. Havia aquelas famílias nas quais a política era tratada como tabu, e aquelas em que assumia um lugar privilegiado nas discussões.

A influência da família e da escola nos processos de socialização política é fundamental, e essas são as duas principais instâncias onde isso ocorre. Nesse sentido, o acesso a uma formação acadêmica mais sólida nos primeiros anos de formação, ou mesmo um grau maior de educação formal dos pais ou dos avós, proporcionaria uma socialização política mais substancial no sentido de formar indivíduos mais conscientes de sua posição social, e mais bem preparados para a ação política. O que não quer dizer que não haja socialização política nas famílias que não discutem o fenômeno político em suas diversas facetas. Não se interessar por política também é uma forma de marcar posição.

Ficou muito claro, a partir das entrevistas e do recorte determinado (estudantes que ocuparam e estudantes que não ocuparam) o quanto essa conjunção de fatores, representados pela família e pela escola contribui para os processos de socialização política. Dos cinco estudantes que participaram efetivamente das ocupações, quatro ingressaram em cursos universitários na área de humanidades, duas em Ciências Sociais (Karina e Tatiana), uma em Letras (Letícia, que havia acabado de prestar o vestibular à época da entrevista), e uma em Direito (Ana). O único a destoar desse grupo, foi José, que optou pelo curso de Gastronomia. A militância e a influência familiar, como veremos mais adiante, teria levado essas jovens a buscarem carreiras mais diretamente relacionadas à observação dos aspectos sociais da vida cotidiana. Além das duas estudantes que entraram para o curso de Ciências Sociais, um terceiro estudante do outro grupo (Rafael), também seguiu a mesma carreira.

No grupo dos estudantes que não participaram da ocupação, as aspirações são relativamente diversas. Até o momento da entrevista, muitos deles ainda estavam no ensino médio. Cinco deles faziam cursos profissionalizantes à época (Henrique, Gisele, Luís, Emerson e Paulo), o que evidencia o quanto a dimensão do trabalho é importante neste grupo. Dos cinco ocupantes, quatro deles citaram cursos de idiomas, e uma (Karina), fazia curso de fotografia. Nesse caso, percebe-se um investimento educacional mais voltado para a aquisição de capital cultural, se comparado com a preocupação dos pais dos primeiros em ajudar a inserir seus filhos mais rapidamente no mercado de trabalho. Conforme Tabela 6.

Tabela 6. Trajetória escolar e acadêmica dos jovens e suas aspirações

NOME DO JOVEM	FEZ O EF EM ESCOLA:	FEZ O EM NA ESCOLA:	Cursos extras	QUE CARREIRA PRETENDE SEGUIR
HENRIQUE	Pública	Pública (regular)	Profissionalizante	Tecnologia da Informação
BIANCA	Pública	Pública (regular)	Não faz	Medicina
GISELE	Pública	Pública (regular)	Profissionalizante	Design de interiores ou enfermagem
EMERSON	Pública	Pública (regular)	Profissionalizante	Psicologia
LUÍS	Privada/ Pública	Pública (técnica)	Profissionalizante	Design de jogos eletrônicos
ANA	Privada	Pública (regular)	Idiomas	Direito
PAULO	Pública	Pública (regular)	Profissionalizante	Engenharia automotiva
FERNANDA	Pública	Pública (regular)	Não faz	Relações Públicas/ Assessoria

Tabela 6. Trajetória escolar e acadêmica dos jovens e suas aspirações

NOME DO JOVEM	FEZ O EF EM ESCOLA:	FEZ O EM NA ESCOLA:	Cursos extras	QUE CARREIRA PRETENDE SEGUIR
LETÍCIA	Privada	Pública (regular)	Idiomas	Letras
RAFAEL	Privada	Pública (técnica)	Idiomas	Sociologia
KARINA	Pública	Pública (regular)	Fotografia	Antropologia Social
TATIANA	Pública	Particular (bolsa)	Idiomas	Antropologia Social
JOSÉ	Pública	Particular (bolsa)	Idiomas	Gastronomia

Não se descarta aqui, obviamente, o fato de alguns estudantes de escolas localizadas em regiões mais humildes, terem também lançado mão do recurso das ocupações como estratégia de transformação de suas realidades educacionais, mas o tipo de socialização política desta amostra de estudantes ocupantes pode ter influenciado nesses engajamentos em um momento bastante anterior no curso de vida desses jovens. A estudante Letícia é um bom exemplo de como se deu esse aprendizado, como relatou a respeito de sua participação nas manifestações de 2013, incentivada pelos próprios responsáveis. Outros três estudantes ocupantes também estavam presentes nessas manifestações. Mas Karina e os irmãos Tatiana e José não foram para as manifestações por influência direta de seus pais, que temiam a violência que poderiam sofrer nesse tipo de mobilização. O Movimento Passe Livre foi a porta de entrada para aquilo que esses estudantes vivenciariam alguns anos depois nas ocupações das escolas. Soma-se a isto o fato de que os irmãos Tatiana e José participavam desde muito cedo, de reuniões de estudantes no Centro Cultural São Paulo para discutir questões políticas, que, a partir de um certo momento, desembocaram nas estratégias para ocupações de escolas como principal pauta. Tatiana, dois anos mais velha, foi

quem levou o irmão para as reuniões. Os dois são os únicos que relataram que seus pais e avós tiveram oportunidade de cursar o ensino superior. A mãe foi ainda mais longe, e é hoje professora universitária. Tatiana tem consciência de que pertence a uma minoria privilegiada e que essa posição no espaço social favoreceu o desenvolvimento de um olhar mais acurado em relação às questões sociais. Ela e o irmão, além de ocuparem a escola Fernão Dias Paes, localizada em Pinheiros, ajudaram outros jovens a ocuparem suas escolas nas periferias.

As mães da maioria dos estudantes fizeram ensino superior (Tabela 7), embora algumas delas (as mães de Letícia e Fernanda) tenham ingressado tardiamente, conforme relatado no decorrer das entrevistas. Apenas as mães de Karina e Henrique (ensino básico completo) e de Bianca e Paulo (ensino básico incompleto) não acessaram ainda o ensino superior. A mãe de Henrique, como relatado pelo estudante, tinha isto em seus planos. Sua conclusão do ensino médio também se deu de forma tardia.

Tabela 7. Escolaridade e ocupação das mães dos entrevistados

NOME	ESCOLARIDADE (MÃE)	OCUPAÇÃO PRINCIPAL (MÃE)	DIPLOMA (MÃE)	TIPO DE TRABALHO (MÃE)
HENRIQUE	Básico	Empregada de nível técnico	Sem formação superior	Berçarista
BIANCA	Básico incompleto	Empregada nível básico	Sem formação superior	Empregada doméstica
GISELE	Superior	Empregada de nível superior	Administração / Ciências contábeis	Administradora
EMERSON	Superior	Empregada de nível superior	Administração / Ciências contábeis	Gerente de loja / Recursos Humanos
LUÍS	Superior	Empregada de nível superior	Administração / Ciências contábeis	Administradora
ANA	Superior	Empregada de nível superior	Administração / Ciências contábeis	Gestora Financeira

Tabela 7. Escolaridade e ocupação das mães dos entrevistados

NOME	ESCOLARIDADE (MÃE)	OCUPAÇÃO PRINCIPAL (MÃE)	DIPLOMA (MÃE)	TIPO DE TRABALHO (MÃE)
PAULO	Básico	Empregada de nível básico	Sem formação superior	Empregada doméstica
FERNANDA	Superior	Empregada de nível superior	Pedagogia	Professora de artes
LETÍCIA	Superior	Empregada de nível superior	Pedagogia	Professora de educação Infantil
RAFAEL	Superior	Empregada de nível superior	Matemática	Professora de Matemática
KARINA	Básico	Empregada de nível técnico	Sem formação superior	Auxiliar de enfermagem
TATIANA	Superior	Empregada de nível superior	Ciências Sociais	Antropóloga
JOSÉ	Superior	Empregada de nível superior	Ciências Sociais	Antropóloga

Quanto aos pais, o acesso a outros níveis de educação (Tabela 8) cai para praticamente a metade em relação às mães. Sete deles possuem apenas o ensino básico completo (os pais de Letícia, Ana e Fernanda) ou incompleto (os pais de Karina, Henrique, Bianca e Paulo). Esses dados sobre os ascendentes mais imediatos são importantes porque mostram o quanto uma trajetória mais prolongada da educação formal dos pais pode acabar influenciando nos processos de socialização política dos filhos, mesmo que de forma indireta.

Tabela 8. Escolaridade e ocupação dos pais dos entrevistados

NOME DO JOVEM	ESCOLARIDADE (PAI)	OCUPAÇÃO PRINCIPAL (PAI)	DIPLOMA (PAI)	TIPO DE TRABALHO (PAI)
HENRIQUE	Básico incompleto	Empresário	Sem formação superior	Comerciante

Tabela 8. Escolaridade e ocupação dos pais dos entrevistados

NOME DO JOVEM	ESCOLARIDADE (PAI)	OCUPAÇÃO PRINCIPAL (PAI)	DIPLOMA (PAI)	TIPO DE TRABALHO (PAI)
BIANCA	Básico incompleto	Empregado de nível básico	Sem formação superior	Pedreiro
GISELE	Superior	Autônomo	Ciências Contábeis	Caminhoneiro
EMERSON	Superior	Empregado de nível superior	Administração	Gerente/ Supervisor em loja
LUÍS	Superior	Empregado de nível superior	Ciências da Computação	Trabalhava com informática
ANA	Básico	Empresário	Sem formação superior	Comerciante
PAULO	Básico incompleto	Empregado de nível básico	Sem formação superior	Porteiro
FERNANDA	Básico	Empregado de nível básico	Sem formação superior	Cozinheiro
LETÍCIA	Básico	Empregado de nível superior	Sem formação superior	Chefe de Cozinha / Gerente de restaurante
RAFAEL	Superior	Empregado de nível superior	Engenharia Mecânica	Engenheiro
KARINA	Básico incompleto	Empresário	Sem formação superior	Comerciante
TATIANA	Superior	Empregado de nível superior	Ciências Sociais	Produtor de cinema
JOSÉ	Superior	Empregado de nível superior	Ciências Sociais	Produtor de cinema

Os pais dos estudantes ocupantes, de acordo com o que foi relatado possuem uma formação mais extensa, chegando mesmo ao nível de pós-graduação, como no caso dos pais dos irmãos Tatiana e José. Não que isso seja um fator determinante para a escolha pela militância quando o estudante está na educação básica. No caso de Rafael, por exemplo, a mãe, uma professora de escola pública muito atuante na defesa de sua categoria trabalhista, não transferiu essa militância de imediato para o filho, que só tardiamente, ao ingressar na mesma carreira da mãe - sendo esse fato em si

mesmo, um aspecto da transmissão intergeracional – percebeu outros aspectos da história de militância política da mãe. No momento da entrevista, decorridos seis anos, seu posicionamento era favorável às ocupações.

Dado o tempo estipulado para a realização da pesquisa de campo e elaboração da dissertação, este estudo priorizou a coleta de dados relacionados às vivências de uma das gerações envolvidas no processo intergeracional de transmissão de identidades políticas, representados aqui por estudantes que participaram ou não das ocupações secundaristas. Desta maneira, o que se sabe dos pais e avós desses estudantes é aquilo que foi relatado pelos próprios jovens. Buscou-se capturar - por meio das entrevistas - às disposições dos estudantes para o engajamento político, e estabelecer uma perspectiva processual no que diz respeito ao engajamento dos jovens que vivenciaram as ocupações secundaristas.

A observação do papel das famílias foi baseada na análise dos depoimentos dos jovens em relação ao tema. Pode-se supor que estas famílias tiveram um papel fundamental na socialização política desses jovens, se nos apoiarmos em uma literatura amplamente documentada sobre os processos de transmissão de identidades políticas. Anne Müxel (2018, p. 30) destaca a importância da família na estruturação social e cultural das atitudes e comportamentos políticos. A família parece ser o principal agente de socialização política dos estudantes, seguida da escola. A socialização política que buscou-se verificar aqui, ocorre parcialmente em relação aos estudantes do grupo 1, e de forma mais contundente em relação ao grupo 2. Parcialmente, em relação ao primeiro grupo, devido à ausência de discussões políticas no interior das famílias, e devido às ideias, mais próximas daquilo que se configura como senso comum, transmitidas por estas. Em relação ao segundo grupo, essa transmissão parece ocorrer de forma mais direta e fluida, com a possibilidade de se estabelecer um posicionamento político mais bem definido. No caso de Ana, por exemplo, os familiares declaram suas opiniões políticas de forma mais explícita no que diz respeito às intenções de voto nas eleições - que haviam ocorrido no período próximo à realização da entrevista. Isso também pode ser verificado nos casos de Tatiana e José, em que os pais e avós declaravam suas opções políticas e eleitorais desde a infância dos filhos e netos.

No caso de Tatiana e José, a socialização política pode ser classificada como exemplar, por não corresponder à realidade mais comum, se levarmos em consideração, e a título de comparação, a análise empreendida por Anne Müxel “sobre a história de uma família onde há uma transmissão desejada e explícita de escolhas políticas” (Percheron, 1987, p. 46). No caso desses estudantes, cujos pais e avós têm trajetórias ligadas aos movimentos sociais ou ao campo da educação, a socialização política se apresenta como um caso exemplar pelo fato desta família fazer parte da elite intelectual. Além disso, dentre as famílias dos estudantes entrevistados, essa possuía a maior renda e o mais alto capital cultural e político, como em alguns casos semelhantes de socialização política analisados por Ana Karina Brenner,

[...] os pais tiveram papel significativo em sua formação política, ao narrar suas experiências como militantes, compartilhar valores e práticas políticas com os filhos e, ao manter, dentro de casa, diálogo constante sobre acontecimentos cotidianos e ligados à vida política do país ou da cidade em que moravam (Brenner, 2018, p. 247)

Mas, em geral, de acordo com os relatos de Tatiana e Karina, o perfil dos estudantes das primeiras ocupações era homogêneo. Eram, em sua quase totalidade, estudantes de classe baixa. Tatiana e José, ao contrário, eram bolsistas em escola particular de nível médio à época, mas participaram efetivamente das ocupações em escolas que não eram as suas, devido ao seu engajamento anterior.

Em outros dois casos, as discussões sobre o fenômeno político, em seus múltiplos significados, eram quase inexistentes, constituindo mesmo um tabu no interior dessas famílias. Desiludidos com as práticas de corrupção, comuns à política institucional e noticiadas maciçamente pela mídia hegemônica, de forma parcial ao longo dos anos, os familiares de Luís e Paulo, estudantes do primeiro grupo, evitavam falar do tema. Além de não abordarem política em casa, os dois demonstraram, no decorrer das entrevistas, uma certa aversão ao assunto. Não obstante, apoiavam a causa de seus colegas naquele momento. Mas esse distanciamento das famílias em relação à política, não pode ser encarado como ausência desse tipo de

socialização. A aversão aos partidos políticos, ao jogo político institucional, ou às ideologias de esquerda ou direita por parte das famílias escondem o fato de que a transmissão de uma identidade política está ocorrendo também nesses casos. Como nos mostra Annick Percheron em análise sobre a complexa relação entre tradição e socialização:

Na maioria das vezes, as tradições políticas seguem caminhos mais tortuosos. São transmitidos no seio familiar de forma surda e implícita, por vezes sem que seja revelado sequer o seu conteúdo estritamente político. E ainda assim eles são transmitidos. [...] A maioria dos pais [...] não ensina aos filhos as suas opiniões e preferências políticas. A criança os decifra no exemplo de comportamentos e atitudes, nas reações das pessoas próximas aos acontecimentos e nas discussões familiares, também os descobre nas histórias de vida de membros de gerações anteriores de quem queremos ou podemos lembrar. (Percheron, 1987, p. 47. Tradução própria.¹¹)

Ademais, esses valores políticos não são sempre transmitidos de forma racional, mas são impulsionados também pelos afetos e paixões. Para Tatiana e José, essa transmissão se deu de forma bastante inequívoca. Diferentemente do que aconteceu nos casos de Luís e Paulo, nos quais é difícil até mesmo capturar quais valores relacionados à política foram transmitidos. Analisando as disposições dos jovens para o engajamento, Anne Müxel sugere uma economia de trocas em que

[...] quanto mais explícita for a transmissão e ligadas a usos concretos no seio da família, maiores serão as possibilidades de transmissão das escolhas políticas dos pais para os filhos [...] na maioria das vezes, a política circula mais pelos afetos do que pelos discursos, pelas identificações mais do que pelas lições

¹¹ La plupart du temps, les traditions politiques suivent des voies plus détournées. EUes se transmettent au sein de la famille de façon sourde, implicite, sans même parfois que leur contenu proprement politique ne soit révélé. Et pourtant elles se transmettent.[...] La plupart des parents [...] n'apprennent pas à leurs enfants leurs opinions et leurs préférences politiques. L'enfant les déchiffre dans l'exemple des comportements et des attitudes, dans les réactions de leurs proches face aux événements et dans les discussions familiales, il les découvre aussi dans les récits de vies de membres des générations précédentes dont on veut ou peut se souvenir.

cívicas, pelas emoções mais do que pelo raciocínio (Müxel, 2018, p. 34. Tradução própria.¹²)

A socialização política se insere em um sistema mais amplo de disposições duráveis que constituem o *habitus*, no sentido empregado por Pierre Bourdieu. Esta socialização contribui na composição de uma aptidão social transferível, mas que não se impõe como estática, uma vez que as disposições podem ser contrariadas por uma exposição a formas que são exteriores - nesse caso específico, exteriores à família. Desta maneira, os estudantes internalizam opiniões, ideologias e preferências políticas, por exemplo, no interior de suas famílias, mas, a consolidação da formação de uma identidade política se dá no contato com o mundo exterior. A partir daí, podem corroborar com a identidade política das gerações anteriores, ou tomar caminhos diversos.

Esse *habitus* que, dentre outras coisas, comporta as identidades sociais e políticas, é, simultaneamente, estruturado, por meios sociais passados, e estruturante, de ações e representações presentes (Catani [org], 2017, p. 215). Nesse sentido, a socialização política e o engajamento têm diversos pontos de partida, assumem formas diversas e estão em constante transformação.

As diferentes possibilidades para a elaboração das identidades políticas, em geral, e as identidades políticas de cada um dos estudantes entrevistados, em particular, reforçam a ideia de que os jovens que se mobilizaram politicamente naquela ocasião, trilharam diferentes caminhos - uma vez que deixaram de ser estudantes secundaristas - mas nem sempre passaram por um processo de desengajamento. Letícia, após mergulhar de cabeça nas ocupações, mudando até mesmo para uma escola ocupada, focou, posteriormente, no trabalho no comércio. Bianca, que havia levado a política para dentro de casa, por meio de sua longa experiência com o grêmio estudantil, converteu-se à religião evangélica. Ana, após defender, sem

¹² [...] plus la transmission est explicite et arrimée à des usages concrets au sein de la famille, plus les chances de transmissibilité des choix politiques des parents aux enfants étaient grandes.[...] Car le plus souvent la politique circule par les affects plus que par les discours, par les identifications plus que par les leçons civiques, par les émotions plus que par les raisonnements.

sucesso mas com muito afinco, a ocupação em sua escola, tornou-se advogada e focou no trabalho - hoje ela se questiona sobre o porquê de ter deixado a militância. Por outro lado, Karina e Tatiana, foram cursar Ciências Sociais e são hoje militantes do MPL e do movimento feminista, respectivamente. Elas encaram a própria escolha da profissão como uma extensão de sua militância. Estas últimas constituem exemplos de que não há um arrefecimento da militância, que acaba por tomar outros rumos; e que os diversos movimentos secundaristas, sobretudo aqueles desatrelados de um movimento estudantil mais consolidado, continuam atuando por demandas mais específicas e concretas em seus contextos particulares.

Quanto à socialização política, as respostas dos jovens em relação às concepções transmitidas em família, podem ser, às vezes, de oposição. Foram os casos de dois jovens que, no período das ocupações, se posicionavam de modo contrário às concepções políticas de seus pais. Henrique, do grupo 1, possuía opiniões diametralmente opostas às do pai. Participava de protestos promovidos por grupos anarquistas e se localizava mais à esquerda no espectro político. Enquanto seu pai se inclinava mais à direita, isso quando não demonstrava até mesmo um posicionamento notadamente antipolítico, de acordo com o próprio Henrique. Já Rafael, estudante do grupo 2 que cursava o ensino médio em uma ETEC, era contra as ocupações naquela ocasião, contrariando o posicionamento da mãe, professora da rede pública que apoiava abertamente o movimento dos estudantes. As identidades políticas, nesses dois casos, parecem ter se construído, em um primeiro momento, a partir da oposição às opiniões e valores de seus pais. Os dois começaram por negar esses valores, indo na contramão das atitudes e comportamentos políticos por parte de seus familiares. Curiosamente, em um momento posterior à adolescência, os dois acabaram por fazer um movimento inverso. Henrique foi estudar Tecnologia da Informação (T.I) e começou a trabalhar junto à administração de um hospital, emprego esse que foi arranjado por um amigo de seu pai. Enquanto Rafael, cursou Ciências Sociais e, após se formar, passou a dar aulas na rede pública, como a mãe.

Em alguma medida, todas as entrevistas demonstraram que a política era um componente importante em quase todas as famílias, seja nas

preferências por ideologias de esquerda ou de direita, seja na negação da política como um caminho de transformação. Como nos mostra Anne Müxel, embora a família tenha sido enfraquecida nos seus papéis institucionais, a transmissão política ainda é muito forte neste âmbito.

Os arranjos familiares têm um peso duradouro e continuam a orientar escolhas e comportamentos subsequentes. Contudo, sucessivos reajustes são feitos ao longo das circunstâncias e dos encontros que marcam o curso da vida, dependendo das circunstâncias históricas e políticas encontradas. Assim como a identidade social de um indivíduo nunca está completa, a sua identidade política é gerada numa permanente construção e reavaliação. Os encontros que marcarão o caminho da vida serão oportunidades de confronto, mas também de reformulação das primeiras escolhas e das primeiras filiações (Müxel, 2018, p. 33. Tradução própria¹³).

Para Percheron três fatos devem ser levados em consideração no que diz respeito às dimensões do processo de socialização política: i) a política não está separada de outras esferas, as crianças não têm uma única fonte de informação; ii) O comportamento das crianças não é passivo diante de opiniões, atitudes e valores pré-estabelecidos; iii) As identidades política e social são construídas ao mesmo tempo e de forma correlacionada. As crianças escolhem, se adaptam e constroem suas identidades políticas de acordo com o que são e com o que querem ser. (Percheron, 1987, p. 48)

Os adolescentes, por sua vez, estão em outra etapa desse processo de socialização, mas absorveram muito das identidades políticas de seus pais na infância. O que não significa que a tradição transmitida não passe por transformações. Apesar de compartilharem muita coisa das opiniões políticas de seus pais, como por exemplo, a valorização do coletivo, relatada por Karina, a ideologia de esquerda nos casos de Tatiana e José, ou o hábito de

¹³ Les dispositions familiales pèsent d'un poids durable et continuent d'orienter les choix et les comportements ultérieurs. Néanmoins des réajustements successifs sont opérés au fil des circonstances et des rencontres qui jalonnent le parcours de vie, au gré des conjonctures historiques et politiques traversées. De même que l'identité sociale d'un individu n'est jamais achevée, de même son identité politique s'engendre dans une construction et dans une réévaluation permanentes. Les rencontres qui vont jalonner le parcours de vie vont être des occasions de confrontation mais aussi de reformulation des premiers choix et des premières affiliations.

participar em protestos de rua de Letícia, todos eles acabam por dar um outro sentido a essas ideias e práticas. Nesse sentido, para esses quatro jovens, às ocupações representaram um espaço bastante fecundo para o desenvolvimento ulterior de suas identidades políticas.

O acesso ao capital cultural mostrou-se também como um importante indicativo de um engajamento que se consubstanciou nas ocupações secundaristas. Os jovens do grupo 2 tinham um maior acesso à cultura, o que se dava de formas específicas para cada um deles. Ana fazia aulas de violão, conhecia música popular brasileira e tinha o hábito da leitura. Ela conheceu os estudantes das ocupações em um curso pré-vestibular que frequentava. Tatiana e José estudaram em escolas que adotavam o modelo construtivista e que realizavam projetos como estudo do meio e outras atividades culturais, além de fazerem parte de uma família em que os pais e avós possuíam formação em cursos superiores. Letícia estudava em uma escola de ensino médio que, apesar de pertencer à rede pública, realizava regularmente projetos culturais, como oficinas de teatro e saraus, para além do currículo estabelecido pela rede pública. Desses jovens ocupantes, apenas Karina destoava do grupo em relação a um acesso mais facilitado a diferentes formas de capital cultural.

Quanto ao grupo 1, o acesso ao capital cultural era mais dificultado ao longo das trajetórias desses estudantes. As famílias optavam por investir em cursos técnicos para garantir-lhes a inserção no mercado de trabalho (Gisele, Emerson, Paulo). Também acreditavam na instituição escolar como um caminho para ascensão social de seus filhos, embora não soubessem e não pudessem diferenciar ou escolher modelos de ensino, como na família de Tatiana e José, ou mesmo de Letícia.

Sobre as maneiras de atuação política dos jovens, a facilidade de adesão a formas alternativas de participação política, como protestos de rua, parece se impor em relação às formas tradicionais, como a filiação a partidos políticos. As ocupações se inserem nesta categoria de participação política alternativa.

Em trabalho sobre a relação dos jovens com a política na Europa na primeira década do século XXI, Anne Mùxel (2008, p. 31) nos lembra que é necessário esclarecer o quanto os efeitos da idade, do período ou contexto

histórico e político, da geração e das culturas nacionais agem na formação das identidades políticas desses jovens e acaba por diferenciá-los das gerações anteriores.

Adotando essa mesma abordagem, é necessário empreender um esforço para compreender o que significa ser adolescente hoje em dia, o que passa pela apreensão da multiplicidade de identidades sociais e políticas desses jovens, que estão hoje em dia mais familiarizados com as questões relativas à raça, gênero e sexualidade, mas que também se relacionam de uma forma muito nova com seus pais e seus professores. Jovens que nasceram imersos em uma cultura de troca de informação e de mensagens pelas redes sociais. Que interpretam o seu contexto e reagem a ele. Que se relacionam com o jogo político institucional à sua maneira e acabam por optar por manifestações políticas mais autônomas e por relações de poder mais horizontais, e que estão imersos em uma cultura nacional que também colabora com as possibilidades de engajamento.

Os secundaristas de 2015 não se identificavam com partidos políticos ou com entidades estudantis mais tradicionais. Ao invés disso, se aproximaram de movimentos autônomos de grande destaque nas manifestações de 2013, como o MPL, e dos movimentos anarquistas e antifascistas, que, por seu turno, se espelharam nas manifestações que estavam ocorrendo ao redor do mundo no início daquela década, sobretudo a Primavera Árabe, e o Occupy Wall Street. Os estudantes secundaristas souberam canalizar seus esforços tomando como base essas experiências anteriores, e muitos deles se engajaram posteriormente nas manifestações contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, o que demonstra o quanto o contexto histórico influencia de modo crucial nas formas de engajamento.

Quanto aos ensinamentos políticos deixados pelas gerações anteriores, o que os estudantes secundaristas parecem ter feito, foi o que fazem todas as gerações em relação àquilo que é aprendido no processo de socialização política: eles se apropriaram daquilo que os pais e os avós tinham a oferecer em relação aos modos de pensar e de fazer política, adotaram posicionamentos políticos ou ideologias semelhantes, quase todos abertamente de esquerda, e adaptaram uma forma de ação política que, apesar de não ser inédita - em 1968 a escola Fernão Dias Paes e outra duas

dezenas de escolas também foram ocupadas (Figuras 4 e 5) – pode ser considerada pouco convencional: “Confrontados ao mesmo tempo com a necessidade de se identificarem com os mais velhos e de inovar, a relação dos jovens com a política constrói-se através de uma tensão identitária entre herança e experimentação” (Müxel, 2008, p. 31. Tradução própria¹⁴).

Os estudantes, de modo geral, estavam propensos ao protesto no que concerne às possibilidades de engajamento político. Mas, embora um contexto familiar politizado possa favorecer atitudes políticas positivas, e estabelecer uma série de predisposições que podem impactar nos comportamentos políticos que serão adotados, como nos casos de Tatiana e José, a maioria dos estudantes pertenciam a famílias humildes, cujos pais possuíam trajetórias escolares menos extensas, ou uma formação superior tardia. Famílias nas quais a política era evitada ou vista como tabu, embora não se possa negar que haja aqui a transmissão de identidades políticas.

Figura 4 - Manchete da Folha de São Paulo, de 22 de maio 1968



Fonte: O Mal-Educado (2016)

¹⁴ Enfrentados al mismo tiempo a la necesidad de identificarse con sus mayores y de innovar, la relación de los jóvenes con la política se construye a través de una tensión identitaria entre herencia y experimentación.

Figura 5 - Matéria da Folha de São Paulo noticiando ocupação do Fernão Dias Paes, em 22 de maio de 1968.



Fonte: O Mal-Educado (2016)

A atitude dos estudantes, ao ocuparem as escolas, pode ser encarada como invenção política a partir da tradição. Os jovens, a um só tempo, lutaram contra a reorganização das escolas e evitaram, nesse percurso, qualquer envolvimento com os esquemas tradicionais da velha política e dos partidos políticos, focando em ações específicas, concretas e determinadas (Müxel, 2008, p. 34), comuns aos movimentos de caráter autonomista. E essa invenção da política ocorre mesmo que o caminho para se chegar até aqui, esteja calcado na tradição e na socialização política.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve início com a elaboração de um projeto, elaborado menos de um ano após as primeiras ocupações. Do momento do esboço de uma problematização sobre o tema, até a conclusão, passou por mudanças substanciais no que diz respeito aos seus objetivos, tanto geral, quanto específicos. A preocupação que se desenhava inicialmente estava relacionada às motivações para as ocupações. O que teria levado os secundaristas, como se autodenominavam os estudantes amotinados em suas escolas, a tomarem aquela iniciativa naquela primavera do hoje longínquo ano de 2015? Esse foco inicial mostrou-se infecundo. As ocupações ocorreram porque os estudantes, muitos deles engajados politicamente antes das ocupações, outros apenas preocupados com o que poderia acontecer com as suas escolas, se reuniram contra a reorganização, proposta pela Secretaria de Educação, a partir dos movimentos secundaristas de cada escola. Não havia motivação para além da necessidade de impedir a reorganização e o fechamento das escolas. A parte isto, eram apenas estudantes, com suas demandas muito próprias, relativas aos seus contextos escolares, unidos em prol daquele problema que se apresentava a todos naquele momento.

A partir daí, e após as dificuldades relativas à coleta de dados, que inviabilizaram a pesquisa, fez-se necessário redefinir os objetivos e também o escopo do campo, ampliando-o, de entrevistas com estudantes de apenas duas escolas - que compunham a estratégia inicial, e que serviriam para uma análise comparativa - para o universo mais amplo de estudantes ocupantes ou apoiadores. Então, somaram-se aos dados coletados outras cinco entrevistas, as quais proporcionaram, de forma mais significativa, o ponto de vista dos estudantes que ocuparam efetivamente alguma escola durante as jornadas secundaristas.

Quanto ao objetivo geral, a análise se deslocou para uma investigação das formas de socialização política, que teriam uma relação direta com as disposições para ocupação, mas também para a militância ou engajamento em um sentido mais amplo. Dentre os itens que configuravam os objetivos específicos, estava o papel da escola, da família e das redes sociais como

espaços de socialização política que, em alguma medida, poderiam transmitir valores relativos à política.

Como a socialização política acompanha os indivíduos ao longo da vida, assim como os processos de socialização de modo geral, buscou-se, a partir das entrevistas, apreender três momentos desta socialização: antes, durante e após as ocupações secundaristas. Nesse sentido, apresentou-se também como objetivo específico, a elucidação dos comportamentos e dos rumos políticos dos jovens após as ocupações, bem como, eventuais processos de engajamento ou ainda de desengajamento vividos no pós-ocupações.

Apesar de uma quantidade considerável de trabalhos relativos às ocupações das escolas terem sido produzidos até o momento, o tema ainda se apresenta como um terreno bastante fértil, sobretudo dentro do campo de estudos do engajamento e das formas de socialização política.

No que diz respeito aos comportamentos e a formação das identidades políticas, o estudo das ocupações secundaristas e da própria organização autônoma e horizontal desse movimento, pode auxiliar em uma melhor compreensão dos mecanismos que possibilitam uma gestão verdadeiramente democrática da escola, que inclua também o aluno, a partir de sua atuação política efetiva no contexto escolar

O que se poderia esperar, idealmente, ao final das ocupações de 2015, é que os estudantes fossem alçados à condição de agentes de suas próprias trajetórias escolares, pois havia um consenso entre diversos setores da sociedade de que eles deram uma lição de política participativa e de consciência cívica na busca por uma educação de qualidade e universal. Mas o que se viu, ao contrário, foi a parte mais interessada no processo de ensino-aprendizagem, o estudante, ser alijado ainda mais das decisões no campo da educação. Isto ficou ainda mais evidente com o que veio depois: a emergência de um novo modelo que foi apresentado como Novo Ensino Médio. Bastante criticado por estudantes, profissionais e especialistas em educação, o novo modelo foi implantado sem o devido debate público e reforçou as desigualdades ao limitar as possibilidades de escolha dos estudantes e retirar disciplinas do currículo que não deixariam de ser cobradas nos exames vestibulares.

Os jovens ainda hoje são pouco consultados sobre os rumos da escola e do papel que ela exerce, no plano ideal, de formação para o trabalho e para o exercício da cidadania. Nesse sentido, a elaboração de estudos que busquem problematizar as diversas facetas do movimento secundarista, são bem-vindos porque contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas que possibilitem ampliar o acesso à cidadania, sobretudo no quesito participação política. Isto só pode ser levado a cabo a partir de um debate político no interior da instituição escolar, e para além dela; um debate que contemple também, e principalmente, as vozes dos estudantes.

Quanto aos resultados, as entrevistas semidirigidas permitiram classificar os estudantes em dois grupos que se distinguem pelas disposições para ocupar ou não ocupar as escolas. Esta opção pode ser encarada, por um lado, como oportunidade que se apresenta a depender do contexto, ou como uma escolha pessoal, mas que tem como base a socialização política pela qual cada um passa. Temos o caso de Ana, por exemplo, que participou indiretamente, embora reunisse as condições que poderiam propiciar a opção pelas ocupações - a discussão sobre política era comum em sua casa, tinha acesso à capital cultural, transitava entre estudantes engajados em um cursinho pré-vestibular, que participavam das ocupações. Entretanto, ao levar a proposta para a sua escola, seus colegas optaram por não ocupar. Por outro lado, Karina, que não reunia todas essas condições, participou ativamente das ocupações, pelo fato do movimento secundarista ter se consolidado com mais força em sua escola. Assim, muitos dos estudantes que não participaram diretamente, atuaram às margens das ocupações, colaborando ou dando sustentação ao movimento, em certa medida.

A partir das entrevistas foi possível apreender também a percepção que os estudantes tinham a respeito da romantização externa pela qual passara seu movimento. Para além dessa romantização havia um objetivo prático: apenas não queriam que o governo fechasse suas escolas. Essa romantização ocorreu por conta da idealização que as pessoas faziam do movimento de ocupação. Era como se fosse considerada menos legítima a luta dos estudantes se estivesse calcada em coisas mais palpáveis, como a garantia da merenda escolar, a manutenção de uma quadra ou o uso efetivo de recursos que eram destinados a cada escola, como equipamentos de

laboratório ou para a educação física. Esperava-se que os estudantes elaborassem, de uma forma heroica, um projeto nacional que pudesse dar conta de resolver todas as mazelas que atingem a educação. Esquecia-se, no entanto, que eram adolescentes. Interessados por política, é claro, mas também por outras coisas relativas ao universo dos jovens. E para alguns dos entrevistados, como Karina e Tatiana, essa organização dos secundaristas só foi possível graças a iniciativa e energia que os adolescentes possuem em abundância.

Ainda sobre as entrevistas, percebeu-se que, se por um lado havia essa preocupação mais imediata com o fechamento das escolas, por outro, a vontade de discutir os problemas relacionados ao cotidiano escolar também teve seu espaço durante as ocupações. As colaboradoras citadas acima mencionaram esse interesse como algo que surge posteriormente. A pauta identitária também era importante e se fazia presente nas assembleias e nas aulas que ocorriam durante as ocupações, mas eram discussões, em certa medida, secundárias.

As ocupações foram um aprendizado do fazer político para além daquilo que já conheciam, do interesse em política e de tudo aquilo que havia sido transmitido pelos pais e avós. Os estudantes, pela primeira vez, estavam fazendo política na prática, por meio das assembleias e do coletivo.

Para Müxel, a família tem uma importância contínua na construção de identidades políticas (2018, p. 30). Os pais evitam falar sobre qualquer assunto relacionado à política com os filhos na primeira infância, durante a socialização primária, por achar que ainda são demasiadamente inocentes para compreender assuntos mais complexos. Por outro lado, desempenham um papel fundamental na transmissão dessas questões em uma fase posterior. Ao analisar as informações fornecidas pelos colaboradores deste estudo por meio das entrevistas, foi possível demonstrar que há uma maior facilidade em se discutir política nas famílias do segundo grupo (Ana, Rafael, Letícia, Tatiana e José), que coincide com o grupo dos estudantes ocupantes em 2015 (destes, apenas Rafael não ocupou). Os pais e avós de Tatiana e José sempre trouxeram, desde a infância dos dois, assuntos relativos à política para dentro de casa, inclusive temas relacionados às ideologias e partidos políticos. A mãe e o padrasto de Letícia, levavam-na aos protestos de

junho de 2013, quando ela tinha apenas 13 anos. Ao comparar o aprendizado relativo à política adquirido em família, com aquele obtido na escola, Ana é enfática ao dizer que a sua família proporcionou uma experiência mais efetiva em relação ao tema, devido a uma postura de maior abertura para o consenso ou dissenso, que contrastava com a posição de imparcialidade de seus professores. No caso de Rafael, a mãe era professora e não se furtava em emitir sua opinião política, geralmente, mais à esquerda.

Já em relação ao primeiro grupo (Henrique, Bianca, Gisele, Luís, Emerson, Paulo, Fernanda e Karina), no qual, com exceção de Karina, nenhum dos estudantes participou das ocupações, a questão política aparecia nas conversas em família, mas de uma forma mais implícita e sem que se tivesse a intenção de produzir qualquer tipo de engajamento, ao menos de forma direta. A partir de um aprendizado no grêmio estudantil, Bianca fazia o caminho inverso. Era ela que trazia a política para dentro de casa e acabava por influenciar nas opiniões da mãe. Henrique, por sua vez, opunha-se às opiniões políticas do pai, que se colocava ideologicamente mais à direita e era avesso a esse tipo de discussão em família. Em contraste com esses dois casos, nas famílias de Luís e Paulo a política se constituía como tabu. Estes dois jovens não tinham muito apreço pelo tema, diferentemente de Bianca e Henrique. Como no caso de Rafael do primeiro grupo, na família de Fernanda, a mãe, formada em pedagogia e artes plásticas, e professora do ensino fundamental, levava o assunto política, tanto para a sala de aula, quanto para casa. Isso acontecia, de acordo com Fernanda, devido à formação tardia da mãe nas duas graduações, que trouxe uma outra consciência em relação à importância da política.

Ainda em relação à família, é importante ressaltar que adotou-se aqui uma perspectiva teórica que, além de considerar a família como um espaço de socialização política por excelência, recomenda que se olhe para todo tipo de relação com a política no interior das famílias, e até mesmo a aparente ausência desta, como transmissão de diferentes identidades políticas. Nesse sentido, os estudantes dos dois grupos construíram suas identidades, tanto sociais quanto políticas, a partir de suas famílias, independentemente se estas discutiam mais ou menos o fenômeno político. Essa transmissão é um

dos elementos determinantes do grau de participação e envolvimento com os movimentos secundaristas em geral, e com as ocupações, em particular.

Este trabalho teve como objetivo geral a investigação dos processos de engajamento dos estudantes secundaristas, participantes ou não das ocupações estudantis, sobretudo em 2015, no âmbito das escolas públicas do Estado de São Paulo. Considerando a amostra de entrevistados, constatou-se que, dentre as possibilidades de socialização política, a família não deixou de ser a principal transmissora dessas identidades, embora concorra com outras instâncias de socialização, como a escola e as redes sociais na internet. Já em relação aos objetivos específicos, quais sejam, a verificação da influência das redes sociais, no que diz respeito ao engajamento político, a emergência de uma atitude mais crítica em relação a um ambiente escolar opressor e a verificação de uma possível mudança de atitude em relação à escola, de uma geração para outra, verificou-se que todos esses processos ocorrem de forma parcial, variando em intensidade, de caso para caso. O engajamento se dá pelas redes sociais, mas de uma forma restrita, como no exemplo da página O Mal-Educado, responsável pelo início de muitos jovens na militância autônoma. Jovens esses que não deixam de pertencer a um grupo igualmente restrito. As redes, naquele momento, funcionaram mais efetivamente como veículo para articulação dos jovens que já estavam politicamente engajados. O contato com as pessoas, ao contrário, foi mencionado como fundamental na articulação do movimento e contribuiu de maneira considerável para fomentar o engajamento.

Em relação a percepção que alguns tinham do ambiente escolar como um espaço de opressão, ao menos uma estudante passou a enxergá-lo dessa maneira, no momento em que estava ocupando a escola. Karina percebeu o quanto a escola era repleta de mecanismos de controle, como muros, grades e câmeras. E esse controle se tornou ainda mais intenso durante as ocupações, com perseguições aos estudantes, além da violência física que sofreram. Mas é importante salientar que as ocupações não começaram como consequência dessa percepção. Foi só durante as ocupações que os estudantes passaram a problematizar com maior frequência o cotidiano escolar, embora essa pauta tenha permanecido como uma questão secundária.

Quanto a uma eventual mudança de atitude em relação à escola que pudesse justificar as ocupações, expressa em uma maior consciência crítica em relação às gerações anteriores, não se pode afirmar, com base no material coletado, que tenha havido uma mudança significativa entre esses estudantes e seus pais e avós. Desse modo, quando a reorganização foi proposta, os estudantes e seus pais tinham, na maioria dos casos, a mesma consciência de que algo deveria ser feito.

Em geral, a origem social dos estudantes não era diversificada. Os estudantes pertenciam a um grupo socialmente bastante homogêneo. Eram oriundos das classes mais baixas. Seus avós, na maioria das vezes, possuíam trajetórias escolares pouco extensas, não ultrapassando o ensino fundamental, enquanto seus pais, passaram no máximo pelo ensino médio, e, quando chegavam ao ensino superior, isto se dava de maneira tardia. A exceção está representada pelo caso exemplar de Tatiana e de José. Assim, o que os pais almejavam para os filhos, era apenas que tivessem a oportunidade que eles não tiveram de estudar. Os pais dos estudantes apoiaram o movimento de ocupação, ainda que, no decorrer das trajetórias escolares, confiassem na instituição escolar como garantidora de uma melhor qualidade de vida para seus filhos. Legitimavam o papel da escola, mas perceberam, através da mobilização dos estudantes, o quanto a instituição estava repleta de problemas, como o mau uso dos recursos e a falta de professores, e que a reestruturação proposta não era adequada para solucioná-los.

A ideia de que a luta dos estudantes secundaristas havia diminuído após o término das ocupações ganhou força a partir das expectativas da sociedade, de modo geral, em torno daquele grande feito dos estudantes. Uma visão romantizada do engajamento político tornou, de maneira equivocada, menos legítimas as ações que visam alcançar objetivos concretos e exequíveis, como aqueles perseguidos pelos estudantes na ocasião. Analogamente, as expectativas criadas em torno do MPL, em 2013, também eram desproporcionais. E, ainda assim, passado aquele momento de ebulição, o movimento continuou atuante. Ou seja, da mesma maneira que se desconsiderava que o movimento secundarista continuasse a promover ações políticas concretas, como durante as ocupações, também se ignorava a sua

potência, como um conjunto de disposições que pudessem desencadear protestos, como eventualmente aconteceu, em prol do direito à educação. E, além de conter em si mesmo uma potência, pronta para emergir a qualquer momento, ainda abrange uma multiplicidade de identidades políticas, que surgem em resposta aos contextos escolares específicos. A partir das entrevistas com os jovens do segundo grupo, foi possível constatar que, para além do movimento estudantil já consolidado, dos partidos políticos, e até mesmo do grêmio estudantil, o movimento secundarista possui um caráter orgânico, autônomo e horizontal. Características que, naquele momento, culminaram nas ocupações secundaristas, permitindo que suas disposições políticas se transmutassem em prática. Nesse sentido, é possível supor que o movimento secundarista esteja mais ativo do que nunca.

Pela delimitação do tempo para a execução de uma pesquisa de mestrado, uma abordagem geracional - cuja metodologia consiste em entrevistas aprofundadas com os membros de pelo menos três gerações, e na qual se verifica, com grande acuidade, os processos de transmissão de identidades políticas, devido a sua longa extensão - precisou ser descartada. A pesquisa teve como escopo as entrevistas com uma dessas gerações, a dos estudantes, que responderam perguntas relativas à convivência com os pais e avós, e sobre a relação deles com as múltiplas possibilidades de vivências do fenômeno político. Aspectos concernentes à transmissão de identidades políticas foram, em certo sentido, apreendidos pela pesquisa, visto que a realização de entrevistas com os membros ascendentes e descendentes das famílias se mostraram inviáveis. Ainda assim, foi possível, sobretudo a partir dos relatos sociológicos, verificar, ao menos nesses quatro casos, exemplos de como a tradição pode ser transformada, por meio dos processos de socialização política promovidos pela família. E é com base nesses processos, que as ocupações podem ser vistas como uma invenção política por parte desses jovens.

Quanto à análise dos dados coletados, a construção de um quadro de caracteres pertinentes ajudou a estabelecer dois grupos bem delineados de estudantes, no que diz respeito às suas formas de participação política. Essas formas de participação coincidiam com a opção pela ocupação ou não. Aqueles do grupo que não ocuparam, manifestaram outras formas de

participação política, como nos protestos de rua ou nos grêmios estudantis. Aqueles que ocuparam, deram continuidade ao engajamento político - o que se reflete até na escolha de suas profissões - ou passaram por um eventual processo de desengajamento: priorizaram a família ou passaram a se dedicar exclusivamente ao trabalho. É importante observar aqui o quanto os jovens manifestam, de forma recorrente, a noção de que família e trabalho tiram o foco da participação política. E eles constataam esse desengajamento neles mesmos, como no caso de Letícia, ou em seus pares, como Karina e Tatiana. A escolha de quatro estudantes para a elaboração de uma análise mais detalhada teve como objetivo a construção de um panorama geral das diferentes formas de participação política, dentro dos limites desta pesquisa. A utilização de um quadro de caracteres serviu para identificar esses dois grupos e comparar as trajetórias políticas e educacionais de seus familiares. Permitiu esboçar uma comparação entre as formações dos pais e avós e o seu grau de envolvimento com o fenômeno político em suas diversas manifestações, e como isso se reflete na socialização política dos filhos, a partir das trocas de experiências no amplo campo de possibilidades políticas entre as gerações.

Na possibilidade de acesso à dados secundários de uma fonte mais ampla, ou ainda, em um contexto de pesquisa mais extenso, que possibilite produzir dados com um número maior de estudantes, a pesquisa sobre a participação nas ocupações poderá gerar resultados que possibilitarão uma análise relacional aprofundada, capaz de dar respostas a um conjunto mais amplo de questões relativas às ocupações e à participação política desses jovens.

Este trabalho teve como objetivo analisar as questões relativas aos processos de engajamento e de socialização política dos jovens, que se envolveram diretamente ou de modo tangencial com as ocupações secundaristas entre 2015 e 2016. Buscou-se cumprir esse objetivo sem deixar de lado aquilo que o inspirou e serviu como ponto de partida para as questões aqui discutidas: narrar uma história das ocupações secundaristas a partir dos relatos dos estudantes que estavam na escola naquele momento, ocupantes ou não, e, a partir disso, esmiuçar a relação do jovem com a política.

Uma questão que apareceu em muitos momentos, como uma preocupação daqueles que vivenciaram as ocupações das escolas, foi a necessidade da preservação da memória e a sua problematização: a disputa de narrativas sobre as ocupações secundaristas entre os diversos atores sociais envolvidos. Nesse sentido, novos trabalhos que busquem representar as vozes daqueles que lutam pela educação, através dessas formas de atuação política, podem contribuir para a preservação desta memória. Memória que é de uma luta que, parafraseando uma estudante, aqueles que detêm o poder tentam apagar, por possuírem a máquina a seu favor. Mas que, de tempos em tempos, emerge por força da potência contida no movimento secundarista, que, a seu favor, têm a vida

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Davis Moreira; MAÇÃO, Izabel Rizzi; ROSEIRO; Steferson Zanoni. "Ano 2091 – Silêncio Nas Filosofias Da Educação: Por Uma Cartografia Das Resistências Escolares." *Educação E Pesquisa* 46 (2020): Educação E Pesquisa, 2020-01, Vol.46. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/kZ6pMZWf8j3LpTHhWZrKqHj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- BALADES, Othilia. A Escola É Nossa! - Documentário sobre ocupação de uma escola. [S.l.; s.n.] 2020. 1 vídeo (24 minutos). Publicado pelo canal A Escola É Nossa Filme. Disponível em: <https://youtu.be/vaT6KpdU1KU> Acesso em: 20 out. 2022.
- BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. FORACCHI, Marialice M. MARTINS, José de Souza. Sociologia e Sociedade (Leituras de Introdução à Sociologia) - Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos S.A 2004 - 23ª Tiragem – 1ª impressão 1977
- BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. 2º edição.rev. Porto Alegre, RS. Zouk, 2011.
- _____. A juventude é só uma palavra. In Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. p. 112-121, 1983.
- _____. A miséria do mundo. (Coord). Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. As contradições da herança. In: *Escritos de Educação* / Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Organizadores). 16. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- _____. Cap. II: Introdução a uma Sociologia Reflexiva, p. 17-58. e Cap. VI: Espaço Social e Gênese das Classes, p. 133-161. In O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Os Herdeiros: os estudantes e a cultura*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Comissão Especial destinada a proferir parecer à Proposta de Emenda à Constituição nº 241-A [...] Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1495741. Acesso em: 22 nov. 2022.
- BRASIL. Congresso Nacional. MPV (Medida Provisória) 746/2016. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992>. Acesso em: 14 fev. 2018.
- BRENNER, A. K. Do potencial à ação: o engajamento de jovens em partidos políticos. Pro-Posições, Campinas, v. 29, n. 1, p. 239-266, abr. 2018.

<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0120> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/GrC3LBqHRvQ3RbqgmVRvjFh/?lang=pt>. Acesso: em 17 jun. 2022

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CATANI, Afrânio Mendes. *et al.* (Orgs) *Vocabulário Bourdieu*, 1ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017.

COMBESSIE, Jean Claude. *O Método em sociologia. O que é. Como faz*. São Paulo, Edições Loyola, 2004

COSTA, L. B. da; SANTOS, M. M. dos. Espaços virtuais moventes das escolas ocupadas de Porto Alegre: o apoio mútuo como base da inteligência coletiva. *ETD - Educação Temática Digital, [S. l.]*, v. 19, n. 1, p. 49–72, 2017. DOI: 10.20396/etd.v19i1.8647802. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647802>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CRUZ, Hugo, *et al.* Para Uma Tipologia Da Participação Nas Práticas Artísticas Comunitárias: a Experiência De Três Grupos Teatrais No Brasil e Portugal. *Revista Brasileira De Estudos Da Presença*, vol. 10, no. 2, 2020, pp. 1–30. DOI: [org/10.1590/2237-266089422](https://doi.org/10.1590/2237-266089422) Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/MmKYgxbnnX8kVgPRXcSY3vv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 fev. 2022.

FALCHETTI. C. Da Institucionalização da participação à emergência do autonomismo: tendências recentes da ação coletiva no Brasil. *LASA – Congress of the Latin American Studies Association*, Lima, Peru, April 29-May 1, 2017.

FERNANDES, Camila Nastari; FERREIRA, Thaisa da Silva. Juventude e atuação política: as ocupações em escolas públicas e novas formas de resistência e convivência nas cidades. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 19, n.40, p. 86 - 110, maio/ago. 2018. Acesso em: 28 mar. 2022.

GARCIA, S. & POUPEAU, F. (2003) “La mesure de la “démocratisation” scolaire”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.149, pp. 74-87.

GOHN, M. G. *Manifestações e protestos no Brasil: Correntes e contracorrentes na atualidade*. Questões da nossa época, vol. 59. Cortez Editora, São Paulo, 2017.

_____. Os jovens e as praças dos indignados: territórios de cidadania. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 1, n. 2, p. 205-21, jul/dez 2013.

GOULART, D. C.; PINTO, J. M. R.; CAMARGO, R. B. de. Duas reorganizações (1995 e 2015): do esvaziamento da rede estadual paulista à ocupação das escolas. *ETD - Educação Temática Digital, [S. l.]*, v. 19, p. 109–133, 2017. DOI: 10.20396/etd.v19i0.8647797. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647797>. Acesso em: 28 mar. 2022.

- GOULART, Débora Cristina, *et al.* "Rede Escola Pública e Universidade: Produção Do Conhecimento Para/Com as Lutas Educacionais." *Revista Brasileira De Educação*, vol. 24, 2019, pp. Revista brasileira de educação, 2019, Vol.24.
- GROPPO, L. A.; TREVISAN, J. R. F.; BORGES, L. F.; BENETTI, A. M. Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. 141–164, 2017. DOI: 10.20396/etd.v19i1.8647616. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647616>. Acesso em: 12 out. 2021.
- JOHNSON, Allan G. Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica. Tradução Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- JUNQUEIRA, Marili Peres. "Primavera Secundarista: As Ocupações Nas Escolas Estaduais Públicas De Uberlândia- -MG Em 2016." *Teoria E Cultura (Impresso)* 12.1 (2017): Teoria E Cultura (Impresso), 2017-10-02, Vol.12 (1), p. 149 - 161, 2017.
- KATZ, Elvis Patrik; MUTZ, Andresa Silva da Costa. Escola sem partido - produção de sentidos e disputas em torno do papel da escola pública no Brasil. *ETD*, Campinas , v. 19, supl. es, p. 184-205, mar. 2017 . Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922017000400184&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 mar. 2022.
- MARCOCCIA, Patrícia Correia de Paula, *et al.* "Processos De Reintegração De Posse Das Escolas Ocupadas Pelos Estudantes No Paraná: a Ideologia Burguesa Do Aparelho Judiciário e Policial." *Revista Katálysis*, vol. 22, no. 2, 2019, pp. 374–382.
- MATOS, Andityas Soares de Moura Costa; SOUZA, Joyce Karine de Sá. Sobrevivências do nazifascismo na teoria jurídica contemporânea e seus reflexos na interpretação judicial brasileira *RECHTD*. *Revista De Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria Do Direito*, vol. 9, no. 3, 2017, p. 295 - 310
- MAZZA, Débora; SANTOS, Maria Helena. Notas sobre o movimento de ocupação das escolas de São Paulo. Disponível em: <http://brasildebate.com.br/notas-sobre-o-movimento-de-ocupacao-das-escolas-estaduais-em-sao-paulo/> Acesso em: 10 set. 2016
- MONTAGNER, Miguel Ângelo. Biografia coletiva, engajamento e memória: A miséria do mundo. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 21, n. 2, 2009. p. 259-282. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702009000200012> Acesso em: 28 mar. 2022.
- MÜXEL, A. La politique dans la chaîne des générations. Quelle place et quelle transmission? *Revue de l'OFCE*, Paris, v. 2, n. 156, p. 29-41,

2018. <https://doi.org/10.3917/reof.156.0029> Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-de-l-ofce-2018-2-page-29.htm>. Acesso em: 17 jun. 2022.

_____. Continuidades y rupturas de la experiencia política juvenil. *Revista de Estudios de Juventud*, 81, 31-44, jun. 2008. Disponível em https://issuu.com/injuve/docs/revista_81 Acesso em: 23 jun. 2022.

O MAL-EDUCADO, coletivo. Capa de manual para ocupação de escolas baseado nas experiências de estudantes do Chile. Disponível em: <https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

_____. Contracapa do manual para ocupações de escolas. Disponível em: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio>. Acesso em: 19 ago. 2022.

_____. Manual de como travar uma avenida, organizado por secundaristas. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/30/politica/1448911113_482695.html. Acesso em: 19 ago. 2022.

_____. Manchete e matéria da Folha de São Paulo, de 22 de maio de 1968. Ocupação dos estudantes na Escola Fernão Dias Paes. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0MncpCxcT3EdUXZ7Gk6dGwX7JXZYosorhavrNivRfhA8RsVZe68KaYyByTmSaL3h8I&id=291834600950292&mibextid=Nif5oz. Acesso em: 03 jan. 2023.

PACHECO, C. S.; SALLAS, A. L. F. Relato de Experiência - E quando a experiência vira campo? Reflexões a partir da observação participante nas ocupações secundaristas. *Práxis Educativa*, v. 14, n. 3, p. 1121-1137, 23 set. 2019.

PERCHERON, A. Socialisation et tradition: transmission et invention du politique. *Pouvoirs*, 1987. p. 43-51. (n. 42: La tradition politique) Disponível em: <https://revue-pouvoirs.fr/socialisation-et-tradition/> Acesso em: 17 jun. 2022.

PESCHANSKI, João Alexandre. Os "Ocupas" e a desigualdade econômica, in *Occupy - Movimentos de Protesto que tomaram as Ruas*, Carta Maior, São Paulo, Boitempo, 2012.

PONTIN, Vivian Marina Redi. "Trafegar Entre Territórios E Secundaristas: Educação Física, Política E Ocupação." *Motrivivência : Revista De Educação Física, Esporte E Lazer* 30.54 (2018): 326-41. Web.

SINGER, André. Os sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SAINT MARTIN, Monique de; GHEORGHIU Mihai Dinu. (Org.). *Éducation et frontières sociales: un grand bricolage*. Paris: Michalon Editions, 2010.

SOUTO-GARCÍA, A. Colombianas en España y brasileiras en Portugal: un análisis interseccional de las migraciones de las mujeres en el espacio

transnacional/poscolonial. ruc.udc.es, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2183/30930> Acesso em: 26 abr 2022.

SPOSITO, Marília Pontes e TARÁBOLA, Felipe de Souza e GINZEL, Flávia. Jovens, participação política e engajamentos: experiências e significados. *Linhas Críticas*, v. 27, p. 1-20, 2021 Tradução. DOI: 10.26512/lc27202136719 Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/36719/30058> Acesso em: 26 abril. 2022.

TOMIZAKI, Kimi; CARVALHO-SILVA Hamilton Harley de; SILVA, Maria Gilvania Valdivino. Socialização Política e Politização entre Famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 37, nº. 137, p. 935-954, out.-dez., 2016.

TOMIZAKI, Kimi; DANILIAUSKAS, Marcelo. Os jovens e a política: do mal-estar a novas formas de expressão na vida pública. Entrevista com Anne Müxel, *Proposições, Diverso e Prosa*, V. 29, N. 1 (86) | jan./abr. 2018 347-356

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel. (Org.). WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 2004. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

Família

1. Algumas perguntas sobre os seus avós (Trajetórias familiares):
 - 1.1 Você saberia dizer a idade de seus avós?
 - 1.2 Onde nasceram e viveram (Em quais cidades, se souber)?
 - 1.3 Sabe algo sobre suas profissões/ No que trabalham ou trabalhavam?
 - 1.4 E sobre a escolaridade deles?
 - 1.5 Qual relação você mantinha com eles?
 - 1.6 Você tem ou teve uma proximidade maior com algum deles? Qual?
 - 1.7 Algum deles tem ou teve algum envolvimento com política?
2. Algumas perguntas sobre seus pais (Trajetórias familiares):
 - 2.1 Você saberia dizer a idade de seus pais?
 - 2.2 Onde eles nasceram?
 - 2.3 Qual é a profissão de seus pais?
 - 2.4 Qual é a escolaridade deles?
 - 2.5 Ainda estudam? Quando pararam de estudar?
 - 2.6 Saberia dizer aproximadamente qual era a renda familiar em sua casa à época das ocupações (em S.M)? E hoje?
 - 2.7 A política é um assunto comum entre você e seus pais? Poderia falar um pouco sobre isto?
 - 2.8 Seus pais fazem (ou já fizeram) parte de alguma associação como partidos políticos, associação de moradores de bairro ou sindicatos?
3. Você tem irmãos? Quantos? Quais são suas idades?
4. Tem algum parente com quem você goste de conversar?
5. Em caso afirmativo, qual seria o assunto mais frequente?
6. Existe alguma história ou acontecimento em sua família que gostaria de destacar?

Escola e Processos de Formação

1. Em qual escola você fez o ensino médio?
2. O que você pensa (em relação a escola em que estudou) sobre:
 - 2.1 Amigos/ colegas.
 - 2.2 Professores.
 - 2.3 Demais profissionais (diretor, coordenador pedagógico, funcionários etc.)
3. O que você poderia dizer a respeito do nível ou qualidade da educação nesta escola?
4. Tem alguma experiência positiva em sua escola que gostaria de destacar? E uma experiência negativa?
5. Qual é o estágio atual de sua educação?
6. Você trabalha? O que pensa a respeito de seu trabalho? E a respeito do trabalho de maneira geral?
7. Qual carreira você pretende seguir e por quê?
8. Como você utiliza o seu tempo livre?
9. Você utiliza muito a internet? Quanto tempo por dia, em média? Quais são os conteúdos que mais acessa?

Ocupações e Formação Política.

1. Na ocasião das ocupações das escolas estaduais em 2015, você estava em qual série/ano?
2. Você participou das ocupações? De que maneira?
3. Qual é a sua opinião sobre as ocupações?
4. E sobre a maneira como os estudantes se organizaram na ocasião?
5. Na sua opinião, além de conseguir impedir naquele momento a reorganização das escolas, o que mais os estudantes conseguiram com o movimento?
6. Participar deste movimento foi importante para você? Por quê?
7. Você tem alguma coisa mais específica que gostaria de destacar a respeito desta experiência de ocupação das escolas?
8. Você tem algum envolvimento com política? Pode falar um pouco sobre isto?

9. Esse envolvimento ocorre em quais “espaços”: na escola/faculdade, no grêmio estudantil/centro acadêmico, na participação em partidos políticos (quais?), na participação ativa em movimentos estudantis (quais?), só nas conversas com amigos, nas conversas em redes sociais, ou por algum outro meio que ache importante considerar.
10. Você descreveria esse envolvimento como ativismo ou militância? Por quê?
11. Você tem conhecimento de algum amigo ou colega, da época das ocupações, que tenha algum envolvimento com política atualmente? De que tipo?
12. Você assiste noticiário na TV ou lê notícias em jornais e revistas impressos?
13. O que você acha do discurso da mídia a respeito da Educação?
14. O que você acha do discurso da mídia a respeito da Política?
15. Tem algo que você gostaria de dizer a respeito da atual situação política no Brasil?
16. Você acha importante discutir sobre política na Escola? Por quê?
17. Para finalizar, você teria algum amigo ou colega que tenha participado do movimento de ocupação das escolas que gostaria de participar dessa pesquisa?

APÊNDICE B - Transcrição de duas entrevistas

Entrevista com Ana

- *Oi Ana, tenho aqui umas perguntas sobre a sua família, eu queria saber se você sabe dizer alguma coisa sobre seus avós.*

Ana - Sobre os meus avós? Meus avós eram da Bahia, a minha avó especificamente, com quem eu tive mais contato, morava no interior, em Ourinhos, e aí ela veio para São Paulo trabalhar, bem cedo, e ela tinha três filhas e minha mãe ficou morando com a minha bisavó; aí ela veio trabalhar e depois a minha mãe veio junto com ela, acho que com 14 anos, mas ela teve filho bem cedo também. O resto eu não tenho muita ligação assim. Quando eu nasci, os meus avós paternos eram falecidos e eu nunca conheci o meu vô por parte de mãe.

- *Você sabe alguma coisa sobre a profissão deles, ou no que eles trabalhavam?*

Ana - A minha avó trabalhava como doméstica, e atualmente ela é cabelereira, só que ela tá aposentada, ela se casou novamente, e agora ela tem uma vida assim melhor. O meu vô, que eu considero meu vô, tem uma agência de carros.

- *E sobre a escolaridade?*

Ana - Escolaridade? Eu acho que se foi até o ensino médio, foi muito, em relação a minha avó, acho que até o médio, assim, que a gente fala MOBREAL. Eu sei que minha bisavó ia pro MOBREAL, quando minha mãe era criança.

- *Entendi. Então ela é alfabetizada?*

Ana - Sim, ela é.

- *Sobre a origem, você disse que eles vieram da Bahia...*

Ana - Bahia isso

- *Aonde eles viveram?*

Ana - No interior...

- *Em qual cidade?*

Ana - Minha avó viveu em Ourinhos, que é interior de São Paulo

- *Aí veio pra cá...*

Ana - Aí ela veio pra cá trabalhar, acho bem cedo assim. Ela teve três filhos lá, aí ela deixou com a minha bisavó e veio morar pra cá

- *Você mantém alguma relação com eles, ou mantinha alguma relação?*

Ana - Sim, mantenho

- *Com a avó, né?*

Ana - Com a minha avó, sim

- *A proximidade que você tem com ela é maior?*

Ana - Sim, é

- *Sobre seus pais agora. Você pode falar sobre a profissão deles?*

Ana - A minha mãe, ela veio pra São Paulo bem cedo e ela começou a trabalhar com a minha avó. E aí depois ela começou a fazer um curso, tipo gestão financeira assim, é tipo um ensino médio técnico, e aí foi que ela começou a trabalhar nessa área. Atualmente ela é analista fiscal, e ela trabalha numa multinacional. O meu pai, ele é vendedor, então ele nunca fez faculdade, nada disso, só terminou o ensino médio. Minha mãe, ela tem graduação...

- *De quê?*

Ana - De Gestão Financeira.

- *Eles ainda estudam?*

Ana - Não, não estudam. A minha mãe terminou a graduação bem tarde assim, acho que foi quando eu tinha mais ou menos uns 12 anos, que ela começou a fazer, fez um curso de dois anos e terminou. O meu pai, eu acho ele superinteligente mas ele nunca quis, não sei se não quis né, nunca se interessou em fazer faculdade. Eu falo pra ele fazer alguma coisa, mas ele fala que tá velho...

- *Sim. Eles nasceram aqui em São Paulo?*

Ana - Minha mãe nasceu no interior e meu pai nasceu em São Paulo

- *O assunto política é muito frequente na sua casa?*

Ana - Bastante

- *Entre você e seus pais?*

Ana - Muito (rs)

- *Você poderia falar um pouquinho sobre isso?*

Ana - É bem frequente, porque por exemplo, eu tenho o PROUNI né. Então é uma coisa assim que a gente sempre fala, mais da política voltada para a Educação, voltada para as políticas públicas. É uma coisa que a gente sempre conversa. Então quando chega a eleição...essas coisas a gente quer

estar...conversa sempre pra buscar alguém que consiga atender essas necessidades; não só as nossas como as de outras pessoas, para que elas possam ter essas oportunidades que eu tive. E eles sempre falam assim, que algumas coisas na política mudaram, né, a vida deles, de como eles viviam há uns anos atrás e como eles viviam atualmente. Então é uma coisa que a gente sempre conversa, quando passa no jornal a gente discute, quando algum escândalo também de corrupção, a gente sempre tá conversando junto.

- *Então não só sobre políticas públicas, mas também sobre política institucional...*

Ana - Institucional também. Isso. Sobre partidos políticos, sobre o futuro do país, sobre os partidos políticos, as pessoas que estão se candidatando. São essas coisas... bem frequente. Eu acho que tudo que a gente conversa em casa, que a gente tem uma rotina bem corrida, são essas notícias relacionadas a política.

- *Sei. Seus pais fazem parte de alguma associação como partidos políticos, associação de moradores de bairro, sindicatos?*

Ana - Não, Não fazem.

- *Você saberia dizer a idade dos seus pais e avós?*

Ana - A minha avó fez 71 anos agora, então tá fresco. A minha mãe tem 48 anos e o meu pai nasceu em 1964

- *1964 dá quarenta e...54 anos...*

Ana - Isso mesmo, 54 anos.

- *De seus avós você não saberia dizer?*

Ana - Não

- *Você tem irmãos?*

Ana - Não (sou) filha única

- *Tem algum parente com quem você gosta de conversar e qual é o assunto mais frequente?*

Ana - Parente tipo pai e mãe?

- *Contando tia, por exemplo, prima...*

Ana - Meu pai é com quem eu mais converso. A gente sempre conversa sobre as coisas da atualidade, tipo sobre educação, faculdade, a minha faculdade no caso e política...é o que a gente mais conversa em casa.

- *Sim. Existe alguma história ou acontecimento na sua família que você gostaria de destacar, que foi importante?*

Ana - Importante?

- *Algum evento?*

Ana - Ah, eu acho que foi quando eu entrei na faculdade, foi uma coisa assim que todo mundo ficou emocionado. Porque tipo (a mãe) fez um curso de dois anos assim...e por parte de pai e tal, ele falou que, ele nunca tinha tipo visto, sabe, esperado, então quando eu passei no vestibular, então essa sensação pra eles acho que eles se sentiram os melhores pais do mundo, eles falam que isso foi a coisa mais importante, tanto que, esse ano passado agora o meu pai teve um infarto, né, e ele tava falando que as últimas coisas que ele pensou foi que eu já tava encaminhada, que eu passei na faculdade, tava trabalhando. Então acho que isso foi uma coisa que mudou bastante...todo mundo, sabe. A partir do momento que eles não tinham mais que se preocupar quando eu tava na escola, “ai, como vai ser”, “será que ela vai conseguir alguma coisa”. Só que aí, tipo, eu entrei na faculdade, comecei conquistar minhas coisas, tipo emprego. Então acho que foi isso.

- *Sim, legal. Agora, então, agora a gente vai falar, perguntar algumas coisas sobre escola e sobre o seu curso. Em qual escola onde você estudou ou estuda, e qual é o estágio atual da sua educação?*

Ana - Beleza. Eu vou falar, na minha vida toda eu só estudei em duas escolas. Foi da 1ª série ao 9º ano foi uma escola Adventista. Aí depois do 1º ao 3º foi no Isaltino, e agora, atualmente, eu faço graduação, que é o bacharelado em Direito na Faculdade Metropolitanas Unidas, que é a FMU.

- *Certo. E você quer falar um pouco a respeito da bolsa?*

Ana - Eu entrei na faculdade com a Bolsa do Prouni, que você consegue pelo ENEM. Então, eu passei assim um ano junto com o terceiro ano me preparando para fazer essa prova. Porque, no segundo ano eu tinha feito como treineira, e aí eu vi que não tinha condições: meu, se eu não estudar, eu vou acabar a escola e ficar um ano parada. E aí eu vi que tipo que precisava estudar. Foi o último ano assim da Escola que eu comecei a estudar bastante. Então eu tirei 800 na redação do ENEM, e foi o que me jogou pra cima pra tentar competir com uma pessoa que estuda numa escola particular, foi uma nota que tinha peso dois no meu curso. Prestei também para a FUVEST, para letras, eu fiz a segunda chamada, a segunda chamada não, a segunda fase, que é dissertativa, e quando eu fiz a segunda fase eu falei, meu, isso aqui é outro mundo essas questões...

- *É difícil...*

Ana - Eu achei muito difícil, porque uma coisa é você chegar lá e marcar um X, sabe, tem cinco alternativas e tem uma certa. Outra coisa, é você ver uma folha em branco e ter um espaço para você responder; tipo, fazer um texto. E

uma coisa que sempre me marcou também foi que o tema da redação, do meu ano da FUVEST, foi a Utopia, que era um livro que a gente tinha visto em aula uma vez. Você falou um pouquinho desse livro...

- *Nossa, engraçado...*

Ana - Do Thomas More, e eu tinha me preparado muito para esse tema, por incrível que pareça, eu sei lá o que aconteceu.

- *Você ainda tem essa redação?*

Ana - Não, não tenho, mas foi esse o tema. Tanto que antes, um tempinho antes, na redação do ENEM, eu comecei a redação que era sobre violência contra a mulher citando um trecho desse livro. Então, sei lá o que aconteceu, foi coincidência. Mas é uma coisa que eu gosto bastante, o tema desse livro

- *E você, chegou a ler na época esse livro, Utopia?*

Ana - Não tudo, mas eu li algumas coisas, tinha uma noção do livro. Então foi uma coisa que me marcou bastante.

- *Entendi. E assim, você pode falar agora um pouco da sua faculdade e também um pouco da sua época de colégio, tá. O que você pensa a respeito de cada um deles aí, dos professores (não necessariamente nessa ordem), amigos e colegas, e os demais profissionais?*

Ana - Na faculdade agora, é um choque de realidade assim, a faculdade particular, a mensalidade da minha faculdade agora tá em 1500 reais, então tipo por mês assim, todo mês tem reajuste, é lembro que, meu primeiro dia que eu cheguei na faculdade, eu cheguei tipo umas seis horas da manhã, pensava que começava às seis a aula, só que eu fui descobrir que começava oito horas né, primeiro dia, aí eu falei, caramba. E aí é algo assim totalmente diferente, tipo, as pessoas que estão na faculdade em relação ao ensino médio assim. Você vê muita gente que tá lá só para agradar os pais, sabe, tipo, tá gastando 1500 reais por mês, e não quer nada com nada

- *Entendi*

Ana - Então esse é o parâmetro assim que eu vejo. Em relação aos professores, também foi uma coisa muito nova pra mim, porque eu tenho aula com juízes, com juiz federal, com desembargador, tipo nunca tive acesso, sabe, a essas pessoas, então eu lembro que, toda vez que chega um professor novo, eu falo, caramba, olha como esse cara estudou, e parecia que no ensino médio, eu não tinha essa noção que dava para fazer tudo isso, fazer um doutorado, um pós-doutorado na Espanha, então isso é um choque de realidade também a qualificação das pessoas que me dão aula. E talvez as pessoas do ensino médio tinham essa qualificação, ou um pouco, estudavam para ter, só que eu nunca tinha dado, tipo, valor...

- *Sim...*

Ana - Em relação ao ensino médio, era completamente diferente, parecia que escola pública, não sei, todo mundo fala, algumas pessoas não tinham interesse, então a minha sala era bem dividida, né, tinha gente muito inteligente, e tinha gente que tava ali tipo terminar o curso e conseguir um emprego, sabe, não tinha uma ambição de uma faculdade, não tinha uma noção. Então esse é um choque de realidade também, você vê que na faculdade as pessoas estão mais maduras, elas têm mais que uma ambição, eu acho que você tá na faculdade, você já tem uma ambição. E eu não via isso nas pessoas. Às vezes também tinham pessoas muito inteligentes, que se contentavam assim, com um “tá ok, eu vou parar aqui, eu vou passar, vou arrumar um emprego” e acabou. E é isso, eu acho que não tinha essa visão de mundo também. E parecia que os professores não tinham tanto valor assim. É isso...

- *E os professores, qual era a sua impressão?*

Ana - No ensino médio?

- *Sim.*

Ana - Bom, eu peguei nesses três anos, eu peguei um ano de greve, e aí eu vi quem eram os professores que queriam dar aula, que gostavam, e os professores que estavam lá só pelas coisas que eles tinham no fim do mês, pelos benefícios. Tipo, os professores que lutavam pra gente dentro da sala de aula, né, dando aula, e os professores que ficavam lá lutando e tipo, acabou, tchau, você se vira com a matéria, porque até hoje eu tô esperando a reposição né, mas... é isso, você vê que tem muito professor que está lá não pelo dinheiro, mas pelo amor de dar aula, e passar o conhecimento dele...

- *Entendi.*

Ana - Isso é uma coisa que ninguém, tipo muitas pessoas não dão valor em relação a isso.

- *Você falou dos professores da greve. Você tem alguma coisa a dizer sobre esses professores, ou sobre essa situação?*

Ana - Sobre essa situação. Teve a greve, os professores não foram mas a matéria continua sendo cobrada no ENEM. Eu fiz um cursinho, eu ganhei uma bolsa no cursinho e fiz, mas eu fico pensando nas pessoas que queriam, tinham a opção de passar mas não tinham condição de fazer um cursinho. Tipo, como que essas pessoas ficaram? Será que esse professor tava lutando mesmo? Teve um professor que ele foi no final do ano, passou uma prova, e deu sete para todo mundo. Eu tenho capacidade de tirar mais que sete, entendeu. Eu tive capacidade de entender a matéria, é um espaço assim que você perde, tipo, não é uma aula no sábado que vai repor um ano todo. Não é só aquele aprendizado na matéria, é o todo. Acho que faltou isso também.

- *Entendi. Aí no caso você focou bastante na perda dessas matérias, dessas disciplinas, que acabou prejudicando...*

Ana - Então, nisso, mas não que eu culpe a greve, porque eu acho muito interessante. E eu acho que mudou algumas coisas, a greve ela traz algumas coisas, mas eu acho que é o jeito de agir, sabe. Eu não tô falando para as pessoas não fazerem greve, mas tô falando pra você fazer a greve, e cumprir com o seu dever, não perante o Estado, mas as pessoas que estão lá. Porque você não pode deixar as pessoas lá. Tem gente que não tem noção, assim. Acha que vai votar no presidente e ele vai arrumar uma escola estadual. Ainda tem gente que não tem noção do que tá acontecendo. Então eu acho que o professor ele tem um papel superimportante. E faltou esse diálogo também quando eu tava lá, eram poucos os professores que falavam os motivos da greve, o que estava acontecendo, ninguém sabia, tanto que todo mundo falava, “ah, tá fazendo greve é vagabundo”. Tipo, não é assim também né. Eu acho que falta diálogo, além disso.

- *Sim. O que você poderia dizer a respeito do nível de qualidade da educação dessa sua escola, o Isaltino (de Mello) e agora desse outro curso (Universidade)? Você já até falou um pouco, né...*

Ana - É, é bem diferente...

- *Mas especificamente então sobre o nível da escola básica, do ensino médio?*

Ana - No Isaltino, minha média era nove e dez, ou dez, dez, dez. E eu não tinha dificuldade, assim, eram poucas as coisas. E eu falava, “meu, tô dominando tudo, né”. O primeiro semestre da faculdade eu peguei dois exames, porque o jeito que eu estudava não era o jeito que eu tinha que estudar para a faculdade. Tipo no Isaltino, você não pegava uma bibliografia complementar, uma bibliografia pra ler, você não abria o livro. O professor dava, você mastigava a matéria, faz um trabalho, passei. Aí a primeira semana da faculdade, vamos fazer um seminário sobre esse livro de Nietzsche. Aí você fica assim “meu, o que que eu tô fazendo aqui?”

- *Sério, Nietzsche mesmo?*

Ana - Nietzsche, porque eu tive Ciências Políticas e teoria do Estado. Então era Nietzsche, Agamben, o que é contemporâneo. Aí você fala “meu, mas o que é contemporâneo?”. Você não tem noção de mundo, sabe, o jeito de estudar é diferente. Foi no primeiro semestre que eu falei “meu, se eu não pegar um livro, não abrir um livro pra ler, como que eu vou...se eu não fizer um resumo aqui, tirar uma hora, duas horas do meu dia pra estudar, não vou passar”. E foi a partir do segundo semestre eu mantive assim as notas, tipo nove, nove e meio

- *Você conseguiu se adequar...*

Ana - Sim, eu consegui me adequar, mas acho que eu tava muito acostumada assim. E aí eu falei, se eu continuar nesse ritmo que eu tava, eu já era...então é bem diferente o ensino.

- *Entendi. A faculdade te ajudou nesse sentido, você aprendeu a estudar?*

Ana - Sim, eu acho que eu amadureci mais, em relação a isso né, a correr atrás dos meus trabalhos, das minhas coisas, que no ensino médio você fica assim “ah depois eu dou um jeito”, na faculdade você vê que não pode deixar tudo para a última hora, você amadurece mais.

- *E assim, teria alguma experiência escolar que você gostaria de destacar, lá do ensino médio?*

Ana - Experiência escolar? Ah, eu acho que algumas coisas que me marcaram foi a reunião de pais, quando as pessoas colocam seu boletim lá, pelo menos lá, colocavam os boletins no slide, era uma superexposição com as suas notas, e aí eu lembro que as pessoas olhavam assim a minha nota e falavam “olha, por que você não é igual ela, por que você não tira, tipo a mesma nota que ela. Então isso acho que me incomodava um pouco, essa exposição assim que você tem...mas experiências legais foram, a professora de Português, que ela exigia muito da gente, e aí você fala, uma vez ela pediu para fazer um fichamento (é, a Fabiana) ela pediu pra fazer um fichamento do livro, aí você fala “nunca vou precisar disso”. Aí cheguei na faculdade e “quero um fichamento do livro”, aí você vê as pessoas assim tipo “mas, professora, o que é fichamento?”, tipo assim, pessoa que estudou no Dante (Alighieri), Dante já sabe...

- *Já sabe né...*

Ana - Aí a pessoa não sabe o que era um fichamento, e eu que estava na escola pública “fichamento é isso, isso, isso...”. Aí ela pediu um trabalho com regras da ABNT e “professora, mas como faz isso?”. Aí eu falava, “você faz desse jeito”. Porque ela (Profª Fabiana) já me preparava, preparava a gente pro mundo. E a Feira de Literatura também que ela passou, que eu peguei meio a frente, que eu sempre gostei de organizar assim as coisas. E eu lembro que você falou assim para a professora Mônica “tá vendo a diferença desse grupo para aquele grupo?”. E aí foi uma coisa que me marcou também.

- *Foi aquele que o pessoal apresentou uma peça?*

Ana - Isso, que teve a peça do *Cortiço* e *Vidas Secas*. Então, foi um negócio que me marcou muito, que a gente fez uma árvore, para as pessoas grudarem os sonhos dela com post-it, e aí tinha uns sonhos que eram tipo assim, “ter um filho”. Não era uma coisa que pra mim era um sonho, sabe, tipo pra mim era pra você colocar mais as suas ambições, eu quero ser um advogado, que seja. E eram pequenas coisas assim. Tipo “ter um filho”, “ter uma casa”, sabe, eram umas coisas que você falava assim, meu. Você começa a valorizar assim as pequenas coisas. Os sonhos pequenos, não pequenos, mas você sabe que todo mundo pode sonhar mais do que aquilo e tipo o sonho da pessoa era “ter um filho”, sabe, “fazer uma viagem”, “andar de avião”

- *É muito relativo né...*

Ana - É, então acho que isso me marcou bastante também

- *Legal, eu me lembro dessa peça. E assim, e de uma forma negativa, teve alguma coisa que te marcou de uma forma negativa?*

Ana - No 1º ano, que eu vim da escola particular, e aí eu não tinha amigos, ninguém gostava de mim lá, e eu não tinha pedido para sair de uma escola particular e ir pra lá. Tipo, parece que você tá lá no espaço deles, e acabou. Do mesmo jeito que ninguém queria tá lá, eu também não queria, não tinha pedido “me põe aqui nessa turma”. Então, ninguém falava comigo, e eu lembro que, tinha um trabalho na sala e algumas pessoas cabularam aula, e falaram que eu que tinha dedurado eles.

- *Nossa...*

Ana - E aí no final da aula, foi todo mundo me bater na hora da saída

- *Nossa...*

Ana - E aí eu fiquei tipo, “O que eu faço agora. Nunca tinha acontecido isso comigo?”. Aí a menina me defendeu, “não foi ela”, e aí eu fui pra casa chorando, e falei “mãe, nunca mais quero voltar para escola”. Esse 1º ano acho que foi tipo uma tortura assim na minha vida, o primeiro ano do ensino médio, porque eu não tinha vontade de ir para a escola, eu cheguei a cabular aula, tipo a não ir em algumas coisas porque eu não queria tá lá. Porque você vê que as pessoas não gostam de você e você fica pensando, “mas, o que eu fiz para essas pessoas”. Tipo eu não sabia, não conseguia entender o que acontecia. Hoje até, eu já, sabe, falei ah tudo bem e tal, mas eu não conseguia entender. Isso me marcou bastante.

- *Certo. Mas você fala só das pessoas ou também do tipo de ensino de uma escola para outra...*

Ana - Do tipo de ensino, porque as pessoas...

- *Você percebia essa diferença?*

Ana - Sim, eu percebia que as pessoas, não é que queriam ter esse ensino, elas te olhavam diferente porque você estudou numa escola particular e você “sabia mais”. Então acho que tinha isso. Tipo, você invade a zona de conforto das pessoas, sabe...

- *Sei.*

Ana - Os professores também, do 1º ano, foi um choque de realidade. Porque eu vim da Escola Adventista, e no primeiro ano tinha professor que falava que os alunos estavam lá para pegar bolsa família. E aí eu fiquei tipo...E uma coisa também que me marcou, foi o kit da escola, que as

peças tipo, não ligavam. Daí eu cheguei em casa e falei “mãe, olha isso, que legal! O que o Estado faz pras pessoas!”

- *Ah é? (Risos)*

Ana - Eu falei assim, juro pra você. Aí eu mostrava o caderno, mostrava (?). Então isso me marcou bastante. Eu não entendia assim o que que era aquilo. Ou senão eu chegava e falava “mãe, as pessoas comem arroz e feijão 9hs da manhã!”...

- *Ah sim, no intervalo (Risos)*

Ana - Tipo, isso pra mim era coisa de louco, e depois eu vi, meu, não é que ela come porque ela gosta, talvez é porque é a primeira refeição de um dia todo que ela tá tendo, né. Eu falava “mãe, as pessoas tão comendo isso, mãe”. Aí minha mãe falava “É, come na Escola, quando eu comia era bom”. Aí eu falava “nossa, não, deve ser horrível”. Aí no terceiro ano eu comia com todo mundo, mas isso me marcou bastante. E foi também o contato, tipo, drogas, assim, nunca na escola eu soube o que era maconha, nunca soube o que era maconha no 9º ano. Aí no primeiro dia você vê gente fumando maconha. Você fica, meu...

- *Do ensino médio?*

Ana - É, do ensino médio. Aí você fala, o que que é isso?? É um mundo diferente assim. Funk, não tinha contato com funk, o pessoal dançando funk na sala. Aula vaga, nunca tinha tido aula vaga, aí você fica uma aula sem professor. Então são esses impactos assim, não sei se chegam a ser assim negativos, mas são, esses impactos que eu tive bastante assim. Hoje eu consigo fazer essa reflexão, sabe, do pessoal que comia, ou do bolsa família (eu pensava que a professora tava viajando), mas, foi um choque muito grande assim, pra mim.

- *Entendi, mas o bolsa família seria as pessoas que...*

Ana - Eu ainda não entendo, mas eu vejo que, a professora tava meio amargurada...

- *As pessoas que colocam na escola, para receber o dinheiro do bolsa família?*

Ana - É, ela (a professora) não gostava de dar aula, não sei o que...

- *A professora falava isso?*

Ana - Era uma professora que chegava lá e pedia pra gente copiar o livro, ela falava que queria estar aposentada, então...aí segundo e terceiro ano os professores foram muito bons. Você falava, meu, esse professor tem tudo para estar numa escola particular. A gente sempre se pergunta, o que esse professor tá fazendo aqui, tipo você fala “esse professor é muito bom, o que ele está fazendo aqui”.

- *E, mudando um pouco de assunto aqui, eu queria de saber como você utiliza seu tempo livre?*

Ana - Tempo livre, ultimamente, eu não tenho tido muito tempo livre. É uma coisa que quando eu tenho, eu falo, meu, que eu tô trabalhando, eu faço faculdade de manhã, eu trabalho até as seis, segunda e quarta eu faço inglês, então eu chego em casa dez horas. Como eu trabalho aqui na (Av) Paulista...então eu chego em casa tipo nove horas. Então eu chego, tomo banho, como e vou dormir. Aí final de semana, sábado eu uso para arrumar meu quarto, aí de noite eu saio com meus amigos, e domingo, mais ou menos, eu faço os trabalhos da faculdade e fico em casa. Não é muito monótono.

- *É, são muitos afazeres.*

Ana - É, muita coisa, você fica sobrecarregada, assim, estranho.

- *E você usa muito internet?*

Ana - Bastante

- *Qual o conteúdo que você mais acessa?*

Ana - Bastante, bastante internet. Conteúdo? Eu gosto de ler bastante jornal. "Coisa de velho", as pessoas falam pra mim. Às vezes eu tô lendo jornal, "ai que coisa de velho isso". Eu gosto de ler bastante jornal, é, um tipo de reportagem na verdade, BBC, sabe, tem começo, meio e fim, uma história mais longa, assim, que demora bastante.

- *Uma matéria mesmo?*

Ana - Uma super matéria, porque eu acho que é uma coisa que eu posso falar numa mesa de bar, entendeu? É uma coisa assim que eu gosto de ler bastante

- *Tá, mas você só lê esses jornais tradicionais, essa mídia oficial ou você lê...*

Ana - Eu gosto de ler algumas...eu não gostava de ler coisas parciais, eu não leio Veja, mas eu comecei a ler tipo Carta Capital, Gazeta do Povo, porque eu gosto de ver o que tá acontecendo, não sei, pelo lado dessas pessoas. Mas a única coisa que eu não leio é Veja.

- *Sei. Então você fica bastante tempo na internet. Você saberia dizer quanto tempo por dia, mais ou menos?*

Ana - Quanto tempo por dia? Quando eu tô indo trabalhar, para a faculdade, é uma hora o percurso, umas duas horas nesse percurso de ida de volta. Às vezes na faculdade você passa o olho assim, mas não conta. Eu trabalho na internet, meu trabalho é pesquisar jurisprudência, pesquisar caso, é tudo digital hoje, mas não sei se conta então esse tempo...

- *Não, acho que não, é trabalho né...*

Ana - É. E quando eu chego em casa, quando eu chego, eu fico na internet assim até umas seis horas. Às vezes eu vou dormir três horas da manhã, porque estava lendo uma notícia, vendo vídeo. Busca também é uma coisa que eu gosto de ver bastante.

- *Tá.*

Ana - Muito tempo...(risos)

- *Então, aí aqui, queria perguntar se você trabalha, (mas) você já falou um pouco do seu trabalho, né. E o que você pensa a respeito do trabalho? Poderia falar um pouco?*

Ana - Do trabalho? Eu amo! Tipo trabalhar é uma coisa muito boa, porque você ocupa a sua mente, você faz uma coisa que você gosta. Não é uma coisa assim que eu falo que é um trabalho, sabe, tipo é uma coisa que eu tenho prazer em fazer, e é uma coisa eu não me vejo sem. Assim, às vezes eu falo “ah, o estágio tá muito puxado, trabalhar e estudar” e o pessoal fala “ah, para de trabalhar”. Mas não é uma coisa assim que eu me vejo, eu tenho a necessidade de fazer alguma coisa, me movimentando. Então tipo eu gosto bastante, dessa relação assim, não é um trabalho, é uma coisa que você faz, se você, um dia você vai ser recompensado assim por aquilo que você faz.

- *Sim. Você faz direito né?*

Ana - (Uhum)

- *Tem uma pergunta aqui “qual carreira você gostaria de seguir e por quê?”. Acho que seria essa (carreira) mesmo né?*

Ana - É. Eu quero ser advogada.

- *E o motivo?*

Ana - Quando as pessoas me perguntam isso, aí eu falo “ai não sei” (risos). Eu falo que é porque eu queria ajudar as pessoas. Mas quando eu entrei mesmo, eu vi que é muito difícil você ajudar as pessoas, tipo no direito, ou fazendo qualquer outra coisa, é muito difícil você ajudar as pessoas. Então eu vi que eu quero tipo mudar algumas coisas que acho que dá pra mudar, e contribuir de alguma forma com o mundo, sei lá sabe, ou direito ambiental também, ou licença ambiental. Sei lá, fazer uma pequena diferença assim, em alguma coisa que eu ainda tô tentando descobrir o que (risos).

- *Entendi. Você já não acha que dá para fazer uma grande transformação no mundo, seria isso?*

Ana - Então, eu acho que dá para você transformar, só que você não consegue transformar sozinho, então se eu chegar e falar eu vou estudar tudo aqui para transformar tudo eu não vou conseguir, porque eu não vou

conseguir, tipo eu Ana penso desse jeito, Andre pensa de outro. Então acho que dá para você fazer é uma pequena coisa que vai se juntar às outras pequenas coisas e você vai conseguir mudar alguma coisa.

- *Sim, tá ótimo, então agora eu queria fazer umas perguntas pra você sobre as Ocupações...*

Ana - Sim

- *Se você estava no ensino médio na ocasião. Durante as ocupações de 2015 você estava em qual série?*

Ana - Em 2015 eu estava no 3º ano (do ensino médio).

- *No 3º ano, né. Você participou dessas ocupações de alguma maneira?*

Ana - Antes das ocupações eu fui numa reunião, na Diretoria da Sul-01, e começa assim que eu fui nessa reunião para ver como é que era né, falavam “Ah vamo ocupa”, não sei o que, estava...era uma época que...Eu acho que hoje, a militância, tudo, tá muito grande. Tipo naquela época, não era um negócio...era tudo meio escondido assim. E aí eu falei “eu vou, né, vou participar”. E aí eu lembrei de eu ir em Santo Amaro, foi a primeira vez que eu fui em Santo Amaro sozinha, com o pessoal, É lá em Santo Amaro né?

- *É, é lá.*

Ana - Aí eu lembro até hoje, que a gente tava indo e tinha aquela banda do, tipo, não sei se você conhece Tim Maia, sabe? Só saindo um pouquinho do assunto...

- *Que toca Tim Maia?*

Ana - Que toca Tim Maia!

- *Acho que eu conheço.*

Ana - É uma seita, né, na verdade, uma seita dele...

- *Ah, racional...*

Ana - Isso. E aí ele, eu gosto bastante dele, então ele, no final, num certo período da carreira dele, ele entrou nessa seita, e ele fez um álbum que é o *Universo em Desencanto*, nessa fase racional, ele fez um álbum todo relacionado a essa seita, até que ele viu que não tinha nada a ver a seita, tipo ele se desiludiu mais uma vez com a religião né...

- *Sim.*

Ana - E aí essa seita que tocava música dele, em Santo Amaro, eu indo pra Sul-01. Então eu falava, “meu, vou mudar o mundo” (risos). Eu tô indo lá mudar o mundo. Isso aqui é um sinal...

- *Era uma banda ou era uma seita?*

Ana - Era uma banda da seita

- *Ah, sim...*

Ana - O pessoal de branco, era religião... tocando, acho que eles fazem algumas vezes por semana, sabe, tipo, e eu falei "meu, eu vou mudar o mundo"...

- *Coincidiu de você ver as duas coisas...*

Ana - É, eu falei "caramba, eu tô no lugar certo" porque era um negócio que eu sempre quis ver...Aí cheguei lá. Aí lá a gente conversou com as pessoas da APEOESP, pessoas assim mais cabeça, só gente mais velha. Aí eu tive a sensação que parecia que essas pessoas estavam, não usando a gente, mas, no sentido bom, não é usando a gente, mas elas...

- *Manipulando?*

Ana - Não. Acho que manipulando é muito forte, mas elas trabalhavam através da gente pra conseguir o que elas queriam, entendeu? Então a primeira coisa que eu...

- *Da APEOESP, as pessoas da APEOESP?*

Ana - É, da APEOESP, o pessoal que participava, não da APEOESP, mas o pessoal que estava lá, é que eu não lembro quem tava, mas eram coisas boas, eles queriam mudar a educação e tal, e eles, parecia que eles, não tinham mais como fazer aquilo, sabe, só eles, então eles falaram "vamos ver nesses alunos um jeito de mudar as coisas pra melhor. Então, não é manipular, porque acho que "manipular" vem um negócio muito forte assim, mas tipo eles vão usar a gente de instrumento para tentar mudar uma coisa, que eles já estavam estagnados, e que precisava ser mudado.

- *Certo...*

Ana - Então eu lembro que nessa reunião cada um falou um pouquinho da escola em que estudava e aí, eles falavam como ensina (?) as ocupações, como... quem ia entrar, o horário, não sei o que

- *Era uma espécie de treinamento?*

Ana - Não, não treinamento, tipo era uma roda de conversa, todo mundo senta em círculo assim e começa a conversar, falam "porque acham que tem que ocupar", "por onde acha que tem que começar" e "o que tem que acontecer".

- *Você era a representante do Isaltino (de Mello)?*

Ana - É, eu tava lá como representante do Isaltino, porque quando me chamaram, falaram "você estuda aonde?", Eu falei, "Ué, no Isaltino", e

disseram “pô, era essa escola que tava faltando”. Aí eu falei, “vou lá ver, né”. Aí eu lembro que eu fui mas eu não falei nada, eu fiquei meio assim era tudo muito novo. Falei “meu, se eu quero mudar o mundo, eu tô no lugar certo. Eu era assim “ah, eu vou mudar tudo sozinha” (risos), agora eu já vi que não dá pra mudar nada sozinha, mas pode começar. Aí eu lembro que ficou acordado que a gente ia ocupar o Maria Petronila, que é ali, por coincidência, atrás da (Av.) João Dias que é onde eu fazia curso. Aí juntei o útil ao agradável, né (risos), era no dia do curso. Aí no dia das ocupações eles iam fazer uma passeata ali onde era o Alberto Conte, que eles queriam ocupar lá também, descer, e ir pelo Maria Petronila, então eles ocuparam bem cedinho, assim de manhã, acho que seis horas da manhã já tava todo mundo pra ocupar, mas foi um negócio assim que foi feito pela parte da manhã e eu não...

- *E você estava junto?*

Ana - Não, Não tava, que na época eu estudava de manhã e depois eu ia pro cursinho. Então o que eu posso falar disso são mais as mensagens no whatsapp, que era o pessoal pedindo pra gente ir lá, porque tava faltando gente, precisava entrar, tipo, gente pedindo papel higiênico, cadeado, tinta, lugar...eles falavam assim, quem for vir traz cartaz, traz essas coisas, pra depois que eles ocuparem, acontecer.

- *E você ajudou nesse sentido?*

Ana - Eu levei tinta, barbante, essas coisinhas assim mais básicas. E aí eu lembro que depois que ocupou, eu entrei, eu cheguei a entrar no Maria Petronila, assim umas duas três vezes. Da primeira vez que eu entrei eles ainda estavam assim, arrumando as coisas abrindo as salas pra fazer...então foi meio, tipo meio rápido assim. Eu lembro que eu ia no cursinho, aí eu falei “ah, vou passar lá”, e pra entrar lá, você tinha que se identificar, mostrar que você estava chegando, e assim, umas três pessoas no portão, parecia que você estava entrando num lugar meio ilegal.

- *Sério? (risos)*

Ana - E tinha carro de polícia passando, porque é perto da, da...

- *Do D.P (Departamento de Polícia)?*

Ana - É, tinha carro de polícia passando, e eu lembro que quando eu cheguei lá eles falaram assim “ah, a polícia já entrou aqui”. Tipo, a polícia chegou a entrar lá uma vez pela porta dos fundos, era uma coisa que tava todo mundo assim preocupado, e eu falei “e aí?”. Aí a polícia tinha pedido o R.G, e o nome das pessoas que estavam lá dentro. E aí quem era menor de idade? Eu era, no caso, e não podia estar lá dentro sem a autorização de um responsável. Então quem era menor de idade, eles não queriam muito que ficasse lá dentro.

- *Entendi. Aí isso acabou te desmotivando a participar mais?*

Ana - Não, eu falei “ah...tá né”. Mas eu acho que nesse período eu estava participando mais como plateia, sabe. Eu não cheguei a participar, eu não cheguei a “ô, vamo fazer isso e isso”. Eu estava assistindo. E aí eu lembro que veio vários, outra vez que eu fui, várias pessoas de outras faculdades, eu fui lá num sábado, eu acho, faculdades não, escolas, e aí quando eu cheguei lá tava completamente diferente a escola, tava com um ar de lugar legal pra você aprender a conviver. Tipo tava tudo colorido, tinha umas plantinhas assim, eles fizeram uma roda...

- *Isso na escola ocupada?*

Ana - Sim, na escola ocupada. Então isso desconstrói tudo as pessoas falavam que eles só quebravam as escolas, que eles falavam assim “ah, eles só tão quebrando as escolas”, não sei o que, quando eu cheguei lá, eu falei, “nossa, que lugar legal. Eles fizeram um sarau de poesia, tipo, tudo à mão, eles deixaram a escola toda coloridinha. Eu lembro que tinha nessa escola um pessoal com violão e com uma escaleta, sabe, tocando assim. Então eles estavam fazendo assim um sarau de música, de poesia. Eu falei “meu, isso que é tipo...agora é que está com um ar de escola, sabe. Lembro que isso me impressionou bastante, essa roda de conversa que teve. Tipo tinha microfone pra pessoa falar.

- *Sim.*

Ana - Foi bem interessante.

- *E você chegou a falar alguma vez?*

Ana - Não. Eu lembro que eu peguei o violão, e a gente tocou umas duas músicas assim, mas parecia que você tava numa outra...num universo paralelo, assim, sabe. Uma experiência bastante interessante.

- *Sim interessante. E você chegou a encontrar professores nessas ocupações?*

Ana - Não, não encontrei professores. Eu lembro de uma colega que estudava lá, e ela falava que os professores estavam meio que chateados assim pela ocupação, não sei o que. Mas não teve professor.

- *Mas também não foi generalizado isso né, alguns professores até apoiavam né?*

Ana - Alguns apoiavam...

- *Não dessa escola? Não sei dizer...*

Ana - Mas tinham alguns que estavam chateados. Eu lembro que um dia antes da ocupação, a gente tinha ido lá, e ela tinha conversado com alguns professores que ela achava que iam apoiar ela, e o professor falou que não, “que era ruim”, que não apoio.

- *“Ela” a sua amiga?*

Ana - É. Isso aconteceu comigo também no Isaltino, que eu tinha conversado com a direção, e a direção falou que não, que “isso vai ser bom pra gente”, não a ocupação, mas a reforma que vai ter (do) vai ser boa pra gente. Eu voltei, saí da sala dela (da diretora) e falei, “meu, impossível”, tipo, olha a pessoa que tá (na direção), por isso que não tem mudança, que a pessoa que tá aqui dentro, tá estagnada

- *Entendi.*

Ana - A pessoa que tinha que falar “não, vamo lá, vamo conscientizar as pessoas, vamos falar com as pessoas”, não queria mudança. Então isso me deixou desanimada também.

- *Sim. Você poderia falar um pouquinho mais dessa atitude da sua escola, do pessoal da sua escola, em relação às ocupações?*

Ana - Um pouquinho da minha escola?

- *É, você falou que conversou com a diretora...*

Ana - Isso, eu falei assim, eu não lembro se eu tinha falado com você, que eu queria conversar com a diretora pra não ocupar, mas pras pessoas irem lá falar um pouquinho sobre a ocupação, sobre as greves que estavam acontecendo e reforma.

- *Passar nas salas?*

Ana - Passar nas salas. Ela falou que não, que não podia. Aí eu falei “mas direto passa gente nas salas vendendo curso, né”, ou vendendo curso, ou mostrando curso, pessoal da Eurofarma, não sei o que, aí ela falou “não, não pode”. Aí eu falei “mas a gente queria falar isso, isso e isso”, e ela pegou e falou “mas isso é bom pra gente, essa reforma que vão fazer vai ser bom pra gente”. E foi aí que eu fiquei tipo, meu, não tem como entrar aqui. E aí eu voltei assim super chateada, “ah não dá, não vou entrar”. E foi uma coisa assim que acho que desmotivou as pessoas de não ocuparem o Isaltino. Foi tipo essa retaliação assim que vem, não é retaliação, mas vem lá de cima. E você pensa, meu, imagina, todo dia que a gente chega lá no Isaltino tem carro de polícia. Você imagina assim, se a diretora já está assim com sangue no olho pra falar nem das pessoas, imagina se a gente ocupar o que vai acontecer. Então foi isso, eu acho que as pessoas tiveram medo assim de fazer essa ocupação lá.

- *Você acha que teve medo por parte dos alunos ou eles nem sequer cogitaram fazer as ocupações?*

Ana - O pessoal do Isaltino, não cogitaram, eu tenho certeza. As pessoas não sabiam o que era ocupação, eu não sabia o que era ocupação. Tipo, eu fui lá aprender o que era ocupação numa roda, num sábado. Tipo, por isso

que a gente queria passar nas salas primeiro, pra conscientizar as pessoas. Ninguém ia forçar, ninguém, “ah vamo lá ocupar”, não. Mostrar o que é e quem quiser ir com a gente vai. Acho que isso aí é que faltou também.

- *E quando você fala retaliação que vem de cima...*

Ana - Não, não é nem retaliação a palavra, é tipo assim, é...essa pressão que vem de cima. A pessoa não quer, imagina o que vai acontecer se a gente forçar? Aí acho que vem a retaliação, depois, se a gente tivesse entrado, mas como a gente não entrou, é mais uma...tava batendo de frente já na primeira proposta, de conversar, imagine se a gente tivesse entrado o que podia ter acontecido?

- *E essa retaliação viria por parte de quem? Por parte da direção da escola?*

Ana - Eu acho que se a gente tivesse entrado, como a escola tem fácil acesso, a escola tem um murinho assim do lado, eu acho que a polícia ia entrar junto com a gente, sinceramente. Eu acho que deu medo assim pras pessoas, porque foi nessa época que estavam batendo em estudante. Fecharam ali aquela ponte, aí bateram num menino que tava com cartaz. Então todo mundo ia, mas ia com medo assim de apanhar da polícia. Era uma coisa que todo mundo falava. Ou medo de ser preso. Hoje eu falo, meu (risos), hoje que eu entendo, tipo assim, um pouquinho, sabe, eu falava “ah...tá bom”. Mas todo mundo tinha medo “aí, vamô apanhar aqui”. Então eu acho que é o medo desse tipo de retaliação, só isso

- *Sim.*

Ana - Ou depois eles, tipo, sei lá, chamarem seus pais lá. Porque também, as pessoas que eram envolvidas com isso, os pais não sabiam, ou sabiam meio que por cima. Eu falava “aí pai, vou pro cursinho”, quando eu fui ver eu tava dentro da ocupação. É um negócio assim que você faz meio que escondido. Você não fala assim pro seu pai “vou invadir”, entre aspas né “invadir uma escola”, ocupar uma escola. Ocupar pra eles é o que passa na TV, TV que aliena todo mundo. Ah tão invadindo então...acho que era esse o medo das pessoas que eram menor de idade: “meu pai vai vir aqui?” (risos) “Vou apanhar do policial e do pai depois”. Deve ser isso.

- *Sim. E qual é a sua opinião sobre esse episódio? Sobre essa iniciativa dos alunos?*

Ana - Eu, acho que foi uma das únicas vezes que eu vi que os alunos naquela época, porque agora ninguém tá fazendo mais nada, que os alunos se juntaram pra tentar ajudar ou combater alguma coisa, sabe. Eu particularmente eu fui muito a favor e ainda sou, e a minha opinião a respeito, o meu pensamento sobre isso é bem positivo, assim.

- *É?*

Ana - Eu acho que deveria ter continuado, que parou meio que do nada assim, fez tchiii...do mesmo jeito que surgiu parece que parou, ou eu parei de acompanhar também.

- *Eu acho que na verdade, teve essa desse ano de 2015 e depois continuou no ano seguinte, né?*

Ana - É, mas não com a mesma força, eu acho. Não é que parou, eu acho que teve um cala-boca assim sabe, ou da mídia que parou de mostrar, tipo, na internet você vê que muita gente apanhava e não aparecia nada na TV, eu não via ninguém, você só ouvia “ah, tal fulano apanhou de tal pessoa”. Então acho que deu esse cala-boca assim, a gente tava fazendo um negócio pra mudar a vida de todo mundo e ninguém apoiou a gente. Então isso desmotivou as pessoas. A gente tava fazendo um negócio pra todo mundo e os alunos que deviam estar apoiando a gente, estão falando que “é um bando de comunista”, sabe, que está aqui pra invadir a escola, que quer ter aula. Então eu acho que isso atrapalhou também. Mas a minha visão em relação à ocupação é positiva.

- *Sim. Você tem algum envolvimento com política?*

Ana - Em relação tipo a partida, essas coisas?

- *Qualquer coisa.*

Ana - Assim, eu não sou filiada a nenhum partido, eu não tenho um envolvimento assim igual... Eu tenho muito amigo que tem envolvimento, eu não sei se eu tenho envolvimento, entendeu? Então, andar com as pessoas que são filiadas ao Partido é algum envolvimento... Tipo, meu círculo de amizade tende a ir pra esquerda.

- *O seu círculo?*

Ana - É, mas eu não considero isso um...

- *Um envolvimento com política.*

Ana - É, deixa eu pegar outra cadeira aqui. Mas, o que acontece? Eu acho que... Eu acho que... Eu não tenho envolvimento com política, não. Não sei. Mas eu... Vou tender ainda mais pela esquerda, eu acho.

- *Sim. E não só o partido, né? Pode ser qualquer outra coisa.*

Ana - Ah. Defender algumas causas minoritárias, talvez?

- *Participar de alguma...*

Ana - Participar, é?

- *É. De manifestação, essas coisas.*

Ana - É. Eu não tenho participado de muita manifestação, na verdade.

- *Sim.*

Ana - Mas, assim, eu tenho algumas ideologias. Eu não sei se a reflexão crítica tem a ver com a política. Deve ter. É muito difícil você falar eu acredito nisso, nisso, nisso. Tipo, é porque parece que é tudo uma luta política, as manifestações, os professores, eu apoio, eu não participo, mas eu apoio. As pessoas falam isso é esquerdista, isso é petralha. Não sei. As causas, as minorias, os negros, a população LGBTQIA+, então, eu tenho a pender [para esse lado]. Eu acho que não é política, você tem que ter um lado humano assim que parece que as outras pessoas não têm, não sei explicar.

- *Tá, o que você acha do discurso da mídia oficial sobre assuntos como educação e política?*

Ana - É um discurso mentiroso, parece que as pessoas pintam uma coisa muito bonita quando é em relação à educação, mas quando você vai ver não é nada daquilo, as pessoas falam ah, as novas bases, as diretrizes do ensino médio vão ser tudo muito bom, vai ter ensino à distância, eu vou ter ensino à distância numa escola que eu nunca consegui nem ligar computador na sala de informática? Então, tipo, isso é bonito pra quem diz de fora, pra quem nunca viu. Agora, quem tá lá dentro sabe que não funciona. Em relação à política também, as pessoas falam de inovação política, só que é igual a gente tava conversando antes. O que é inovação política pra uma pessoa que ficou 27 anos no poder? Inovação política é pra pessoa que coloca um palhaço lá dentro. Pra uma pessoa que não tem preparo nenhum, sabe? Um cara que vai cuidar de tecnologia de informação era um astronauta [referindo-se a Marcos Pontes, indicado para o Ministério da Ciência e Tecnologia à época], sei lá, acho que é tudo meio comprado.

- *Tá, e você consegue comparar, você faz essa comparação entre o discurso da mídia oficial com de uma mídia alternativa da internet?*

Ana - Sim, tem uma mídia alternativa que se chama Mídia Ninja e você vê assim que tem alguém mentindo, tipo, eu falo que é amarelo, tu fala que é verde, então dá pra você fazer essa comparação, tipo, você fala, meu, quem tá mentindo? Só que eu tenho acesso a essa mídia ninja, as pessoas que não têm vão sempre viver pensando que é, tipo, daquele jeito, mas é uma diferença muito grande.

- *E você assiste TV, lê jornal impresso, revista?*

Ana - Sim. Jornal, revista. Mas assisto TV muito pouco. Não. Se eu assisto, é tipo 15 minutos no jornal uma semana. É essa a única coisa que eu assisto. Mas leio, leio bastante. Jornal digital.

- *Digital?*

Ana - Impresso também, no serviço, Folha de São Paulo.

- *Uhum. Que chega todo dia..*

Ana - Isso. Chega todo dia o jornal.

- *Tá. Tem alguma coisa que você gostaria de dizer a respeito da situação política no Brasil?*

Ana - Tá complicado. É muito complicado falar da situação política. Porque, como a gente tava falando antes, parece que a gente tá vivendo tudo de novo e de novo e que as pessoas têm a memória muito curta. As pessoas votam numa pessoa que já tá lá há muito tempo no poder, tá falando que é inovação. As pessoas votam numa pessoa que tem um discurso de ódio que a gente já viu aqui no Brasil e já viu no mundo, é igual, e a gente insiste em votar nessas pessoas, sabe? Então, eu acho que tá bem complicado, e as pessoas não conseguem agora aceitar uma pessoa que pensa diferente de você. Então, acho que isso tá bem complicado, porque você quer mostrar pra aquela pessoa seu ponto de vista, e ela já fala, não, você tá errado. Então, isso eu acho que contribui pra situação política que a gente tá atualmente. Tipo, tem um lado certo e um lado super errado. Não tem um meio termo entre as pessoas. Ou é o que eu quero, ou não vai ser nada, sabe? Tipo, eu acho que não tem esse meio termo.

- *Entendi. As pessoas estão um pouco intolerantes.*

Ana - É, isso mesmo, intolerância.

- *Você lembra das manifestações de 2013?*

Ana - Lembro.

- *Você tinha quantos anos?*

Ana - Quantos anos eu tinha de 2013? 15 anos, a manifestação dos 20 centavos, eu lembro, e o que me marcou foi que depois da manifestação eu tive um passe livre, mas não foi uma coisa que eu participei também, mas eu lembro bastante disso, e eu lembro que o pessoal de casa falou assim, “isso é coisa de quem não tem o que fazer”, não sei o que, 20 centavos, Nem quando eu peguei o passe livre, falaram, meu, agora sim, agora sim, graças àquelas pessoas. Então eu achei bem interessante. Tipo um cala-boca nas pessoas...

- *Mas ali tinha mais do que vinte centavos, né?*

Ana - Sim, mais que vinte centavos. Mas o que me marcou bastante foi essa manifestação. E eu não lembro, assim, das outras.

- *Você acha que ela pode ter originado as ocupações? Ela pode ter sido um ponto de partida...*

Ana - A partir do momento que as pessoas conseguiram o que elas queriam com aquela manifestação, que foi reduzir a tarifa, e os estudantes tiveram o passe livre, eu peguei o passe livre, eu acho que as pessoas falaram assim, "é assim que funciona". O pessoal que fez a ocupação tinha mais ou menos a mesma idade. E o que eu me lembro foi a primeira coisa, eles se juntaram e realmente foi efetivo e deu certo. Então eu acho que tem muita coisa relacionada. Então, tipo, motivou, assim, deu certo, sabe?

- *Tá.*

Ana - Se, pelo menos, fosse assim.

- *Você falou um pouquinho sobre movimentos sociais, né? Você poderia falar um pouco mais? Se você conhece, se você participa em alguma medida?*

Ana - Movimentos sociais?

- *É, você falou movimento negro, né?*

Ana - Sim. Pô, eu não participo, eu conheço, mas eu não participo ativamente, mas sempre tem manifestação e tal, e eu ando com muitas pessoas que participam, querendo ou não você tá dentro. E eu acho que essas pessoas, elas precisam ter, sabe, isso, porque agora que elas estão conseguindo conquistar efetivamente o espaço delas em determinados lugares, e eu acho que a gente evoluiu muito de 3, 2 anos pra cá, devido a esses movimentos sociais, as pessoas começaram a se unir e lutar por uma causa. Então acho que eu não participo, não diretamente, mas indiretamente.

- *Entendi.*

Ana - Acho que só de você estar apoiando a pessoa, você já está participando diretamente.

- *Sim. E a internet tem algum papel nisso?*

Ana - Bastante.

- *No crescimento desses movimentos?*

Ana - Porque a internet, ela te informa, né? É um meio de comunicação e informação incrível. Então, acho que os movimentos sociais, os movimentos sociais, não, mas alguns movimentos relacionados aos movimentos sociais começam na internet. Tipo, eu quero fazer um encontro. Então, eu vou criar uma página com um encontro relacionado a um movimento novo. Então, eu faço uma página no Facebook, chamo todo mundo e coloco tudo que eu

quero que aconteça. Então, acho que a internet traz essa informação para as pessoas. Eu acho que o crescimento da internet ajuda com o crescimento dos movimentos que a gente está tendo hoje

- *Sim. Então, uma pergunta que ficou um pouco de fora aqui, não sei se você poderia me dizer, se poderia falar um pouco a respeito sobre religião. Você tem religião?*

Ana - Cara, eu ia pra igreja evangélica.

- *Então...*

Ana - E eu acredito em Deus, mas eu não tenho uma, tipo, uma igreja que eu vou todo domingo. Sabe? Tipo, eu não sou católica. Eu não sou católica (risos)

- *E existe alguma coisa que tenha faltado nessa entrevista que você gostaria de falar?*

Ana - Que eu gostaria de falar?

- *Que ficou de fora, que você acha que ficou de fora?*

Ana - Acho que os professores em relação às ocupações. Uma coisa que até pra mim fica meio indefinido, qual era a posição, porque eu peguei professores que eram a favor e professores que não colocavam opinião. E aquele tema [é] atual também, eu acho que tem muito a ver, é bem político esse movimento de ocupação. E é o que a gente tá vivendo atualmente, acho que falta só fazer uma palhinha assim. É bem político esse movimento das ocupações e é o que eles não querem que aconteça nas escolas atualmente. Tipo, essa posição política. Então, a minha pergunta é por que eles querem tirar essa política de dentro das escolas, sabe? Será que está dando certo essas ocupações? Por que ele [o governo] adiou a reforma depois das ocupações? Será que as pessoas que estavam manipulando a gente, em aspas, não manipulando, usando a gente, conseguiram aquilo que elas queriam? Porque isso não consigo enxergar. E o que essas pessoas estão fazendo agora com essa nova base curricular do ensino médio, entende? Tipo, será que eles estão pensando em uma nova ocupação?

- *Essas pessoas que fizeram a ocupação? Se elas estão se movimentando de alguma maneira?*

Ana - Porque eu, particularmente, não estou me movimentando. E é o que eu te falei, né? Eu falei, ah, estou desiludida, mas eu não me movimento, assim, tipo, eu. Eu, parece que, quando você está dentro, tipo, quando eu estava no ensino médio, eu estava, pô, e aí parece que eu esqueci, assim, eu saí, Mas eu falei, agora eu não tenho mais o que fazer, sei lá, é meio estranho.

- *Tá. Aí quando você diz assim que, qual é o interesse em tirar a política da escola, qual que você acha que é a resposta pra isso?*

Ana - Dar um cala-boca em todo mundo, assim, falar assim do jeito que eu quero. Evitar o pensamento crítico das pessoas, né, tipo, fazer só o senso comum.

- *Sim.*

Ana - Só o senso comum, assim, não deixar que as pessoas sonhem, tenham ambições, cresçam. Ou seja, todo mundo meio, sabe, incomoda bastante.

- *E você acha que é importante discutir política na escola?*

Ana - Eu acho. Muito importante. Porque você provoca o pensamento crítico das pessoas. Você ensina o outro a respeitar a opinião diferente da dele. Eu acho que a política tem esse caráter. E é mais polêmico que futebol (risos)

- *É bem mais polêmico (risos). E assim, você acha que aprendeu mais sobre política? (e me parece que você sabe bastante) em casa ou na escola?*

Ana - Em casa.

- *Em casa?*

Ana - É porque eu acho que os professores, mesmo que ainda não tenham esse cala-boca, os professores eles ficam meio retraídos, assim, de falar sobre política. Eles tendem a comentar, mas eles falam, ah, mas eu sou imparcial. Você mesmo já falou “ah, eu não tenho posição política, eu quero que vocês [se posicionem]. Então eu acho isso, os professores tendem a [neutralidade]. E em casa você pode falar assim, “eu não concordo com você”, e pode soltar o verbo lá, que você e seu parente depois sabem se está tudo bem ou não, né? Mas eu acho que eu aprendi mais em casa e no meu círculo de amizades, que influenciam bastante a forma da pessoa que você é.

- *Sim. Uma outra coisa que ficou aqui, que eu fiquei na dúvida é: se você participou, meio que indiretamente, daquelas ocupações lá de 2015, como você chegou nessas pessoas?*

Ana - Nas pessoas? Eu conheci a Taís pelo cursinho, e aí eu lembro que a gente tava tipo numa aula, no intervalo de aula, e ela tava conversando, né, comigo e com outra menina, falando, “ah, eu voltei agora de uma manifestação”. Só que ela falou bem assim “olha, a gente precisa ocupar as escolas, eu preciso de alguém de tal escola. E eu falei “eu sou dessa escola”. Então meio que eu caí de paraquedas.

- *Entendi. Mas vocês não eram amigas?*

Ana - Não, não éramos. Ela fazia cursinho comigo e ela conhecia uns amigos meus no cursinho.

- *Tá. Então, Ana, tem alguma questão que você gostaria de abordar pra finalizar? Assim, só pra fechar?*

Ana - Ah, agora é tão ótimo. Às vezes eu falo assim para as pessoas, ah, eu ocupei a escola. Aí as pessoas olham assim para vocês e falam, ah, que vagabundo. Mas de resto é isso, eu acho que tem essa figura, sabe, quem ocupa a escola, é vagabundo.

- *Mas de certa maneira você participou, né?*

Ana - É, participei.

- *E aí você tem...*

Ana - Você tem uma experiência.

- *Você tem uma experiência e essa experiência para você é boa, é ruim?*

Ana - É boa, porque...

- *Você tem orgulho disso?*

Ana - Tenho. Lembra que eu falei que queria mudar o mundo? Parece que você fez alguma coisa assim pra tentar mudar uma coisa que não tá certa. Não que eu tenha conseguido. Mas você se sente parte de um todo que quer mudança. Você não tá parada esperando uma coisa que vai te afetar. Você muda tudo. Então acho que isso me fez crescer. Me trouxe uma maturidade maior em relação às pessoas que falavam que “isso é desse jeito”. E dá pra levar até para os outros movimentos, sei lá, feministas por exemplo, entendeu? Mas é isso, tipo, você começa, você pode concordar com as pessoas, mas você aí fala “mas meu, não é bem assim”. Você começa a olhar as coisas de um jeito que as outras pessoas não param pra olhar

Entrevista com Letícia

- *Começando aqui a primeira entrevista com a Letícia. Eu tenho, Letícia, três blocos de perguntas e aí você pode escolher qual você quer responder primeiro*

Letícia – Tá bom

- *Esse primeiro bloco seria sobre a sua família, um segundo sobre escola e processos de formação, e um terceiro mais específico sobre ocupações e participação política. Você quer seguir na ordem? Melhor?*

Letícia – Pode ser

- *A respeito de sua família, vou fazer então inicialmente algumas perguntas sobre seus avós.*

Letícia – Tá bom.

- *Você saberia dizer a idade deles?*

Letícia – Não exatamente , eu sei que minha avó acabou de fazer aniversário, eu acho que ela fez 60, quase 70, ali, 60 e poucos. E meu vô já deve ter uns 70, eu não tenho certeza.

- *Aí seria por parte de pai, mãe?*

Letícia – Por parte de mãe. De pai, meu vô já morreu. Não sei quantos anos ele teria agora. E minha avó ela também tem mais ou menos a idade da minha avó materna deve ter ali sessenta e pouquinhos

- *Tá. Onde eles nasceram?*

Letícia – Eu acredito que todo mundo nasceu em São Paulo já. Acho que minha vó e meu vô materno eles são a primeira geração que nasceu aqui no Brasil, porque os dois são de Portugal

- *Certo. Você sabe algo sobre as profissões deles? Ou no que eles trabalhavam?*

Letícia – Minha avó materna, ela primeiro foi dona de casa por um tempo, e depois ela trabalhou como estilista por muito tempo também, em algumas lojas. Hoje em dia ela trabalha um pouco com artesanato, ela gosta muito desse trabalho manual. Então ela faz tanto pinturas como roupas, mas ela hoje em dia não tá mais no mercado de trabalho. Meu vô materno, eu sei que ele trabalhou numa empresa que fazia móveis. Mas hoje em dia também está aposentado. E minha avó paterna, eu acho que ela trabalhava com alguma ONG, alguma coisa assim, era um projeto que atendia jovens em necessidade. Não sei exatamente onde era também.

- *E a Escolaridade deles? Tinham curso superior?*

Leticia – acredito que nenhum se formou na faculdade, eu acredito, minha avó materna eu tenho certeza mas meu vô e minha vó paterna eu não tenho certeza

- *E qual a relação que você mantém com eles, ou mantinha?*

Leticia – Quando eu era mais nova eu era muito próxima do meu vô por parte de mãe. Conforme eu fui crescendo, e ele também foi ficando mais velho, a gente deu uma afastada mas a gente ainda se fala regularmente. Com minha avó por parte de mãe eu também tenho uma relação bem próxima, e minha avó por parte de pai, como eu não tive muito contato com meu pai, acho que acabei tendo menos contato com ela também. Mas quando eu era mais nova a gente se via de 15 em 15 dias. Aí também fui crescendo, as coisas foram mudando, aí hoje a gente se vê bem raramente.

- *E você saberia dizer se algum deles teve algum envolvimento com política?*

Leticia – Eu acho que não. São todos muito desligados da política. Meu vô, hoje em dia, mais velho, acho que começou a mudar um pouco a mentalidade dele, começou a rever as atitudes dele passadas, porque viveu num momento ainda muito machista assim da sociedade, uma sociedade muito patriarcal, mas hoje em dia eu sinto que ele revê um pouco esses conceitos que ele tinha antes. E dá para ver que ele está tentando acompanhar um pouco a sociedade e se tornar uma pessoa melhor. Mas minha duas avós eu sinto elas bem afastadas da política assim.

- *Sim, muito bom. Agora sobre os seus pais. São quase as mesmas perguntas. Se você sabe as idades deles...*

Leticia – É, eu tenho 22, minha mãe me teve com 18. Minha mãe acho que fez 41, 40 (risos). Ela é bem nova. E meu pai eu acho que é um ano mais velho que minha mãe, deve ter uns 42 talvez.

- *Você morava com eles antes de vir para cá?*

Leticia – Eu morei com minha mãe, minha vida inteira. Aí na verdade eu saí para ir morar com umas amigas, isso já deve fazer um ano, aí depois eu vim pra cá. Mas eu morei sempre com minha mãe.

- *E onde eles nasceram? São de São Paulo também?*

Leticia – Sim, são de São Paulo, os dois.

- *Qual é a profissão dos seus pais?*

Leticia – Minha mãe é professora, não uma professora específica, ela é uma professora de ensino básico assim, e meu pai ele é chefe de cozinha.

- *E a escolaridade deles?*

Letícia – Minha mãe se formou recentemente, recentemente, faz uns anos já, porque a escola começou a cobrar isso de ter uma formação mesmo. Que eles não precisavam antes, não era necessário, e aí com a mudança aí de tudo ela precisou fazer a faculdade, se formar, ela fez. E meu pai não fez faculdade.

- *Então ela se formou depois que ela constituiu família, depois que você já tinha nascido e tudo?*

Letícia – Sim, bastante tempo depois.

- *Ela tinha – acho que essa pergunta vem logo em seguida – mas quantos anos ela tinha mais ou menos quando entrou na faculdade? Ainda estuda?*

Letícia – Ela devia ter já uns 30, 32 talvez.

- *E assim, ela ainda estuda?*

Letícia – Não, hoje em dia não mais.

- *Parou de estudar quando, mais ou menos?*

Letícia – Quando ela se formou na faculdade (risos).

- *Mas você não sabe especificar qual a idade.*

Letícia – É, eu acho que, se ela fez os quatro anos de faculdade, deve ter sido com uns 36, 37 anos.

- *Entendi, então ela dava aulas em uma escola de educação infantil, seria isso?*

Letícia – Isso...

- *Aí a Escola começou a exigir o diploma e ela foi atrás de fazer a faculdade de pedagogia, seria isso?*

Letícia – Isso, foi isso.

- *E seu pai, no caso?*

Letícia – Meu pai ele, logo quando eu nasci ele teve oportunidade de ir para Inglaterra e aí ele conseguiu um trabalho no hotel, no restaurante do hotel, lavando louça, essas coisas, e aí é essa a dinâmica de cozinha né, começo lavando louça, depois passou a ser cozinheiro e aí ele acabou virando chefe de cozinha, chegou abriu um restaurante, fechou e tudo, hoje ele eu acho que não é mais chefe de cozinha exatamente, ele trabalha como diretor de um restaurante em Miami

- *Sim. Você saberia dizer mais ou menos assim aproximadamente qual era a renda familiar à época das ocupações, da sua participação nas ocupações, e de quanto seria hoje, assim, em S.M, bem.(por alto)?*

Letícia – Na minha casa?

- *Sim*

Letícia – Eu imagino que minha mãe junto com meu padrasto que era companheiro dela na época, deviam juntos ter uma renda de uns R\$4000, talvez.

- *E a sua?*

Letícia – Hoje em dia? Hoje em dia depende muito né porque como eu trabalho em restaurante, a gente depende muito do movimento que dá, e da caixinha, então varia muito entre dois e três mil reais, hoje em dia. Na época não tinha renda ainda.

- *Ok. E a política, é um assunto comum entre você e seus pais? Era quando você vivia com ela (a mãe)?*

Letícia – É, eu sinto que tanto minha mãe, quanto o meu padrasto né, que foi a pessoa que me criou, sempre procuraram trazer um pouco, não exatamente da política assim, mas são assuntos que depois que você entende um pouco mais você percebe que englobam a política também né, são assuntos sempre sobre classe social, sobre machismo, sobre essas coisas, nada muito aprofundado, a gente nunca teve muito aprofundamento nesses assuntos, mas a gente foi criado de uma forma já, de certa maneira política, sem ser política de verdade, sabe?

- *Sim, sim, sem ser a política institucional, dos partidos...*

Letícia – Isso, exato, exatamente...

- *Mais uma reflexão política dentro de casa?*

Letícia – Isso.

- *Eles já fizeram parte de alguma associação como partidos políticos, associação de moradores de bairro, sindicatos?*

Letícia – Não, eu acredito que não. É, mas agora lembrando, eu acho que quando eu tinha treze anos, foi a primeira vez que eu fui numa manifestação, foi a contra a tarifa, sabe quando...

- *A de 2013?*

Letícia – A de 2013, isso. E eu olhava assim de fora e tinha vontade de ir. Minha mãe sempre teve muito medo, porque pode se tornar um evento muito violento. Mas eu lembro que meu padrasto deu até uma brigada com ela,

falou “não, ela tem que ir, tem que ir”, e tal, “tem que ver”. E aí, a primeira manifestação que eu fui foi o meu padrasto que me levou (!).

- *Muito legal. Acho que muitos dos ocupantes das escolas tem um pouco essa trajetória né, de ter passado por esse primeiro momento de...(ter participado nas manifestações de 2013)*

Letícia – É, não sei, acho que também têm muitas pessoas que tiveram o primeiro contato com a política e com as manifestações, na época das ocupações.

- *Ah sim, sim...*

Letícia – E aí depois se engajaram até, aí teve de novo as manifestações contra o aumento da tarifa, e aí começaram a ir, porque já conheciam mais, já se sentiam mais, sei lá, mais aptos mesmo a participar desse tipo de...

- *Familiarizados...*

Letícia – É.

- *Mas assim, você também pode identificar que existem pessoas que se desengajaram, digamos assim, que se engajaram naquele momento e depois deixaram a política de lado?*

Letícia – Sim(!) Acho que inclusive, grande parte, porque, querendo ou não...inclusive eu hoje em dia, assim, procuro estar sempre informada sobre o que está acontecendo, mas, desde que eu saí da escola, comecei a trabalhar e tudo, acaba ficando um pouco de lado mesmo. Eu acho que tem pessoas que continuaram ainda indo atrás, e tem pessoas que simplesmente tiveram que viver a própria vida, ganhar o próprio dinheiro, e aí vai acabando o espaço para isso, se você não corre atrás.

- *Só um minuto. Achei que tinha parado, tomei um susto (risos). Acho que de dez em dez minutos ele desliga (apaga). (sobre a gravação no celular)*

Letícia – Ah tá.

- *E você tem irmãos?*

Letícia – Tenho.

- *E as idades deles...*

Letícia – Eu tenho um irmão que é por parte do meu padrasto, mas que cresceu comigo. Ele tem...eu tenho 22, ele tem 25. Tenho uma irmã de 18, que é por parte de mãe. E eu tenho uma irmã de quatro por parte de pai.

- *São quatro irmãos, com você no caso né?*

Letícia – Isso.

- *Tem algum parente com quem você goste de conversar?*

Letícia – Ah, eu acho que, principalmente depois que eu fiquei mais velha, eu percebi que eu gosto de conversar muito com minha família no geral. Acho que, mesmo as pessoas que não estão completamente alinhadas assim comigo, tanto politicamente como nos outros âmbitos também, eu acho que é sempre assim uma troca de experiência, eu acho que eles têm muita coisa importante para passar também. Então, eu gosto de conversar com meus parentes, no geral, assim.

- *E qual seria o assunto mais frequente?*

Letícia – Deixa eu pensar.

- *Você citou que tem alguns parentes que não estão alinhados politicamente...*

Letícia – É, por exemplo, depende do parente. Minha tia Vanessa, a gente conversa muito sobre política, sobre os estudos, sobre, sabe, um lado um pouco mais intelectual das coisas, sabe. Com minha mãe, por exemplo, converso muito sobre trabalho, porque minha mãe trabalha muito desde sempre, e eu também, então a gente tá sempre falando sobre isso. Quando eu converso com meu padrasto também é sempre muito sobre estudo e perspectiva de vida, sobre o que eu almejo assim, o que estou fazendo para conseguir chegar em algum lugar.

- *Sim, ótimo. Tem alguma história ou acontecimento em família que você poderia destacar? Sobretudo que tenha algum viés político...*

Letícia – História?

- *Ou qualquer outra coisa...*

Letícia – Putz, difícil, não sei. Teria que pensar. Uma coisa marcante assim, não lembro.

- *Sim. Essa pergunta a gente faz para ver se pinta alguma coisa espontânea puxada para o lado da política, sabe?*

Letícia – A-ham

- *Mas não tem problema.*

Letícia – É, estou tentando pensar aqui, mas acho que não, porque eu por exemplo, por mais que eu tenha sido criada nesse ambiente já mais ou menos politizado eu acho que fui muito atrás sozinha assim...

- *Sim.*

Letícia – Mas por exemplo, meu...uma coisa que talvez vale a pena assim, falar, é que, quando eu fui para as ocupações do Alves, eu não estudava no Alves ainda.

- *Ah, que legal.*

Letícia – Na verdade eu morava ali perto, eu estudei sempre no Alecrim, que era a escola que minha mãe trabalhava, então, tinha bolsa e tudo, era uma escola particular, e aí eu ia muito na praça do Alves, no Maracatu, tem maracatu de sábado lá né...

- *Dentro do colégio?*

Letícia – Dentro da Escola. Já fiz aula de francês, já fiz aula de dança, eu utilizava muito aquele espaço, mas não era a minha escola. E aí, na verdade, foi meu padrasto que falou, quando começaram as, esse movimento das ocupações, e tudo, meu padrasto que veio me falar, tipo “ah, você tá vendo”, eu estava acompanhando assim mas meio de longe, ele falou, “meu, vamos dar uma passada lá no Alves” e tal, que era a escola que a gente era mais próximo assim, aí ele que me levou lá, aí tinha um cartaz lá colado com as coisas que eles estavam precisando, de comida e tal, fomos no mercado, ele comprou umas coisas, a gente levou lá, e nisso eu cheguei assim e falei, “ah, trouxe umas coisas” e tudo, estava tendo uma assembleia né, que era uma das coisas que a gente fazia, onde todo mundo se reunia e dava...falava com a mídia e tudo. E aí nesse dia, eu meio que entrei lá, aí, eles falaram “não, fica aí com a gente”, deixei as coisas lá na cozinha e a partir desse dia, eu não saí mais assim, porque aí eu já conheci todo mundo lá de dentro, foi uma...eu senti assim uma onda de alguma coisa que eu nunca tinha sentido antes, que eu falei, meu deus, que eu quero participar desse negócio (risos), porque é muito importante.

- *E aí você foi estudar lá?*

Letícia – Eu fui estudar, eu ia já né, mudar de escola, e aí, assim, minha família nunca...não tinha muito dinheiro assim para pagar uma escola particular e tal, mas eles queriam que eu fosse para uma escola particular, mas depois que eu conheci todo mundo de lá, e que eu conheci um pouco da própria escola assim, o Alves é uma escola modelo e tudo, tem um sistema de ensino muito legal, era perto da minha casa e era pública. Aí eu dei uma conversada com minha mãe, meu padrasto e tudo, e falei eu acho que eu preciso, eu sinto que é aqui eu preciso ficar. E aí, isso foi no final do ano. As ocupações foram no final do ano, e no ano seguinte, quando voltou as aulas eu já fui estudar lá

- *Só uma coisinha para encerrar o primeiro bloco, é que você tinha dito que participou daquelas manifestações da tarifa. E seus pais, participaram também? Sua mãe, seu padrasto, ou foi só você mesmo?*

Letícia – De 2013, minha mãe foi, meu padrasto também. Nas mais recentes, acho que foi 2016, eles chegaram a ir em algumas mas também os dois trabalhando, então eu ia mais, eles iam menos mas quando eles podiam eles iam também.

- *Entendi. E assim, agora começando esse outro bloco de perguntas, vou fazer umas perguntas sobre escola. Você já citou algumas escolas em que estudou, né...em qual escola você fez o ensino médio, que foi esse Alves...*

Letícia – É, Alves Cruz...

- *E tem um colégio particular também né?*

Letícia – Alecrim.

- *Ensino médio você fez no Alves Cruz...*

Letícia – Isso.

- *E o fundamental, no...*

Letícia – Alecrim.

- *Quando você foi participar das manifestações você estava em que ano?*

Letícia – Eu estava indo para o primeiro.

- *O que você pensa a respeito dos amigos da escola, amigos e colegas dessa época?*

Letícia – Dessa época? Ah, são pessoas que eu fiquei bem próxima assim, até porque, eu acho que a gente, principalmente na época das ocupações, a gente conversava muito sobre as coisas, sobre a vida. Eu senti que, como eu tinha estudado em uma escola particular até então, eu senti que eu estava mais perto das pessoas que eram um pouco mais parecidas comigo, então acabei criando mais, uma ligação maior mesmo com essas pessoas.

- *Sim.*

Letícia – E aí, a vida vai indo e tal, tem um monte de gente que mora muito longe e tudo, hoje em dia eu ainda mantenho algumas amizades, mas outras também, não tenho mais contato.

- *E você saberia dizer quanto tempo durou as ocupações nesse colégio?*

Letícia – No Alves? Durou, acho que talvez, quase dois meses? Eu fico meio confusa, mas lembro que Natal a gente estava lá ainda, ano novo...

- *E no Natal, as medidas do governo já tinham caído, né? Parece que foi em novembro, né, acho que 4 de novembro. (Na verdade, foi em 04 de dezembro de 2015 que o decreto foi revogado, como citado na Introdução)*

Letícia – É, eu não vou lembrar.

- *Mas ainda assim, a escola ainda estava ocupada, né...*

Letícia – Sim, é...

- *Deve ter sido uma das últimas, né...*

Letícia – Foi uma das últimas a desocupar, mas, é que daí foi o momento que eu acho que a gente se sentiu ali, tanto no poder, e, sei lá, com tanta força todo mundo junto, que daí ninguém queria deixar acabar acontecer, mesmo que as coisas já, não tivesse mais como né, já era uma medida que, que tinha que acabar, não dava para continuar, e ocupar a escola para sempre né...

- *Sim.*

Letícia – A gente tinha que sair de lá alguma hora, e aí...mas aí o que aconteceu, é que a gente acabou, nesse momento das ocupações, também tendo muito contato com uma galera que era das ETECs, e aí nisso, assim que desocuparam as escolas, aconteceu alguma coisa assim, teve alguma coisa a ver com a...o que que foi mesmo (?). Bom. Não lembro agora, faz um tempo assim, mas eu lembro que, logo depois que desocuparam as escolas Estaduais, rolou ocupação nas ETECs, e aí acho que nesse momento assim, todo mundo deu uma perda no sentido e aí falou, não, então vamos lá ajudar, e aí só foi e ficou lá sem entender muito o que estava acontecendo, só por querer continuar ali, militando e tudo, e aí, bom, eu acho que a partir daí algumas coisas começaram a ficar um pouco confusas assim, um pouco sem sentido.

- *Tá. Olha, a gente vai retomar mais para frente algumas outras questões sobre as ocupações. Mas só para encerrar, essa ideia a respeito do que você pensa a respeito de colegas, queria saber sobre os professores, se você tem alguma coisa a dizer sobre eles.*

Letícia – Então, é difícil né, porque...

- *Eles participavam?*

Letícia – É, alguns. Alguns participaram, mas os que participaram, a maioria foram professores que na verdade já tinham sido demitidos, por terem participado da greve, que rolou uma greve um tempinho antes...

- *Eu participei dessa greve (risos).*

Letícia – E aí, os professores, do Alves pelo menos, né, tem alguma coisa, alguma...não sei se é uma lei, alguma coisa assim, mas que os professores da escola integral não podem fazer greve, porque...

(PORTA BATE)

- *Ah sim...*

Letícia – E aí todos que participaram acabaram sendo demitidos, e eles aí, sem o vínculo com a escola, puderam mostrar apoio às ocupações. Os que estavam ainda dando aula na escola não apareceram. E tiveram alguns que,

depois que voltou às aulas se mostraram assim muito contra, e alguns que a gente conseguia perceber que não podiam falar claramente que apoiaram, mas que conseguiam demonstrar de alguma forma que também estavam, que não achavam errado, né.

- *Sim, então essa escola era de tempo integral?*

Letícia – Era integral. Era das sete da manhã às quatro da tarde, todo dia.

- *Você disse que esses professores, eles foram demitidos porque era uma escola de tempo integral, eles participaram de uma greve né...*

Letícia – Isso

(PAUSA POR PROBLEMAS NO EQUIPAMENTO. LETÍCIA APROVEITA PARA BEBER ÁGUA)

- *Ah sim. Se existe essa perseguição dos professores, provavelmente pela direção, gestão da escola, diretoria de ensino...*

Letícia – Sim, na verdade, depois que a escola foi ocupada, desocupou, a diretora mudou também, mudou meio que o corpo inteiro assim de professores...inteiro não, alguns se mantiveram mas, a maioria das pessoas ali mudou.

- *E vocês, eram perseguidos também?*

Letícia – Pelos professores?

- *Não, pela escola assim, em geral..*

Letícia – Não digo perseguidos...

- *Pela direção, gestão?*

Letícia – É, não digo perseguidos, mas eles sabiam quem tinha estado lá, e estavam sempre meio de olho assim, ah a galera que pode dar problema. E na verdade a gente sabia que eles morriam de medo assim da escola ser ocupada de novo. Então eles ficavam sempre meio em alerta assim com a gente, e a gente já fazia outras coisas, mas dá para perceber que o tratamento ali era um pouco diferente, era um pouco mais cauteloso.

- *Seguindo então sobre as suas impressões sobre amigos, colegas, professores, e os demais profissionais da escola, diretor, coordenador pedagógico, se você lembrar de alguma coisa também né. A diretora não apoiou a greve...a greve não, a ocupação?*

Letícia – Não, então, é que era...

- *Teve casos que as diretoras apoiaram, né?*

Letícia – É, então, é difícil né, porque a diretora do Alves, que virou diretora no momento que eu entrei, ela é uma pessoa que é muito alinhada politicamente ali com a esquerda e tudo. Mas ao mesmo tempo, ela é diretora do colégio né. Então acho que tem uma dificuldade aí em saber mesmo, porque nada foi muito falado assim. Ela também, ela sempre deixava claro que não apoiava as ocupações, mas ao mesmo tempo a gente percebia que ela não era uma pessoa assim que...é, não sei muito como explicar. Ela estava fazendo o papel dela, tinha que fazer o papel dela de diretora, ela não podia claramente falar que apoiava as ocupações, ela tinha que manter esse papel de diretora que ela tinha, mas ela era uma pessoa que era alinhada assim com o que a gente acreditava também. Então é difícil acreditar que se ela não fosse diretora da escola ela não teria apoiado as ocupações. Sabe, acho que é meio por aí assim.

- *Você poderia dizer alguma coisa a respeito da qualidade da escola na sua opinião?*

Letícia – O Alves tinha professores muito, muito bons, e alguns professores menos bons. Tinha uns muito qualificados assim com doutorado e tudo. Não era que nem as outras, por exemplo, eu estudei um tempinho no Fernão, ali no meio, é, quando, eu só...o começo do meu terceiro ano eu fui para o Fernão, depois voltei para o Alves. No Fernão, assim, praticamente todos os dias, a gente tinha pelo menos duas aulas livres (vagas), os professores faltavam, os professores não eram bons. No Alves era muito difícil professor faltar, então a gente não tinha...quando faltava professor, a gente não tinha aula livre, a gente sempre é, algum outro professor vinha cobrir, então, era um ensino bem consistente assim, por mais que alguns professores, assim principalmente filosofia, é...

- *Esse você falou que era legal, no caso...*

Letícia – Que não era muito.

- *Ah tá.*

Letícia – Assim. Mas, professor de sociologia, muito legal, química, a gente teve aulas muito boas de química. A escola tinha uma estrutura para isso né, então tinha laboratório de química, laboratório de física, tinha sala de informática. A gente tinha...eles davam até bastante autonomia pra gente assim porque tinha uns clubes, então, uma vez por semana tinha duas aulas, que na verdade, você, por exemplo, um aluno, podia ir lá e escrever um projeto, tipo, ah, eu sei desenhar, e eu sei ensinar, então eu vou escrever aqui um projeto, apresentava para a diretoria, e aí você criava a sua própria turma...

- *Nossa...*

Letícia – E aí os alunos mesmo que davam essas duas aulas, chamava clube. E aí podia ser qualquer coisa, tinha dança, tinha até estética, tinha xadrez, tinha um monte, um monte de coisa assim. Era bem legal.

- *Sim. Não sei se caberia nessa próxima pergunta, isso que você falou, mas você tem alguma experiência positiva nessa escola que você gostaria de destacar, e uma experiência negativa.*

Letícia – Ah eu tive muitas experiências positivas assim, (risos), é, a maior parte delas foi inteira positiva, é isso, tinha muitas aulas muito interessantes, muito legais. Tinham os clubes, a gente teve aulas também sobre, não só uma aula de alguma matéria específica, mas sobre como ia ser nossa vida depois. Então eu acho que, e os professores, eu sentia que tinham um, a maioria, não todos né, tinham um olhar muito para o aluno mesmo e querendo ajudar, então a gente tinha tutores, que tipo eram professores que você escolhia, e aí uma vez por semana, você tinha meio um tempo com ele, para sentar e conversar com ele. Perguntava como estava os estudos, como estava a vida e tal, e aí era uma pessoa que meio que te guiava...

- *Isso não é o professor mediador não, né?*

Letícia – A gente chamava de tutor, eu não sei.

- *E assim, é...(LONGA PAUSA). Nossa, eu ia perguntar uma outra coisa aqui, só um minutinho.*

Letícia – Tudo bem se eu fumar um cigarro?

- *Não, tudo bem, tranquilo.*

(LETÍCIA COMEÇA A PREPARAR O CIGARRO)

- *Bom. Se eu lembrar eu volto nessa pergunta, tá? (risos).*

Letícia – Tá.

- *Qual seria o estágio atual da sua formação acadêmica?*

Letícia – Eu, um pouco antes da pandemia, eu comecei a fazer faculdade. Ali na UNIP de Pinheiros, eu fiz relações internacionais, mas assim, por muito pouco tempo, porque eu comecei a fazer e logo estourou a pandemia, e nisso que estourou a pandemia eu não banquei fazer, continuar online, e aí eu tranquei, e aí bom, continuamos em pandemia né, eu voltei a trabalhar e dei meio uma esquecida nisso, eu estava com a mentalidade, ah, quando as coisas voltarem a ser presenciais, aí eu vou atrás de novo, porque também não sabia mais se queria fazer relações internacionais ou não, e aí acabou que, não sei, né, quando as coisas vão voltar, mas eu fiz, acabei de fazer a Fuvest, passei na primeira fase, fiz a segunda fase e estou esperando para ver. E eu prestei para Letras.

- *Ah que bom hein, acho que vai passar sim.*

Letícia – É, não sei (risos).

- *Eu estudei na FFLCH também.*

Letícia – Ah é?

- *Sim. Você trabalha, você disse que trabalha né. O que você pensa a respeito do seu trabalho?*

Letícia – É, eu trabalho desde que eu fiz...entre, eu tinha quase dezenove, eu tinha dezoito anos ainda quando comecei a trabalhar num restaurante que chama Nou (Nop?), é, eu comecei a trabalhar de garçomete, aí depois eles me chamaram para ser gerente. E aí meio foi minha vida profissional inteira, assim, eu sempre trabalhei em restaurante, como garçomete, gerente, e é um trabalho muito, é muito puxado né, muito físico, e ao mesmo tempo é muito...te tira um pouco da rotina normal das outras pessoas, que é no fim de semana, você não tem fim de semana né, ele (o trabalho) te limita um pouco para viver uma vida fora, assim. Então, desde que eu comecei a trabalhar, minha vida foi muito focada no trabalho. E, aí nesse momento que eu estou mudando de, não mudando de profissão, eu ainda estou trabalhando em restaurante, mas estou mudando de restaurante, pela primeira vez assim eu vou sair desse lugar que eu fiquei nesses últimos três anos e estou indo para outro.

- *E a respeito do trabalho em geral assim, a instituição trabalho?*

(LETÍCIA FICA PENSATIVA)

- *É bastante subjetiva essa pergunta, né?*

Letícia – É...trabalho vem de tortura né (risos), para falar bem a verdade (risos), então...mas assim, eu acho, eu acho que, se eu tivesse opção de não trabalhar, eu ia trabalhar mesmo assim, mas eu ia trabalhar, eu ia gostar de trabalhar com coisas diversas assim, tipo poder escolher quando trabalhar ou quando não trabalhar. Eu acho que o problema do trabalho é quando você trabalha para viver e vive para trabalhar, e aí toma conta da sua vida, mas eu acho que, se você trabalha com alguma coisa que você gosta, que você acredita, acho que é válido (risos).

- *Olha, só vou voltar um pouquinho, que eu lembrei o que ia te perguntar agora a pouco, que você disse que tinha professores tutores, né, professores mediadores, e, essas aulas eram parecidas, não sei se você conhece, com aquilo que tem hoje que chama projeto de vida no ensino médio?*

Letícia – Ah não, tinha projeto de vida lá.

- *Ah, já tinha projeto de vida naquela época.*

Letícia – Já.

- *Qual carreira você pretende seguir e por quê?*

Letícia – Esse é o grande (risos), o grande dilema da minha vida. Não tenho certeza. Não sei.

- *Mas não tem algo no horizonte?*

Letícia – É, eu já pensei, né, como eu comecei a trabalhar com restaurante muito cedo, eu pensei muito em fazer uma faculdade de gastronomia, e aí me aprofundar nesse ramo mesmo, porque eu gosto muito de cozinhar, eu gosto muito da área de cozinha assim no geral, acho que é uma arte muito legal, muito bonita e tudo, mas ao mesmo tempo, eu acho que também um dos motivos de eu querer fazer isso, é porque eu não conheci muito além disso. É, quando, na época das ocupações eu lembro que eu queria muito fazer direito, porque eu olhava para os advogados ativistas e falava “é isso que eu quero fazer, eu quero fazer direito porque eu quero ajudar as pessoas, principalmente nesse âmbito mais político mesmo assim, as pessoas que não têm dinheiro para pagar e tudo, e aí eu vi que é um caminho muito longo, e muito difícil, né. E aí eu não sei, eu fiquei meio desiludida, e hoje em dia eu tenho dificuldade assim em pensar em que carreira eu quero seguir, o que eu quero fazer.

- *Essa questão da gastronomia tem alguma influência do seu pai?*

(LETÍCIA DÁ UMA PAUSA, TRAGA O CIGARRO)

Letícia – Acho que não. Meu...é porque é isso né, meu pai, eu... ele foi viajar quando eu tinha dois anos, e eu nunca tive muito contato com ele, eu fiquei sabendo que ele era chefe de cozinha e tudo, mas, eu acho que não vem dele não. Eu acho que foi mais de eu ter ido trabalhar num restaurante, e ter contato com essa área dentro do lugar que eu trabalhava. Acho que veio pouco dele.

- *Como que você utiliza o seu tempo livre? Se é que você tem algum tempo (risos), você trabalha...*

Letícia – É, eu tenho pouco tempo livre, mas, quando eu tenho mais tempo livre, eu gosto muito de sair de São Paulo, ir para a praia. Eu procuro sempre relaxar, descansar meu corpo, descansar minha mente, porque...para conseguir aguentar mais trabalho, mais trabalho mais trabalho.

- *Você utiliza muito a internet? Quanto tempo por dia em média?*

Letícia – Sim, ah, talvez uma hora, duas horas, eu vejo muita série assim, muitas coisas que...isso é internet também né, mas é menos rede social assim. Mas eu, quando eu não estou fazendo nada eu, é muito do hábito que eu entre no Instagram e fique lá vendo qualquer coisa.

- *Bom, agora seria o terceiro bloco, que são as questões mais específicas sobre as ocupações.*

Letícia – Uhum.

- *Na ocasião das ocupações das escolas estaduais em 2015, você estava em qual série/ano...você já disse, estava no primeiro, né...*

Letícia – Isso.

- *Ou indo para o primeiro, no caso. Você participou das ocupações, sim, de que maneira, como você poderia descrever isso? Efetivamente né?*

Letícia – É, efetivamente, sim.

- *Você quer falar alguma coisa?*

Letícia – Não.

- *É que eu pensei que de repente você poderia falar a respeito de alguma atividade dentro das ocupações, que você tenha desenvolvido. Porque existia uma organização né?*

Letícia – Ah sim(!) A gente recebeu muitas aulas assim, de muitas [com ênfase] coisas, desde jardinagem, teatro, dança, conversas sobre a política mesmo né, gente que era muito entendido do assunto ia lá, e também acho que ajudava a gente a se engajar e a saber falar, a gente saber conseguir se colocar porque ali naquele momento era muito fácil você falar alguma coisa que pudesse ser distorcida mesmo pela mídia e tudo, então, é nas formas de se portar, até aula de matemática, aula de português, a gente teve um pouco de tudo assim. E foi muito legal, porque os professores que foram para as ocupações dar essas aulas para gente eram pessoas que estavam apoiando ali, então, a forma de lidar com os alunos era diferente também.

- *E essas pessoas, esses professores, eles tinham livre acesso...*

Letícia – Não.

- *Eles tinham restrições, claro, né...*

Letícia – Sim. É, normalmente tinham pessoas dentro das ocupações, tinha uma organização né, então, tinham pessoas que eram responsáveis por fazer essa ponte, por chamar gente, os professores geralmente apresentavam o projeto, e aí a gente tinha uma assembleia, e aí aceitava ou não. A gente fazia muita votação assim, e normalmente, e era opcional né, você podia tanto fazer as aulas como não fazer as aulas, então, quando o professor ia a gente se juntava e quem queria fazer, fazia, quem não queria fazer não fazia também. Então era mais legal ainda, porque quem estava lá era porque queria, então, sabe, não era aquela coisa “ai que saco, estou aqui vendo essa aula de matemática que eu não quero”, então, fluía muito melhor assim.

- *Eram aquelas aulas abertas, né?*

Letícia – Isso.

- *Me parece que você já falou bastante a respeito disso, mas se você quiser acrescentar alguma coisa. Qual seria então a sua opinião sobre as ocupações, de modo geral?*

Leticia – Eu acho que foi um processo muito importante assim, tanto para a história mesmo assim do país em relação às escolas públicas, e colocar um pouco, né, aos olhos de todo mundo o que estava acontecendo, e todos os problemas, que as pessoas normalmente, quem não estudou mesmo em escola pública, não sabe, né, porque não vê. E acho também que foi um processo muito importante para o primeiro contato de muita gente com a política, e de um engajamento mesmo, e acho que teve toda uma, causou uma sensação em todo mundo de pertencimento e de união e de força mesmo, de se sentir no poder de alguma coisa, sabe?

- *E sobre a maneira como os Estudantes se organizaram, o que você tem a dizer?*

Leticia – Dentro das ocupações? Era bem organizado. É isso que eu falei né a gente tinha uma organização ali dentro tanto para a limpeza, quanto para porta-voz para a mídia, quanto para quem organizava essas aulas, para quem fazia comida, para quem organizava, assim, tinha uma organização também de arrecadação de dinheiro, e de comida, então, quem saia para fazer isso, quem não saía, segurança né, então a gente então, toda noite alguém fazia turno para ficar na porta meio assim de olho né, para ver se ninguém tentava entrar na escola. A gente também às vezes tinha uma reunião que chamava reunião do comando, que era quando juntava duas pessoas que eram representantes de cada escola, e aí se encontravam em num único lugar para alinhar também, né, tipo cada escola é uma escola, mas num movimento único, para se alinhar como movimento mesmo. E tanto para assim, todas as manifestações que a gente fez, para os, que chamava de trancaço né, quando a gente trancava, não era uma manifestação em si, mas a gente trancava uma rua, para falar, enfim, divulgar e tudo, então era bem organizado, e ao mesmo tempo, é claro que era um monte de jovem de 16 anos, então, tinha um momento de desorganização também, e de deslizos né, acho ali, mas era importante a gente cuidar muito porque qualquer coisa, qualquer dedinho ali que a gente saia da linha, a mídia já podia transformar numa coisa muito grande, falava que era, que a gente estava lá para ficar usando droga, para ficar, enfim. E que era assim, claro que tinha muitas coisas acontecendo, mas que não era isso né. Então, é isso.

- *Puxando um pouco para isso que você falou, queria saber então a respeito da violência. Violência por parte dos órgãos de segurança, chegou a acontecer alguma vez?*

Leticia – Ah, é, assim, no Alves né, o Alves é uma escola, era uma escola muito diferente das escolas da periferia, ali estava muito no olhar de todo mundo, então a gente não teve invasão de polícia, nem nada, dentro da escola. O ato de violência que teve na verdade foi quando a escola foi

ocupada, os alunos que eram contra a ocupação entraram na escola e tentaram desfazer a ocupação, mas por parte da polícia menos. Sempre ficava rondando ali, uma galera levou uns enquadros, mas a repressão policial mesmo era mais nos atos, e nos trançaços. Ah, é isso né, cassetete, bomba tudo assim, isso rolava bastante né, mas fora da escola. Mas a gente sabia que em várias outras escolas, principalmente as escolas mais afastadas, aí era mais, era violento dentro da escola mesmo, né. A polícia entrava e tentava tirar a galera toda à força.

- *Nas escolas mais periféricas no caso?*

Letícia – Isso.

E assim, essa organização, como todo mundo fala bastante sobre isso, era uma organização mais horizontal né, não tinha muito líder. Mas assim eu queria saber a respeito do papel das mulheres nessas ocupações, o que ela representou para as mulheres? Porque é assim, o que a gente vê bastante é um pouco isso, né, que elas eram lideranças nas escolas, né?

Letícia – Sim.

- *Confere isso?*

Letícia – Sim. É, mas eu acho que, talvez tenha sido assim um momento de empoderação (sic) das mulheres, de se juntar ali, mas eu sinto que, não foi um foco, é...pelo menos no Alves. Não sei se em outras escolas, mas ali era meio todo mundo de igual para igual assim, mas, pensando é realmente, muitas, acho que, muitas mulheres, pela primeira vez, se sentiram ali no poder mesmo, de poder formar uma linha de frente, de se sentir forte e de se sentir respeitada e ouvida e capaz mesmo, foi um espaço bem, não sei como dizer isso. Foi um espaço que deu ouvidos assim, sabe?

- *Sim, visibilidade.*

Letícia – É.

- *Um pouco nesse sentido também, você tem alguma opinião a respeito do que essas ocupações representaram para homens e mulheres, assim, meninos e meninas no caso, né, o que ela mudou na vida deles, assim? Algum ganho...*

Letícia – Eu acho que é um pouco do que eu já falei assim, de, acho que teve esse primeiro contato com a política, de uma formação política muito forte mesmo, de muito, de contato também com si próprio e com as artes assim, porque, para muita gente foi um primeiro contato né, com muitas coisas, e acho que também de autoconhecimento, e de entendimento de si próprio, no mundo em que a gente está vivendo, enfim, acho que foi um pouco disso, assim.

- *Levou a reflexão dos papéis de gênero (assim mais...)?*

Letícia – É...(LONGA PAUSA). Não sei, a gente, de verdade, a gente teve até algumas palestras e algumas conversas sobre isso, mas realmente esse “papel do gênero” [Com ênfase] acho que não entrou tanto ali, naquele momento era, eu sinto que era mais um todo mundo (de) igual para igual, e uma luta de classe mesmo.

- *Perfeito. Na sua opinião, além de conseguir impedir naquele momento a reorganização das escolas, que aconteceu ali por volta do começo de novembro, o que mais os estudantes conseguiram com o movimento?*

Letícia – (LONGA PAUSA) Difícil essa pergunta (risos), porque, é isso, eu acho que depois, principalmente depois que acabou as ocupações a gente percebeu que, que não teve uma mudança muito significativa né. Tipo, o movimento aconteceu, eu acho que a mudança maior foi dentro de cada um, mas assim, para o país e para a estrutura do país, (educacional), educacional, a gente não conseguiu chegar tão longe, e eu acho que é por isso, inclusive que teve até uma depressão pós-ocupação assim, eu acho que todo mundo ficou muito desiludido, porque a gente achou que ia muito mais longe, e na verdade é muito difícil, mexer com a estrutura mesmo, que é uma coisa que tá, que é tão enraizada e que é tão antiga, como se o sistema de ensino né, a gente conversava muito sobre mudar o sistema de ensino, que era muito antigo já, muito conservador, e no final a gente não conseguiu mexer nessa estrutura toda.

- *Sim, mas abriu um precedente né...*

Letícia – Sim, claro(!)

- *Para outras coisas que podem vir depois (risos)*

Letícia – Sim.

- *Participar desse movimento foi importante para você por quê? As coisas (perguntas) começam a se repetir um pouco agora (risos).*

Letícia – É.

- *(Só) Se você quiser acrescentar alguma coisa.*

Letícia – É, eu acho que foi importante, para mim, como, para uma evolução pessoal mesmo. Mudou um pouco a minha visão sobre, tanto sobre educação quanto sobre política, sobre união, sobre tudo assim, eu acho que depois eu consigo separar muito bem assim a minha vida antes das ocupações/depois das ocupações, da forma que eu olhava e entendia o mundo.

- *Bom, aí aqui tem mais uma outra pergunta repetindo né. Se você tem alguma outra coisa mais específica que você gostaria de destacar a respeito dessa experiência das ocupações, algo que você não tenha falado até o momento? Se não tiver, não tem problema.*

Letícia – É, eu acho que não (risos)

- *Tá (risos). Você tem algum envolvimento com política, aquela política que a gente fala lá no começo, a política institucional?*

Letícia – Hoje em dia muito pouco. Depois que eu comecei a trabalhar, eu também fui uma das pessoas que foi meio engolida assim pela vida e pela loucura do trabalho, e acabou que nesse momento eu me distanciei muito e eu tenho muita vontade de voltar, é, tenho muita vontade de estudar mais, e de estar mais engajada, eu sinto que...

- *Uma necessidade?*

Letícia – Oi?

- *É uma necessidade?*

Letícia – É uma necessidade, mas ao mesmo tempo, a necessidade, acho que, um pouco do que eu estou passando agora é que a necessidade principal é um pouco de saúde mental, e eu preciso esclarecer um pouco as coisas, e pagar as contas, e estar num lugar um pouco mais tranquilo mesmo, mais livre para eu poder realmente focar em alguma coisa, porque, principalmente nesse momento que eu estou vivendo da minha vida, eu sinto que sobra pouco tempo.

- *Olha, essa pergunta é um pouco extensa. Vou tentar falar aqui de um jeito que você compreenda. É que, quando eu digitei isso aqui, eu não fiquei satisfeito, demorei um pouco, mas está acabando já.*

Letícia – Não tudo bem, eu só...(LEMBRA QUE PRECISA IR AO TRABALHO EM SEGUIDA).

- *Esse movimento ocorre em quais espaços? Você disse que não se envolve atualmente né. Mas se existe algum envolvimento político em espaços tais como faculdade, centro acadêmico, participação em partidos políticos, nada disso, né?*

Letícia – Não.

- *Nos movimentos estudantis, nas conversas com amigos, nas redes sociais, ou por algum outro meio?*

Letícia – É, hoje em dia, muito pouco, até porque, é isso né, acho que, depois que eu comecei a trabalhar, meu círculo de amigos se resumiu muito ao meu círculo de amigos do trabalho, porque, como eu disse, né, trabalho em restaurante você não tem fim de semana, então, suas folgas geralmente são assim de segunda e então você vai sair com as pessoas que trabalham em restaurante também, que tem a folga no mesmo dia que você, então acaba formando ali um núcleo de pessoas, e é muito difícil né, você conversar sobre outra coisa que não seja o trabalho, trabalho, trabalho. Eu acho que tem alguns momentos sim que a gente conversa sobre política, acredito que todo o meu círculo de amigos são pessoas que são politicamente alinhadas

comigo, e são pessoas que também, é, que também tem vontade assim de ainda militar e de lutar, mas que são consumidos também por, pelo trabalho e tudo. Agora, na verdade eu comecei a namorar né, meu namorado é ator, e o grupo de teatro dele tem um quê bem político assim, né, inclusive, antes da gente começar a namorar eu fui assistir a peça de teatro que eles fazem que chama “canto para rinocerontes e homens”, e aí, eu acho que é isso, sempre que eu tenho um contato assim com essas críticas, a política, me dá um fogo e uma vontade de ir atrás, uma vontade de ir atrás, e aí, volta a vida e vai abaixando esse fogo, sabe?

- *Sim. Ele não participou dessas ocupações?*

Letícia – Ele é mais velho, né, ele foi nas ocupações dar aula de teatro.

- *Geralmente a arte faz bastante essa mediação, né.*

Letícia – Sim.

- *Você repete bastante a palavra militância. Você se considera ativista ou militante, e por quê? Ou as duas coisas? Se há um envolvimento com política, você diria que esse envolvimento é mais como uma pessoa militante, ou como uma pessoa ativista?*

Letícia – É, assim, não tenho o total conhecimento de qual que é a diferença entre os dois, acho que, eu sempre usei a palavra militância, então eu diria que estou mais para militância, mas eu...

- *É, acredito que sim, porque assim, é, até mesmo quando eu perguntei da questão dos papéis de gênero, geralmente as pessoas ligadas mais a essas questões identitárias, que são, se dizem ativistas. E a militância tem mais a ver com a questão da classe.*

Letícia – É.

- *Foi o que você apontou inclusive a respeito das ocupações, né?*

Letícia – Sim.

- *Você tem conhecimento de algum amigo ou colega da época das ocupações, que tenha hoje algum envolvimento político? e de que tipo.*

Letícia – Sim, é, muitas das pessoas que, do Alves não, mas que estudavam ali em colégios próximos, e que acabaram virando amigos mesmo, foram convidados para criar uma peça, que chama “Quando Quebra, Queima”, e que viajou agora pelo mundo inteiro, é uma peça sobre as ocupações mesmo.

- *Que legal!*

Letícia – E, enfim, e eles continuam muito envolvidos com essa questão e com a política e tudo, é, mas acho que são as únicas pessoas assim que continuaram, né, e que, querendo ou não, conseguiram, manter a vida desse

jeito, porque virou um trabalho também, então, é um trabalho remunerado. Então eles conseguem dar continuidade nessa questão das ocupações, da militância e de tudo, e ainda, e conseguindo também pagar as contas, né (risos), que é uma coisa que todo mundo precisa fazer né (risos).

- *Sim, sim. Você assiste noticiário na TV? Lê jornal impresso? Jornais e revistas?*

Letícia – Jornal não, é, às vezes eu assisto assim Jornal Nacional, uma Profissão Repórter, essas coisas, e eu escuto de vez em quando, Café da Manhã da Folha (de São Paulo), é o que eu faço, tem podcast.

- *E o que você acha do discurso da mídia a respeito da educação?*

Letícia – Qual discurso?

- *Então, aí depende de qual mídia também né.*

Letícia – É. Hoje em dia eu nem sei muito sobre o que está sendo falado, assim.

- *Mas você sabe fazer essa distinção, acredito que sim, entre uma mídia alternativa e uma mídia (oficial)*

Letícia – Claro, sim(!)

- *E aí você acompanha qual mais, qual você costuma acompanhar?*

Letícia – Ah, eu acho que um pouco dos dois assim. Eu acho que é importante também você saber, mesmo que seja uma mídia ali que você não apoia e não acredita, você saber o que está sendo falado também né, porque inclusive são mídias que atingem uma grande parcela da população no Brasil, TV aberta, essas coisas.

- *E a respeito do que essa mídia mais tradicional diz a respeito de política, o que você acha?*

Letícia – Ah, acho que nesse momento assim né, Bolsonaro e afins, eu acho que...não sei, qual que foi a pergunta, desculpa?

- *É sobre o discurso da mídia sobre política, a mídia tradicional. É porque fica bem também geral essa pergunta, bem genérica...*

Letícia – Não, e é difícil assim né, porque por exemplo, a gente tem aí a Globo, e aí a galera de direita não gosta da Globo, mas a galera de esquerda também não gosta da Globo, e aí acho que depende muito assim né.

- *Você tinha essa percepção na época das ocupações? De que existia uma mídia tradicional, que...*

Letícia – Sim, inclusive a gente tentava o máximo se manter longe assim né, das câmeras, eles iam filmar gente e tal e a gente tentava ao máximo não

aparecer nessa mídia, porque a gente sabia também que eles distorciam muito o que estava acontecendo, e a gente geralmente da entrevista assim para o Jornalistas Livres, para a galera da Mídia Ninja, eram as mídias mais alternativas na época né.

- *Teria algo que você gostaria de dizer sobre a situação política do Brasil?*

Letícia – É, acho que a gente está passando por uma situação muito complicada né (risos), porque, enfim, primeira coisa que eu já acho um absurdo é que o Bolsonaro foi eleito pela população, eu acho muito difícil de acreditar que isso poderia acontecer no século XXI, depois, sei lá, principalmente assim, depois de ter passado por Lula, e por tudo, uma pessoa com um discurso que é tão, é um discurso de ódio tão absurdo que eu não consigo entender como uma quantidade tão grande de pessoas votaram nessa pessoa a ponto dele ter virado presidente, então dá uma, você sente uma falta de esperança assim, porque você olha no seu núcleo de amigos e de pessoas, você, acaba vivendo numa bolha também né, você acha que tem muita gente que está alinhada com você ali politicamente, só que você vê né, nessa situação do Bolsonaro sendo eleito presidente, que ainda tem muita gente, que enfim, que preza pelo ódio mesmo, pelo preconceito.

- *Bom, talvez essas pessoas sempre existiram, elas só apareceram agora né*

Letícia – Pois é (!).

- *Você acha importante discutir política na escola e por quê?*

Letícia – Eu acho [com ênfase]. Eu acho que é complicado né, porque você, você tem que, assim como por exemplo, a educação sexual, essas coisas né, para crianças, eu acho que você tem que fazer de uma forma que você ajude ela a criar um próprio senso crítico.

- *Sem influenciar no sentido da doutrinação, seria um pouco isso?*

Letícia – Exatamente.

- *Ensinar a pensar e não..*

Letícia – É, e saber, ensinar a discernir mesmo as coisas né, e eu acho que, mas eu acho que, algumas coisas básicas assim, que é essa política mesmo de boa convivência né, tipo, tem algumas coisas que precisam ser ensinadas, que é o básico né, sobre o racismo, sobre homofobia, essas coisas assim, tipo, não tem “ah, você tem que aprender a pensar”, é tipo, isso é errado e isso, tem algumas coisas aí que eu acho que tem que ensinar o que é certo e errado sim [com ênfase].

- *Ah sim, sim. Legal! Bom, então assim, para finalizar agora, se você teria, como eu perguntei lá no começo, algum amigo ou colega que*

tenha participado dessas ocupações que gostaria de participar. Apesar que você não comentou com ninguém (no sentido de não haver tido tempo hábil para isso) sobre essa entrevista né, não teve tempo para isso.

Letícia – É, não, mas é porque é isso né, as pessoas que continuam meus amigos, eu tenho contato, mas eu tenho contato de vez em quando, não são pessoas que eu vejo todos os dias. Quem eu convivo são pessoas do meu trabalho e o meu namorado, eles sabiam né, eu falei para eles que você vinha aqui e tudo. Mas de resto não. Eu posso tentar, é que, de verdade, eu acho que tem poucas pessoas que ainda estão engajadas assim politicamente e que possam dar um bom depoimento, sabe? Eu acho que grande parte estão fazendo outras coisas assim.

- *Sim, mas é que é assim, não necessariamente precisa ser só essas pessoas que cresceram politicamente, com esse evento. Pode ser também aquelas pessoas que passaram por processos de desengajamento, que largaram para lá, que só hoje tem uma lembrança né, daquilo.*

Letícia – Eu posso ver, posso ver. Assim, em mente, não sei, mas posso dar uma sondada.

- *Tá. Então Letícia, acho que encerramos por aqui, ficou ótimo!*

Letícia – Beleza.

- *Posso (desligar)...tá legal, Muito obrigado!*

Letícia – Obrigado você.

APÊNDICE C - Tabela 9. Níveis de escolaridade e ocupação dos avós dos entrevistados

NOME DO JOVEM	ESCOLARIDADE PRIMEIRA GERAÇÃO				OCUPAÇÃO DA PRIMEIRA GERAÇÃO			
	AVÓ MATERNA	AVÔ MATERNO	AVÓ PATERNA	AVÔ PATERNO	AVÓ MATERNA	AVÔ MATERNO	AVÓ PATERNA	AVÔ PATERNO
Henrique	Sem escolaridade	Não sabe	Sem escolaridade	Sem escolaridade	Trabalho no campo (Roça)	Trabalho no campo (Roça)	Trabalho no campo (Roça)	Trabalho no campo (Roça)
Bianca	Básico	Não Sabe	Sem escolaridade	Sem escolaridade	Doméstica	Pedreiro	Doméstica	Não sabe
Gisele	Sem escolaridade	Não sabe	Sem escolaridade	Sem escolaridade	Trabalho no campo (Roça)	Trabalho no campo (Roça)	Trabalho no campo (Roça)	Trabalho no campo (Roça)
Emerson	Básico	Não sabe	Básico	Básico	Doméstica	Pedreiro	Não Sabe	Pedreiro
Luís	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Vendedora	Comerciante	Não sabe	Não sabe
Ana	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Cabeleireira	Vendedor	Não sabe	Não sabe
Paulo	Não sabe	Médio	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Policial
Fernanda	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Não sabe	Técnico	Não sabe	Não sabe
Letícia	Básico	Básico	Básico	Básico	Artesã	Operário	Funcionária de ONG.	Não Sabe
Rafael	Básico	Sem escolaridade	Não sabe	Não sabe	Vendedora	Pedreiro	Não Sabe	Não Sabe
Karina	Básico incompleto	Sem escolaridade	Sem escolaridade	Sem escolaridade	Doméstica	Trabalho no campo (Roça)	Trabalho no campo (Roça)	Não Sabe
Tatiana	Superior	Superior	Superior	Superior	Empregada de nível superior (aposentada)	Empregado de nível superior (aposentado)	Empregada de nível superior (aposentado)	Empregado de nível superior (aposentado)
José	Superior	Superior	Superior	Superior	Empregada de nível superior (aposentada)	Empregado de nível superior (aposentado)	Empregada de nível superior (aposentado)	Empregado de nível superior (aposentado)